

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

**Denise Cristine Paiero**

**Mídia e terror**

A construção da imagem do terrorismo no jornalismo

DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

SÃO PAULO

2012

**Denise Cristine Paiero**

**Mídia e terror**

A construção da imagem do terrorismo no jornalismo

DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

Signo e significação nas mídias

Tese apresentada à Banca  
Examinadora da Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo,  
como exigência parcial para obtenção  
do título de Doutor em Comunicação e  
Semiótica, sob a orientação do  
Prof. Dr. Norval Baitello Junior

SÃO PAULO  
2012

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

*Para Gabriela e André*  
*Por sempre acenderem a luz.*

*Meus agradecimentos:*

*Ao meu orientador, Prof. Dr. Norval Baitello Junior;*

*Aos professores Carmem Lúcia José e Luiz Carlos Iasbeck, membros da minha banca  
de qualificação;*

*Aos colegas e alunos da Universidade Presbiteriana Mackenzie;*

*Aos colegas do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC);*

*Aos meus pais Aparecida e Otavio;*

*À minha irmã Priscila;*

*À CAPES, pelo financiamento da pesquisa.*

## [ RESUMO ]

A presente pesquisa investiga de que forma a mídia jornalística repercute, reforça e amplia a imagem dos atos terroristas no Séc XXI. Analisa ainda como os chamados terroristas se utilizam do jornalismo como ferramenta e montam seus atos a partir de algumas tendências da cobertura da mídia contemporânea. O principal problema aqui é: como o terrorismo se utiliza dos meios de comunicação de massa para ampliar o estado de terror, potencializando as ações terroristas? Nossa hipótese é que os chamados terroristas se apropriam de algumas tendências da mídia, como a espetacularização, a maniqueização e a homogeneização do conteúdo e se apoiam em elementos primordiais da cultura para elaborar suas ações. Por sua vez, ao cumprir sua obrigação de informar, dentro do contexto de jornalismo-espetáculo, o jornalismo se subordina a essa estratégia, ajudando a alimentar o discurso posterior do terror e a sensação de força ameaçadora. Esta tese aborda, portanto, o ambiente comunicacional que se forma entre terrorismo – imprensa – sociedade e sua complexa relação. Para isso, utiliza conceitos da Semiótica da Cultura, que tem como principal representante o autor Ivan Bystrina, e da Teoria da Mídia, que apresenta como principal expoente o jornalista e comunicólogo alemão Harry Pross. A partir dessas teorias-base, trabalhamos com elementos da arqueologia da mídia, a fim de entender as estruturas mais primárias que estão presentes na construção, na repercussão e na assimilação de atos terroristas. O presente trabalho objetiva trazer à tona as estruturas simbólicas que estão por trás do discurso do terrorismo, a fim de transformá-lo em fato noticiável e também como a mídia jornalística repercute e amplia esses atos, seja pela repetição das informações, seja pelo tratamento dado a essas questões. Entende-se que, nesse ambiente de comunicação, há uma realimentação constante entre o agente da notícia e a mídia jornalística. Para esta investigação são utilizados grandes atos terroristas de nossa época, focando os de maior repercussão, como os atentados de 11 de setembro de 2001 nos EUA, os de 07 de julho de 2005 em Londres e os de 11 de março de 2004 em Madri. No Brasil, é analisado o episódio que ficou conhecido como o “Dia do PCC”, que aconteceu em 15 maio de 2006 em São Paulo. A revista *Veja* e o jornal *Folha de S. Paulo* são as principais fontes documentais para nossas análises. Em alguns momentos utilizamos também outras publicações, nacionais e estrangeiras, como material de trabalho.

**Palavras-chave:** *Semiótica; mídia; imagem; jornalismo; terrorismo; violência*

## [ABSTRACT]

This research investigates how the news media influences, strengthens and enlarges the image of the terrorist acts in the 21th century. It also analyzes how the so-called terrorists use journalism as a tool and how they plan their acts based on certain trends of contemporary media coverage. The main problem here is: how terrorism uses the mass media to extend the state of terror, broadening terrorist actions? Our hypothesis is that the so-called terrorists get hold of some tendencies of the media, like the spectacle, the manichaeism and the homogenization of content, and rely on key elements of culture to develop their actions. In turn, to fulfill its obligation to inform, within the context of journalism-spectacle, journalism is subordinated to that strategy, helping to feed the subsequent discourse of terror and the feeling of menace. This thesis approaches the communication environment formed between terrorism - press - society and its complex relationship. It uses concepts of Semiotics of Culture, whose main representative is the author Ivan Bystrina, and Media Theory, from the german communicologist and journalist Harry Pross. Based on these theories, we work with elements of the archeology of media in order to understand the most elementary structures that are present in construction, impact and assimilation of terrorist acts. This paper aims to bring out the symbolic structures that underlie the discourse of terrorism in order to turn it into newsworthy facts, and also how the news media echoes and amplifies these acts, either by repetition of information, either by how these questions are treated by journalists. It's a known fact that in this communication environment, there is a constant feedback between the news agent and the media itself. For this investigation we used the major terrorist events of our time, focusing on the most influential, as the attacks of September 11th, 2001, in the U.S., of July 7th, 2005, in London, and of March 11th, 2004, in Madrid. In Brazil, we focused on the episode known as the "Day of the PCC", which happened on May 15th, 2006, in São Paulo. *Veja* magazine and the newspaper *Folha de S. Paulo* are the main documental sources for our analyzes. We also used other media, national and foreign, as working material.

**Keywords:** *semiotics; media; image; journalism; terrorism; violence*

# Mídia e terror

## A construção da imagem do terrorismo no jornalismo

[ INTRODUÇÃO ] Notícias que mudam o mundo, notícias que o mundo muda .....	01
[ UM ] Invisível a olho nu: Elementos para a construção dos atentados terroristas .....	10
1.1 Terror e terrorismo .....	12
1.2. Sob camadas: A imagem simbólica dos atentados terroristas .....	15
1.2.1. Valores simbólicos.....	19
I. Ordem e caos – o fim do mundo como se conhece .....	19
II. Desordem e pânico .....	23
a. Pouco espaço, muita gente .....	25
b. Qualquer um pode ser o próximo .....	26
c. A onipresença do terror e dos demônios .....	27
d. Sempre alerta .....	28
III. O mundo acabará em fogo .....	30
IV. O outro é o inimigo .....	32
V. O sangue do irmão e o sangue do outro .....	34
1.3. As Torres Gêmeas e a estrutura simbólica do poder .....	37
1.3.1. O poder na vertical – o terror que vem do alto .....	38
1.3.2. Nossas eternas verticais .....	42
1.3.3. A arquitetura do alto, a arquitetura do poder .....	43
1.3.4. A torre .....	45
[ DOIS ] Sangue, medo, ação - O Sec. XXI e o jornalismo da visibilidade .....	49
2.1. Novo tempo, novos espaços e novas estratégias para a comunicação .....	50
2.1.1. Velocidade e volatilidade .....	50
2.1.2. Comunicação para massas individualistas .....	55
2.1.3. Uma cultura para multidões .....	60
2.2. Notícias para as massas .....	66
2.2.1. Crime, sangue, violência .....	74
2.3. Mídia, pânico e terror .....	81
2.3.1. A proliferação das imagens do terror .....	83
2.4. Do fato à capa .....	85
[ TRÊS ] Terrorismo, terror e aterrorizados: Da clandestinidade do Séc. XX ao espetáculo do 11 de setembro de 2001 .....	88
3.1. O terrorismo na mídia brasileira .....	89
3.1.1. O terror em números e fatos .....	90
3.1.2. O terror no passado .....	91
3.2. Séc. XXI e o terrorismo de grife .....	97
3.2.1. O ano que mudou o mundo .....	99
3.2.2. <i>Folha de S.Paulo, Veja</i> e a cobertura do 11 de setembro .....	102
a. O princípio do fim .....	103
b. E o fim começou em fogo .....	110

3.3. Várias vezes o caos .....	113
a. A cidade caótica .....	113
b. O caos da segurança .....	114
c. O caos financeiro .....	116
d. O caos dos transportes .....	118
e. A proximidade .....	120
3.4. O inimigo .....	122
3.4.1. O certo e o errado .....	130
3.4.2. A vingança pelo sangue do irmão .....	136
3.5. Tempo e imagens .....	138
3.5.1. Uma enorme proliferação de imagens .....	142
<b>[QUATRO] “The Day After” e o mundo que não era mais o mesmo .....</b>	<b>146</b>
4.1. Os anos que se seguiram e os alertas coloridos .....	146
4.2. Armas químicas, biológicas e os ataques por ntraz .....	151
4.3. Os corpos da Guerra no Afeganistão .....	153
4.4. Madri e Londres – a manutenção do estado de terror .....	157
4.4.1. As capas pelo mundo .....	161
4.4.2. O fogo, mais uma vez .....	163
4.4.3. Londres, 2005 – a história se repete .....	164
4.4.4. Imagens que sobrevivem .....	168
4.5. A morte do vilão .....	169
4.5.1. A cobertura midiática.....	172
4.5.2. O outro lado .....	174
4.6. Pós-morte de bin Laden .....	177
<b>[CINCO] O nosso terror .....</b>	<b>181</b>
<b>5.1. Caso 1 - O PCC e o caos na maior cidade do Brasil .....</b>	<b>182</b>
5.1.1. A personagem PCC .....	184
<b>5.1.2. A marca PCC .....</b>	<b>185</b>
5.1.3. O dia em que São Paulo parou .....	188
5.1.4. A destruição dos pilares sociais – três vezes o caos .....	188
a. A preparação .....	189
b. O primeiro caos – Institucional, o caos da segurança .....	190
c. O segundo caos – Financeiro .....	190
d. O terceiro caos – O movimento da cidade .....	190
5.1.5. O papel da mídia para a criação do caos .....	192
5.1.6. Resultado do pânico .....	204
5.1.7. O sequestro do jornalista e a reação da imprensa .....	205
5.1.8. A consciência do poder da imagem .....	207
<b>5.2. Caso 2 – Guerra no rio: A gestão da imagem da polícia durante a Pacificação do     Complexo do Alemão .....</b>	<b>211</b>
5.2.1. Antecedentes históricos da guerra no Rio .....	214
5.2.2. A imagem do Rio de Janeiro no mundo .....	217
5.2.3. As estratégias de comunicação da polícia na guerra do Rio .....	218
5.2.4. Uma guerra pela comunicação .....	219
5.2.5. Um desfecho ainda aberto .....	234
5.3. Várias histórias, vários lados, coberturas semelhantes .....	236
<b>[CONSIDERAÇÕES FINAIS] Entre o sangue derramado e a prática jornalística .....</b>	<b>238</b>
<b>[BIBLIOGRAFIA] .....</b>	<b>245</b>

## [ INTRODUÇÃO ]

### **Notícias que mudam o mundo, notícias que o mundo muda**

Quando o primeiro avião se chocou contra as torres gêmeas, que formavam a parte mais visível do complexo empresarial World Trade Center, o mundo inteiro voltou seus olhos para aquela cena. Câmeras de TV, máquinas fotográficas e todo o aparato tecnológico existente ficaram à disposição daquela imagem. Em todos os cantos do mundo, as TVs passaram a exibir, ao vivo, a imagem da torre Sul em chamas. Sites da Internet e rádios davam notícias “em tempo real” sobre o ocorrido.

Perplexos, todos tentávamos entender aquele estranho acidente. Vinte minutos depois do primeiro choque, assistimos ao vivo e atônitos ao segundo avião batendo na outra torre. Acidente? Não. Tínhamos certeza agora de que não era um acidente. Era um atentado terrorista, um dos mais impactantes do qual se havia tido notícia.

Por que esse evento teve impacto e repercussões tão grandes e duradouros em todo o mundo, a ponto de ser lembrado exaustivamente dez anos depois, de ter provocado uma guerra que ainda perdura e de ter permitido a construção de personagens que passaram a ser considerados amigos e inimigos quase universais? Não há dúvidas de que os atentados aos EUA em 11 de setembro de 2001 foram muito mais que ataques a alvos físicos. As torres gêmeas não ruíram sozinhas. Com elas caíram símbolos.

Símbolos de poder, de status e de domínio. E é exatamente do jogo entre construção e destruição desse universo de símbolos que tratamos neste trabalho. Buscamos, aqui, compreender como se dá a construção e a repercussão dos atos terroristas contemporâneos e qual o papel do jornalismo para a sua elaboração e realimentação.

Os atentados de 11 de setembro de 2001 evidenciaram uma tendência dos atos terroristas de nossa época: o terror que visa à criação de grandes espetáculos midiáticos, montados para a produção de fatos geradores de notícias.

Esta pesquisa elege as matérias veiculadas na mídia massiva (especificamente jornalística) que abordam, retratam ou repercutem atos terroristas. Trabalhamos com mais ênfase na análise da cobertura brasileira acerca dos atos terroristas. Nosso objeto de estudo é formado não propriamente por determinado recorte de *corpus* (como determinadas mídias impressas, televisuais ou on-line), mas pelo papel estratégico que a mídia ocupa na formação de um repertório acerca do tema terrorismo e da forma como serve, em situações contraditórias, tanto à necessidade pública de informação, quanto às tendências do jornalismo-espetáculo e às estratégias de visibilidade dos promotores de tais atos terroristas.

Elegemos, no âmbito internacional, um recorte com os atentados de 11 de setembro de 2001 nos EUA, os atentados de 7 de julho de 2005 em Londres e de 11 de março de 2004 em Madri. No Brasil, investigou-se aquele que ficou conhecido como o “Dia do PCC”, que aconteceu em 15 maio de 2006 na cidade de São Paulo, bem como outros episódios em que essa facção criminosa se utilizou dos veículos de comunicação para difundir sua imagem e atingir seus objetivos. Observamos ainda a contrapartida dessa cobertura, analisando como a polícia do Rio de Janeiro utilizou estratégias parecidas para alcançar sucesso na operação que ficou mundialmente conhecida como a “tomada do Complexo do Alemão”, em novembro de 2010. Verificamos também como foi a cobertura da captura e morte daquele que era considerado o terrorista mais procurado do mundo, Osama bin Laden, em maio de 2011.

Partindo da hipótese de que a mídia tem uma participação efetiva nas estratégias dos promotores de atos terroristas, esta pesquisa teve por objetivo principal estudar as

estratégias simbólicas do terrorismo do século XXI e a participação da mídia disseminando o terror.

Para isso, investigamos alguns episódios terroristas e observamos como as notícias veiculadas pela mídia massiva são construídas buscando a visibilidade e a consequente (e pouco controlada) ampliação do discurso do terrorismo e de sua atuação. Observamos, portanto, como a mídia repercute esses episódios, alimentando as estratégias terroristas.

O presente trabalho é composto por cinco capítulos. No primeiro, buscamos compreender como se dá a força de repercussão dos atos terroristas. Para isso, observamos como o terrorismo se apropria de estruturas simbólicas já consolidadas pela cultura humana para ganhar visibilidade ao construir fatos noticiáveis. Nesse capítulo, analisamos quais são as raízes da cultura humana que estão por trás desses eventos para que obtenham o efeito que pretendem e que estruturas que sustentam a sociedade são abaladas por esses atos.

Nesse sentido, investigamos ainda os mecanismos pelos quais as notícias incorporam valores. Para tal, utilizamos as ideias de Harry Pross, Ivan Bystrina, Joseph Campbell e outros pesquisadores da cultura. Os principais autores que servem como base à nossa pesquisa estudaram como, a partir de uma origem comum e já encoberta por camadas de história, construímos e lemos o mundo, atribuindo valores, na maioria das vezes, polarizados, ao que nos cerca. Buscamos compreender como a cobertura midiática reproduz esses valores simbólicos, alimentando-se deles e alimentando-os em nosso imaginário.

A partir dessas teorias-base, trabalhamos com elementos da arqueologia da mídia, a fim de entender as estruturas complexas que estão presentes na construção, na repercussão e na assimilação de atos terroristas. O presente trabalho pretendeu trazer à tona as estruturas simbólicas que estão por trás do discurso do terror, a fim de transformá-lo em fato noticiável e também como a mídia jornalística repercute e amplia esses atos, seja pela repetição das informações, seja pelo tratamento dado a essas questões. A mídia, como reprodutora dos atos, é o assunto do nosso segundo capítulo “sangue, medo, ação”.

Neste ponto, investigamos como o ambiente midiático alimenta e é alimentado por estruturas primárias especificamente no terror contemporâneo. Por serem raízes profundas da cultura humana, essas estruturas não são perceptíveis no momento em que se efetua a comunicação, embora sustentem boa parte de nossa relação com o mundo. Portanto, nossa investigação pretendeu dar visibilidade e consciência sobre como as estratégias comunicacionais adotadas se tornam válidas nas operações da mídia e por aqueles que se utilizam da mídia para promover certos valores.

Ainda no capítulo 2, investigamos como se dá a construção da notícia no Séc. XXI. Para isso, procuramos entender um pouco da história dos meios de comunicação de massas. Verificamos como e para atender quais necessidades eles surgiram e como o seu desenvolvimento foi e é alimentado e alimentador da cultura. Passamos brevemente pela história da técnica, procurando entender como as mudanças tecnológicas mudaram também a forma de se produzir notícias ao longo da história, até chegarmos ao Séc. XXI. Procuramos compreender, dentro desse cenário, como se dá o recorte do fato para a definição da notícia e como são tomadas as decisões que definem o perfil da cobertura jornalística para as massas. Abordamos, a partir do olhar de vários autores, quais são os critérios de noticiabilidade de nossa época e, buscando uma aproximação com o tema principal do presente trabalho, investigamos como assuntos como violência e caos se encaixam dentro dessas escolhas dos veículos de comunicação. Verificamos como as estratégias dos organizadores dos atos terroristas atendem às tendências de geração de caos e alimentação de pânico, comuns no jornalismo. Essas informações foram fundamentais para as análises seguintes.

Nosso terceiro capítulo procura mostrar como se criou e se alimentou na história do jornalismo brasileiro o conceito de terrorismo / terrorista. Para isso, começamos com uma breve análise de como esses termos foram utilizados por *Veja* e *Folha de S.Paulo*, desde sua criação até o dia 11 de setembro. A intenção principal desse levantamento inicial foi procurar entender que imagem a mídia brasileira já havia consolidado sobre terror e terrorismo, antes dos ataques às Torres Gêmeas. Embora esse levantamento histórico não seja nosso foco principal, ele nos deu apontamentos importantes para compreendermos como a imagem do terrorismo na mídia foi utilizada com interesses políticos e mercadológicos ao longo de nossa história recente. Ainda nesse capítulo,

abordamos a cobertura dos ataques de 11 de setembro de 2001 em Nova York. *Veja* e *Folha* servem como fontes principais para nossas análises, mas, em alguns casos, utilizamos outros veículos, brasileiros e estrangeiros, para chegarmos a algumas conclusões. Por exemplo, para compreender a escolha da imagem que eternizou o 11 de setembro no nosso imaginário, analisamos 114 capas de jornais do dia seguinte aos atentados. É nesse capítulo que mostramos, por exemplo, como a mídia serviu, simultaneamente, aos interesses dos chamados terroristas, aos interesses de governos e de empresas – jornalísticas ou não. Observamos ainda como se construiu a imagem do grande vilão Osama bin Laden, de um lado e do povo estadunidense como o grande salvador do mundo, de outro.

O quarto capítulo é um prolongamento do terceiro. Ele começa com o término das análises do 11 de setembro. Nele, procuramos investigar como a continuação dos efeitos dos ataques aos EUA foi alimentada pela mídia, que serviu à manutenção do estado constante de alerta. Aqui, abordamos, por exemplo, o sistema de cores que foi criado para alertar (ou seria alarmar?) a população sobre os riscos de novos ataques e a cobertura dos ataques de Madri em 2004 e em Londres em 2005. Também analisamos a cobertura da morte de Osama bin Laden, fechando um ciclo histórico da cobertura jornalística sobre o terrorismo.

O quinto e último capítulo do presente trabalho, “o nosso terror”, é um estudo de dois casos que aproximam a cobertura e a criação de atos terroristas do cenário brasileiro. Apesar das grandes diferenças de motivações e de cenários, percebemos que a mídia brasileira tratou de forma muito semelhante o terrorismo de fora e o “nosso terrorismo”. Para isso, verificamos como ocorreu a repercussão daquele que ficou conhecido como “o dia do PCC” e quais foram as estratégias dos criminosos para ganhar visibilidade na imprensa e, dessa forma, desmoralizar e desarticular a polícia durante a realização dos atos terroristas em São Paulo em 2006. Por outro lado, e ainda no capítulo 5, observamos como alguns dos recursos utilizados para dar visibilidade aos atos terroristas tem servido para, em sentido oposto, reduzir a força do terror pelos responsáveis por manter a ordem, como no caso da tomada do Complexo do Alemão no Rio de Janeiro, em novembro de 2010. Nesse caso, a polícia do Rio de Janeiro fortaleceu sua própria imagem utilizando recursos midiáticos antes usados por aqueles

que ela quer combater (os traficantes e milicianos), criando, assim, uma guerra em busca dos textos dos jornalistas e das lentes dos fotógrafos e dos cinegrafistas.

A presente pesquisa, portanto:

- Traça uma arqueologia das manifestações simbólicas do terrorismo;
- Verifica como se dá a repercussão – e a conseqüente realimentação - desses atos, por meio, principalmente, de notícias veiculadas nos meios de comunicação de massa;
- Compreende como a ação e as repercussões do terrorismo tem alimentado não apenas os próprios atos terroristas como também aqueles que se colocam no papel de combatentes do terror.

O principal problema aqui investigado é como o terrorismo se utiliza dos meios de comunicação de massa e de suas tendências para criar um estado de terror, potencializando as ações terroristas e como os meios de comunicação de massa acabam se subordinando a essa lógica e a essa estratégia dos promotores de tais atos, ajudando a alimentar o discurso posterior do terror e a sensação de força ameaçadora.

Para Pross (1980, p.123), os meios de comunicação de massa “fazem possível o transporte de símbolos por caminhos simbólicos.” E, como meios de transporte de símbolos que são, “os mass media se dirigem a todos que os podem compreender”.

O trecho “os mass media se dirigem a todos que os podem compreender” é fundamental para entendermos as estratégias dos meios de comunicação na busca por atingir ao maior número possível de pessoas. A comunicação de massa se firma sobre a cultura de massas, que teve seu grande impulso a partir dos anos 1940 /1950, com o advento da TV. O que a cultura de massas objetiva é a padronização de gostos, crenças e valores (MORIN, 2005), o que só é possível a partir da formulação de estratégias que considerem um determinado repertório compartilhado. E onde encontrar esse repertório compartilhado? Nas raízes mais profundas da cultura. Histórias míticas e a presença de símbolos universais estão por toda parte a ajudam a alimentar também os meios de comunicação contemporâneos.

Portanto, como derivação da nossa hipótese, constatamos que o terrorismo contemporâneo cria eventos midiáticos, utilizando para isso duas grandes estratégias – uma recente e outra que remete às nossas raízes culturais: a primeira estratégia é a criação de fatos espetaculares com alto teor de noticiabilidade, que atendam às exigências do jornalismo-espetáculo. Já a segunda, pressupõe sempre a destruição da ordem e a consequente instalação do caos, utilizando, para isso, estruturas simbólicas comuns. Uma está ligada à outra já que a mídia se pauta, em grande parte, pelos valores simbólicos que estão por trás de alguma informação para transformá-la em fato noticiável.

Dessa forma, a estratégia de visibilidade ganha dimensões pouco compreendidas tanto por quem recebe as notícias e cria em si uma impressão de um terrorismo ainda mais ameaçador, como por aqueles que dentro da *práxis* cotidiana do jornalismo não estão preparados para lidar com esse universo.

Para nossas análises utilizamos prioritariamente veículos de comunicação brasileiros, pois nosso maior interesse era verificar como a mídia brasileira cobre / cobriu os eventos analisados. Em alguns momentos, a título de comparação, utilizamos também veículos de outros países. O recorte midiático foi definido de acordo com o foco do capítulo. Como método de análise, num primeiro momento, separamos os elementos que mais se destacavam na montagem dos episódios selecionados e buscamos compreendê-los em profundidade, a partir de ferramentas da Semiótica da Cultura e da Teoria da Mídia para, em seguida, verificar como eles apareciam na cobertura midiática em questão. Também levantamos os principais critérios de noticiabilidade da mídia, a partir dos estudos de pesquisadores do jornalismo e verificamos como esses critérios se aplicavam à cobertura do terrorismo. Por fim, procuramos unir todas essas características para compreender como a mídia faz a cobertura do terrorismo a partir tanto dos critérios de noticiabilidade contemporâneos, quanto de estruturas profundas da cultura. Dentre os pontos comuns que levantamos e procuramos analisar em profundidade estão elementos como a presença do fogo, a formação de mártires, o sangue, o desejo de vingança, entre outros, que aparecem na organização dos eventos terroristas e também, com muita ênfase, na cobertura jornalística sobre esses fatos.

Neste trabalho abordamos como as notícias são recortadas, criadas e destacadas. Analisamos várias matérias de maneira geral, mas priorizamos a análise dos pontos mais chamativos e dos primeiros itens que constituem a compreensão da notícia, como capas, chamadas, linhas finas e outros destaques nas páginas. Em nossas análises, privilegiamos também as imagens do terrorismo repercutidas pelo jornalismo. Constatamos que no século XXI as imagens se alimentam de outras imagens, primordiais, religiosas, mitológicas etc, como estratégias para trabalhar com valores já incorporados e que formam um “material familiar” para quem as recebe. Portanto, dessa forma, as imagens se tornam menos transparentes para seus receptores e, conseqüentemente, mais potentes na formação de um imaginário do terror. Segundo Baitello Jr. (2005, p. 96), “As imagens apresentadas pelos mídia contemporâneos terminam por possuir um alto teor de referência a outras imagens, que se referem a ainda outras, construindo uma perspectiva ‘em abismo’ (...)” Vemos, assim, como a mídia jornalística se alimenta dessas imagens e colabora para alimentar o imaginário acerca desses atos, contribuindo para o fortalecimento das estratégias do terror.

Não pretendemos aqui fazer um tratado sociológico, nem buscar a compreensão a fundo das motivações dos chamados terroristas. Tudo isso merece estudo, sabemos, mas seria tema de outras teses. Também optamos por não estudar as diferenças entre os atentados, mas, ao contrário, verificamos onde estão as semelhanças, sobretudo na cobertura midiática acerca do terrorismo, para verificar onde estão as raízes comuns e, portanto, alimentadoras da mídia e dos próprios terroristas na busca pela visibilidade. E embora passemos aqui por alguns pontos importantes da história – necessários para a compreensão de nosso objeto de estudo, não temos a pretensão de fazer um trabalho histórico, nem de nos aprofundarmos nessas questões. Objetivamos, principalmente, entender o ambiente midiático que se forma nas relações ora estudadas e a história, nesse caso, serve, principalmente, para compreendermos o cenário no qual o tema se desenvolve contemporaneamente.

Em nossas pesquisas observamos que os debates acadêmicos abordaram principalmente os aspectos sociológicos e de relacionamento entre mídia e terror. Complementar a este debate, e colocando-se entre as teorias da mídia e a Semiótica da Cultura, acredita-se que este trabalho venha trazer uma significativa contribuição para a área da

Comunicação, ao tornar menos opacos os processos de significação das notícias e dar visibilidade para a paradoxal relação entre mídia e terror.

Parte da crítica de mídia que é promovida atualmente nos meios acadêmicos e profissionais procura atender à reivindicação por uma transparência nas informações publicadas, possibilitando ao leitor/ telespectador/ ouvinte/ internauta “saber por que determinada informação lhe é transmitida, sob qual ângulo ela foi estruturada, e com qual intenção. Ele tem o direito de saber quais são os valores incorporados às mensagens” (GUIMARÃES, 2007, p.199). Colaborar com esse processo é nosso objetivo.

Neste trajeto, procuramos mesclar formação e experiência em jornalismo, quase dez anos de estudos em Semiótica da Cultura e mais de uma década e meia de trabalho em assessoria de comunicação. O fruto disso é esta tese. “Mídia e terror” pretende ser uma contribuição para compreendermos como se constrói a relação entre jornalismo e terrorismo, para, dessa forma, torná-la mais transparente.

[UM]

## Invisível a olho nu:

### Elementos para a construção dos atentados terroristas

**11 de setembro de 2011** – um avião se choca contra uma das torres do maior edifício de Nova York, o World Trade Center. Vinte minutos depois um segundo avião é lançado contra a segunda torre do mesmo prédio. Mais tarde, um terceiro avião atinge parte da estrutura do Pentágono, o principal prédio das Forças Armadas estadunidenses. E um quarto cai em um campo na Pensilvânia. Descobre-se depois que a intenção era lançá-lo contra a Casa Branca, sede do governo Federal dos EUA.

**Responsáveis:** logo após os ataques, a imprensa os creditou imediatamente à Al-Qaeda, tratado pela imprensa ocidental como “grupo terrorista muçulmano”. A autoria foi confirmada pelo próprio grupo, posteriormente.

Osama bin Laden, líder e fundador da Al-Qaeda, foi responsabilizado pela organização dos atentados e imediatamente se tornou o homem mais procurado pelo FBI (*Federal Bureau of Investigation*). Durante quase dez anos, bin Laden esteve na mira dos EUA.

**11 de março de 2005** – Dez explosões simultâneas de bombas no metrô de Madri no horário de pico, por volta das 08h da manhã, deram início ao maior atentado terrorista da Espanha. O episódio, que ficou conhecido como 11-M, terminou com a morte de 191 pessoas e mais de 1700 feridos.

**Responsáveis:** O atentado foi creditado a “célula islâmica local” que tentava reproduzir as ações da Al-Qaeda. No início das investigações, acreditava-se na possibilidade de o atentado ter sido provocado pelo grupo separatista basco ETA, que negou qualquer envolvimento. Em 31 de outubro de 2007, três pessoas foram condenadas pelos atentados. Suas penas somadas chegaram a mais de 40 mil anos. Outros sete acusados haviam cometido um suicídio coletivo, ainda em 2004, quando o apartamento onde estavam foi cercado pela polícia. Todos eram de origem árabe e negaram suas participações nos atentados. No entanto, a organização responsabilizada pelos ataques e do qual o grupo foi acusado de fazer parte, assumiu a autoria dos atentados.

**07 de julho de 2005** – Explosões de bombas em três trens e um ônibus de dois andares, no Centro de Londres, no horário do *rush* provocaram a morte de 52 pessoas. Setecentos e sessenta ficaram feridas. Os atentados aconteceram enquanto o Reino Unido era o anfitrião do 31º encontro do G8 (grupo que reúne os sete países mais industrializados do mundo e a Rússia) e um dia após Londres ter sido escolhida como a sede dos Olimpíadas de 2012.

**Responsáveis:** A polícia londrina, à época, afirmou apenas que os ataques estavam vinculados, provavelmente, a um grande grupo terrorista, mas não especificou de que grupo se tratava. Após investigações chegaram a quatro responsáveis, que haviam morrido nos atentados. Todos eram cidadãos britânicos, de origem árabe.

**15 de maio de 2006** – O Primeiro Comando da Capital - PCC, maior facção criminosa do Brasil inicia uma série de ataques a ônibus, postos policiais e agências bancárias na cidade de São Paulo. Os atentados fizeram a cidade parar. Um boato de toque de recolher fez com que a maioria dos paulistanos se escondessem em suas casas. Escolas,

universidades, pontos comerciais, aeroportos e outros locais de acesso público foram fechados no meio da tarde. O sistema de transporte público parou. Quinhentas e sessenta e quatro pessoas foram mortas em razão dos ataques e da represália da polícia durante os confrontos e nos dias que se seguiram.

**Responsáveis** – A facção criminosa PCC, que assumiu a autoria dos ataques desde o início.

O que esses quatro ataques tem em comum? Todos foram considerados atos terroristas, dois creditados diretamente a um mesmo grupo ou seus seguidores. Repercutiram na imprensa mundial e se tornaram o assunto mais comentado do período. Essas são as pontas mais visíveis dos episódios aqui descritos. Mas, na nossa opinião, há muito mais pontos comuns escondidos sob as camadas mostradas pelo jornalismo. O que pretendemos aqui é desvendar o que é comum e está além da primeira vista dentro desses episódios que ocuparam horas e horas de cobertura dos noticiários, páginas e mais páginas de jornais, revistas e sites e – acima de tudo – que mexeram com as vidas cotidianas de milhões de pessoas. Sabemos que cada um desses atentados teve propósitos diferentes. No entanto, em nossos estudos verificamos que a cobertura midiática se dá, em grande parte, de forma semelhante, independente do tipo de atentado. Neste trabalho, portanto, nos fixaremos no igual e deixaremos de lado as motivações ou as causas dos atentados para nos debruçarmos sobre o estudo de como o jornalismo aproxima eventos de ordens diversas a partir da cobertura realizada.

Neste capítulo buscamos compreender algumas das estruturas mais complexas que ajudam a formar e a fortalecer os discursos simbólicos do terrorismo de nossa época. Para isso, procuramos fazer uma arqueologia das escolhas dos terroristas para a construção de seus atos.

## **1.1 Terror e terrorismo**

Antes de entrarmos na “desmontagem das estratégias terroristas”, é preciso compreender que conceito de terror estamos utilizando e o que caracteriza os atos terroristas de nossa época. Segundo Cancian,

O terrorismo pode ser caracterizado como o emprego indiscriminado da violência contra pessoas ou coisas, com o objetivo de suscitar o sentimento de medo e pavor permanentes na sociedade e, desse modo, enfraquecer ou minar politicamente governos ou Estados (online, s.d).

Para Évora (2002), o terrorismo está diretamente relacionado à sensação de insegurança e impotência,

Por terrorismo entendem-se os actos de violência não legitimados, que visam espalhar, por todo o lado, um ambiente de insegurança e de medo, destruindo, assim, a capacidade de resistência e a moral de uma população, que acaba por sucumbir perante o desalento e a impotência. (Online, 2002)

Ou seja, ambas classificações aqui apresentadas definem o terrorismo como algo que amedronta, fragiliza e provoca reações duradouras em uma população.

Sobre o surgimento do terrorismo, diversos autores pesquisados (CANCIAN, online; VERGUEIRO, 2001; HILLMAN, 2003) apontam que sua origem remonta do início do período Moderno e teve na Revolução Francesa seu marco inicial.

Segundo Vergueiro, o radical “terror” que deu origem à palavra “terrorismo” apareceu pela primeira vez em francês (*terreur*) em 1335 para designar “um medo ou uma ansiedade extrema, correspondendo com mais frequência, a uma ameaça vagamente percebida, pouco familiar e vagamente imprevisível” (GUILLAUME *apud* VERGUEIRO, 2001, p. 16). Citando Jerrold Post, ele afirma que o terror corresponde a um estado psíquico de medo e pavor.

Vergueiro afirma ainda que “a transmigração simbólica do termo [terrorismo] para a acepção atual é atribuída ao período compreendido entre 1791 e 1794”. Já para Cancian (online, s.d) o termo terrorismo apareceu pela primeira vez em 1798. Ambos concordam, no entanto, que o termo surgiu para se referir ao estado de terror em que a França pós-revolucionária ingressou no período da ditadura do Comitê de Saúde Pública, pós queda da Bastilha.

Aqui, vale abrir parênteses para a compreensão do conceito terrorismo: por vezes a ideia de terror e revolução se misturam, como aconteceu no próprio episódio da Revolução Francesa. O que para alguns, que querem a mudança, é “revolução”, para os que estão do outro lado, é “terrorismo”. As ideias de terrorismo e revolução caminham juntas, já que ambas pressupõem a mudança brusca e violenta de algum cenário. Em nossas análises focaremos particularmente em como a mídia aborda a ideia de terrorismo. Porém, como verificaremos mais adiante, para os que estão do outro lado, o da montagem dos eventos, as atitudes consideradas terroristas muitas vezes se justificam pela necessidade da mudança.

Mais recentemente, o termo terrorismo é utilizado para se referir a ações que visam à vitimização arbitrária, sem distinção entre o inimigo e o inocente, com a intenção principal de enfraquecer, derrubar ou desestabilizar governos, regimes políticos ou uma ordem estabelecida.

nenhuma forma ou modalidade de terrorismo encontra plena legitimação moral ou ética, mas reconhece-se que a ação terrorista que vitima um ou mais inocentes acaba por indignar de forma mais contundente a opinião pública. (CANCIAN, online, s.d)

Ainda segundo o autor, a ocorrência do que pode ser considerado o primeiro atentado terrorista que se enquadra nas características da vitimização arbitrária aconteceu em 1912.

Na ocasião, um grupo de macedônios, hostis à Turquia, detonou inúmeras bombas em trens internacionais. De lá para cá, o mundo presenciou a proliferação de grupos terroristas e o crescimento dramático do número de casos de ações e atentados em todos os continentes. (CANCIAN, online, s.d)

O primeiro ato terrorista como conhecemos atualmente foi, portanto, realizado já no início do Séc. XX. Obviamente, as estratégias dos terroristas e sua repercussão estão inseridas em um contexto histórico. E é esse contexto que nos leva até os atos de terrorismo feitos para a mídia nos dias atuais. No capítulo 2 voltaremos a abordar quais

são essas características que marcam o terror contemporâneo e buscaremos responder a algumas perguntas: como a busca por visibilidade se tornou um dos pontos mais importantes do terrorismo contemporâneo? Que características do jornalismo ajudam a construir essas estratégias?

Antes disso, porém, procuramos compreender quais as estratégias invisíveis dos terroristas na busca pela visibilidade.

## **1.2. Sob camadas: A imagem simbólica dos atentados terroristas**

A partir de agora, nos debruçaremos sobre a análise dos tecidos complexos que formam os atentados aqui pesquisados. Nesta etapa do trabalho, verificamos como os atentados são construídos e quais são as estruturas culturais que estão por trás deles. Para isso, selecionamos atentados que tiveram grande repercussão e, mais que isso, que marcaram, de alguma forma, a história de uma população e, em alguns casos, do mundo.

Para Zoja (2003, p.09), não é o número de mortos que define uma grande tragédia coletiva. São grandes “tragédias coletivas aquelas que nos remetem a um mito. Aquelas que nos provocam uma nova angústia, mas revelam uma antiga incerteza”. O que buscamos a partir de agora é compreender que elementos mais profundos foram evocados pelos atentados aqui estudados e que angústias e antigas incertezas foram trazidas à tona por eles. Nosso objetivo é compreender como esses eventos se transformaram em tragédias coletivas, que ficarão marcadas na lembrança de gerações e que foram tão fortes a ponto de receberem uma marca e serem lembradas pelo dia da ocorrência (“o” 11 de setembro, “o” 11-M, ou “o Dia do PCC”). A simples criação dessas marcas já nos mostra que aqueles foram dias diferentes. Foram dias que ficaram registrados pela história e que, certamente, serão lembrados por muitos e muitos anos. Afinal, quem não se lembra do que estava fazendo no dia do ataque às Torres Gêmeas? Ou quem, morando em São Paulo, não se recorda de como reagiu aos ataques – e supostos ataques – do PCC na cidade? Ou, vivendo em Madri, quem não sente certa indignação ao se lembrar do caos que tomou conta da cidade após os atentados de 11 de março? Eventos como esses tem o poder de suspender a vida normal e ficam registrados

na memória e no imaginário como dias diferentes que serão lembrados mesmo por aqueles que não foram diretamente atingidos pelo que aconteceu durante suas 24 horas.

Segundo Zoja, isso ocorre pois “alguns acontecimentos são como um ventre grávido. Nós os sentimos cheios de significados. Sabemos que existe neles um significado, mas ainda não percebemos qual seja” (2003, p. 09). Nessa incerteza angustiante, uma única coisa parece clara: o acontecimento produziu mais vítimas do que dizem as estatísticas. Muitos de nós o sofremos, muitos de nós somos vítimas.

Para buscar compreender de onde vem a força dos elementos utilizados nos atentados aqui estudados, usamos como base os conceitos de pesquisadores de cultura como o jornalista e comunicólogo alemão Harry Pross, o Semiotista Tcheco Ivan Bystrina, o psicólogo James Hillman e os semioticistas Norval Baitello Jr. e Malena Contrera, entre outros. Aplicamos os conceitos de autores que trabalham com o estudo das camadas complexas da cultura, buscando compreender, ao menos em parte, a construção do discurso simbólico do terror e sua disseminação nos meios de comunicação, principalmente através das imagens.

Antes de entrarmos mais profundamente nas considerações sobre os símbolos e sua constituição, é importante compreendermos o conceito de cultura que está por trás dessas considerações.

Aqui, utilizamos o conceito de cultura desenvolvido por Bystrina (1989). Para ele, o grande diferencial do homem em relação aos outros animais está exatamente na sua capacidade de criar e vivenciar o universo simbólico, chamado por Bystrina de “segunda realidade”. De maneira simplificada, podemos dizer que enquanto a primeira realidade está ligada ao mundo biofísico, a segunda seria o mundo cultural.

O grande salto na capacidade da criação de símbolos teria ocorrido, segundo Bystrina, para que o homem pudesse lidar com a morte. O homem aceita a morte, mas não aceita o fim da vida. Para lidar com o inexplicável e o inaceitável o homem teria, então, criado uma outra vida para ele e para todos que os cercam. Dessa forma, ele rompia com as amarras que o prendiam ao universo biofísico e criava um outro universo, muito mais

complexo: o universo cultural, a segunda realidade. E é na segunda realidade que vivem os símbolos.

Outro ponto importante na teoria de Bystrina, e que será retomado mais adiante, é que, ao criar o universo simbólico, o homem parte, muitas vezes, de experiências vivenciadas na primeira realidade. Ou seja, a realidade biofísica fornece material para a realidade simbólica. Apenas para exemplificar: na primeira realidade, temos a necessidade de comer para alimentar nosso corpo. Na segunda, criamos todos os rituais e simbolismos ligados à alimentação, como o jantar em família, o uso de talheres específicos e os banquetes, por exemplo.

Bystrina ainda aponta que os códigos da cultura obedecem, inicialmente, a alguns padrões. O primeiro seria a binariedade. Segundo ele,

A estrutura básica dos códigos terciários (da cultura) é em geral binária ou dual. Esta concepção fundamenta-se na troca no intercâmbio que acontece no mundo material. Baseia-se, portanto, na observação do mundo físico, a primeira realidade. (...) No início da cultura humana a oposição mais importante era vida- morte. E toda a estrutura dos códigos terciários ou culturais se desenvolveu a partir dessa oposição básica: saúde / doença, prazer / desprazer; céu / terra, espírito/ matéria, amigo / inimigo, direita / esquerda, sagrado / profano, paz / guerra, revolução / contra-revolução, liberdade / prisão, igualdade / desigualdade, justiça / injustiça e dominação / ausência de dominação- que em última análise significa anarquia, conceito conotado como negativo, muito embora possa ser revertido”(BYSTRINA, 1995, p.6)

Ou seja, ao perceber um mundo dual, o homem também passou a criar seu mundo cultural de maneira binária. Além de binária, segundo Bystrina, a cultura seria ainda polar.

Desde seu princípio o binarismo é valorado polarmente – há sempre um pólo positivo e um negativo. A necessidade de dar valor vem em primeiro lugar para, em seguida, subsidiar a decisão. As polaridades existem para facilitar as escolhas. E elas surgiram,

evidentemente, de situações práticas da vida. “A polaridade existe, portanto, para facilitar a decisão e a atitude, o comportamento e a ação” (BYSTRINA, 1995, p.6).

Assim, cada polo recebe um valor. O homem começaria, segundo ele, a demarcar polaridades desde o início da sua existência.

Por fim, Bystrina aponta o terceiro item da estrutura dos códigos da cultura: a assimetria. Segundo ele “a estrutura binária e polar é claramente assimétrica. O pólo marcado ou sinalizado negativamente é sentido muito mais fortemente que o pólo positivo” (1995, p.7). Embora Bystrina aponte que a própria cultura cria soluções para lidar com essa assimetria, trabalharemos aqui com o fortalecimento dessas assimetrias pela mídia, já que, ao buscar um repertório comum, as estruturas mais básicas da cultura servem como fundação para o discurso midiático e, em particular, para o discurso jornalístico, que abordamos aqui.

Outro conceito importante para nossas análises é o conceito de símbolo. Para Bystrina, símbolo é algo da primeira realidade que foi transformado em algo da segunda realidade, portanto, carregado de significado cultural e que é compartilhado por um grupo. Em *Estructura simbólica del poder* (1980), Harry Pross explica como se constrói um símbolo e como os símbolos estão sempre carregados de valores.

Pross explica que por trás de qualquer símbolo está a necessidade de ele ser compartilhado por um determinado universo de pessoas. O compartilhamento faz com que esses materiais se tornem familiares, e, assim, eles entram naturalmente na compreensão do mundo do indivíduo. O símbolo conhecido, aprovado e compartilhado dificilmente é questionado. Segundo Pross, esse material estabiliza e dá segurança ao sujeito (1980, p.39).

Ainda para Bystrina, a formação da cultura se dá por camadas. O homem constrói sua história sempre a partir das camadas anteriores. Uma geração não apaga o que foi feito pela outra, mas se constrói a partir dela, seja negando-a ou continuando-a. Cultura é acúmulo e reciclagem. Assim funciona com as tradições e os processos de descoberta. Isso significa que se há um momento comum no início da cultura a todos os seres humanos, todos nós compartilhamos um repertório inicial comum, independente das

mudanças, ou seja, das camadas de cultura que foram construídas sobre esse início comum. E são exatamente essas camadas mais profundas e mais encobertas que aparecem nos momentos em que nos sentimos mais ameaçados.

A partir de agora, tomando por base a ideia de cultura apresentada por Bystrina, perguntamos: o que esses atentados nos mostram sobre nossos medos e desejos mais profundos? Que características, crenças e temores presentes na cultura humana eles utilizam e evidenciam? É o que buscamos responder nas páginas a seguir.

### **1.2.1. Valores simbólicos**

Observando a construção dos quatro atentados terroristas selecionados para este trabalho, podemos perceber algumas estratégias e recursos comuns utilizados por seus organizadores. Nos dedicamos primeiramente ao estudo dessas características comuns. Mais adiante, analisamos alguns pontos importantes que fizeram do ataque às Torres Gêmeas o atentado mais lembrado e copiado de nossa época. Essa desmontagem inicial dos atentados, a fim de se perceber o conteúdo arcaico presente em sua organização, será fundamental para compreendermos nossos capítulos seguintes, que tratarão da cobertura jornalística acerca dos atentados terroristas. Começando pelo que é comum aos quatro, percebemos:

#### **I. Ordem e caos – o fim do mundo como se conhece**

Um ponto comum a ser observado na construção dos atos terroristas é que eles se baseiam, em grande parte, na possibilidade de destruição da ordem e na criação do caos. O caos aqui entendido como quebra de rotina e do mundo conhecido e ordenado. O caos gera o pânico e o pânico gera mais caos. Mircea Eliade (1957) aborda como no mundo cultural o homem sempre atribuiu ao caos o valor de fim do mundo e, por outro lado, à ordem a criação do mundo. O mundo humano precisa ser ordenado, nossa sobrevivência depende dessa ordem.

Os mitos da criação sempre partem de um início caótico e desordenado, para a ordenação criadora. O Deus Cristão, por exemplo, partiu de um caos absoluto para a ordenação do universo e a transformação dele no que conhecemos hoje como “nosso mundo”. Assim também na grande maioria das narrativas míticas sobre o início dos tempos, porque antes da ordenação, o “tempo” e o mundo não existiam. Tudo era caos.

Da mesma forma, as histórias que narram o fim do mundo, na maioria das culturas, falam de uma desordem, da destruição do mundo como conhecemos e da retomada do completo caos.

Essa é, aliás, uma das mais importantes binariedades à qual estamos presos ao longo da nossa existência: de um lado, o caos, negativo, escuro, triste, local do desconhecido e, de outro, a ordem, local conhecido, positivo, onde mora a luz e a segurança. É assim que vivemos também em nossos pequenos mundos, organizando nossas vidas em países, estados, cidades, bairros, em nossa própria casa, em nosso espaço no trabalho...

Os mitos nos mostram como algumas escolhas são feitas com base em elementos tão profundos que nem nos damos conta deles, e até por isso, por serem tão escondidos, remontam à nossa origem cultural comum, compartilhada. Segundo Campbell,

Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito (2007, p.15)

Por isso, para este capítulo, utilizamos essas “aberturas secretas” para chegarmos às camadas escondidas sob milhares de anos de cultura humana.

Como já afirmamos, desde que a cultura começa a se construir, o ser humano precisa da ordem para sobreviver. A oposição da ordem é o nada, o caos, o desconhecido, o fim. Em vários recortes culturais, inclusive o judaico-cristão, o que garante a criação do Universo é a organização do mundo. O mundo organizado é o mundo que teve a mão de Deus ou dos deuses. É o mundo pronto para ser habitado pelos humanos. Vejamos como alguns povos contam o início dos tempos e a organização do mundo: “Odin organizou o mundo, separando a escuridão da luz, criando noite e dia. [Mito Nórdico da Criação] (BIERLIEN, 2003, p. 60).

O mito iraniano da criação ensina,

Ormazd é o Sábio Senhor, a fonte eterna e onisciente de tudo que é bom. O seu oposto e o inimigo de toda a criação é Ahriman, a fonte de todo o sofrimento, pecado e morte. (...) Ormazd começou o seu trabalho da criação lançando parte da sua pura luz no vasto abismo do cosmos que o separava de Ahriman. [Mito Iraniano] (Idem, p. 57)

Já a bíblia cristã, em seu capítulo sobre a criação do mundo explica:

No início Deus criou os céus e a terra. A terra era sem forma, vazia, escura e coberta de água. O Espírito de Deus flutuava sobre a água. E Deus disse: "Haja luz", e ela apareceu. Deus viu que a luz era boa. Ele separou a luz da escuridão, e chamou a luz de "dia" e a escuridão de "noite". A tarde e a manhã foram o primeiro dia. E Deus disse: "Que haja um grande espaço entre as águas debaixo do céu e as de cima". E Ele chamou o espaço de "céu". A tarde e a manhã foram o segundo dia. Deus disse: "Que as águas debaixo do céu se ajuntem em um lugar, e que haja um espaço seco". Ele chamou o lugar seco de "terra"; e chamou de "mares" o ajuntamento de águas. Deus viu que isso era bom. E Deus disse: "Que a terra produza ervas, plantas e árvores frutíferas"; e isso aconteceu, e Deus viu que tudo era bom. A noite tarde e a manhã foram o terceiro dia. [Bíblia Cristã] (Gênesis, 1:3 a 5)

O mito nos mostra que, para nossos antepassados, o caos era uma punição dos deuses, enquanto a ordem, uma dádiva que garantia a própria existência da humanidade e do mundo.

Nos três casos aqui apresentados, vemos textos que procuram contar a história da criação do mundo. A criação é sempre a ordenação. Deuses criam organizando, dando forma, nome e visibilidade às suas criações. Jogam luz sobre as trevas. O mundo ordenado é o mundo visível, conhecido.

A necessidade da ordenação e da previsibilidade fica clara na cultura humana. É a organização do tempo e do cotidiano e a criação do hábito que permitem acreditar que há um amanhã e, de alguma forma, driblar as imprevisibilidades da vida ou, ao menos, acreditar que se tem a capacidade de contorná-las (IBRI, 1992). A rotina, os hábitos e os rituais cotidianos – sejam pessoais, das nossas próprias casas, dos lugares que frequentamos, da cidade onde vivemos ou do país onde nascemos - nos dão a sensação de segurança exatamente por nos apresentarem o que deve ser feito. Não é necessário fazer escolhas o tempo todo, já que parte da nossa vida é moldada pelo hábito. Isso nos conforta e nos poupa esforços. Assim é com a ordenação do mundo na criação divina.

Segundo Eliade (1957), ao criar o mundo – que seria habitado pelos homens, os deuses nos deram a possibilidade de viver com certo conforto, sabendo como as coisas deveriam ser. Aliás, segundo essas mesmas histórias, os deuses só nos colocaram no mundo após deixá-lo organizado para nós.

E o que a criação divina contada pelas diferentes culturas tem a ver com nosso objeto de estudo, os atos terroristas? Analisando esses atos, pudemos perceber que a primeira intenção dos seus organizadores é a desordenação de um determinado cotidiano. É a quebra da rotina e a criação da sensação de imprevisibilidade.

Atos terroristas têm o objetivo e a capacidade de desestabilizar a ordem – simbolicamente – sagrada de um grupo, cidade ou país. Após os atentados ao WTC as pessoas se diziam “perdidas”. Demorou muito para que a ordem fosse restabelecida e para que houvesse a sensação de que a vida voltou ao normal. O mesmo aconteceu em menor grau, com os atentados em Londres, Madri e São Paulo.

Se a ordem é fundadora, o caos é destruidor. O caos sempre esteve associado na cultura humana à ideia de fim do mundo. Se não o fim do mundo de fato, é o fim do mundo como o conhecemos, seguro e estável. Se, por um lado, a ordem é criada divinamente por outro, a falta dela é o desconhecido, aquilo que tememos profundamente.

## **II. Caos, desordem e pânico**

O caos, o medo do desconhecido é alimentador da sensação de pânico. E o pânico faz o caos aumentar. Apenas para ilustrar, pensemos em uma multidão presa em um lugar fechado, por exemplo, para assistir a um show. Milhares de pessoas podem estar ali e, mesmo diante de uma aparente confusão provocada pela multidão, com suas vozes misturadas, um certo empurra-empurra etc, existe uma ordem que prevalece e que dá aos participantes uma sensação de segurança e de previsibilidade: sabe-se que todos aproveitarão o show e uma vez terminado, todos seguirão para suas casas, para suas rotinas. Os milhares de carros sairão do estacionamento. A demora nessa operação pode provocar certa irritação, mas não passará disso. Enfim, se o show começar, se desenvolver e terminar como planejado, a multidão – que à distância pode parecer caótica – terá vivenciado momentos de ordem. Existe uma ideia de futuro e de segurança que se baseia na crença em uma determinada ordem. Conforme afirmamos anteriormente, a sensação de saber o que vem depois e como as coisas se organizam é essencial ao ser humano.

Mas, imaginemos essa mesma situação, com uma mudança: logo no início do show, parte da estrutura montada no teto para iluminar o palco desaba sobre a plateia, matando algumas pessoas. Ocorreu aí uma quebra da previsibilidade, a desmontagem da sensação de segurança e um motivador para o medo. A palavra que melhor expressará o que acontecerá nos momentos seguintes é “pânico”.

E por mais que os organizadores e a brigada de incêndio tentem convencer as pessoas de que o pior já passou e que o mais sensato é sair calmamente do local, obviamente, isso não vai acontecer. A tendência é que todos saiam correndo e se atropelando, cada um por si e aumentando as chances de resultados catastróficos para aquela situação:

peças poderão ser pisoteadas e esmagadas, as regras civilizatórias que definem que os mais frágeis, crianças, por exemplo, devem ter prioridade na saída muito provavelmente não será respeitada. E mesmo depois de estar do lado de fora do prédio, as reações continuarão diferenciadas durante um bom tempo. Já no estacionamento, muito possivelmente as pessoas agirão como se ainda estivessem correndo perigo. Essa situação hipotética não difere muito de tantas outras que já presenciamos e que já foram registradas pela imprensa.

Segundo Girard (1990), o pânico quando desencadeado provoca reações corpóreas diferentes das cotidianas e nos faz agir como animais, na busca pela sobrevivência. Hormônios são descarregados pelo corpo sob risco de morrer e colocados a serviço da sobrevivência. A quebra da previsibilidade, aliada ao risco de morte provocam o pânico, que leva a um caos ainda maior. O caos provoca o pânico e o pânico provoca o caos. Uma vez com a ordem desestabilizada, a tendência é que ela se desestabilize cada vez mais, até chegar ao ponto de ruir.

O medo do desconhecido ajuda a alimentar a ideia de caos. O discurso do terrorismo reforça essa intenção, justificada segundo um olhar que é diferente do que foi atacado. O terrorismo provoca a sensação de impotência e instabilidade em todos os atingidos. Entende-se aqui como “atacadas”, todas as pessoas que de alguma forma tem sua vida atingida pelos atos terroristas e não somente as vítimas diretas dos episódios, como mortos e feridos. Considerando o poder dos meios de comunicação na expansão dos ataques terroristas, sobretudo com a disseminação das imagens do terrorismo, é possível compreender que a sensação de caos se expande para pontos inimagináveis fisicamente, o que significa que mesmo alguém que esteja fisicamente protegido dos ataques diretos, compartilhará a sensação de pânico e medo do caos gerada pelos atentados. A redundância na cobertura jornalística também amplia, não apenas o alcance, mas a sensação de repetição e de quantidade dos atos terroristas, como veremos mais adiante.

A quebra da previsibilidade da vida e o medo do fim do mundo conhecido podem ser algumas das chaves para que consigamos compreender porque esses dias de terror ficam particularmente registrados em nosso imaginário. São dias diferentes, que apontam para a fragilidade do que há muito se construiu e que se julgava sólido. O caos e o apontamento para a destruição da ordem à qual estamos acostumados nos remetem a

alguns de nossos medos mais profundos. Primeiro, o medo direto da morte, nossa e de quem amamos, que parece mais próxima nesses dias que apontam para a fragilidade da vida. Na sequência, o outro grande medo que aflora é o medo do fim do mundo como ele é. Tememos o desconhecido.

Mas como se cria o caos na vida de uma cidade? Se unirmos o que aconteceu nos ataques aqui pesquisados, veremos que, além da dimensão e do grande número de atingidos diretamente, há outras semelhanças que contribuem para que a ideia de caos seja propagada com mais força:

Em comum entre todos os atentados, podemos verificar:

**a. Pouco espaço, muita gente**

Pequenos territórios que agrupam milhões de habitantes. Essa é uma característica comum a Nova York (quase 19 milhões de habitantes), Londres (mais de 7 milhões), Madri (3 milhões) e São Paulo (12 milhões). Todas estão também entre as cidades mais conhecidas e as três primeiras são cartões postais de seus países, representantes simbólicas, portanto, de toda a nação.

Em meio à multidão, todos se sentem desamparados. Além disso, há uma questão de ordem numérica: a chance de um atentado em uma grande cidade atingir um grande número de pessoas é, obviamente, muito grande. E mais do que de fato atingir muita gente, pretende-se que muita gente acredite que possa ser atingida. O número de pessoas que estavam próximas ou que poderiam estar é enorme. Sempre após um atentado aparecem na mídia pessoas dizendo que chegaram ao local minutos depois, ou que costumam passar por ali naquele horário todos os dias. Ou seja, os ataques envolvem as vítimas de fato e um número significativamente maior de vítimas potenciais.

Não é difícil compreender porque os atentados aconteceram em cidades tão importantes e com essa dimensão populacional. Para que a rotina em uma grande cidade funcione é fundamental que uma ordem preestabelecida seja respeitada. Se algo fora do normal acontece, as pessoas ficam perdidas. Quando esse “fora do normal” envolve as vidas de

dezenas, centenas, milhares de pessoas e risco à vida de outros milhões, as chances de o atentado ser bem sucedido em seu propósito de causar o caos aumentam consideravelmente.

Grandes cidades são, em geral, pequenos espaços com gente demais concentrada. O que faz as cidades “grandes” não é o tamanho do território, mas a quantidade de sua população. Essa característica aumenta na mesma proporção a necessidade da ordem e a possibilidade de destruição dessa mesma ordem, já que todos os moradores, em razão do espaço reduzido e da população concentrada acabam por se conectar, mesmo sem perceber. Grandes cidades são locais de gente demais, conexões demais, visibilidade demais.

#### **b. Qualquer um pode ser o próximo**

A vitimização arbitrária é, como já vimos, uma das características do terror contemporâneo. Essa arbitrariedade aumenta a sensação de insegurança geral. Se não há um alvo claro, qualquer um pode ser – e acaba sendo – vítima potencial do terrorismo. E se qualquer um pode ser a vítima seguinte, é necessário fugir, se esconder, se proteger. Embora possam acontecer em locais simbolicamente escolhidos, como o WTC, os ataques são aleatórios e acontecem com pessoas também aleatórias. Quando será o próximo? Quem será o próximo? Esse medo, aliás, acaba por nos aproximar das vítimas reais do fato. Todos queremos saber quem eram, o que faziam e nos solidarizamos com suas famílias. Sofremos com elas, o que não aconteceria caso a morte tivesse sido provocada por qualquer outra causa. A destruição daquelas vidas acaba sendo, no fundo, a destruição das vidas de cada um de nós como a conhecíamos. Uma ameaça como essa não passa sem consequência pela vida de todos que se sentem atingidos por ela.

Como elemento alimentador de pânico, a arbitrariedade das vítimas tem papel fundamental. Todos passam a agir como se fossem de fato as próximas vítimas potenciais dos ataques.

### **c. A onipresença do terror**

Outro ponto comum que percebemos entre os atentados foi a utilização de meios de transporte. Aliás, a utilização dos meios de transporte públicos para implantação do caos não é rara e nem se restringe aos atentados aqui estudados. Já tivemos avião sendo derrubado em Munique, durante as olimpíadas de 1972, provocando a morte de 28 pessoas, entre eles, 11 atletas israelenses, e ataques com gás sarin no metrô de Tóquio em 1995, que mataram 12 pessoas e intoxicaram outras seis mil, só para citar alguns que também estão marcados na memória mundial.

Nos quatro casos aqui analisados, foram utilizados aviões (Nova York), metrô (Madri), trens e ônibus (Londres) e ônibus (São Paulo). Essa escolha não foi por acaso, obviamente. A utilização de meios de transporte aumenta a sensação de insegurança e de vitimização arbitrária, pois qualquer um pode ser a próxima vítima – tanto quem utiliza transportes públicos, quanto quem passa por eles nas ruas ou está sob o alvo de uma dessas “armas”.

Se considerarmos a necessidade de os meios de transporte funcionarem com eficácia numa grande cidade para a manutenção de sua ordem, percebemos o quanto essa opção de ataque acaba também por alimentar o caos. Com medo do que pode acontecer nas ruas, as pessoas se sentem impedidas de ir e vir. Além disso, em todos esses episódios, após os ataques houve um período de cancelamento das operações de transporte público nas cidades atingidas. Em Nova York, os aeroportos ficaram fechados por mais de uma semana após os ataques. Durante todo o dia 11 de setembro, todos os aviões que estavam sobrevoando os Estados Unidos foram obrigados a aterrissar e os voos internacionais que tinham os EUA como destino foram desviados para o Canadá. Uma série de medidas extras de segurança foram tomadas na aviação. Em Madri, o serviço de metrô foi interrompido por todo o dia e em Londres, além do cancelamento de boa parte dos serviços de transporte nos dias que se seguiram aos atentados, as estações mais atingidas só começaram a funcionar em 4 de agosto, quase um mês depois dos ataques.

Além disso, meios de transporte são alvos móveis, o que dá a sensação de onipresença do terror. O terror pode estar em qualquer lugar, e se pulveriza pelos milhares de veículos que circulam e sobrevoam as cidades. No imaginário cultural humano a

onipresença é capacidade atribuída a deuses e demônios. Simbolicamente, foi isso que os terroristas conseguiram ao utilizar meios de transporte. Essa sensação de onipresença aumenta também a força do terrorismo. Ao invés de se concentrar, ele se expande e amplia sua atuação. Por exemplo, em Londres, os ataques se concentraram na região central da cidade, mas durante todo o dia e também nos dias seguintes, foram dados vários alertas sobre possíveis ataques em outras localidades. De fato, isso não aconteceu, mas essa sensação de onipresença do terror fez com que o sentimento de risco e poder dos terroristas aumentasse consideravelmente.

Curiosamente, na mitologia grega, Hermes o deus do transporte é também o deus da Comunicação – e dos ladrões. Era ele o responsável por transportar as mensagens dos deuses aos mortais e fazer a mediação entre essas duas esferas. Em nossa época, a utilização dos meios de transporte para atingir os meios de comunicação parece ser mais que uma tendência: tudo leva a crer que esse é um alvo certo para que o caos gerado pelos atos terroristas ganhe uma visibilidade multiplicativa de sua dimensão, atingindo nossos medos mais profundos.

#### **d. Sempre alerta**

A sensação de que algo pode acontecer a qualquer momento, sem data ou horário marcados, alimenta um estado permanente de alerta. Verificamos que após os atentados, todos os países que se sentiam, de alguma forma, ameaçados, intensificaram sua segurança e criaram sistemas de alerta, de acordo com o grau de perigo do momento. Como veremos mais adiante, esses sistemas de alerta amplamente repercutidos pelo jornalismo, criam a sensação de perigo constante.

Conforme já afirmamos, a sensação de imprevisibilidade retira do cotidiano a percepção de que temos controle sobre nosso próprio tempo e sobre nossa própria vida. A possibilidade de quebra da rotina sem qualquer aviso deixa a vida completamente instável. Os alertas de terror surgem para tentar dar a sensação de certo controle sobre o imprevisível, marcam a atenção para que não se seja pego de surpresa. Porém, antes de ter esse efeito, eles chamam a atenção para o perigo constante de quebra do cotidiano. É

como se as pessoas vivessem um “estamos sendo atacados” permanentemente, num gerúndio sem fim para o medo.

Esses quatro elementos somados (pouco espaço e muita gente, arbitrariedade na escolha das vítimas, onipresença do terror e constante alerta), ajudaram, sem dúvida, a criar a sensação de caos nos casos aqui estudados. Os atentados aconteceram em espaços onde se aglomeram milhões de pessoas, cada uma com sua vida própria, mas dependendo, mesmo sem perceber, de uma ordem coletiva, garantida de forma frágil num sistema que pode ser quebrado. Porém, a fragilidade do sistema não é percebida cotidianamente pelos milhões de pessoas que acreditam viver numa ordem estabelecida quase sagradamente e necessária para a sua sobrevivência. A quebra dessa ordem traz à tona a fragilidade do sistema onde vivem e de suas próprias vidas. Expõe e faz com que se questione a competência de governos, polícia e de outras instituições responsáveis pela segurança e pela ordem na vida dos cidadãos.

A sensação de estar perdido e com medo é compartilhada e rapidamente espalhada pelos milhões de habitantes da cidade. Junto com ela vem a ideia de que qualquer um pode ser a próxima vítima e a qualquer momento, já que aquele que morreu ou foi ferido não era diferente de ninguém, nem de suas famílias. A sensação de “não vai acontecer comigo” que normalmente acompanha o ser humano, é substituída pela sensação de “poderia ser eu”. No fundo, o número de atingidos pelo atentado é muito maior que o de vítimas físicas. Utilizando os conceitos de Bystrina (1989), podemos afirmar que na segunda realidade o número de vítimas foi infinitamente maior que na primeira.

O ataque aos transportes e utilizando transportes expõe ainda mais a fragilidade do sistema e, por outro lado, amplia o poder simbólico do terrorismo, portanto, o terror, já que sua presença pode estar em qualquer lugar. Durante dias a até meses, a vida das pessoas é afetada pelo caos que se cria na cidade. Durante anos e até pelo resto de suas vidas, esses episódios marcam simbolicamente a história da cidade e de seus habitantes. O dia de caos. O dia em que o mundo como conhecido deixou de existir.

### **III. O mundo acabará em fogo**

Em quase todos os episódios aqui analisados houve a presença de explosões e de fogo como elementos determinantes para os efeitos das ações dos terroristas. A compreensão do que o fogo representa para a cultura humana é fundamental para entendermos algumas opções na criação dos atentados terroristas e, mais adiante, na repercussão desses atentados pelo jornalismo, principalmente por meio de imagens. Veremos nos próximos capítulos como esses elementos são utilizados como material jornalístico na construção da cobertura noticiosa dos atentados. Mas, antes disso, vejamos como o fogo e as explosões estão presentes no imaginário humano.

O fogo é um dos elementos de maior força na vida humana e, conseqüentemente, como veremos mais adiante, na mídia. No mito grego, o fogo pertence aos deuses. Prometeu rouba o fogo dos deuses para os homens e faz com que todos os homens sejam punidos por isso.

Segundo Mindlin (2002, online), o fogo é elemento de destaque nas narrativas míticas de vários povos e motivador de grandes transformações. Para vários povos indígenas brasileiros, por exemplo (kaiapó-gorotire, Jê, Timbira Orientais, Xerente, Apinaié, Krahô, entre outros), o fogo é roubado pelos humanos de seus donos originais (em geral, animais) e a vida humana passa a se transformar a partir dali. Segundo esses mitos, o controle do fogo teria dado aos humanos o domínio sobre os outros animais. Ainda para a pesquisadora, “o fogo significa poder, conquista a ser feita”.

Além disso, outros mitos, segundo Mindlin, dão conta de que havia um “homem de fogo”, que dominava os demais e que poderia beneficiá-los, permitindo o uso do fogo ou destruí-los, queimando-os. Esse caráter binário do fogo está presente em diversas narrativas: o fogo salva e dá poder, mas também queima e destrói. De qualquer forma, o fogo sempre transforma uma realidade.

Hillman aponta como o estudo do fogo e de sua importância para os homens foi também uma preocupação da filosofia. Segundo ele,

os filósofos mais antigos a imaginar o fogo foram Empédocles e, especialmente, Heráclito, que defendeu sua proeminência entre os elementos. Para ele, o fogo era uma força cósmica presente em tudo, a alma ou mente do cosmo, uma incessante forma de consciência sempre desperta que corre nas veias de tudo (*in* WILLIAMS e ZOJA, 2003, p.174).

Segundo Chevalier (2003), o fogo recebe um caráter duplo na simbologia universal. O fogo transforma, de duas formas. Ele está associado à purificação e ao espírito, por um lado e, por outro, à destruição maléfica e definitiva. Para ele,

O aspecto destruidor do fogo implica também, evidentemente, um lado negativo e o domínio do fogo é igualmente uma função diabólica; a propósito da forja, deve-se observar que o seu fogo é a um só tempo celeste e subterrâneo, instrumento de demiurgo e de demônio. A queda de nível é representada por Lucifer, portador da luz celeste, no momento em que é precipitado nas chamas do inferno (2003, p. 435)

As histórias apocalípticas trazem o fogo como um dos principais elementos de destruição e/ou transformação da vida na terra. Para os cristãos, a ira de Deus se manifesta por diversas vezes em forma de fogo. Vejamos como algumas histórias de final de mundo são contadas na Bíblia cristã:

Em Tessalonicenses 1:8,9, o uso do fogo divino é assim narrado:

Como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; Os quais, por castigo, padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder (Tessalonicenses 1:8,9)

Já no Apocalipse, o fogo aparece como o destino daqueles que não cumpriram suas obrigações de bons cristãos na Terra: “Então a Morte e o Mundo inferior foram lançados no lago de fogo. Este lago de fogo é a segunda morte; e todos aqueles cujos nomes não foram encontrados no livro da vida, foram lançados no lago de fogo” (Apocalipse, 20:11-15)

Efraim, o Sírio, teólogo do Séc. IV, afirmava: “o mar bramirá e depois secará, o céu e a terra dissolver-se-ão, por todo o lado se espalharão o fumo e as trevas. Durante 40 dias o senhor enviará o fogo sobre a terra para a purificar da mancha e do vício do pecado” (BIERLEIN, 2003, p.263)

O fogo como elemento de final do mundo e arma de vingança dos deuses aparece também em mitos de diversos povos. Na mito nórdico *O crepúsculo dos Deuses*, acredita-se: “A grande serpente do mar se erguerá. Loki e os filhos de Muspelheim, os anões atravessarão a ponte do arco-íris e atacam os deuses, deixando uma trilha de fogo que destruirá a terra” (BIERLEIN, 2003, p.262)

Para os índios Puranas,

O horizonte incendiar-se-à e sete ou doze sóis surgirão no horizonte, secando os mares e queimando a terra. O fogo destruirá o universo inteiro. Em seguida, uma chuva diluviana cairá incessantemente durante doze anos, a Terra será submersa e a humanidade destruída (...) E depois tudo recomeçará de novo (BIERLEIN, 2003, p.261)

Nos próximos capítulos veremos com o fogo aparece na cobertura jornalística dos atentados e como é reproduzido por meio das imagens de nossa época.

#### **IV. O outro é o inimigo**

Como já vimos neste capítulo, a binariedade e a polaridade, ou seja, a divisão do mundo cultural em dois polos – sendo um positivo e o outro negativo – é um dos fundamentos mais profundos da cultura humana.

Uma das nossas relações binárias mais fortes diz respeito à nossa percepção em relação ao outro. A relação eu / ele ou nós (o nosso grupo) / eles ajuda a entender a construção dos atentados bem como sua repercussão.

Neste caso, o outro é aquele que tem visões diferentes sobre determinados aspectos da cultura (religião, política, economia, time de futebol etc). Para o etólogo Konrad Lorenz (2006), essa dificuldade de enxergar que o outro talvez tenha encontrado soluções diferentes para os mesmos problemas leva a uma espécie de cegueira, que ele denomina de “Contágio da Doutrinação”. A “doutrinação” seria uma distorção que faz com que opções culturais sejam percebidas como “opções naturais”, fazendo com que todo o diferente dentro de determinado conjunto simbólico seja considerado errado e hostil.

Essa distorção é responsável por tornar aceitáveis situações consideradas absurdas na maioria dos grupos culturais humanos, como, por exemplo, tirar a vida de outra pessoa. O contágio da doutrinação pode chegar ao extremo de tornar o outro tão hostil e estranho a ponto de fazer com que ele passe a ser visto simbolicamente como um “não humano”. Para Lorenz,

De fato, cada etnia definida tende a se considerar uma espécie própria e a acreditar que os membros dos grupos culturais semelhantes são seres inferiores. Em numerosas tribos indígenas a palavra que serve para designar clã é simplesmente “homem”. Matar um membro da tribo vizinha não significa, portanto, cometer homicídio. As consequências da formação de uma pseudo-espécie são extremamente perigosas. Visam a eliminar a inibição de matar um homem que não pertence ao grupo, enquanto o instinto de agressão, que só pode lançar o homem contra o homem, continua virulento. Tem-se pelos “inimigos” um ódio violento, como só se pode ter para com seus semelhantes e nem sequer para com um animal feroz. Pode-se tranquilamente atirar neles, pois não são verdadeiros seres humanos. Evidentemente, todos aqueles que têm interesse em provocar uma guerra utilizam essa técnica (LORENZ, 1973, p.34).

Compreendida assim, a relação entre “nós” e “os outros” justifica tanto a opção pelos atentados, quanto as represálias que vem na sequência. A compreensão dessa forma de construção do outro será importante para entendermos também o papel da mídia na sua cobertura dos atentados e na alimentação dos preconceitos e estereótipos que justificam muitas ações, tanto dos que sofrem, quanto dos que cometem os atentados. Segundo Lorenz, os meios de comunicação de massa tem papel crucial para o contágio da doutrinação, já que o compartilhamento de determinada crença dentro de um universo simbólico é fundamental para a consolidação das doutrinas:

Os meios de divulgação dos quais este ensinamento dispõe, através da *mass media* contemporânea, como a imprensa, o rádio e a televisão, permitem facilmente que o ensinamento, que não passa de uma hipótese não comprovada, seja transformado em conhecimento científico, ou seja em opinião pública (LORENZ, 1973, p.39).

Veremos mais adiante qual foi o papel do jornalismo na criação da visão “endoutrinada” acerca do outro quando o assunto é terrorismo / terroristas.

## **V. O sangue do irmão e o sangue do outro**

O sangue é outro elemento importante presente na cultura humana, que nos interessa na análise do tema ora estudado.

Vários textos religiosos fazem referência ao sangue e, durante muitos anos, ele foi verdadeira obsessão entre os homens. Por muito tempo, o sangue foi entendido na cultura como o lugar onde circulava a alma. A medicina baseou-se durante boa parte da Idade Média no tratamento do sangue. Doenças seriam provocadas por desequilíbrios sanguíneos. Por conta disso, são relatados tratamentos que utilizavam sanguessugas, por exemplo, na tentativa de se buscar o reequilíbrio das substâncias que corriam pelo sangue. Assim também se criou a imagem do vampiro, que ao se alimentar do sangue de suas vítimas estaria sugando, de fato, suas almas. Rituais como os praticados na Igreja

Católica também se utilizam da ideia do sangue do melhor de nós compartilhado em suas celebrações. Corpo e sangue de Cristo são comungados por quem segue o catolicismo, num ritual que repete uma espécie de canibalismo (neste caso, simbólico) praticado há muito entre diversas tribos espalhadas pelo mundo. Segundo Chevalier,

o sangue é universalmente considerado o veículo da vida. Sangue é vida, se diz biblicamente. Às vezes é até visto como o princípio da geração. (...) o sangue é considerado por muitos povos o veículo da alma, o que explicaria, segundo Fraser, os ritos dos sacrifícios nos quais todo o cuidado era tomado para que o sangue da vítima não derramasse no chão (2003, p. 800).

A ideia de sangue ritualizado, representativo da vida, seria, para Girard (1990), de fato uma das grandes inspirações para os rituais de sacrifício de todos os tempos: o sangue ritualizado e, portanto, transformado em sagrado, derramado sobre a terra garantiria a satisfação dos deuses e a conseqüente tranquilidade na vida dos ofertadores daquele sangue. Mais adiante, veremos como esse sangue volta a parecer em produtos midiáticos.

Segundo Baitello Junior,

Jan Fabre, o diretor de teatro e artista belga, em sua peça *Je suis sang* (eu sou o sangue) tematiza os fluxos que definem a vida, o tempo, a história, as relações, a comunicação, o corpo, a imagem, as obsessões, a doença e a tortura por meio da presença do sangue por meio do desejo por sangue, que sempre acompanharam o homem em sua história (2006, p.11)

Ainda segundo Girard (1990), o sangue é o marcador da necessidade de vingança e, ao mesmo tempo, o marcador da vingança consumada. Segundo ele, na cultura humana, sangue derramado deve ser vingado com sangue derramado do outro lado, criando, assim, uma sucessão de vinganças e sangues derramados infinita, e da qual se perde a origem:

Por que em qualquer lugar onde grassa, a vingança do sangue constitui uma ameaça intolerável? Face ao sangue derramado, a única vingança satisfatória é o derramamento do sangue do criminoso. Não há diferença nítida entre o ato que a vingança pune e a própria vingança. Ela é concebida como uma represália, e cada represália invoca uma outra. Muito raramente o crime punido pela vingança é visto como o primeiro: ele é considerado como vingança de um crime mais original (Girard, 1990, p. 27)

Ao mesmo tempo o sangue se junta ao fogo na sinalização do fim dos tempos. Como explica Chevalier (2003), certos mitos do fim do mundo

Ilustram de modo notável a associação sangue – fogo celeste. Em um desses mitos (dos iuracos do Círculo de Obdorsk) o mundo é extinto pela morte de uma árvore sagrada que, ao cair, espalha seu sangue na terra e esse transforma-se em fogo. Para os tártaros no Altai, é um herói enviado pelo Deus supremo que, lutando contra o Diabo, derrama sobre toda a terra seu sangue, que se transforma em chamas. Em um poema alemão do Séc. IX, assim como nas revelações russas do Pseudométodo, é o sangue de Elias, combatendo o anticristo que pega fogo e devora toda a terra (2003, p. 801).

Como veremos mais adiante, o sangue aparece tanto quando se quer mostrar que se foi atacado, quanto para mostrar a vingança sobre o outro. No primeiro caso, o sangue mostrado é o sangue dos nossos, sacrificados em nome de uma causa, ou vítimas de sacrifício por parte de outros, conforme afirma Girard.

O sangue é, portanto, representativo daquele que devemos defender, por ser um de nós e também o marcador simbólico de nosso desejo de vingança.

Com estes elementos acreditamos ter levantado os principais pontos comuns aos atentados de nossa época e como eles se apoiam em estruturas complexas da cultura. Mais adiante veremos como o jornalismo se pauta exatamente por esses elementos para realizar a cobertura e a do terrorismo

### 1.3. As Torres Gêmeas e a estrutura simbólica do poder

A partir de agora, analisaremos algumas particularidades dos atentados de 11 de setembro de 2001. Escolhemos destacar esse atentado em razão dos seus efeitos a médio e longo prazo, do seu caráter inspirador para outros atentados e também por causa do destaque midiático que recebeu e que tornou esse o episódio mais coberto pela mídia mundial em todos os tempos. Mais adiante, quando abordarmos a cobertura midiática acerca dos atentados aqui analisados, os conceitos aqui apresentados serão de grande importância. Por ora, além de trazer essa conceituação, nos basearemos na obra de Pross (1980) para analisar apenas o atentado às torres Gêmeas – e as escolhas dos terroristas para sua organização.

Um ponto crucial no trabalho *La estructura simbolica del poder* (1980), de Harry Pross, está na identificação da origem de alguns dos símbolos mais fortes da cultura humana e que irão nutrir nosso repertório compartilhado. Pross afirma que algumas das relações simbólicas, que irão nos acompanhar durante toda a nossa vida, iniciam-se em nossos primeiros contatos com o mundo, já na primeira infância. Ele chama essas primeiras relações de experiências “pré-predicativas”. Segundo Pross, o comportamento simbólico se baseia nas experiências iniciais da corporeidade individual (1980, p. 23). Ao nascer, o bebê já estaria iniciando a formação de seu repertório para a leitura do mundo e começaria a criar as primeiras bases para as estruturas que o ajudariam a compreender e participar do universo cultural. “Pross defende a ideia de que estes símbolos da primeira percepção, ainda não narrativa, não discursiva, ou seja, símbolos presentativos, são os primeiros a orientar o homem no processo de fazer-se” (GUIMARÃES *in* BAITELLO, 2006, p. 189).

Retomando aqui conceitos de Bystrina (1989) e aplicando-as à teoria de Pross, podemos afirmar que essas relações iniciais do bebê na primeira realidade seriam o primeiro material para criar algumas das estruturas mais fortes e complexas para vivenciar a segunda realidade. Segundo Pross,

O que se revela como mais duradouro são as experiências na primeira infância sobre a própria corporeidade e sua relação com outra materialidade que não pertence ao organismo do recém-nascido. O recém nascido experimenta o espaço ao seu redor como uma ampliação da própria corporeidade. As resistências que encontra, o movimento incipiente, o obrigam à diferenciação e, mais tarde, à formação de conceitos (PROSS, 1980, p. 43)

Por acontecerem antes de quaisquer aprendizados mediados, as experiências pré-predicativas e suas conseqüentes aplicações diretas na cultura acabam sendo experimentadas por pessoas dos mais diversos ambientes. Elas poderiam ser tratadas como parte do repertório de formação cultural mais básico e mais amplamente compartilhado pelos homens.

Essas experiências estariam ligadas especialmente a três percepções – dentro/fora; claro/escuro e acima / abaixo, vivenciadas pelo bebê no início da vida.

As experiências primárias de claro / escuro, dentro / fora, acima / abaixo são experiências subjetivas com milhões de variações. Precedem a formação da linguagem e se mantêm como categorias de ordenação dadas de antemão quando se formam simbolismos discursivos. Determinam nossas representações no trato com as demais coisas, como ciência e religião. (PROSS, 1980, p.95)

### **1.3.1. O poder na vertical – o terror que vem do alto**

Abordaremos aqui a importância da relação horizontal – vertical (acima – abaixo). Pross explica que essa relação se forma gradualmente. Ao nascer, o bebê, sempre na posição horizontal, é completamente indefeso e vulnerável. Sua segurança para a sobrevivência vem sempre do alto. No alto das grades do berço está sua garantia de alimentação e amparo. Ao mesmo tempo em que o amparo vem deles, o controle também vem dos pais, que formam a vertical com a qual os bebês se acostumam a conviver. Com o passar do tempo, o bebê ganha a sua própria vertical, primeiro se senta, depois, fica em pé. À medida que isso acontece, ele ganha também mais poder, mais liberdade,

independência e mais domínio sobre o espaço ao redor. Não é sem motivo que os pediatras são unânimes ao afirmar o desenvolvimento cognitivo das crianças é acelerado a partir do momento em que elas ganham a vertical (SCHVARTSMAN, 2005). Segundo Pross,

A aquisição da vertical inaugura uma qualidade de experiência imperdível, o horizonte de delimitação que acompanha o movimento e, com ele, a perspectiva da altura (isto é, de acima e abaixo). A horizontal divide o espaço em acima e abaixo. (...) E já que o espaço natural da distância está vinculado com o acima, onde nenhuma resistência se opõe à apropriação, a posição ereta se converte em vivência da superioridade do acima em relação ao abaixo. (1980, p. 44)

Ele completa ainda que “as consequências resultantes desta experiência, igual para todos os seres humanos, levam às mesmas determinações pré-predicativas do que, num pensamento avançado, se denomina consciência interpretante.” (1980, p. 44)

Pensando no conceito de alto e baixo, poderemos observar uma grande parte das relações de poder que conhecemos. As relações verticalizadas – tratadas por Pross como relações de heterodeterminação – estão presentes em todos os discursos de dominação e nas posturas de dominantes e dominados em qualquer ambiente. Fica fácil compreender as estruturas que estão por trás de alguns dos símbolos mais fortes do homem. Mais adiante, ainda neste capítulo, mostraremos como esses símbolos são utilizados pelos organizadores de atos terroristas.

Retomando, mais uma vez, os conceitos de Bystrina (1989), podemos observar que, nessa relação, naturalmente se forma uma binariedade completamente polarizada, sendo o alto o lado positivo nas relações de poder e o baixo, o lado negativo.

Pross explica ainda que da conquista da vertical e da conseqüente aquisição do horizonte resulta o símbolo do “em frente erguido”. “Do alto, limitado abaixo pela terra e acima pelo céu. A altura de uma coisa, uma pessoa, uma relação simboliza sua superioridade sobre pessoas, coisas e relações menos altas” (PROSS, 1980, p. 76).

Ainda segundo ele, o alto simboliza a diferente posição entre o humano e o animal. “Daí se explica a força deste símbolo, seja na linguagem, ou como monumento funerário, haste de bandeira, torre ou gestos dos braços erguidos”. (idem)

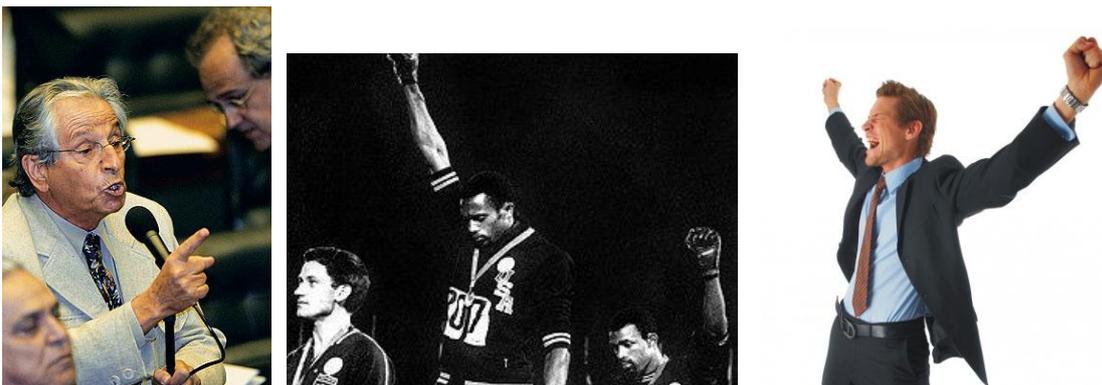
O punho erguido, a estaca o totem e a torre são outros exemplos de verticais. As verticais aparecem com força na arquitetura e em todas as ações humanas onde é necessário deixar claro quem tem o domínio.

Com a compreensão e a assimilação da vertical se constrói a idéia de hierarquia, tão presente no nosso cotidiano. E aqui, mais repetições simbólicas do alto, para aquele que domina: o tablado para o professor, o púlpito para o político, a cadeira mais alta para o chefe, o altar para o santo etc.

Todas essas relações, reafirmadas pelos rituais que alimentam seu valor simbólico só funcionam porque são aceitas como tal. A hierarquia, tão importante para a organização social humana da maneira como foi construída, é compartilhada e aceita como natural. Ainda segundo Pross (1980), a hierarquia é fundamental no universo simbólico para compor a ordem, que se opõe, segundo ele, ao caos desordenador.

Nos organogramas empresariais, por exemplo, as relações verticais e horizontais, ou seja, de subordinações e compartilhamentos de posições, precisam estar muito claras, caso contrário, e dependendo da empresa, seu funcionamento pode ser seriamente comprometido.

Vale aqui abrir um pequeno parêntese para comentar alguns conceitos de outra obra de Pross, que podem dialogar diretamente com estas questões. Segundo Beth e Pross, no livro *Introducción a la ciencia de la comunicación* (1987), toda comunicação começa e termina no corpo. Pross chamou o corpo de mídia primária. Podemos dizer que a relação alto e baixo, apreendida pela criança já na primeira infância, estará presente na história do corpo que aquela criança irá construir ao longo da sua vida. Os gestos de alto e baixo ficarão marcados em sua mídia primária, no desenvolvimento da sua linguagem gestual. Da mesma forma, a leitura do corpo do outro será facilitada por esse “aprendizado” inicial.



A presença da vertical no corpo é muito comum quando a pessoa quer expandir sua mídia primária. Uma parte do corpo elevada na vertical dá altura, portanto, demonstra poder e a tentativa de subjugar os demais, no caso, por exemplo, de uma discussão. Quem tem o dedo erguido se coloca com a razão, limitando o horizonte de quem se pretende dominar. A mão estendida, que aponta para baixo demonstra, como gesto dominador, o estreitamento do horizonte que se exige do outro. Ao estender o braço, além de mostrar superioridade o homem ainda restringe o espaço para os demais.

O segundo exemplo acima mostra a expansão da vertical em um protesto. O atleta norte-americano protestou na Olimpíada de 1968 contra o preconceito que os negros sofriam no país, fazendo o gesto do Black Power (Poder Negro). Do alto do lugar mais alto do podium, reservado aos heróis, e acompanhado pelo colega que ficou em terceiro lugar, Tommie Smith ampliou seu corpo. Para mostrar força, criar polêmica e entrar para a história não precisou de uma única palavra.

Pross chama de mídia secundária os aparatos que são utilizados como extensão do corpo. No caso da mídia secundária, apenas o emissor da informação precisa de um aparato. Ele inclui aí, por exemplo, toda a comunicação impressa. Mas inclui também as ferramentas que servem para dar mais altura ao corpo. Essas ferramentas são absurdamente presentes em nossa história cultural. Do mastro do rei ao facão do sem-terra erguido numa manifestação, o aumento da linha da altura por meio de aparatos é um recurso muito utilizado quando se quer mostrar força e poder.



### 1.3.2. Nossas eternas verticais

Retomando a questão da verticalidade e, principalmente, da relação alto / baixo, Pross segue explicando como todo esse simbolismo é amplamente utilizado na política e em todos os setores da cultura onde há a heterodeterminação, ou seja, a imposição de (ou a tentativa de impor) vontade sobre o outro.

Segundo o conceito de Bystrina (1989), a cultura humana, que é o grande diferencial da nossa espécie, só se consolida a partir da criação do universo simbólico. Para explicar o inexplicável o homem cria uma outra realidade que deriva da primeira, mas que não se amarra ao universo biofísico. Na segunda realidade o homem pode ir além do que vê na natureza. Ele tem escolhas e as faz a partir de percepções da primeira realidade.

Nessas escolhas da construção da segunda realidade, podemos observar claramente os conceitos discutidos por Pross. Temos exemplos nítidos e bastante fortes de como as verticais, derivadas das experiências pré-predicativas, permeiam todas as culturas desde o seu surgimento.

Para explicar a si mesmo, o homem criou os deuses. Deuses que estariam acima das vontades humanas e que, por vezes, as determinariam. Esses deuses são colocados no lugar de poder que lhes é de direito: o alto, sobre as cabeças dos simples humanos.

Foi a partir do alto, do céu, que o mundo foi criado, segundo a grande maioria das histórias míticas, nos mais diversos povos. De lá vem o início, de lá somos vigiados e de

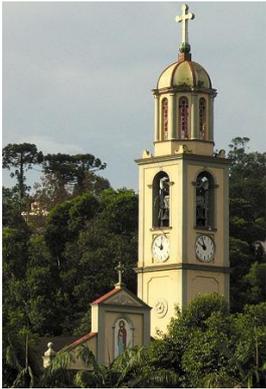
lá também virá o fim. Há dois pontos comuns com os quais nos deparamos aos estudarmos os mitos de cosmogonia e escatologia, das mais diversas épocas e nos mais diferentes lugares do mundo: o primeiro é a binariedade, conforme já vimos aqui – o mundo dividido em dois grupos, sempre. Duas metades que se opõem e que, ao mesmo tempo, completam-se, como apontado por Bystrina. O outro é a forte presença da vertical e das binariedades ligadas a ela – o bom no alto, o mau embaixo. Deuses no céu, homens na terra. Quem tem o domínio está em cima, quem é dominado, está embaixo.

O mundo foi criado por decisões tomadas nos céus e o apocalipse também virá (ou já veio) do céu – seja através de uma bola de fogo, como na crença dos indianos Puranas ou em várias passagens do apocalipse cristão já apresentadas aqui, seja por meio de uma grande chuva, que inundará a terra, como é contado no mito do dilúvio cristão, no mito asteca ou no mito dos índios norte-americanos Choctaw (BIERLEIN, 2003).

### **1.3.3. A arquitetura do alto, a arquitetura do poder**

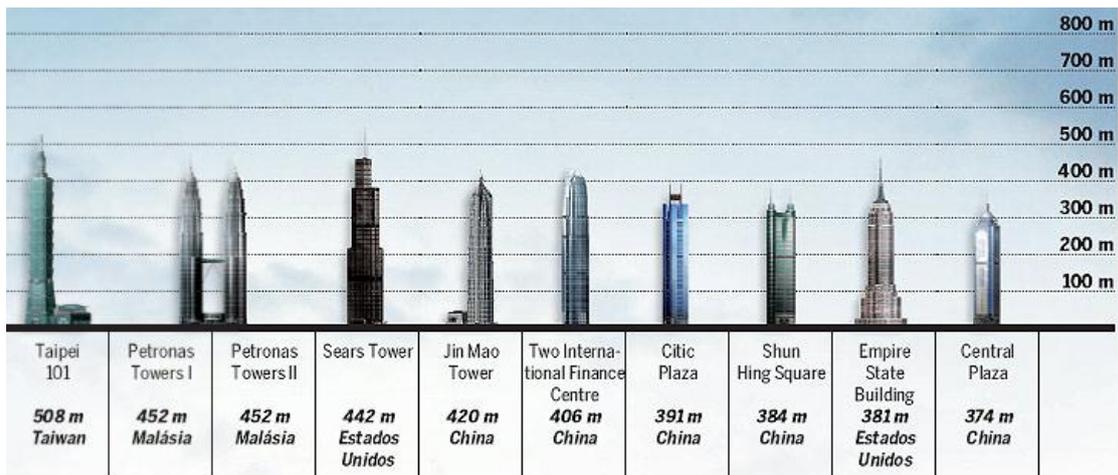
Ao longo da história o homem se mostrou obcecado para, de alguma forma, ser elevado a uma altura superior àquela que sua compleição física é capaz de lhe dar. Uma das maneiras mais eficientes de fazer isso foi por meio da arquitetura. As construções permitem que os homens se coloquem mais próximos dos deuses, como no caso das igrejas e outros templos, mas também demonstram poder e dão, ao mais alto, a capacidade de dominar.

O mesmo acontecia com os castelos dos senhores feudais, sempre localizados no alto, acima das casas dos outros moradores do feudo. O alto dava maior poder de domínio sobre a horizontal, sobre o espaço e, principalmente, elevava a condição do senhor, reafirmando sua superioridade.



Acima, na terceira imagem, estão a Grande Pirâmide de Quéops, a Pirâmide de Quéfren e a Pirâmide de Miquerinos. As pirâmides menores pertenciam a nobres, ou a pessoas de alta hierarquia, mas que não eram reis ou rainhas, a quem estavam reservadas as pirâmides mais altas.

O tempo passou, o sagrado perdeu seu espaço, ou melhor, foi substituído. E o homem que acredita ter se livrado das amarras que o prendiam a um obscuro mundo mítico é o mesmo que continua construindo torres para se elevar à posição mais alta. As referências simbólicas mais profundas dos que construíam igrejas são as mesmas dos que hoje disputam qual será o próximo prédio mais alto do mundo.



Variações da imagem anterior já foram reproduzidas em diversos veículos de comunicação e, de tempos em tempos, voltam a aparecer. Ela mostra os maiores prédios do mundo e sinaliza a obsessão do homem contemporâneo em mostrar seu poder por

meio da altura. Se no passado o poder estava ligado, muitas vezes, a uma ordem sagrada e a altura nos aproximava do divino, no mundo contemporâneo o poder dominante é o poder econômico e toda a simbologia associada a ele.

#### **1.3.4. A torre**

James Hillman (*in* ZOJA et WILLIAMS, 2003, pp.170-180) discorre sobre a presença da torre na cultura, como uma das mais fortes marcações de poder e da relação entre céu e inferno. Ele recorda a presença da torre no Inferno de Dante. Citando Durand, Bachelard, Corbin e Jung, Hillman lembra da torre mitológica onde Danae, mãe de Perseu foi aprisionada. Lembra ainda as inúmeras princesas presas nas torres dos contos de fadas.

Segundo ele, “no Egito, o hieróglifo da Torre é o signo determinante que denota altura ou o ato de levantar-se acima do nível comum da vida e da sociedade. É basicamente simbólico de ascensão ou orgulho espiritual, arrogância, *hybris*” (HILLMAN *in* ZOJA et WILLIAMS, 2003, p. 173)

As torres como símbolo de poder e arrogância aparecem nas histórias bíblicas e em várias outras histórias míticas. Assim como a torre marca, por diversas vezes, a arrogância dos homens em relação a deus ou aos deuses, sua queda significa a vingança e a apresentação da força superior em relação ao humano. Como não lembrar da torre de Babel? O livro Gênesis da bíblia narra a construção de uma torre por um povo, cujo objetivo era atingir o céu e mostrar o poder humano. Insatisfeito com a arrogância do projeto, Deus castigou os homens, primeiro, interrompendo a construção da Torre e, finalmente, tornando sua continuidade inviável, obrigando os homens a falarem várias línguas diferentes, o que impedia o entendimento entre eles. Outras narrativas como o livro jubileus dão conta de que a torre teria sido destruída por um grande vento enviado por Deus.



*Torre de Babel representada pelo pintor flamenco Pieter Brueghel em 1563*

A história da Torre aparece ainda em outras narrativas. Segundo lenda atribuída aos Índios mexicanos Papago, o poderoso e referenciado Montezuma escapou a uma grande inundação, mas tornou-se mau e tentou construir uma casa que chegasse ao céu. Sua punição foi a destruição da sua torre com relâmpagos enviados por Deus.

Nas cartas de tarô, a Torre de Babel aparece destruída a partir do alto e representa a queda, a frustração e a fragilidade humana diante da vontade dos deuses. É considerada a carta mais temida do conjunto.

Abaixo, algumas representações da queda da torre em diferentes baralhos de tarô.



Como pudemos observar, a torre, na cultura apresenta também uma imagem binária. Por um lado, representa poder e sucesso, domínio do espaço e, conforme explica Pross, domínio do alto, sobre a vida dos que estão abaixo. Por outro lado, querer alcançar os céus na história da cultura humana, representa a *hybris*, o pecado maior do humano ao querer se equiparar a deus.

Torres são amadas e almeçadas e, ao mesmo tempo, são punidas e destruídas. Essa dupla imagem da torre pode ser percebida também no episódio que envolveu a destruição das torres gêmeas em Nova York. Construídas entre o final dos anos 1960 e início dos anos 1970 para serem os prédios mais altos do mundo em seu tempo, foram símbolos de poder e motivo de admiração. Diferente dos nossos antepassados, que teriam, segundo a narrativa bíblica e de outros povos, construído uma torre para alcançar Deus, os idealizados e ostentadores das torres gêmeas (vejamos que não era um prédio maior do mundo, mas dois!) não almejavam ficar no lugar de Deus. Não havia sentido religioso evidente na sua construção, correto? Errado! Para o homem contemporâneo o sagrado está exatamente no poder e no status de ostentar o maior prédio do mundo. Ou seja, os prédios mais altos do mundo se firmam nos mesmos princípios que nortearam nossos antepassados, como bem apontou Pross (1980). Se antes queríamos ficar perto dos deuses e contestar seu poder, para até tomar o lugar deles, em alguns casos, hoje os donos das torres querem ser os deuses de nossa época. Ter o maior prédio do mundo significa, de certa forma, ter a sensação de domínio de parte do mundo.

O primeiro alvo dos ataques de 11 de setembro, as torres gêmeas, foi escolhido essencialmente pelo simbolismo que o sustentava. Antes de ruir, as torres, localizadas no coração econômico dos EUA, o condado de Manhattan em Nova York, eram o grande representante do poder econômico estadunidense. Em seus escritórios de alto padrão estavam sedes de grandes empresas financeiras dos EUA – que dominam também o mundo – e escritórios de grandes veículos de comunicação.

Estavam ali, no topo do mundo simbólica e fisicamente. Se observarmos a lista de prédios mais altos do mundo, veremos que o WTC aparecia, em 2001, em sexto lugar entre os prédios já construídos. À época da sua construção, em 1972, as torres ocupavam o primeiro lugar nessa lista. Como já afirmamos, mais que alvos físicos, ao lançar aviões contra as torres gêmeas os terroristas da Al-Qaeda derrubaram, de fato,

muito mais que concreto e destruíram muito mais que as vidas das três mil pessoas atingidas ali: eles atingiram um dos símbolos mais fortes de tudo o que os EUA e a cultura desse país e dos que o seguem representa.

O império viu ruir ali toda a idéia, um tanto arrogante, de que ele seria inatingível. Foi atingido e caiu. Sua estrutura que parecia inabalável ruiu, deixando evidente a fragilidade de todo o sistema que ele representava.

O inimigo também veio do alto. Os ataques de 11 de setembro utilizaram um meio de transporte que está acima de nossas cabeças e, portanto, aparentemente, muito mais fora de nosso controle que os meios terrestres. Assim como o apocalipse para nossos antepassados, a vingança veio do alto. Milhares de aviões sobrevoam os céus de Nova York todos os dias. Com a sua utilização nos atentados, todos eles passaram a ser armas em potencial.

O terror também vem do alto nas ameaças de guerras nucleares, nos testes com mísseis de longa distância e nas imagens feitas por satélites, o que mostra o quanto tememos o alto e como procuramos nos colocar ali, nos mesmos lugares onde colocamos nossos deuses e nossa vigilância.

Neste capítulo, buscamos desmontar alguns atentados recentes para compreender que estruturas profundas encobertas são cruciais – e por isso recebem repercussão e são copiadas – para a construção da história da humanidade. Nos próximos capítulos, veremos como mídia, contemporaneidade, atos terroristas e passado cultural humanos se misturam.

## [ DOIS ]

### **Sangue, medo, ação: O Sec. XXI e o jornalismo da visibilidade**

Nosso recorte de análise se deu, conforme já explicamos, a partir do estudo de episódios terroristas ocorridos no Séc. XXI. Portanto, antes de tentarmos compreender como esses atentados são montados como eventos midiáticos, é fundamental sabermos de que mídia estamos falando e contextualizá-la dentro de nosso momento histórico.

Aqui, buscamos compreender pontos como: de onde surgiram algumas das tendências midiáticas aproveitadas pelos chamados terroristas e exploradas exaustivamente pelo jornalismo e pela ficção? Como raízes profundas da cultura alimentam nosso imaginário contemporâneo e nossa mídia contemporânea na cobertura acerca do terrorismo? Como tecnologia avançada e passado cultural se misturam e se completam quando o assunto é terrorismo? Para isso, passamos brevemente por alguns pontos importantes como o perfil de nossa época, os meios de comunicação desenhados por e para o homem moderno, a cultura de massas e a notícia, dentro desse contexto, além da violência como notícia. Esses pontos serão fundamentais para contextualizar as análises do terrorismo que faremos nos capítulos seguintes.

## **2.1. Novo tempo, novos espaços e novas estratégias de comunicação**

Já que contextualizamos o termo “terrorismo”, cabe também falarmos sobre o cenário onde acontecem esses atos e, sobretudo sobre a construção da mídia que alimenta e repercute essas ações. Como veremos mais adiante, o terrorismo atual só se constrói como o conhecemos, pois o cenário cultural – e dentro dele, o cenário midiático – são como são. Portanto, neste capítulo, buscamos fazer um breve apanhado da história dos meios de comunicação de massa. Essa introdução é fundamental para entendermos, mais adiante, como – e, sobretudo, porquê e como – são organizados e repercutidos os atentados terroristas do Séc. XXI.

### **2.1.1. Velocidade e volatilidade**

Que cenário possibilitou a construção de uma cobertura midiática como temos hoje? E mais, como o desenvolvimento tecnológico afetou e foi afetado por nossa forma de ver e repercutir o mundo? Para entender isso é necessário mergulhar um pouco na história do período que caracteriza a nossa época: a Idade Moderna. A ideia aqui não é compreender a fundo o período, mas encontrar subsídios para entender quais são as motivações contemporâneas e de onde vem, mais recentemente, nossa forma de pensar e agir em grupo ou individualmente.

Berman (2005) divide a Modernidade em três fases. Segundo ele, a primeira fase ocorreu do início do Séc. XVI até o final do séc. XVIII. Essa seria a fase de transição entre a Idade Média e a Modernidade, quando “as pessoas estão começando a experimentar a vida moderna; (...) tem pouco o nenhum senso de um público ou comunidade moderna, dentro da qual seus julgamentos e esperanças pudessem ser compartilhados” (2005, p. 16-17).

Para o autor, a presença das tendências da Idade Moderna na vida das pessoas passa a ser mais fortemente percebida no segundo período, que começa com a “grande onda Revolucionária”, cujo maior exemplo é a Revolução Francesa de 1790. O público Moderno que surge nesse período

Partilha o sentimento de viver em uma era revolucionária, uma era que desencadeia explosivas convulsões em todos os níveis de vida pessoal, social e política. Ao mesmo tempo, o público moderno do Séc. XIX ainda se lembra do que é viver material e espiritualmente num mundo que não chega a ser Moderno por inteiro. (2005, p. 17)

Segundo ele, “é dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente que emerge e se desdobra a ideia de Modernismo e Modernização” (idem, p. 18). Nessa fase, o homem se rebela contra as amarras impostas pela “força do sagrado” (e daí vem desde os preceitos religiosos mais profundos até a crença de que alguns devem liderar e governar por força divina imutável, como acontece nas monarquias) e passa a acreditar que ele é dono das suas próprias vontades e, a partir de sua capacidade, pode alcançar qualquer coisa. Ninguém mais é sagrado, nada é imutável.

Abrindo parênteses, lembramos que, como já explicado no capítulo 1, o termo terrorismo e a ideia de terror que temos hoje nasce exatamente nesse período das Revoluções, portanto já no período Moderno e em sua fase mais marcada pelas rupturas e pelas transformações sociais. Ou seja, o terrorismo ou a utilização daquilo que foi convencionalmente chamado de terrorismo nasce dentro de uma cultura que valoriza a individualidade e a força do indivíduo em detrimento da obediência cega às vontades divinas ou superiores. Por origem, o terrorista é um inconformado, que busca dar visibilidade para a sua revolta utilizando a violência para, dessa forma, tentar mudar uma situação da qual discorda. Por isso, podemos compreender que a ideia de terrorismo, a tendência à desobediência e a crença na possibilidade de mudança radical do que parecia imutável caminham juntas e tem origem nesse período tão importante – e conturbado - da nossa história.

A terceira fase da modernidade e do processo de modernização aconteceria, segundo Berman, a partir do Séc. XX quando, “O processo de Modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo, e a cultura mundial do modernismo em desenvolvimento atinge espetaculares triunfos na arte e no pensamento” (ibidem, p.34).

Berman ainda afirma e essa será a tônica de sua obra “Tudo que é Sólido desmancha no ar” (2005) que a sociedade moderna, partilha de alguns valores fundamentais, entre eles:

- **a volatilidade** – e isso explica, inclusive, o título de sua obra, emprestado de uma frase de Marx. “Tudo que é sólido desmancha no ar” mostra exatamente um homem que não se sente preso a valores rígidos. Tudo pode ser mudado e moldado. Há liberdade. O tempo todo. Desde os valores familiares e as crenças religiosas, passando pela mudança no ambiente natural e no controle das forças da natureza até a própria percepção do homem, que passa a se ver como alguém em constante mudança e que precisa ser o tempo todo aperfeiçoado. O novo passa a ser extremamente valorizado em detrimento do antigo e do tradicional.

- **o trabalho** – e se esse homem não depende mais da vontade divina para ser algo, ele só pode depender dele mesmo. Qualquer um pode ser qualquer coisa, desde que se esforce e trace os caminhos certos para tal. Essa é a ideia que vai nortear o capitalismo e também os governos democráticos. E qual a força ideal para que o homem livre se transforme e transforme o mundo? O trabalho, que recebe um enorme peso nas relações que se formam a partir do fim da Idade Média. Todos são livres para trabalhar e ser o que quiserem. Ninguém mais está predestinado. Afinal, como afirma Kamper (1998), nossa cultura é descendente da cultura do burgueses, aqueles que se libertaram das amarras que os prendiam aos senhores feudais por meio do trabalho. Não sem motivo, o trabalho é um dos principais valores de nossa época.

- **a velocidade** – ocorre uma mudança na percepção do tempo e das distâncias. Passa a haver uma maior preocupação com a organização e o domínio do tempo. O desenvolvimento tecnológico permitirá coisas impensáveis, como a transformação “da noite em dia”, possibilitada pela descoberta da energia elétrica. O ritmo de vida passa por uma aceleração importantíssima que terá reflexo e será refletida pelos meios de comunicação mais adiante.

- **a visibilidade** – O mundo moderno é o mundo do visível, o mundo do ver e ser visto. Segundo Berman (2005), diferente da Idade Média, associada à reclusão, à escuridão e ao silêncio, a Modernidade é a época das luzes, da iluminação, do Iluminismo – o conceito de luz serve muito bem e simultaneamente para expressar o que acontecia com

o homem e com o espaço por ele ocupado. “Iluminado” serve para designar a época da abertura ao conhecimento e às pesquisas, o impulso à ciência e à descoberta, a mudança de ver o mundo expressa nas artes. Serve também para expressar o maior valor da cidade moderna. Citando a reconstrução de Paris no Séc. XIX como exemplo, Berman mostra como o homem moderno, não contente em colocar luz sobre os conhecimentos, tratou de moldar o seu espaço de vivência ao que ele passava internamente. Paris, reconstruída segundo projeto do engenheiro George Eugène Haussmann, ganhava destaque com seus bulevares, grandes alamedas que se descortinavam e conduziam os transeuntes a um mesmo ponto central, onde todos poderiam circular livremente, ver e ser vistos. Nesse período, as cidades que copiam Paris passam, como ela, a concentrar uma grande quantidade de restaurantes e cafés, espaços de auto-exposição e de observação alheia, dentro de um limite seguro. Segundo Berman, “os bulevares criaram uma nova cena primordial: num espaço privado, em público, onde eles poderiam se dedicar à própria intimidade, sem estar fisicamente sós. (...) quanto mais observam os outros, mais se deixam observar” (2005, p. 173). Também nesse período, a moda recebe seus maiores impulsos para se tornar o que viria a ser no Séc. XX. As pessoas passaram a se preparar para suas “apresentações públicas” na via iluminada.

O homem moderno é, portanto, livre, responsável por seu próprio destino, sobretudo através do trabalho e alguém sempre pronto a ver e ser visto. O capital – e o consumo – passam a controlar todas essas relações.

Se o mundo antes da Modernidade se mostrava como algo imutável, repleto de regras fixas e sólidas, o novo mundo se assemelha mais a massa de moldar, com todas as possibilidades abertas. Não é sem motivo que o período de maior modificação / destruição do mundo conforme apontado por ambientalistas tenha acontecido exatamente na época desse homem transformado e capaz de grandes transformações. Também não é sem motivo que os terroristas e/ou revolucionários (dependendo do ponto de vista) tenham se encontrado e encontrado campo fértil nesse período. Mas, ao mesmo tempo, esse novo homem, livre, poderoso e revolucionário deixa de contar com a “proteção” das regras rígidas e com as decisões e os cuidados divinos. Ter liberdade é ter de fazer escolhas, o tempo todo. É não ter quem mostre o caminho. É ter de lidar com a própria sorte e com as próprias capacidades para ser ou ter. É ter de se entender

com a sensação constante de “se qualquer um pode ser qualquer coisa, se eu não conseguir o que quero a culpa é minha, e somente minha” e conseguir trabalhar com a possibilidade do próprio fracasso, incansavelmente.

Para Bauman (2001), essa liberdade desejada e conquistada pelo homem moderno é, ao mesmo tempo, uma benção e uma maldição. Segundo ele, a tendência à aceleração do tempo e à exacerbação do indivíduo e de sua responsabilidade sobre sua vida e a vida do mundo estão entre as principais características do que ele chamou de “Modernidade Líquida”. Uma modernidade transformada, que expõe exageros de algumas das características que marcaram o período Moderno e que começa a se manifestar especialmente a partir do final do Sec. XX e o início do Séc. XXI. Os excessos do que seria o período Moderno e a transformação de alguns valores seriam, para Bauman, a tônica do período que vivemos atualmente. Segundo ele,

Viver diariamente com o risco da auto-reprovação e do auto desprezo não é fácil. Com os olhos postos em seu próprio desempenho – e portanto desviados do espaço social onde as contradições da existência individual são coletivamente produzidas – os homens e mulheres são naturalmente tentados a reduzir a complexidade de sua situação, a fim de tornarem as causas do seu sofrimento inteligíveis. (BAUMAN, 2005, p. 48).

Como veremos a seguir, os meios de comunicação voltados para a massa e que terão seu apogeu após meados do Séc. XX, não coincidentemente, a fase apontada por Bauman como “Modernidade Líquida”, atendem às demandas desse período e sem dúvida nenhuma ajudam a construí-lo. Como afirmou Morin (2005) os meios de comunicação de massa são o motor da cultura de massa que se forma nesse período. Com o passar do tempo, os MCM substituirão as estruturas rígidas de modelos de comportamento e passarão a ditar e alimentar a cultura do homem moderno.

### **2.1.2. Comunicação para massas individualistas**

A difusão dos meios de comunicação de massa foi, ao mesmo tempo, uma consequência dos paradigmas sociais que se descortinavam com a Modernidade e um acelerador e alimentador desse processo. Estávamos diante um novo mundo, pautado em valores como a velocidade, a volatilidade, a visibilidade e o individualismo (Berman, 2005) e que se apresentou particularmente mais forte a partir do final do Sec. XIX e início do Séc XX. O desenvolvimento tecnológico incentivado pelo fim da Idade Média e início do período Iluminista – com todas as mudanças de pensamentos suscitadas por ele – possibilitou e obrigou o desenvolvimento de ferramentas de comunicação mais efetivas, rápidas e que atingissem a um maior número de pessoas ao mesmo tempo. Simultaneamente, as novas necessidades criadas pelos meios de comunicação de massa passaram a incentivar o desenvolvimento tecnológico.

A eletricidade impulsionou o desenvolvimento. Não havia mais limite para o homem, para sua comunicação, para a visibilidade do mundo e do próprio homem. Na esteira da utilização da energia elétrica, surgiu o telégrafo elétrico, patenteado por Samuel Morse em 1830, e que pode ser considerado a primeira rede de comunicação do mundo. Permitia que as notícias fossem levadas rapidamente de um lado para outro do planeta, ampliando o número de informações e reduzindo a distância e o tempo entre o acontecimento e a sua divulgação. As tentativas iniciais de criar um equipamento que permitisse a transmissão rápida de informações à distância, sem a necessidade da presença da mídia primária, do corpo humano, datam do final do Séc. XVIII, exatamente na França pós-revolução (FABRE, 1980, p. 63). Antes disso, as informações dependiam do corpo para serem transportadas. Ainda que escritas, alguém precisava se locomover de um ponto a outro, carregando um suporte com as informações que necessitavam ser transmitidas. Havia a presença física, portanto, no transporte das informações. Com o advento do telégrafo, não era mais necessário o transporte físico da informação que era levada pelo “ar” através de um sistema de cabos que se expandiu rápida e largamente. Estava inaugurado o reinado das “teles”, palavra de origem grega que significa “distância” e que, segundo Fabre, “estava evidentemente fadada e se juntar a comunicação” (1980, p. 61). A informação é agora algo abstrato – e

livre –, que transita sem problemas pelos diversos cantos do mundo. É a telecomunicação.

A criação do telégrafo trouxe muito mais que uma facilidade para a transmissão de informações. Ela atendeu a uma demanda da sociedade – que precisava se comunicar com mais velocidade e em distâncias cada vez maiores – e, ao mesmo tempo, mexeu com a forma de ver o mundo, já que a ideia de mundo se expandiu, as distâncias ficaram psicologicamente menores e o tempo passou por uma aceleração: já não era mais necessário esperar grandes deslocamentos físicos para saber o que acontecia do outro lado do planeta e já, em pouco tempo, não era mais tolerável esperar muito pelas informações. A ideia de “notícia velha” se reconstrói. Dentro do que se esperava do espírito moderno, os fatos passaram a envelhecer mais rapidamente, na verdade, a percepção dos fatos mudou e a ideia de presente se tornou mais imediatista.

A criação do telégrafo foi fundamental para o desenvolvimento de outros veículos de comunicação e para a mudança de um já existente: o jornal impresso, que ganhou mais poder, velocidade e visibilidade.

Outra grande invenção do Séc. XIX foi a fotografia. Os primeiros passos para seu desenvolvimento já haviam sido dados em meados do Séc. XVI, porém, foi no Séc. XIX, em meio a todas as transformações que o mundo vinha sofrendo, que ela passou por uma simplificação de processos e garantiu seu espaço.

Embora já existisse como veículo diário desde 1650, quando o *Zeitungen* (Notícias Recebidas) foi fundado na cidade alemã de Leipzig, o jornal conheceu seu apogeu entre 1890 e 1920, período que ficou conhecido como os “anos dourados” da mídia impressa. Nos anos 1920, durante o auge do Movimento Modernista, o artista e escritor Osvald de Andrade afirmava “o papel impresso é mais forte que as metralhadoras” (LUCA; MARTINS, 2008, p. 98), para se referir ao poder que a mídia detinha. E de fato era: como veremos adiante, o poder de disseminação de ideias e valores, então prioritário do jornal, era mais forte e maior que o poder físico de batalhões.

Dentre as características mais importantes dos jornais nesse período estava a capacidade de levar o leitor a lugares que ele não poderia conhecer pessoalmente e dar a ele

informações rápidas sobre o mundo, o que só foi possível com o advento de telégrafo. Durante décadas o jornal impresso – junto com as revistas – foi o principal meio de recebimento de notícias e de entretenimento da população. Conforme veremos mais adiante, quando tratarmos da cultura difundida por esse veículo de comunicação, o jornal é o primeiro meio a dar a tônica do que seria a cultura de massas do Séc. XX (MORIN, 2005). Um veículo voltado para o grande público e que fazia uma hibridização entre as chamadas “cultura popular” e “alta cultura”. Um veículo que misturava informação com entretenimento e que buscava atender as necessidades e os interesses de seu público.

O jornal, impulsionado pelas mudanças trazidas pelo telégrafo, ajudou ainda a mudar a percepção do tempo e a dar uma ideia de urgência para a transmissão das informações. Essa condição passaria por diversos períodos de aceleração com outros veículos. De qualquer modo, foi com o formato impresso que o jornalismo diário deu seus primeiros passos e construiu as primeiras estruturas do que reconhecemos hoje como jornalismo.

Cabe aqui lembrar que o desenvolvimento do jornal impresso só foi possível com a invenção de uma das maiores descobertas do período pré-moderno: a prensa com os tipos móveis, inventada por Johan Gutenberg por volta de 1440, que liberou a escrita e a reprodução de informações das mãos de poucos escribas ligados à Igreja Católica. Polêmica à época de sua criação, como são polêmicas todas as invenções revolucionárias, a prensa permitiu a maior difusão de pensamentos e ideias e abriu as portas para o jornalismo. Sem dúvida uma invenção que espelhava os desejos de liberdade do homem de sua época e que, comprovadamente, ajudou nas mudanças de paradigma da história da humanidade. A junção dessa invenção com o telégrafo, criado por esse novo homem que a própria prensa ajudou a criar, deu origem ao que chamamos hoje de jornalismo moderno.

Seguindo a tendência do “tele”, também no Séc. XX, por volta do ano 1900, após uma série de experiências com ondas eletromagnéticas surge o rádio. Primeiramente utilizado com finalidades militares, logo passou a ser muito bem aproveitado como meio de comunicação de massa. Com a difusão do novo veículo, que aconteceu particularmente nas décadas de 1930 e 1940, o jornal impresso perdeu parte de sua força, já que o rádio trazia vivacidade e mais velocidade à informação, além de atingir a

um público maior. Em meados do Séc. XX boa parte da população era analfabeta, o que restringia o público do jornal. Com o rádio, a situação mudou: o veículo foi para o centro das casas e tanto as notícias quanto os programas de entretenimento podiam ser acompanhados por todos – inclusive pelas mulheres e pelas crianças, que antes, em sua grande maioria, dependiam das informações trazidas para casa pelos homens, leitores de jornal. A comunicação de massa se expande. O jornal precisa se adaptar a essa realidade, já que o novo concorrente, a princípio, parece ser bem mais atrativo e coloca em risco a sobrevivência de seu antecessor. Essa adaptação se deu lentamente e uma das estratégias dos jornais para garantir público fiel foi exatamente ocupar uma brecha deixada pelo rádio: a valorização de imagens. Se o rádio, por um lado, trazia informações quentes e apresentadas “ao pé do ouvido”, ampliando a ideia de proximidade, por outro, ele podia apenas contar o fato, sem mostrá-lo. É exatamente após o surgimento do rádio que o jornalismo impresso – até então baseado quase exclusivamente em longos textos – passa a se utilizar com mais frequência e em maior quantidade de imagens como um atrativo e um diferencial. No jornal, o leitor podia ver “com seus próprios olhos” o que acontecia. As imagens também poderiam ser vistas no cinema, com a vantagem do movimento. Porém, esse processo de produção ainda era caro, demorado e a quantidade de notícias produzidas nesse formato era muito pequena.

Mais uma vez, com o rádio, o mundo se tornou menor na percepção das pessoas e a velocidade ainda mais acelerada. O rádio podia transmitir o “aqui e agora”. Não era mais necessário nem esperar que a informação fosse trazida fisicamente, o que já havia sido resolvido com o telégrafo, mas e, sobretudo, não era mais necessário esperar para receber a informação. Ela ia direto do produtor, o repórter que presenciava o acontecido, para o receptor-ouvinte. Encurtava-se, mais uma vez, o caminho entre acontecimento e divulgação e a pressa se tornou algo fundamental nas redações. O rádio também tomou o lugar do jornal como disseminador de modas e comportamentos e da unificação de gostos crenças e valores, que abordaremos mais adiante.

Em 1934 o escocês John Baird patenteou um invento que voltaria a sacudir o mundo da comunicação. A televisão unia as qualidades do rádio, como a rapidez e o imediatismo, à capacidade de transmitir imagens em movimento com um custo muito menor que o do cinema e em aparelhos que no médio prazo começaram a ser utilizados domesticamente.

Já na década de 1950 a televisão era o principal veículo de comunicação do mundo (LIMA, 1989). Não eram apenas os sons que carregavam notícias de forma mágica pelo ar. Com a televisão, as imagens chegavam aos espectadores e davam a impressão de transportá-los para diversas partes do mundo. O telejornalismo trouxe as características do rádio, moldou-as à nova realidade das imagens e ganhou o status de credibilidade que antes era destinado ao jornal e ao rádio. Mais que isso, ao mostrar imagens e não apenas narrá-las, o telejornalismo aumentou a sensação de veracidade do que era apresentado, colocando-se para seu público como espelho do real. Afinal, o espectador estava vendo “com seus próprios olhos” o que ali era apresentado. A TV trazia consigo um incomparável poder sedutor das imagens em movimento e a falsa sensação de participação do telespectador.

Já o final do Sec. XX foi marcado pela ascensão da Internet, a rede de computadores que conecta bilhões de pessoas em todo o mundo. O tempo passa por uma aceleração ainda maior, já que a Internet se propõe ser – e tem recursos tecnológicos para isso – o mais rápido meio de informação, unindo características e recursos de todos os outros meios de comunicação de massa. Com a Internet, a quantidade de informações disponíveis aumenta consideravelmente e a capacidade de armazenamento de dados e, portanto, de informações, é multiplicada milhões de vezes. Além disso, o número de produtores de notícias passa a ser infinitamente maior, já que qualquer pessoa conectada à rede pode, de uma hora para outra, veicular uma foto, um texto, um vídeo, enfim, se tornar não apenas consumidora, como também alimentadora desse novo meio de comunicação. De um lado, entusiastas da Internet apontam para sua capacidade de democratizar informações e para seu potencial disseminador de conhecimento e de troca de experiências. De outro, os críticos alertam para o excesso opressivo de informações – muitas delas vazias – e para o distanciamento do mundo real provocado pela participação que passa a se dar apenas, ou em grande parte, por meio da tela do computador e da rede de computação. A Internet traz consigo a caracterização dos excessos de modernidade ou da modernidade líquida, conforme apontado por Bauman (2005). Um mundo onde tudo é veloz, excessivo, tendendo à auto-destruição em minutos ou segundos e que privilegia a visibilidade – que não se sustenta por muito tempo, mas que é fundamental para a sobrevivência.

O desenvolvimento de cada uma dessas ferramentas de comunicação foi proporcionado pelo desenvolvimento tecnológico de nossa época. Podemos dizer ainda que cada um deles atendeu necessidades de seu tempo e, ao mesmo tempo, alimentou outras necessidades e provocou mudanças significativas na forma de agir e pensar no mundo. A cada um desses inventos nossas ideias de tempo, espaço, tamanho do mundo foram sendo modificadas. Por exemplo, no apogeu do jornal impresso, uma notícia internacional era considerada “atual” uma semana após o acontecimento. O rádio mudou essa percepção, modificando o imaginário sobre o conceito de “atualidade”. Com a internet, pode-se dizer que há uma verdadeira obsessão por saber do fato no momento de seu acontecimento, sem espaços que separem a ocorrência da divulgação. Um dos sites de notícias mais acessados no Brasil, por exemplo, tem o nome de “Último Segundo”. Notícia atual é, portanto, aquela que retrata o segundo anterior.

Velocidade, volatilidade, visibilidade. A história dos meios de comunicação de massas caminha por causa desses valores e, ao mesmo tempo, aumentando sua importância. São alimentados e alimentadores das tendências de nossa época, formados e formadores dos bilhões de homens e mulheres que compartilham o mundo no Séc. XXI.

### **2.1.3. Uma cultura para multidões**

A Modernidade – e todos os valores atrelados a ela – impulsionou o crescimento das grandes cidades e a necessidade de ampliar a comunicação entre seus moradores. O fluxo de informações precisava ser assegurado. Mas, mais que facilitar os processos de comunicação entre pessoas, os meios criados para a comunicação passaram a agir como alimentadores de necessidades. Obviamente, para atender uma multidão, os meios precisavam se dirigir ao maior número possível de pessoas e precisavam ser compreendidos pela maioria. E como fazê-lo? Segundo Pross (1980, p. 123), os meios de comunicação de massa são, desde seu surgimento, os grandes distribuidores de símbolos pelo mundo. Com disseminação rápida e atingindo grandes massas de pessoas, os MCM repercutiam em poucas horas o que um rei ou ditador levaria meses ou até anos para fazer. Para Pross, os meios de comunicação que mais funcionam como portadores desses símbolos são os meios eletrônicos. Segundo ele, esses meios

Fazem possível o transporte de símbolos por caminhos simbólicos. Já não é mais necessário enviar soldados (para se dominar um território), pois é possível transmitir a imagem de um presidente a qualquer canto de outro país, potencializando diretamente ante outros povos o esplendor de sua presença. Quanto maior o número de pessoas atingidas e maior o espaço dominado, menor é a necessidade de se impor o reconhecimento à força (...). Nenhuma potência mundial pode mandar gente armada a cada rincão de seu território, nem mesmo aos estrangeiros. Mas as potências mundiais, as grandes e médias potências, intensificam a capacidade de seus simbolismos honrando com sua presença em emissões em língua estrangeira a zonas de outro modo não acessíveis. (1980, p. 123)

E, como meios de transporte de símbolos que são, “os mass media se dirigem a todos que os podem compreender, e já que, com sua mera existência, transmitem a presença do dominador que se serve deles, renovam, uma e outra vez, o ato de presença política” (idem).

O trecho “os mass media se dirigem a todos que o podem compreender” é fundamental para entendermos as estratégias dos meios de comunicação na busca por atingir ao maior número possível de pessoas. Os meios de comunicação de massa funcionam, desde então como os grandes reguladores sociais, ao redor dos quais acontecem os rituais cotidianos. Hoje, a hora do almoço é marcada por um determinado programa da TV que é transmitido em casa e nos restaurantes onde trabalhadores fazem suas refeições. O encontro da família e o final do dia são marcados pelos noticiários noturnos e pelas novelas ou seriados televisivos. A transmissão do jogo de futebol é argumento para o encontro entre amigos. As redes sociais e os sites de Internet interligam multidões que trocam experiências, discutem gostos, inspiram-se. Mais que isso, os meios de comunicação servem como modelos de comportamento, de pensamento, de visão de mundo compartilhada.

A comunicação de massa se firma sobre a cultura de massas, que já se desenhava fortemente com o rádio, mas teve seu grande impulso a partir dos anos 1940 /1950, com a chegada da TV. O que a cultura de massas objetiva é a padronização de gostos,

crenças e valores (MORIN, 2005), o que só é possível a partir da formulação de estratégias que considerem um determinado repertório compartilhado. Aqui, vale voltarmos a algumas afirmações que fizemos no capítulo 1 acerca das raízes mais profundas da cultura. Comuns a todos os homens, as estruturas culturais mais profundas serviram e ainda servem como material para um jornalismo que pretende atingir ao maior número possível de pessoas. Afinal, onde encontrar esse repertório compartilhado tão necessário para que os *mass media* sejam compreendidos e causem interesse no maior número possível de homens e mulheres ? Naquilo que é mais comum e profundo na formação de cada um dos integrantes da massa: as raízes da cultura. Histórias míticas e a presença de símbolos universais, como alguns formados a partir das experiências pré-predicativas, estão por toda parte a ajudam a alimentar os meios de comunicação de massa. Ou seja, a cultura de massas se utiliza daquilo que é essencial ao homem, seus medos e desejos mais escondidos sob os anos de história, aquilo que por vezes aproxima homens de animais é o material mais rico para essa padronização. Os MCM vão buscar semelhança onde, de fato, somos muito parecidos.

Segundo Morin, algumas características fazem parte dos meios de comunicação de massa desde o seu surgimento e, principalmente, a partir do Séc. XX, com o rádio, de fato o primeiro veículo a atingir indiscriminadamente todas as classes sociais. Para o autor, até o final dos anos 1930, “as barreiras das classes sociais, das idades, dos níveis de educação delimitavam as zonas respectivas de cultura. A imprensa de opinião se diferenciava grandemente da imprensa de informação, a imprensa burguesa da imprensa popular, a imprensa séria, da imprensa fácil” (2005, p. 37). Isso acabou sendo profundamente modificado: “a partir da década de 30, primeiramente nos Estados Unidos e depois nos países ocidentais, emerge um novo tipo de imprensa , de rádio, de cinema, cujo caráter próprio é de se dirigir a todos (idem). O que transformou “*a cultura industrial como o único grande terreno de comunicação entre as classes sociais*” (MORIN, 2005, p. 41 - grifo do autor).

Para obter a atenção de grupos tão distintos, a cultura de massas se pauta por uma nova cultura, que não se cria a partir do zero, mas que faz uma mistura entre a cultura popular e a erudita, entre o moderno e o arquetípico, entre o local e o global. Na passagem do erudito para a massa, ocorrem dois processos. O primeiro, Morin chama de

“multiplicação”, quando simplesmente o que pertence à alta cultura é disseminado para grupos maiores. O outro processo é a “vulgarização”, que é a transformação do produto em algo mais simples, tendo em vista a sua multiplicação. (2005, p. 54). Morin aponta que um dos processos fundamentais da vulgarização é a simplificação. Ela ocorre, por exemplo, quando um livro clássico é levado para as telas do cinema ou da televisão. A história é simplificada e encurtada, o número de personagens é reduzido etc. Essa tendência, segundo ele, provem “da natureza presente da cultura de massa” (2005, p. 55).

A tendência à simplificação estaria, segundo Morin, lado a lado com a tendência à maniqueização. Histórias simplificadas tendem a ampliar a força das polaridades, o antagonismo entre bem e mal, os traços mais simpáticos e antipáticos “a fim de aumentar a participação afetiva do espectador, tanto no seu apego pelos heróis, como na sua repulsa pelo mal” (idem). Como veremos mais adiante, essa tendência sai da ficção e se espalha pelo jornalismo voltado para as massas. A compreensão desse processo é fundamental para entendermos como se dá a construção de heróis e bandidos no processo de criação e disseminação das notícias acerca do terrorismo, dos terroristas e da visão polarizada do mundo. Cabe aqui também lembrar que, como vimos no capítulo 1, a visão binária e polarizada do mundo remonta às origens da cultura. A partir do que percebe na primeira realidade, o homem cria a segunda realidade, a cultural. Ou seja, ao criar um mundo maniqueísta em suas expressões, a cultura de massas retoma o que há de mais básico e simples na criação cultural.

Morin ainda aponta que a linha que separa realidade de ficção fica cada vez mais tênue, já que a cultura voltada para as massas tende a misturar esses dois campos. Quando pensamos em jornalismo há uma clara hibridização entre informação e entretenimento e, como veremos mais adiante, entre realidade e espetáculo.

Ao atingirem o grande público, os meios de comunicação de massa se transformam também em vitrines, que dão visibilidade ao que antes ficava escondido. Essa capacidade combina perfeitamente com o homem moderno, que, conforme vimos anteriormente, precisa de luz sobre si, precisa ver e ser visto. Segundo Debord, “O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação” (2006, p.05). Numa crítica ao que ele chama de “espetacularização da

vida”, Debord aponta para algumas características fundamentais que se desenvolvem, primeiro, com a mudança de paradigmas da cultura, a partir do processo de modernização do homem e, segundo, a partir da disseminação dos meios de comunicação de massa. A visibilidade e o afastamento do real e a transformação dos desejos e das necessidades humanos em mercadorias consumíveis figuram entre essas principais características.

As ideias de Morin (2005), nesse ponto, caminham no mesmo sentido das de Debord. Para ele, a busca incessante pela visibilidade e o consumo do que se vê provocam uma percepção equivocada de que o que aparece nos meios de comunicação de massa é mais verdadeiro que a vida cotidiana.

A importância que as imagens adquirem na mídia é crescente, conforme vimos no tópico anterior, que tratou a história dos meios de comunicação de massa.

Vejamos, então, que temos um ciclo, que começa com a transformação do homem e o estabelecimento de novos paradigmas culturais. Um homem liberto de amarras do passado, e livre para pensar e criar. Esse novo homem tem novas necessidades de comunicação, visibilidade e consumo, o que acaba por favorecer o desenvolvimento de ferramentas de comunicação cada vez mais rápidas e complexas. Essas novas ferramentas precisavam de novos conteúdos para se alimentar e propagar. Como na cultura o novo se cria a partir do velho, dentro da ideia de cumulatividade e reciclagem cultural, as novas ferramentas buscaram no que já existia os traços iniciais para seu novo material. Por outro lado, essas ferramentas que o homem cria acabam por ajudar a criar esse novo homem, à medida que se tornam os novos disseminadores de crenças e valores. Para críticos como Debord e Morin, ocorre uma espécie de inversão, quando o criador acaba por se submeter à sua própria criatura e passa a se formar e a viver em função das ideias propagadas pela cultura de massas.

Outro ponto importante na teoria de Morin é que, incapaz de dar conta de toda a complexidade dos diferentes grupos étnicos e culturais e objetivando um alcance sem precedentes, a cultura de massas tende a simplificar e homogeneizar a imagem sobre o outro. Ela pincela das culturas locais pontos específicos e os transforma em uma espécie de imagem do todo. Ou seja, como não consegue – nem poderia – mostrar a fundo cada

grupo diferente ela se pauta em aspectos inusitados, diferentes e forma uma imagem própria sobre os diferentes aspectos da vida. Ela leva a uma simplificação absurda do mundo ao mesmo tempo que fornece a todos a sensação de estar conhecendo o mundo.

a cultura de massa integra e se integra ao mesmo tempo numa realidade policultural; faz-se conter, controlar, censurar (pelo Estado, pela Igreja) e, simultaneamente, tende a corroer, a desagregar as outras culturas. (...) Embora não sendo a única cultura do Século XX, é a corrente verdadeiramente maciça e nova deste século. (...) Alguns de seus elementos se espalharam por todo o globo. Ela é cosmopolita por vocação e planetária por extensão. (MORIN, 2005, p. 16)

O “mundo” no imaginário criado e alimentado pela cultura de massas é substituído por partes de pedaços de mundo, muitas vezes, a parte mais sensacionalista ou inusitada da cultura apresentada. Dessa forma, criamos estereótipos e alimentamos preconceitos sobre o que seria aquilo que não podemos verificar nós mesmos – e até mesmo sobre o que verificamos e convivemos diariamente. A realidade passa a ser a imagem que construímos da realidade e nossa percepção do outro passa a se basear nessa espécie de espelho distorcido e terrivelmente simplificado do real. Se não é possível – ou interessante - mostrar como vive um australiano, mostre-se esse australiano na praia, surfando ou jogando bumerangue. Se não compreendemos a cultura muçulmana, construa-se uma imagem dessa cultura baseada apenas naquilo que nos causa estranhamento e que chamamos de fanatismo religioso. Se não é possível compreender a violência, atribua-se a violência a grupos específicos e desajustados.

Arbex resume as características e potencialidades da cultura de massas da seguinte forma:

Ela é o resultado de um longo e relativamente “suave” processo de sedimentação de valores que acabam constituindo uma determinada percepção de como as coisas devem ser no mundo. Ela é parte constitutiva do processo de construção e domesticação do imaginário coletivo levado a cabo pelas corporações da mídia. O imaginário construído pela mídia é

composto por uma vasta rede de símbolos e signos, de referências sociais, culturais, políticas e artísticas que prefiguram a constituição de uma espécie de memória coletiva globalizada em um mundo cada vez mais desterritorializado (ARBEX, 2002, p. 102)

No mundo em que a comunicação tem o papel antes ocupado pelos governos ou por outros segmentos, desaparecem os detalhes e ganha forma uma nova cultura que tende a padronizar tudo o que for possível para o maior número de pessoas e a favorecer o consumo e a busca pela visibilidade.

O jornalismo, por sua vez, dentro desse cenário, fará uma mistura de tudo o que é apresentado na cultura de massas. Será o responsável por mostrar uma determinada “verdade” – preceito básico do discurso noticioso – por apontar quem são os novos modelos de comportamento e por atender às necessidades reais e imaginárias da população consumidora dos meios de comunicação. Assim como outros produtos da cultura de massas, o jornalismo encaixa-se nos processos de simplificação do qual trata Morin (2005). Segundo Sodré, o discurso jornalístico cria “um conhecimento situado a meio caminho entre o *senso comum* e o conhecimento sistemático” (SODRÉ, 2009, p.45 – grifo do autor).

Além disso, na cultura de massas, jornalismo e ficção se misturam. Notícia é consumida como entretenimento e um mesmo programa noticioso ou uma mesma edição de jornal impresso mostra, com um mesmo destaque, notícias da guerra, receitas culinárias e artistas tomando sol na praia.

## **2.2. Notícias para as massas**

O jornalismo foi e continua sendo um dos principais produtos dos veículos voltados para o grande público e um dos principais alimentadores da cultura de massas. Desde o seu surgimento até os dias atuais, a função do jornalismo é ser uma espécie de janela por onde se espiam as partes “importantes” do mundo. Esse objetivo primordial não se perdeu com o tempo. É através dele que tomamos conhecimento de acontecimentos

próximos e distantes. E também é por meio dele que criamos boa parte de nossos conceitos do que é verdade e do que acontece pelo mundo. Os conceitos de cobertura jornalística e verdade caminham lado a lado. Existe uma tendência, um tanto inocente, de acreditar que o jornalismo consegue espelhar o real. Um slogan utilizado pelo repórter Esso, programa jornalístico de rádio que fez enorme sucesso nos anos 1940-1950, afirmava que ali estavam “os olhos do ouvinte”. Essa mesma ideia permeia o imaginário acerca da cobertura jornalística atual: se não se pode presenciar, o jornalismo presencia por você e conta as coisas como elas são.

Contudo, sabe-se há muito, que acontecimento e notícia não são a mesma coisa. Sodré elenca algumas das tentativas mais comuns – e, segundo ele, erradas e/ou superficiais – de definição do que é notícia: “Notícia é tudo aquilo que o leitor precisa saber”; “Notícia é tudo aquilo de que o público quer falar, quanto mais comentários provocar, mais valor tem”; A melhor notícia é a que interessa ao maior número de leitores” (2009, p. 22). Sodré afirma que todas essas definições são precárias:

Na realidade, não são propriamente definições, mas descrições de uma prática profissional. O autor do texto, um profissional de informação jornalística diz preferir a primeira. Mas é, no fundo, uma preferência esteticamente orientada (subjetiva, afinada apenas com o gosto prático), de escasso valor cognitivo, assim como muitas outras escolhas possíveis dentro dessa mesma perspectiva, só que geralmente insuficientes para dar conta desse gênero informativo. (p. 22)

O que caracterizaria, então, a notícia? Arbex afirma que “nem sempre são óbvias as razões que consideram um evento como notícia” (2002, p.112). Vários autores se debruçaram sobre essa questão, a fim de definir o principal produto oferecido pelo jornalismo. De maneira geral, há uma concordância de que notícia é um recorte que se faz sobre alguns acontecimentos dentre os tantos que ocorrem simultaneamente no mundo, a fim de torná-los públicos. Se é recorte, já não é espelho. Notícia é, portanto, o fato recortado e mediado. E são esses recortes que nos dão a ideia de mundo que temos a partir de nossas casas. Se, por um lado, o que é recortado e mostrado recebe peso de

verdade, como consequência, conforme afirma Dines, “há um mundo inexistente para cada jornal ou jornalista” (1986, p. 17). Podemos afirmar mais: há vários mundos inexistentes para cada consumidor de notícias.

Sabe-se também que a escolha do que é notícia e da orientação que se dará ao fato noticioso depende de uma enorme gama de fatores, como bagagem pessoal do ou dos jornalistas que realizam determinada cobertura / edição, linha editorial do veículo, tipo de veículo, público-alvo, sistema político, cronograma, fontes e forma como as pautas são aproveitadas, interesses mercadológicos etc.

Sobre a escolha dos assuntos que merecem destaque na publicação, Kunczik confirma que “a seleção de notícias equivale a restringir o volume de informações, o que significa a seleção de assuntos que alguém acha que merecem ser publicados”(2001, p. 236). Para ele, dessa forma, escolhendo que parte da vida será levada ao público, o jornal está ajudando a criar a visão do receptor, contribuindo assim para moldar a imagem que o receptor tem de sua sociedade e de seu mundo. “Por banal que possa parecer essa última asserção, cada decisão de publicar uma determinada matéria implica também a supressão de outra matéria ou matérias”. (KUNCKZIK, 2001, p.237). Kunczik apresenta ainda um estudo segundo o qual apenas 10% das matérias enviadas para um grande jornal são de fato publicadas.

O processo que leva um acontecimento a virar notícia percorre caminhos muitas vezes desconhecidos até mesmo pelos próprios jornalistas que “produzem” as notícias. Ao avaliar os diversos meios de comunicação e concluir que na grande imprensa todos seguem algumas regras comuns para lidar com a notícia, Arbex afirma que as notícias são produzidas para uma mídia “baseada na repetição e na superexposição” (2003, p. IV). Junte-se a isso a pressão do tempo à qual são submetidos jornalistas e editores para que os fechamentos das edições dos jornais de TV e impressos se deem cada vez mais rapidamente, às redações cada vez mais reduzidas e temos o cenário perfeito para que, segundo Arbex, o abuso de clichês seja visto, mesmo por quem trabalha a notícia, como bem mais fácil e menos arriscado que opções mais complexas.

Ao buscar definir o que é notícia e ensinar como se chegar aos noticiários, o livro *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia* (DUARTE, 2002), uma espécie

de manual para assessores de imprensa que pretendem ter suas pautas vinculadas nos meios de comunicação, afirma:

uma redação não é o único lugar onde se decide o destino de determinada notícia. Entre a ocorrência de um fato e sua divulgação pela imprensa, existem inúmeros canais intermediários (sociedades, empresas, igreja, sindicatos etc), que influenciam na decisão de se dar ou não determinada notícia (SEABRA *in* DUARTE, 2002 p. 106).

Ao contar a rotina de um grande jornal, dando um exemplo de uma redação hipotética, baseada nas redações reais, Seabra afirma que “todos os dias uma romaria de assessores, relações públicas, divulgadores culturais e pessoas de diferentes áreas procuram o jornal para tentar encaixar uma pauta” (SEABRA *in* DUARTE, 2002, p.113). Segundo ele, mais da metade não consegue nenhum espaço no jornal, “cerca de 40% conquistam, a muito custo, uma notinha na seção de serviços ou nas colunas especializadas e uma minoria privilegiada consegue pautar o jornal”.

Mas como gerar esse interesse da imprensa? Como tornar uma pauta interessante a ponto de merecer algum destaque? Ao analisar o interesse que os grandes veículos de comunicação têm por determinado assunto em detrimento de outros, Traquina (2002) afirma que a escolha dos assuntos que devem entrar em pauta é tomada considerando-se que “o jornalismo tenderá a realçar os elementos extraordinários, dramáticos e trágicos da notícia [...] acontecimentos que tenham um número desses valores-notícia terão maior potencial noticioso que outros” (TRAQUINA, 2002, p. 164). Ainda sobre essa questão da busca pela atenção da imprensa e da criação de fatos “noticiáveis”, deve-se atentar para os critérios de seleção e interpretação que

são sempre ideologicamente orientados. Esse percurso de produção do noticiário cria mediações entre a realidade e o noticiário que funcionam como filtros dos acontecimentos. O primeiro filtro é a pauta [...] uma seleção dos assuntos considerados importantes, pinçados do universo quase infinito dos acontecimentos cotidianos. (MAGNOLI, 1996, p.18 apud SEABRA, 2002, p.114-115).

Cabe aqui citar como a própria mídia, internamente, vê a questão do recorte da realidade. Segundo o Manual da Folha de S. Paulo,

Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Contudo, isso não o exime de ser o mais objetivo possível (Folha de S. Paulo, 1992)

Ainda segundo o Kunckzic, a seleção dos eventos que se tornarão notícia leva em conta um curto espaço de tempo:

Os órgãos informativos dos fatos do dia, ao selecionar os assuntos que serão notícia mediante sua divulgação pelos meios de comunicação de massa se concentram em eventos de curta duração, que tenham alguma relação com um círculo determinado de receptores, em outras palavras, realizam uma seleção de notícias baseados em uma orientação local ou etnocêntrica de fatos que não se encontram longe no passado, mas preferencialmente, fatos do dia”. (2002, p. 243)

Para Chaparro, o atributo de definição do jornalismo é o “interesse”. Segundo ele,

Só é notícia o relato que projeta interesses, desperta interesses ou responde a interesses. Esse atributo de definição pode alcançar maior ou menor intensidade, dependendo da existência, em maior ou menor grau, de atributos de relevância do conteúdo. (1994, p. 119)

Atualidade e proximidade/ interesse público e/ou interesse do público estão entre os fatores determinantes para a publicação ou não de um acontecimento, ou seja para a transformação do acontecimento em notícia, conforme vários autores que buscaram sobre a compreensão do jornalismo.

A partir da análise da mídia, Chaparro (1994, pp. 120 - 123) elenca alguns atributos dos acontecimentos que são utilizados pelos meios de comunicação na definição do que deve ou não se transformar em notícia e ganhar visibilidade. São eles:

**a. Atributos de maior relevância:**

- Proximidade em relação ao mundo presente das pessoas;
- Consequências dos fatos relatados;
- Conflito(s) envolvidos na história relatada ou comentada;
- Notoriedade de protagonistas, vítimas, temas, coisas e lugares.

**b. Atributos de relevância média:**

- Oferta de conhecimento;
- Valorização do componente surpresa nas razões ou manifestações do acontecimento;
- Utilidade das informações;
- Dramaticidade dos fatos e das circunstâncias.

**c. Atributos de relevância localizada em determinados conteúdos, mas que, se bem explorados, podem aumentar o nível de interesse de muitas notícias:**

- Caráter Inusitado ou Insólito de certos fatos;
- Suspense de certos acontecimentos ou na forma de relatá-los.

Já para Fraser Bond (1962), um dos primeiros estudiosos a buscar compreender os caminhos percorridos do fato à notícia, os elementos de interesse para o público consumidor de notícia podem ser assim elencados:

**1. Interesse próprio**

**2. Dinheiro**

3. Sexo
- 4. Conflitos**
- 5. O incomum**
- 6. Culto ao herói e à fama**
- 7. Expectativa (salvamentos, por exemplo)**
- 8. Interesse humano (amor, piedade, horror, simpatia – homens e também animais)**
- 9. Acontecimentos que afetam grandes grupos organizados**
- 10. Disputa (esportes, guerras etc)**
11. Descoberta ou invenção
- 12. Crime (as melhores histórias de crimes congregam outros valores citados anteriormente)**

Ainda segundo ele, as notícias são selecionadas e destacadas pelos veículos de comunicação seguindo alguns critérios:

1. Pessoas de destaque
- 2. O incomum (o que não poderia acontecer, mas acontece)**
- 3. Qualquer coisa que afete o governo**
- 4. Qualquer coisa que afete diretamente o bolso**
- 5. Injustiça, algo que provoque a indignação**
- 6. Catástrofes**
- 7. Qualquer coisa envolvendo consequências universais**
- 8. Qualquer coisa com grande poder de provocar emoções no leitor – boas ou ruins**
- 9. Qualquer acontecimento que interesse a um grande número de pessoas**

**10. Qualquer coisa que se relacione a grandes somas de dinheiro**

**11. Descobertas em qualquer setor ou a primeira vez que uma coisa é feita**

**12. Assassinatos**

Esses dois autores se debruçaram sobre a questão ora analisada em épocas distintas. Há ainda vários outros pesquisadores que analisam o que leva algo a se transformar em notícia. No entanto, vemos que as semelhanças entre algumas das características percebidas pelos dois são muito grandes e servem, portanto, como ferramentas para verificarmos a construção de notícias acerca do assunto focado nesta tese: o terrorismo na mídia. O que leva um acontecimento a ser transformado em notícia e, portanto, passar a existir de uma determinada forma para um grande número de pessoas? Foi isso que tentamos responder aqui, a partir de alguns dos principais autores que procuraram desvendar essa questão.

Vale comentar, retomando pontos discutidos anteriormente, que o principal elemento caracterizador da notícia, a atualidade, atende à necessidade de constante renovação do homem moderno, que vive num mundo em que o novo tem muito valor. Por interesse público, entenda-se os assuntos que podem interferir diretamente na vida dos consumidores de notícias, trazendo repercussões para seu cotidiano. Interesse do público envolve questões que não teriam influência direta sobre sua vida, mas que ganham destaque pela curiosidade, pelo inusitado e por outros fatores que discutiremos mais adiante, como a necessidade do consumo de violência. Além disso, a mistura entre interesse público e interesse do público como fatores para a definição do que é notícia aponta para aquilo que afirmamos anteriormente, quando, a partir de conceitos de Morin (2005) e Debord (2006), verificamos que, nos meios de comunicação de massa, informação e entretenimento se misturam e, por vezes, se confundem.

Disputa, crime, violência e emoção aparecem como critérios ou fatores de noticiabilidade em praticamente todas as definições aqui elencadas. Não é sem motivo que os atentados terroristas – e a sua simples ameaça - se estabeleçam como grandes fornecedores de notícias para a mídia. Eles agregam vários desses elementos simultaneamente, além de terem uma carga considerável de interesse público (a ideia de

que qualquer um pode ser a próxima vítima e as consequências a curto, médio e longo prazos para os países e regiões afetados são alguns dos pontos que ampliam esse interesse público) e de interesse do público (a curiosidade causada por esses eventos, a comoção com as histórias das vítimas, os detalhes assustadores das ações e o nível de maldade dos protagonistas alimentam esse interesse).

O item “disputa” tem também um papel crucial na construção das notícias acerca do terrorismo. No próximo capítulo veremos como as ações relacionadas ao terrorismo aparecem como jogos do bem contra o mal na cobertura midiática. Na mídia, a cobertura de disputas vai desde o grande espaço dados a temas como esportes, eleições entre outros, até a construção das imagens das guerras e dos atentados terroristas. Em geral, a cobertura jornalística não apenas fala das disputas como, na maioria das vezes, ainda que de forma velada, toma partido de um lado. Como já vimos, o processo de maniqueização, presente na origem da cultura e retomado como elemento de grande importância na cultura de massas, tem enorme relevância na criação da imagem que construímos acerca “do outro”. O outro, o desconhecido, o diferente, o que amedronta, o que pode me destruir e que é assim apresentado pela cobertura jornalística acerca do fato.

Conforme já explicamos, de acordo com Morin (2005) e Debord (2006), no cenário contemporâneo da mídia ocidental, há uma simplificação dos inimigos e a transformação do outro no mau e na causa de todo o mal. Foi assim com a construção da imagem dos soviéticos durante a Guerra Fria e é assim com a imagem generalizada dos muçulmanos que corre pelos nossos veículos de comunicação. A parte é vista pelo todo, como bem cabe à cultura de massas.

### **2.2.1. Crime, sangue, violência**

Crime e violência figuram entre os temas de maior relevância na cobertura do jornalismo. Particularmente no caso do tema aqui estudado, vale a pena um aprofundamento maior para compreender as motivações para que esses assuntos sejam

tão recorrentes e, portanto, para que sirvam como ferramentas para a visibilidade buscada pelos agentes do terrorismo.

Para Girard (1990), amamos a violência da mesma forma que a repudiamos. O autor acredita que a violência está presente em todo ser humano – assim como já estava presente no homem antes da criação da cultura. Ela seria uma necessidade para nossa sobrevivência – nossos antepassados precisavam caçar e fugir de predadores. Precisavam garantir território e alimento. Assim como acontece com outros animais, o instinto da violência facilitava nossa sobrevivência e teria sido fator crucial para nosso desenvolvimento. Segundo Girard,

Estudos recentes sugerem que os mecanismos fisiológicos da violência pouco variam de indivíduo para indivíduo ou mesmo de cultura para cultura. Segundo Antony Storr, em *Human Aggression*, nada é mais parecido com um gato ou um homem encolerizados que um outro gato ou um outro homem encolerizado. (GIRARD, 1990, p.12 - grifo do autor)

E se pensarmos na violência como indispensável e fator preponderante à sobrevivência de nossos antepassados, podemos concluir que somos descendentes exatamente dos grupos unidos com mais instintos e impulsos violentos que povoaram o mundo no passado. Ao construir a cultura e civilizar-se o homem não conseguiu se livrar de seus instintos violentos, mas também não poderia lidar com eles abertamente, sob pena de desestabilizar toda a ordem criada. A solução foi canalizar a violência a fim de controlá-la. Segundo Girard, a violência natural do ser humano só é canalizada quando há uma válvula de escape.

A violência não saciada procura e sempre acaba por encontrar uma vítima alternativa. A criatura que excitava sua fúria é repentinamente substituída por outra, que não possui característica alguma que atraia sobre si a ira do violento, a não ser o fato de ser vulnerável e de estar a seu alcance (GIRARD, 1990, p. 13)

Ele aponta os rituais de sacrifício como a solução alternativa encontrada pela humanidade para extravasar a necessidade da violência inata. Essas vítimas dos sacrifícios podem ser outros seres humanos ou animais. Durante toda a história da humanidade há inúmeros episódios de grupos que sacrificavam crianças, virgens, inimigos ou mesmo carneiros e galinhas com o intuito de apaziguar a fúria dos deuses, quando oferecidos a eles. Para Girard, no fundo esses rituais aplacariam de fato não a fúria de deuses ávidos por sangue, mas a fúria dos próprios homens, que canalizavam sua violência para as arenas e os altares onde aconteciam os rituais, numa abstração daqueles para quem gostaria de direcionar a violência. Os deuses seriam, então, apenas um reflexo dos desejos culturalmente controlados dos humanos. Dessa forma, a multidão sentia-se aliviada coletivamente, favorecendo a organização pacífica e cotidiana e, conseqüentemente, ajudando na manutenção da ordem social.

São grandes os números de registros de grupos sociais que realizavam sacrifícios para agradar aos deuses ao longo da história da humanidade. Dos hebreus, aos índios das Américas pré-colombianas, os rituais violentos e sangrentos com a utilização de vítimas alternativas para expiar o mal e aplacar a fúria dos deuses eram práticas comuns. A expressão “bode expiatório”, aliás, vem exatamente daí: segundo a tradição judaica, os sacerdotes deveriam colocar suas mãos sobre um bode e sacrificá-lo, para que o animal carregasse consigo todos os pecados daquele povo.

Mas, e num mundo dessacralizado como o nosso, esses rituais tenderiam a desaparecer, certo? Em partes. De fato, com exceção de alguns grupos que ainda realizam rituais de sacrifício com intuito sagrado, a grande maioria das pessoas não convive mais com o sangue derramado em nome da pacificação dos deuses. Porém, a violência e o instinto violento há tanto presentes nos homens, não deixaram de existir, eles foram recanalizados de outra forma: hoje, não podemos mais, ou não queremos mais, participar de rituais em praça pública. A ideia de ver o sangue escorrendo na nossa frente não combina com o esclarecimento do homem moderno. Muito menos a ideia de que os deuses ficarão felizes com aquele episódio. Mas continuamos tendo de controlar a violência, que está presente em todos nós muito antes da cultura existir e que não desaparece com ela. Onde buscar, então, o apaziguamento dos desejos violentos? A

solução para isso está, segundo Girard, exatamente no consumo da violência, que passa a se dar pelos meios de comunicação de massa. Os meios de comunicação se transformaram nos altares de sacrifício modernos. Não é necessário sujar as mãos de sangue, não é necessário criar um ritual ao redor do sacrificado. As imagens da violência substituem o ritual e aplacam os desejos violentos da multidão.

Amarrando essa questão com os pontos levantados nos tópicos anteriores, podemos perceber que a violência serve como fermento para a comunicação voltada para as massas por vários motivos:

- a. Há um desejo natural por ela. Ou seja, na raiz da cultura humana existe a necessidade de extravasar o impulso violento. Esse impulso já foi responsável pela sobrevivência de nossa espécie e hoje é controlado e canalizado através dos meios de comunicação de massa. É um instinto, guardado nas camadas mais profundas do humano que serve como fermento para os meios de comunicação contemporâneos.
- b. Pela mídia, a violência pode ser saciada sem que se cometa um crime. Berman, (2005) apresenta uma série de argumentos e exemplos para mostrar como na idade Moderna, o homem passa a buscar a mediação daquilo que deseja, mas não quer fazer com as próprias mãos, pois não combina com o espírito moderno. A violência e a “maldade” estão entre os desejos e necessidades mediados. E nada melhor que os media, os mediadores por natureza, para exercer esse papel.
- c. Se não é mais praticada diretamente, mas é vista e absorvida, a violência é, portanto, consumida. A lógica do consumo é a mesma que alimenta de maneira geral o *mass media*. Amparada, sobretudo, por imagens – que, sendo jornalísticas, ganham caráter de “verdade” – e vista entre um intervalo comercial e outro, a violência torna-se mais um produto vendável. Aliás, um produto que atrai atenção do público, supre suas necessidades e, no final acaba ajudando a vender de sabonetes a planos de previdência.

Assim, a violência é facilmente transformada em espetáculo, com todas as consequências que isso traz. Se, por um lado, o espetáculo serve à necessidade da canalização instintiva dos desejos violentos, por outro, ele banaliza a violência, tornando-a mais um produto a ser consumido. E como todo produto consumível, a demanda por violência é cada vez maior. O espetáculo da violência ou a violência espetacularizada aparecerão em todo tipo de produto da cultura de massas:

O que a diferencia [a cultura de massas] das outras culturas é a exteriorização multiforme, maciça e permanente da violência que jorra dos comics, da televisão, do cinema, dos jornais (sensacionalismo, acidentes, catástrofes), dos livros (série negra, policial, aventura). Bofetadas, golpes, tumultos, batalhas, guerras, explosões, incêndios, erupções, enchentes assaltam sem cessar os homens pacíficos de nossas cidades, como se o excesso de violência consumida pelo espírito compensasse a insuficiência de violência vivida. (MORIN, 2005, p. 114)

Conforme já víamos anteriormente, o jornalismo também é terreno fértil para a propagação dos temas e, sobretudo, das imagens da violência. Não sem motivo ela figura, como vimos anteriormente, quando tratamos dos critérios de noticiabilidade, como um dos principais temas da cobertura jornalística. Como explica Morin,

À proliferação das violências imaginárias se acrescenta a vedetização das violências que explodem na periferia da vida cotidiana sob forma de acidentes, catástrofes, crimes. A imprensa da cultura de massa abre suas colunas para os fatos variados, isto é para os acontecimentos que só se justificam por seu valor emocional (2005, p. 114).

Com o termo “vedetização das violências” Morin se refere à supervalorização da exposição desse assunto e à sua valorização nos produtos midiáticos. Como fruto do capitalismo, a violência na mídia é rapidamente transformada em produto. Se interessa ao público, vende. Se vende, é notícia. O autor afirma ainda que a imprensa capitalista

consome de uma vez só as grandes catástrofes como Fréjus, os grandes atos de sadismos, os raptos, os belos crimes passionais. Através do sensacionalismo, através dessas “esquisitices do comportamento humano que refletem a verdadeira natureza do homem” (DURREL, Mountolive), através do universo do crime, enfim, o leitor redescobre, vivendo-os e realizando-os, seus sonhos menos conscientes. Sádicos, assassinos, “são a personificação de instintos simplesmente reprimidos por outros homens, a encarnação de seus homicídios imaginários, de suas violências sonhadas” (R. MUSIL, L’Homme sans Qualités, II, P. 445). Os grandes criminosos são, portanto, os bodes expiatórios da sociedade. (MORIN, 2005, p. 115)

Para Wainberg, “a violência tem-se revelado capaz de despertar o aparato cognitivo humano de sua apatia costumeira. É por isso um dos principais ingredientes que integra não só as atrações da indústria do entretenimento, mas também e em especial, do jornalismo” (2005, p. 1). Seguindo uma linha parecida com a observada em Girard e Bystrina, o autor afirma ainda que “uma ampla rede de informação arquivada na mente e no ‘espírito’ das pessoas é rapidamente acionada”, o que geraria interesse imediato pelo assunto coberto e a conseqüente expansão dos índices de audiência.

Sangue, corpos feridos ou mortos fazem parte das imagens cotidianas do jornalismo na cobertura do “mundo real”. O consumo dessas imagens midiáticas serviria, na nossa época, para substituir os corpos dos rituais de sacrifício do passado, citados por Girard.

Há mais um ponto interessante a ser observado nessa relação sociedade / mídia / violência: se, por um lado, a violência com as próprias mãos é condenada, por outro, curiosamente, ela passa por um processo de aceitação quando é feita como forma de vingança. Mais que isso: como vimos no capítulo anterior, sangue derramado e consumido na mídia só pode ser vingado com sangue derramado do outro lado. A violência explícita e mostrada nos meios de comunicação atrai o interesse do público ávido por sangue e, ao mesmo tempo, provoca o desejo de vingança. Ou seja, a violência na mídia não apenas aplaca os desejos violentos, mas traz consigo o desejo direto de vingar o sangue derramado. Ainda segundo Girard,

é porque o assassinato horroriza e para evitar que os homens matem que se impõe o dever de vingança. Na verdade, o dever de nunca derramar sangue não é distinto do dever de vingar o sangue derramado. Assim, não basta convencer os homens de que a violência é odiosa para acabar com a vingança. Da mesma maneira que em nossos dias isto não é suficiente para acabar com a guerra. É justamente por estarem convencidos deste fato que os homens consideram seu dever de vingar-se. (GIRARD, 1990, p. 27)

Matar, não pode. A sociedade não permite. É crime, que só pode ser consumido. Mas vingar o sangue derramado dos nossos é mais que uma possibilidade, é um dever. A vingança dá uma razão para a violência e estimula sua execução. Por outro lado, seguindo essa mesma lógica, cada ato violento será vingado e “revingado” infinitamente.

Mais adiante, retomaremos essas questões para entender como se dá a relação e entre terrorismo e jornalismo na mídia contemporânea. Por hora, vamos chamar a atenção para o fato de que o terrorismo é hoje um dos grandes produtores de imagens de violência para a mídia. Obviamente, se violência atrai interesse público e do público, não podemos deixar de observar que essa nada mais é que uma estratégia de comunicação dos terroristas para ganhar espaço e visibilidade, uma visibilidade que não seria possível de outra forma com tanta intensidade: se o público quer violência, a mídia dá isso a ele em troca de audiência. Segundo Rondelli,

a violência aparece não só como mero fenômeno de agressão física, mas também como linguagem, como ato de comunicação. Não por qualquer decisão consciente de suas vítimas ou praticantes, mas por ser a expressão limite de conflitos para cuja solução não se pode contar com formas institucionalizadas de negociação política ou jurídica legítimas (*in PEREIRA et all, orgs., 2000, p. 147*)

Se a violência faz as lentes dos meios de comunicação se voltarem para seu produtor, os terroristas se utilizam dessa tendência para obter o que querem. Nesse ciclo, o terrorismo alimenta a mídia e a mídia alimenta o terrorismo, a partir da disseminação do estado e do sentimento de terror – e do desejo de vingança.

### **2.3. Mídia, pânico e terror**

Como vimos anteriormente, a mídia, diante da necessidade de atingir ao maior número possível de pessoas pauta-se, prioritariamente pelo que é mais comum a todos os que pretende atingir. O material bruto para esse trabalho, seja da ficção, seja do jornalismo está nas camadas mais profundas e complexas da cultura humana, onde os instintos e a cultura se misturam e, por vezes, se confundem. É onde estão os desejos e os medos mais encobertos, que precisam ser controlados e canalizados

Se a violência é tema corriqueiro da mídia, tanto na ficção como na cobertura jornalística, não podemos ignorar que essa violência – ou o medo dela – leva ao pânico, já abordado no capítulo 1 deste trabalho. Segundo Contrera,

também o jornalismo tem deixado clara a sua predileção pelos temas catastróficos e, dentre esses temas eleitos, que poderíamos chamar de “escolhas do fim do mundo”, alguns dos temas mais presentes dizem respeito a motivos míticos que envolvem a figura de pan: catástrofes físicas (e econômicas), acidentes, estilhaçamentos, mortes trágicas, instabilidades, violências, perda de controle etc. (2002, p. 27)

O terrorismo pode ser facilmente enquadrado dentro dessa lógica. É catástrofe física e econômica simultaneamente. Envolve mortes trágicas e imagens de estilhaçamentos, destruição etc. Expõe a possível perda de controle de quem deveria controlar a sociedade. Não sem motivo, o terror gera pânico e sua cobertura alimenta esse pânico. Atos terroristas de grande repercussão provocam a sensação de caos e de quase fim do mundo, como vimos no capítulo anterior: um dos grandes medos da humanidade. O

simples medo do terrorismo, o estado de terror, multiplica infinitamente a ação violenta do terrorista.

Segundo Glassner, “toda análise da cultura do medo que ignora a ação da imprensa ficaria evidentemente incompleta. Entre as diversas instituições com mais culpa por criar e sustentar o pânico, a imprensa ocupa indiscutivelmente um dos primeiros lugares” (2003, p.33).

Ele afirma, porém que, por outro lado, “os jornalistas não só difundem o medo, mas também desmascaram e criticam uns aos outros por assustar o público” (2003, p.33).

O livro de Glassner foi escrito originalmente em 1999, ou seja, antes dos ataques aos EUA. No entanto, naquele momento ele já apontava para a tendência mundial de alimentação do medo que leva ao pânico pelos mais diversos motivos (criminalidade, doenças, decadência moral etc). E, embora a mídia fosse, segundo ele, e já àquela época a principal ferramenta para tal expansão do medo, essa tendência era estimulada e acabava beneficiando outros segmentos da sociedade, como o governo, a indústria bélica e farmacêutica, e mesmo a religião. Se retomarmos aqui os conceitos de Berman (2005) e Bauman (2001 e 2008), veremos que quando o mundo onde o “tudo que é sólido desmancha no ar” se apresenta em sua fase mais exagerada e acelerada, num mundo onde tudo é concreto se liquefaz, e especialmente as certezas deixam de ser tão seguras, a presença do medo permanente e da criação do pânico em alguns momentos acaba sendo algo até natural. Se não se pode acreditar com absoluta segurança em nada, qualquer coisa pode se tornar ameaçadora.

O consumo da violência e dos assuntos catastróficos acaba por se tornar uma via de mão dupla: se, por um lado, o espectador supre sua necessidade instintiva de violência, conforme apontado por Girard, por outro, ele alimenta seu inconsciente com a ideia de que a violência está presente e que qualquer um pode ser a próxima vítima. Voltando ao conceito de vitimização arbitrária, pressuposto nas iniciativas terroristas, vemos que o ciclo se fecha: o consumo da violência se tornou uma necessidade numa sociedade que transforma tudo em espetáculo e onde não se pode e não se quer cometer atos violentos com as próprias mãos. Ao transmitir imagens violentas, os meios de comunicação suprem essa necessidade e, ao mesmo tempo, alimentam no público o medo da

violência. Atos terroristas são atos de violência cometidos contra vítimas aleatórias. Numa população que já tem medo da violência, os atos terroristas acabam sendo cometidos, simbolicamente, contra todos que pertencem àquele grupo.

### **2.3.1. A proliferação das imagens do terror**

Segundo Benjamin (2000) vivemos a era da reprodutibilidade técnica. Ele afirma isso ao explicar como as técnicas de reprodução e proliferação de textos e imagens modifica nossa forma de ver e lidar com o mundo. A ideia que acabou se tornando um marco dentro dos estudos de comunicação, serve perfeitamente para compreendermos os efeitos da reprodução das imagens na construção do discurso do terror e nas estratégias dos terroristas. O processo de proliferação de imagens caminhou lado a lado com o desenvolvimento do homem moderno e com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação. Como já vimos anteriormente e neste capítulo, tão importante quanto o desenvolvimento das ideias de liberdade e capacidade de criar e mudar do homem moderno é a sua necessidade de ver e ser visto. A visibilidade de si mesmo e das suas ideias e o *voyerismo* sobre o outro fazem parte daquilo que chamamos de “espírito moderno”. Não sem motivo esse mesmo homem buscou tecnologias que permitissem ampliar o ver e ser visto. A evolução dos meios de comunicação se deu, portanto, em sentido favorável ao desenvolvimento e à proliferação das imagens. Dos jornais com longos textos e pouquíssimos desenhos, ao ritmo frenético da proliferação das imagens nos sites de Internet, caminhamos a passos largos na busca pela visibilidade e por ver o outro. Ser visível, ser visto, é ser moderno, conforme conceitos de Berman, apresentados no início deste capítulo. E dar visibilidade é transformar tudo em espetáculo a ser consumido, conforme explicou Debord. O caminho trilhado pelas imagens não poderia ser outro. Hoje, vivemos um momento em que as imagens dominam todos os espaços e ocupam mais espaços que aquilo que costumamos chamar de “mundo real”. O filósofo Ludwig Feuerbach, já no SÉC. XIX, apontava: “nosso tempo, sem dúvida... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser...” (*in* DEBORD, 2006, p. 5)

Para Baitello, a apropriação humana das imagens se tornou algo tão grande e corriqueiro, que as imagens passaram a se apropriar dos homens. Hoje, os homens consomem imagens e são consumidos por elas, já que querem, eles próprios, se transformar em imagens ou serem como as imagens que consomem. (BAITELLO Jr. 2005). As imagens teriam, portanto, ocupado o lugar da vida e sua proliferação exagerada e cada vez mais rápida estaria substituindo as reais vivências e percepções em relação ao mundo. Numa época em que, portanto, “parecer” é mais importante que “ser”, nossa relação com o mundo é feita pelo consumo de imagens e pela transformação do próprio homem em imagem.

Para Debord (2006), a imagem se transformou em algo mais importante que o próprio objeto.

As imagens fluem desligadas de cada aspecto da vida e fundem-se num curso comum, de forma que a unidade da vida não mais pode ser restabelecida. A realidade considerada *parcialmente* reflete em sua própria unidade geral um pseudo mundo à *parte*, objeto de pura contemplação. A especialização das imagens do mundo acaba numa imagem autonomizada, onde o mentiroso mente a si próprio. (DEBORD, 2006, p.10 – grifos do autor)

Sabemos que a imagem é a primeira aparência da informação (às vezes, a única, quando se abre mão da leitura do texto que a acompanha, por exemplo), aquela que se antecipa aos demais códigos e que cria o estado de ânimo, a ambientação e a predisposição do receptor. Assim também com as imagens da violência: ao serem expandidas infinitamente, elas se multiplicam, o que multiplica a ação do terror. Um prédio em chamas não é apenas um prédio em chamas quando cai nas mãos da cobertura midiática. Ele será tantos prédios em chamas quanto a cobertura jornalística fizer ser através das imagens e a reprodução desse prédio em chamas durante dias, fará com que o incêndio perdure, na percepção dos consumidores de notícias, pelo tempo em que a imagem permanecer na mídia. A proliferação exagerada de imagens serviria, portanto, às intenções dos atos dos terroristas que buscam exatamente visibilidade. E, por que não

afirmar: a proliferação das imagens atende aos interesses daqueles que querem manter o estado de terror por questões políticas e de dominância. Quanto mais imagens do terrorismo, mais pânico espalhado, mais a população se sente desamparada e clama pelo amparo daqueles que podem livra-la do mal. Por outro lado, essas imagens serão reproduzidas enquanto houver público para consumi-las e, conseqüentemente, anunciantes dispostos a colocar seu dinheiro naquele veículo de comunicação a fim de captar a atenção e o dinheiro do consumidor – de imagens da violência e de produtos de todos os tipos.

A sociedade do espetáculo é, portanto, a sociedade das imagens. Segundo Debord, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens” (2006, p. 10)

## **2.4. Do fato à capa**

Neste capítulo procuramos traçar os elementos envolvidos na construção midiática da violência. Eles servirão mais adiante para compreendermos a cobertura jornalística sobre os principais atos terroristas do Séc. XXI. Partimos do macro, da mudança nos paradigmas da sociedade que acontece com o fim da Idade Média, procuramos passear brevemente pela história dos meios de comunicação que surgem como consequência e como alimentadores desse processo de transformações, verificamos como, a partir de tendências da modernidade, as imagens se proliferam e também como se dá a construção de notícias nesse cenário e chegamos à questão da violência como uma das principais alimentadoras dos meios de comunicação e, sobretudo, dos produtos jornalísticos contemporâneos. A partir disso, podemos tirar algumas conclusões acerca do terrorismo na mídia:

- as imagens do terrorismo são remédios para apaziguar os ânimos dos consumidores ávidos por sangue – e, depois, por vingança. Neste caso, a mídia serve como o altar de sacrifício de nossos tempos.

- porém, quem consome violência acaba sendo consumido por ela. Ao mesmo tempo em que apaziguam o desejo violento, as imagens do terror espalham o sentimento de que qualquer um pode ser a próxima vítima. Isso gera o pânico, que pode gerar o caos.

- a cobertura jornalística atende às intenções dos terroristas, que encontram na violência e na manutenção da sua ameaça, uma forma de visibilidade que não seria possível de outro jeito.

- essa cobertura atende, simultaneamente, à lógica do consumo e à manutenção da ordem e do sentimento de desamparo, o que torna as instituições necessárias e favorece a manutenção do poder.

Uma lógica complexa e contraditória, que:

- parte dos desejos mais secretos dos humanos do Sec. XXI, tão civilizados e tecnológicos, mas que guardam em suas raízes uma violência inata e controlada artificialmente.

- alimenta o medo, também controlado artificialmente, de que o mundo pode não ser tão organizado como se pensava e que qualquer um pode se tornar produto a ser consumido na mídia após ser vítima de um ato de violência aleatória. O ato terrorista traz à tona a fragilidade dos sistemas criados pela cultura – políticos, econômicos, sociais. Consumimos a violência provocada pelo terrorismo, enquanto o estado de terror nos consome.

- a visibilidade gerada pela propagação, sobretudo de imagens dos atos terroristas, favorece o fortalecimento do terrorismo. Exatamente o que objetivam os organizadores de tais atos.

- a sensação permanente de medo fortalece aqueles que se dizem – ou se mostram – responsáveis pela manutenção da ordem e pela proteção das estruturas sociais.

O papel da mídia jornalística, neste caso, ao repercutir a violência, segue em todas as direções: oferece material a ser consumido pela população ávida por violência, alimenta o pânico, serve aos interesses dos organizadores dos atos terroristas, que são montados como espetáculos para atenderem aos interesses de audiência do jornalismo e dos

anunciantes, cria a sensação de desamparo, que favorece a permanência da organização política que promete proteção – e, de forma velada, atende aos desejos de vingança do público.

## [ TRÊS ]

### **Terrorismo, terror e aterrorizados:**

#### **Da clandestinidade do Séc. XX ao espetáculo do 11 de setembro de 2001**

Neste capítulo, fazemos uma análise da cobertura da mídia brasileira acerca do terrorismo. Partimos de uma análise geral sobre a utilização / formação dos conceitos de terror e terrorismo pela cobertura jornalística brasileira dos anos 1920 até os atentados de 11 de setembro de 2001 em Nova York, evento considerado um marco na construção dos atentados terroristas e também na forma como o terrorismo passou a ser encarado em boa parte do mundo.

Para a primeira parte do capítulo, fizemos uma análise geral, focando em alguns períodos específicos da história do Brasil, nos quais o tema terrorismo recebeu destaque. Já no caso de 11 de setembro buscamos nos aprofundar em como o jornalismo cobriu a data, a fim de entendermos as estruturas que estão por trás das escolhas dos veículos de comunicação na abordagem do nosso tema central.

Elegemos para nossos estudos, prioritariamente, o jornal *Folha de S. Paulo*, a revista semanal *Veja* e seus respectivos sites. Além deles, trouxemos principalmente, a título de comparação, outros veículos, alguns estrangeiros, que foram utilizados para contextualizar alguns dados abordados.

As informações levantadas nos capítulos 1 e 2 deste trabalho foram agora retomadas, a fim de se compreender como elementos profundos da cultura e critérios de noticiabilidade do Séc. XXI ajudam simultaneamente a construir a cobertura acerca do terrorismo e a conseqüente expansão do terror.

### **3.1. O terrorismo na mídia brasileira**

Para começar, fizemos um levantamento histórico em dois dos principais veículos de comunicação do Brasil, a *Folha de S. Paulo* e a Revista *Veja*, a fim de compreender como as palavras terrorismo/terrorista foram usadas ao longo da história das publicações. Verificamos ainda o tratamento que foi dado às imagens do terrorismo ao longo desses anos.

Não pretendemos aqui, obviamente, nos aprofundar nessas questões históricas que permeiam as matérias selecionadas. Sabemos que isso, por si só, para ser compreendido em profundidade, mereceria uma investigação inteira. Queremos, porém, apenas verificar quantitativamente e, por vezes, qualitativamente, como se deu a incidência da cobertura sobre o terrorismo e pontos semelhantes no discurso de cada período dos veículos. A intenção foi compreender como a ideia de terrorismo e terrorista aparece ao longo da história de nossa imprensa para, mais adiante, compararmos à cobertura feita nos dias atuais.

A *Folha de S. Paulo* foi escolhida por ser o grande jornal impresso de maior circulação no Brasil. Segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC), órgão responsável por auditar as tiragens das publicações no Brasil, em julho de 2012 a circulação paga da *Folha* foi de 292.251 exemplares em dias úteis e 320.504 exemplares aos domingos. A *Folha* nasceu em 1921, com a criação do jornal *Folha da Noite*. Em julho de 1925 foi criado o jornal *Folha da Manhã*, edição matutina da *Folha da Noite*. A *Folha da Tarde* foi inaugurada em 1949. Em 1º de janeiro de 1960, os três títulos da se fundiram e surgiu a *Folha de S. Paulo*.

A revista *Veja* foi criada por Victor Civita e Mino Carta em 1968. É considerada a revista semanal mais importante do Brasil, tanto em repercussão, quanto em número de

exemplares (são, segundo o IVC, mais de 1.200.000 exemplares por semana). É a quarta maior revista informativa semanal em circulação no mundo, ficando atrás apenas da Time, da Newsweek e da US News & World Report.

### 3.1.1. O terror em números e fatos

A análise da *Folha* e de *Veja* foi feita a partir do levantamento de todas as matérias que traziam notícias sobre terror, terrorismo ou terroristas no sentido aqui pesquisado. Foram excluídas matérias que utilizavam um desses termos como ilustração, por exemplo, para um desfile de moda. No caso da *Folha*, contabilizamos, a partir de ferramentas dadas pelo acervo digital do jornal, o número de aparições do termo e procuramos entender seu uso de acordo com a época na qual as matérias foram publicadas. Observamos também como a matéria se encaixava na edição do jornal e a presença ou não de imagens. No caso da *Veja*, fizemos uma análise parecida, sem, no entanto, contabilizar a presença da palavra. Escolhemos para analisar períodos em que a incidência dos termos pesquisados aumentou ou diminuiu muito em relação ao período anterior e procuramos compreender as motivações disso, o que nos permitiu, então entender os efeitos e as intenções da utilização desses termos. Abaixo de cada constatação estão exemplos de matérias que ilustram as conclusões.

Vejamos os números da *Folha*, começando pela *Folha da Manhã* e chegando à *Folha de S. Paulo*. A lista a seguir se refere ao número de páginas que trouxeram matérias com as palavras terrorismo e/ou terrorista a cada ano:

***Folha da Manhã*** – 1927 4 páginas/ 1928 6 páginas/ 1929 3 páginas/ 1930 3 páginas / 1931 13 páginas / 1932 17 páginas / 1933 18 páginas / 1934 70 páginas /1935 9 páginas/ 1936 16 páginas/ 1937 36 páginas/ 1938 33 páginas/ 1939 27 páginas/ 1940 8 páginas/ 1941 34 páginas /1942 30 páginas / 1943 13 páginas / 1944 18 páginas / 1945 3 páginas / 1946 35 páginas / 1947 42 páginas / 1948 24 páginas / 1949 11 páginas / 1950 5 páginas / 1951 1 página / 1952 11 páginas / 1953 15 páginas / 1954 28 páginas / 1955 33 páginas / 1956 29 páginas / 1957 21 páginas /1958 43 páginas / 1959 27 páginas

**Folha de S. Paulo** - 1965 79 páginas / 1966 41 páginas / 1967 47 páginas / 1968 186 / páginas / 1969 146 páginas / 1970 263 páginas / 1971 242 páginas / 1972 183 páginas / 1973 185 páginas / 1974 171 páginas / 1975 327 páginas / 1976 244 páginas / 1977 340 páginas / 1978 476 páginas / 1979 430 páginas / 1980 537 páginas / 1981 618 páginas / 1982 399 páginas / 1983 288 páginas / 1984 393 páginas / 1985 302 páginas / 1986 425 páginas / 1987 241 páginas / 1988 332 páginas / 1989 203 páginas / 1990 162 páginas / 1991 202 páginas / 1992 130 páginas / 1993 173 páginas / 1994 190 páginas / 1995 160 páginas / 1996 254 páginas / 1997 216 páginas / 1998 225 páginas / 1999 185 páginas / 2000 229 páginas / 2001 1.081 páginas / 2002 764 páginas / 2003 820 páginas / 2004 914 páginas / 2005 678 páginas / 2006 619 páginas / 2007 470 páginas / 2008 518 páginas / 2009 407 páginas / 2010 319 páginas / 2011 214 páginas (até agosto de 2012)

### 3.1.2. O terror no passado

A primeira questão que salta aos olhos quando nos deparamos com os números da *Folha* são os períodos em que as palavras terrorismo e terrorista ganham mais destaque. Em 1930, o jornal *Folha* da Manhã publicou apenas três matérias abordando esses assuntos. Já em 1934, início do Governo Vargas, foram publicadas 70 matérias sobre essa temática. Abaixo, um exemplo de matéria retirada no jornal *Folha da Manhã*, publicada em 10 de janeiro de 1934:

<p>Ora, quem não trabalha por nenhum dos motivos acima enunciados, não está em exercício. E lógico. E se não está em exercício, é evidente que não passa de uma perigosa originalidade essa de incluí-lo numa lista em que os funcionários figuram na ordem dos annos dedicados á causa da justiça. A originalidade é tanto mais perigosa quanto é certo que reverte em prejuizo dos collegas que foram collocados na mencionada lista para effeito de promoções. Se o criterio da antiguidade fosse o unico a ser seguido no caso de uma promoção, chegaríamos a este absurdo: o primeiro indicado ao governo para o aproveitamento em posto superior seria um magistrado que ha mais de quinze annos está sem exercicio na magistratura...</p> <p>E' absurdo, repetimos, mas é o que faz suppr o criterio adoptado na organização da lista de antiguidade dos juizes paulistas.</p>	<p>...deres estaduais e locais, que a ella estão ligados urubillicamente.</p> <p style="text-align: center;">—</p> <p><b>DICTADURA NA HESPANHA?</b></p> <p>A Republica hespanhola existe apenas ha pouco mais de dois annos e oito mezes. Mas, nessa curta trajetoria em sua existencia democratica, quatro explosões anarchistas ameaçaram a estabilidade de suas instituições.</p> <p>Diante de tanta reacção contra o Estado democratico, ouvem-se em muitos logares, no seio mesmo de seus pensadores politicos, estas indagações: a liberdade presuncia o caos na Peninsula? Está a Hespanha fadada a volver á dynastia dos Bourbons ou a ser victima eterna de elementos de deliquescencia social?</p> <p>Segundo a opinião de diversos analysts da Hespanha contemporanea, essa vaga de terrorismo só cessará quando o paiz, de uma forma ou de outra, submeter-se de novo á férula de um dictador. Para os povos excessivamente indivi-</p>	<p>fermentos que tendem a decompor-se?</p> <p>O panorama, portanto, de uma nação de 24 milhões de homens, que passaram abruptamente do regime monarchico para o liberalismo democratico, não é animador. Ha quem veja, na ebulção presente, a consequencia da variedade extrema das correntes politicas que se congregaram para abater Afonso XIII. Mas ha outros, talvez mais percutientes, que acreditam ser o perigo <b>terrorista</b> um mal congenito da nação. Esses elementos, como é sabido, têm o controle completo dos fundos da Confederação, cujo rendimento em 1931 attingiu a cerca de 22.000 contos, em nossa moeda! A maior parte desse dinheiro é applicada em compra de armas, munições e pagamento a homens armados, cesaafiando o Estado constituído.</p> <p>O anarchismo, depois que a Catalunha obteve o seu "home rule", é movel, dentro do paiz: não faz o seu quartel general apenas em Barcelona: está agora em Saragoça e em outras partes do territorio.</p> <p>No caldeirão politico e institu-</p>	<p>uma questão de lealdade falar-lhe... Vou falar-lhe de... Clarice.</p> <p>— De Clarice?</p> <p>— Sim, de Clarice.</p> <p>— Mas que é que tem minha mulher? Brigou com ela?</p> <p>— Oh! Isso não seria a minha mulher brigando com o meu maior amigo? Que fomos sempre tão ligados, muito antes de tu nos, sequer, a idéa de nos.</p> <p>— Antes nunca nos ligados tanto!</p> <p>— Ou melhor; antes houvessemos casados.</p> <p>Ora essa! Mas porque?</p> <p>— Tenho mesmo que Vamos! Porque eu...</p> <p>— Diga! Porque você?</p> <p>— Porque eu amo Clarice.</p> <p>— Você ama Clarice? Isso!</p> <p>— E' a verdade. Gosto muito della. E lastime d'tanto de mim mesmo que sua esposa. Porque se isso...</p> <p>— Que é que tinha?</p>
---	---	--	--

Nessa época, as notícias sobre terrorismo baseavam-se em informações sobre atentados terroristas em outros países e a ameaça do terrorismo – que muitas vezes justificaria um

regime ditatorial, como no caso citado acima. A ditadura seria o remédio para resolver o terrorismo, entre outros problemas, e para reestabelecer a ordem no país.

Esse período – 1934 a 1937 - marca a época do Governo Constitucional de Vargas. Foi exatamente o período que preparou terreno para o “Estado Novo”, iniciado em 1937, que trouxe ao Brasil um governo ditatorial exercido pelo próprio Vargas e que durou até 1945. Como podemos ver nos números das páginas anteriores, nos anos que se seguem, a aparição da palavra terrorismo gira em torno de 30 por ano. Após 1949, já dentro de um novo regime democrático no Brasil, o uso das palavras “terrorista” e “terrorismo” decai consideravelmente na *Folha*.

A partir de 1965, já temos a publicação da *Folha de S. Paulo*, um jornal com um número consideravelmente superior de páginas. Nesse ano, os termos selecionados aparecem 79 vezes, já durante a Ditadura Militar brasileira.

**para o problema dos taxis**

“Uma severa fiscalização de rua com 60 homens distribuídos estrategicamente pela cidade, uma autorização para a transferência de al-  
o aumento e adequação das tarifas resolveriam definitivamente o difícil problema dos taxis em São Paulo”, disse ontem o sr. Paulo Ilormos, presidente do Conselho da Adetax — Associação dos Proprietários de Frotas de São Paulo.

Depois da denúncia que apresentou ao secretário Serrulo ou Mota Lima, da Segurança Pública, de que existem pelo menos 18.000 taxis em situação irregular na Capital, o sr. Paulo Ilormos já levou para os domos de frotas uma esperança: compreensão do secretário.

“O que sempre faltou aqui é uma compreensão melhor entre a Prefeitura e o Detran para enfrentar o problema em bases racionais. Nós sempre fomos encarados como marginais, exploradores dos motoristas profissionais, até assassinos, enquanto ninguém tentava ver o problema geral como sendo estrutural”, disse.

Os proprietários de frotas também são atingidos, segundo a Adetax, e por isso se reuniram para pesquisar feticamente e achar

**Tiro na nuca líquida mais dois motoristas**

Dois motoristas de taxi foram assassinados ontem. O primeiro por volta das 6h, perto do Sítio do Beniño, no Estado de Lages, município de Itapeçica. O segundo era Vitor dos Santos Sedini, (rua São Guilherme, 244, Cidade Dutra). Estava caindo no bonco do taxi HA-09-59, numa estrada secundária do bairro de Piraporinha, Santo Amaro.

Souza Neri foi olvejado com um tiro no nuco, o mesmo ocorrendo a Santos Sedini. No carro dia primeiro vítima o Lages, município de Itapeçica. O taxista encontrou apenas os documentos do profissional. O taxista do carro de Sedini morceva Cr\$ 7,80 quando ele foi abatido. A Polícia está disposta a acreditar que ambos os casos sejam resultados de assaltos. Os motoristas teriam sido mortos para evitar futuro reconhecimento, já que os ladrões atacaram à luz do dia.

A Bic lembra a necessidade grande estoque da extraordinária Bic Clic

O preço para o público continua sendo de Cr\$

“Isso foi feito para dar segurança ao usuário e não permitir que seja entregue a qualquer marginal. Mas a realidade é diferente: como não há fiscalização, qualquer um dirige um taxi e ninguém se arrisca hoje em dia a tomar um taxi às altas horas da noite. Há sempre o medo de que o carro esteja nas mãos de um marginal, um louco, um tarado ou um terrorista”, diz o presidente do Conselho da Adetax.

**FALSOS AUTONOMOS**

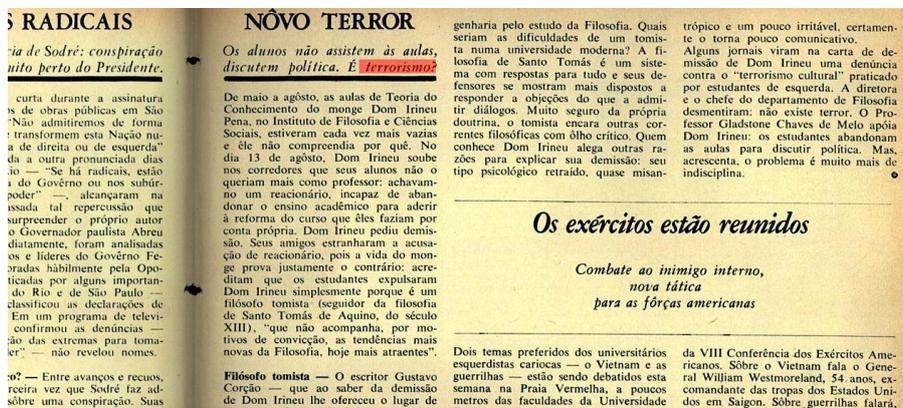


11 de maio de 1972 – p. 11

Na matéria acima, um exemplo de como a ideia de terrorista é utilizada nesse período pela *Folha*, normalmente respaldada por fontes oficiais. A matéria fala sobre como o sistema de controle de taxis, que estava sendo implementado na cidade de São Paulo, daria mais segurança aos usuários, que não correriam o risco de pegar um carro que estivesse “nas mãos de um marginal, um louco, um tarado ou um terrorista”. Ou seja, o medo do terrorista aparecia juntamente com o medo de criminosos em geral.

No ano de 1968 é fundada a revista *Veja*, também analisada neste trabalho. A palavra terrorismo aparece já na primeira edição da revista, associada ao medo do mundo

comunista. O termo volta a aparecer inúmeras vezes ao longo desse ano. Na edição de 25 de setembro de 1968, por exemplo, foi publicada a matéria a seguir:



Fica claro que a própria mídia não sabia quais os limites do que podia ser considerado terrorismo numa época em que até mesmo reuniões de estudantes eram assim classificadas.

No entanto, durante a Ditadura Militar brasileira, o que mais chama a atenção na cobertura de *Veja* são as tentativas de compreender quem ou o que eram os terroristas. Esse foi, inclusive, tema da capa da edição de 13 de agosto de 1968.

Neste momento é curioso observar que tanto *Veja* quanto a *Folha* utilizam poucas fotografias para se referir aos terroristas até, por que eles procuravam se colocar em certa clandestinidade. Neste caso, era comum ao invés de fotos, utilizar ilustrações ou fotos-conceito para as matérias sobre esse assunto. Isso ajudava a criar uma imagem secreta do terrorismo, aumentando a sensação de terror, já que qualquer um poderia ser o terrorista ao lado.



13 de agosto de 1969

A matéria de seis páginas tenta mostrar quem são os terroristas brasileiros e o que querem. Explica também como o governo combate o terrorismo no Brasil. Ainda faz um apanhado dos principais grupos terroristas da América Latina. A revista compra o discurso dos militares e presta um verdadeiro serviço à manutenção do estado de ditadura ao tentar explicar como agem os terroristas. A palavra final está colocada num box intitulado “As teorias sobre explosões” (imagem a seguir). O texto começa perguntando: “o que dizem os teóricos e dirigentes comunistas sobre o terrorismo?” ao invés de responder, a matéria abre espaço para que um técnico do Departamento da Polícia Federal explique porque a polícia condena o terrorismo. Além disso, toda a matéria se baseia em informações da própria polícia. As imagens que ilustram as seis páginas se referem a “atentados supostamente praticados por ‘esquerdistas’”. Ocorre aí além da compra do discurso das autoridades, uma confusão entre militantes de esquerda e terroristas, exatamente segundo os interesses do governo militar.

Assine hoje

**Guanabara e Estado do Rio** — Neste ano houve nos dois Estados 23 assaltos, sendo dezoito atribuídos a grupos subversivos pela Secretaria da Segurança. Total roubado: 1 222 000 cruzeiros



Os bancos, vítimas dos terroristas de esquerda. Os incêndios, ainda um mistério, não se sabe quem os causou

Os atentados: só em São Paulo, em um ano e meio, foram 40, pelo menos metade atribuída aos esquerdistas

Camargo estaria implicado nos assaltos à Caixa Econômica Federal e ao Sulbanco, em junho passado. Embora Edmur seja negro bem escuro de lábios grossos e as testemunhas tenham dito que o assaltante é mulato de lábios finos, o retrato falado foi não mal feito, que acabou coincidindo com as feições do ex-líder sindical. Mas o Secretário da Segurança, Coronel Jaime Mariath, julga que Edmur nada tem mesmo a ver com os assaltos. Em Belo Horizonte, desde que a Organização Político-Militar foi desbaratada, no começo deste ano, não houve mais subversão.

vida é um negócio muito mais importante, exatamente com a

### As teorias sobre explosões

O que dizem os teóricos e dirigentes comunistas sobre o terrorismo? Segundo um técnico do Departamento de Polícia Federal, a ação terrorista, pura e simples, é condenada por eles baseados nas seguintes razões: 1) pelo seu primitivismo, o terrorismo representa, no fundo, a incapacidade para o proselitismo, a arregimentação e o diálogo; 2) por trazer, em geral, noção de golpe, de ação individual ou de um pequeno grupo, propício à criação de heróis, em detrimento da ação coordenada das massas; 3) pelo seu aspecto absolutamente negativo, levando à repulsa da maioria da população e à reação violenta das autoridades, preocupadas com a manutenção do regime e da ordem. Che Guevara, Lênin e Stálin pensavam realmente dessa forma? Segundo Che, a sabotagem é válida, mas não o terrorismo: “O terrorismo e o atentado individual são métodos absolutamente diferentes da sabo-

tagem. Estamos sinceramente cansados de que o terrorismo é negativa que nunca produziu resultados desejados: é ele que pode afetar de um movimento revolucionário mesmo tempo provocar perdas desproporcionais aos resultados. Pode-se recorrer, no entanto, aos indivíduos, mas unicamente nos casos bem particulares, para os chefes da repressão, por exemplo. Mas não se deve, de modo algum, usar material humano especialmente para eliminar um pequeno assalto que pode provocar a eliminação de todos os elementos revolucionários que participam do atentado, sendo vítimas de represálias”. (Claro, “A Guerra de Guerrilhas”, não considerava a preparação da revolução como uma arte onde o terrorismo poderia ter um papel, mas apenas na fase já insurrecional já existia em São Paulo, acusava o Partido Bolchevita

Voltando ao Jornal *Folha de S. Paulo*, a frequência de aparições do termo “terrorismo” vai aumentando e chega a 537 em 1980 e 618 em 1981, ano do atentado do Riocentro. Esse evento foi um dos momentos marcantes do final do regime militar no Brasil. Em 30 de abril de 1981, vinte mil pessoas se reuniam no espaço de eventos para assistir a shows em comemoração ao Dia do Trabalhador, organizados por centrais sindicais. Enquanto a festa acontecia, uma bomba foi detonada dentro de um carro ocupado por dois militares. O sargento Guilherme Pereira do Rosário morreu em decorrência dos ferimentos. O outro ficou gravemente ferido. Ambos foram imediatamente transformados em vítimas de terroristas pelo discurso da imprensa. Soube-se depois que



O que pode-se perceber ao analisar a cobertura midiática do período militar é que o governo brasileiro se utilizou das ameaças terroristas e, portanto, do terror, para dar suporte à sua própria manutenção no poder, particularmente num período em que o regime cambaleava e que as ruas começavam a se encher de pessoas pedindo eleições diretas. As ações dos militares nesse período eram justificadas pela necessidade de dar fim ao terror e àqueles que ameaçavam a ordem. O pânico do caos que poderia surgir caso os perigosos “terroristas” dominassem o país certamente ajudou a respaldar e segurar os militares no poder por tanto tempo.

Além disso, qualquer pessoa e especialmente, qualquer grupo – armado ou não – que se colocasse publicamente – ou não – como contrário ao governo e, sobretudo, que se dispusesse a lutar contra a ditadura, era rapidamente taxado de “terrorista”, o que dava aos militares o direito de se “desfazer” daquela pessoa ou grupo em nome de uma suposta manutenção da ordem pública.

Portanto, de forma indireta, os veículos de comunicação, mesmo aqueles que lutavam contra a ditadura, acabavam por colaborar com a disseminação do discurso militar ao acatar os termos terror, terrorismo e terrorista em suas páginas. Dessa forma, colaborando para a disseminação do medo do caos e, portanto, para o estado de terror da população. Obviamente, nesse período os considerados terroristas atuavam mais e com mais força. No entanto, na maioria das vezes em que o termos aparecem, eles surgem simplesmente como uma ameaça, sem um motivo concreto que justifique a publicação da matéria.

Não sem motivo, a utilização dos termos terrorismo e terrorista volta a decair abruptamente tanto na *Folha* quanto em *Veja* a partir do início dos anos 1990. Na *Folha de S. Paulo*, das 618 páginas em 1981 o número cai para 162 páginas em 1990. Até o final dessa década, marcada pela retomada da democracia no Brasil, o termo irá aparecer em média entre 130 e 220 vezes a cada ano na FSP. Em geral, as matérias sobre terrorismo nesse período estão mais ligadas a ataques fora do Brasil e sem grandes repercussões dentro do país. O terrorismo, nesse período, é tratado como algo distante, que não nos traz risco direto. Recebem destaque atentados provocados, por exemplo, pelo ETA (Pátria Basca e Liberdade), no País Basco, Espanha, e pelo IRA (Exército Republicano Irlandês). Ainda assim, a imagem do terrorista é alimentada. O

terrorista, mesmo distante, continua sendo uma ameaça aos bons e à ordem. Outro ponto importante a ser destacado nas ações dos terroristas do final do Séc. XX é que os grupos responsáveis pelos atentados começam, lentamente, a se mostrar e a assumir publicamente suas ações. Essa tendência da busca pela visibilidade do autor será reforçada no Séc. XXI, como veremos a seguir<sup>1</sup>.

### **3.2. Séc. XXI e o terrorismo de grife**

Até aqui procuramos compreender como a imagem do terrorismo e do terror foram construídas no Brasil desde o início de algumas de nossas principais publicações. Consideramos essa compreensão importante, pois sabemos que a percepção que se tem de algo ou alguém se constrói ao longo de toda a sua história. A imagem do terrorista, particularmente numa época em que as técnicas para reprodução de fotografias e outros tipos de imagens não eram tão simples e disseminadas se construía, em grande parte, a partir do imaginário sobre o desconhecido. Durante muito tempo, o terrorista foi coberto por uma névoa. Ele aparecia como alguém inacessível, que vivia escondido praticando seus atos contra vítimas indefesas. Sabemos que interessava a quem praticava atos terroristas a sua divulgação. Porém, havia uma tendência a procurar a clandestinidade, ao menos nas notícias que a mídia divulgava. Essa tendência ao clandestino a ao desconhecido foi utilizada tanto por meios de comunicação, que se propunham desvendar o mistério do terrorismo, quanto pelos governos – especialmente os ditatoriais – que prometiam salvar a população da ameaça permanente. Dessa forma, o povo estaria protegido contra o caos e a desordem provocados pelos terroristas.

O que verificamos, no entanto, é que a partir do final do Séc. XX e, sobretudo, do início do Séc. XXI ocorre uma mudança na postura dos próprios terroristas que, ao utilizarem a lógica da mídia, passam a oferecer espetáculos “com assinatura” para saciar a sede de boas imagens e boas histórias da imprensa.

---

<sup>1</sup> Até aqui, fizemos uma breve passagem pela história de *Folha e Veja*. Sabemos que não se trata de uma análise completa do assunto, nem dá conta de todos os acontecimentos que envolveram o terrorismo no período. Esse não foi nosso objetivo neste caso. Mas ela nos dá pistas para entendermos alguns pontos importantes para nossas análises.

Entendemos que a proliferação das técnicas, com as fotografias digitais, câmeras de vídeo por todos os lados e a presença maciça da Internet como fonte de informação ajudaram a modificar o comportamento dos organizadores de atos terroristas. A partir do final Séc. XX ocorre, como já vimos no capítulo 2, uma exacerbação das características da modernidade, período considerado por alguns autores como “pós-moderno” e, por outros, como uma continuidade natural do Moderno.

Temos, nessa fase, a ampliação das características que marcam o período Moderno, como a volatilidade, a velocidade e a visibilidade. E isso acontece por causa e para o desenvolvimento das técnicas e ferramentas de comunicação.

A volatilidade, favorecida pela comunicação digital, que acelera a produção e a necessidade de consumo de notícias, abre espaço para uma quantidade maior de informação e favorece a lógica da produção e do consumo exacerbado e cada vez mais veloz de notícias. Amplia-se também a necessidade de visibilidade, que caracteriza o tempo dos espetáculos – do ver e ser visto. É preciso ser visto para existir. O terrorismo do Séc. XXI oferece à mídia e às massas todos os ingredientes necessários a essa produção de notícias.

O que buscamos compreender a seguir é como essas características, que marcam o período Moderno, se amarram às necessidades primárias e pouco percebidas, por estarem encobertas por camada de cultura das multidões de homens e mulheres que compartilham o mundo tecnológico e volátil do Séc. XXI. Uma época em que as necessidades mais básicas e instintivas são atendidas pelo consumo – de produtos, de sensações, de notícias. Vemos ainda como a construção histórica da imagem do terror interfere na percepção da atuação do terrorista e como, hoje, essa mesma imagem é utilizada para a manutenção e o fortalecimento dos poderes vigentes.

Voltando ao nosso levantamento de dados, em todo o ano 2000, foram publicadas 229 páginas contendo os termos terrorismo e terrorista na *Folha de S.Paulo*. Aqui, vale destacar: a queda no número de matérias com os termos pesquisados vai em sentido contrário ao aumento no número de páginas do jornal. Só para se ter uma ideia, a título de comparação, em 6 de janeiro de 1965, uma quarta-feira, a *Folha* inteira tinha 52 páginas totais, incluindo aí o Primeiro Caderno e a Ilustrada. No dia 5 de janeiro de

2000, também uma quarta-feira, o jornal apresentava 78 páginas totais, distribuídas em 6 cadernos.

Mas, a partir de 2001 as palavras “terrorismo” e “terrorista” passam a ganhar destaque novamente, obviamente, em função dos ataques ocorridos em 11 de setembro daquele ano nos EUA. Nesse ano, foram 1.081 páginas com as palavras pesquisadas. Esse número caiu nos anos seguintes, mas continuou muitíssimo acima do que apresentava antes dos atentados a Nova York. Durante toda a década foram publicadas entre 319 (2010) e 914 (2004) páginas com as palavras pesquisadas. Destaques para os anos de 2004 (914 páginas) e 2005 (678 páginas), quando aconteceram, respectivamente, os atentados a Madri e Londres. Em 2006, foi a vez do atentado do PCC em São Paulo. Como já indicamos aqui, percebemos que, apesar das diferentes motivações dos seus organizadores, esse episódio foi tratado pelo jornalismo como terrorismo. Isso fica evidente também quando observamos os números. Em 2006, foram 619 aparições das palavras pesquisadas na *Folha de S.Paulo*, número próximo ao visto no ano do atentado a Londres. A maioria dessas matérias estava vinculada a ataques de grupos criminosos brasileiros.

A partir de agora, nos focaremos na cobertura dos atentados de 11 de setembro de 2001 e seus desdobramentos.

### **3.2.1. O ano que mudou o mundo**

Chegamos, então, em nossas análises, àquele que foi o ano que mudou a forma de se ver e construir o terrorismo. A expressão “ano que mudou o mundo” ou “ano que mudou a história” foi disseminada pela mídia para caracterizar 2001. Passados mais de dez anos desde os atentados aos EUA, a história mostra que aquele episódio traçou o destino e os caminhos de países, dirigentes políticos, investimentos e vidas de pessoas comuns.

O primeiro avião lançado sobre o WTC em Nova York foi uma espécie de mistura de *press release* com evento de grande eficiência no que se refere ao seu poder de comunicação. Isso pode parecer uma brincadeira de mau-gosto, mas, no fundo é uma verdade. Unindo a opinião de vários autores (LORENZON *et* MAWAKDIYE, 2006;

REGO, 1987; e DUARTE, 2002) que pesquisaram e escreveram sobre comunicação organizacional e as estratégias para atrair a atenção do jornalismo, a fim de gerar pautas, chegamos a um resumo do que deve ser feito por um bom assessor de imprensa que queira ver seu cliente na mídia:

- a. Levar aos jornalistas notícias novas;
- b. Disponibilizar informação interessante que possa gerar várias matérias, com vários vieses e possibilidades de suítes;
- c. Produzir imagens de alta qualidade informativa;
- d. Produzir imagens impactantes;
- e. Mostrar que aquilo afeta a vida das pessoas;

Todos esses elementos estavam ali, no material fornecido à mídia pelos chamados terroristas.

Outro ponto importantíssimo para quem trabalha com assessoria de comunicação é saber a hora de produzir um fato e contatar a imprensa para sua cobertura. O momento exato do evento e/ou da abordagem pode definir o sucesso ou o fracasso de uma ação de comunicação.

Tudo isso foi aproveitado pelos terroristas do 11 de setembro. A lógica do mercado de comunicação foi utilizada dentro da estrutura montada pelos próprios veículos de comunicação contemporâneos.

O primeiro avião a atingir o WTC foi, como já afirmamos, uma espécie de press release, que convocou a imprensa a assistir o restante do espetáculo ao vivo. Um avião atingindo um dos principais cartões postais dos EUA não é um fato que pode ser ignorado. Jornalistas do mundo inteiro se voltaram para a torre em chamas e para tentar compreender o que estava acontecendo ali. Isso, por si só, já é um cenário espetacular, que atende a todos os requisitos das informações corporativas de qualidade e, obviamente, se enquadra em vários dos critérios de noticiabilidade que discutimos no capítulo 2. Foram cerca de 20 minutos até o impacto do segundo avião na outra torre. Tempo suficiente para convocar o mundo a olhar para aquele acontecimento espetacular. O choque do segundo avião foi mais que um atentado. Ele foi um aviso de

que as coisas ali não eram acidentais e fez com que a imprensa do mundo todo corresse para descobrir quem seriam os responsáveis por tudo aquilo.

Ou seja, Osama bin Laden e seus seguidores se utilizaram da lógica da imprensa ocidental contemporânea para dar aos jornalistas o que eles queriam e, ao mesmo tempo, alimentaram uma espécie de grife do terrorismo, ao assumirem os atentados que seriam copiados diversas vezes por outros terroristas. Conforme já observamos, diferente do que acontecia no século XX, o terrorismo do Século XXI não quer ficar na clandestinidade. Ele se tornou mais um alimentador do jornalismo-espetáculo e, ao mesmo tempo, passou a se alimentar da visibilidade gerada por seus atos e por uma mídia sedenta por shows ao vivo e de longa duração, num verdadeiro ciclo de interesses. Para Melo Neto,

Os ataques terroristas aos Estados Unidos demonstraram ao mundo o surgimento de um novo tipo de terrorismo. Para o especialista americano Ian O. Lesser, o novo terrorismo tem as seguintes características: utilização de ataques em maior escala com um enorme número de vítimas fatais, escolha de alvos simbólicos e ataques sem objetivos claramente definidos. (2002, p. 28)

Como evento comunicativo, dentro da atual lógica da informação e da construção de notícias, podemos dizer que as ataques às torres gêmeas e os demais ataques que se seguiram (ao Pentágono e a tentativa à Casa Branca) foram muito bem sucedidos. Por outro lado, podemos dizer que como evento noticioso, os ataques também foram favoráveis à mídia, pois nunca tantos aparelhos televisores ficaram ligados simultaneamente no mundo, nem as tiragens dos impressos foram tão altas. Para se ter uma ideia, a audiência do Jornal Nacional da TV Globo foi de 52 pontos, a maior audiência daquele ano, segundo site da própria emissora. Mais profundamente, podemos dizer ainda que os ataques serviram para a promoção do governo dos EUA. Um povo com medo é um povo mais manipulável, já nos mostraram os regimes totalitários no mundo. Criou-se a partir do estado de terror gerado pelos atentados um novo tipo de

ditadura, baseada nas necessidades imperativas de imposição dos estadunidenses sobre o resto do mundo, sob pena de o caos tomar conta, não apenas dos EUA, como de todo o mundo ocidental.

Mas o que fez com que esses eventos pudessem servir como combustível para que o “mundo não fosse mais o mesmo”? Como vimos no capítulo anterior, por trás dos critérios de noticiabilidade da imprensa, do seu uso pela mídia e fora dela e nas reações do público existem medos e necessidades complexos, escondidos sob camadas e mais camadas de história da cultura humana. Nas páginas a seguir, procuramos expor essas camadas e aproximar as origens culturais humanas dos resultados obtidos com os atuais atentados terroristas e sua cobertura midiática.

### **3.2.2. *Folha de S.Paulo, Veja* e a cobertura do 11 de setembro**

A seguir, vemos como foi feita a cobertura do 11 de setembro pelos dois principais veículos analisados neste capítulo: o jornal *Folha de S. Paulo* e a revista *Veja*. Em alguns momentos, nos utilizamos também de outros veículos brasileiros e estrangeiros para ilustrar nossas análises e completar os estudos sobre a cobertura dos atentados. Utilizamos, prioritariamente, as edições imediatamente posteriores aos atentados, no caso da *Folha*, a principal edição analisada foi a de 12 de setembro, dia seguinte aos ataques. No caso de *Veja*, foi a edição da semana seguinte, com data de capa de 19 de setembro de 2001. Nossa intenção foi compreender como se deu a cobertura imediata dos ataques para verificar como, ainda sob o impacto das emoções provocadas pelos eventos catastróficos, o jornalismo se pautou e organizou suas informações. Acreditamos que esse primeiro momento é terreno fértil para o afloramento de preconceitos e de sentimentos sobre os quais não se tem controle. E são esses mesmos preconceitos e sentimentos, após solidificados pela divulgação jornalística, que irão alimentar a cobertura posterior dos desdobramentos dos fatos.

## a. O princípio do fim

Para começar, analisamos as capas das edições imediatamente pós atentados tanto da *Folha* quanto de *Veja* e também de outros veículos. A capa deve ser entendida como o principal mecanismo de venda de uma publicação. Na maioria das vezes, é ela quem faz o leitor comprar ou não determinado jornal ou revista, é ela quem fisga o olhar do leitor e faz com esta publicação seja escolhida em detrimento de outra. E essa escolha, quando em uma banca de jornais, é feita em menos de cinco segundos (ALI, 2009, p 68). Por isso, as capas devem agregar o maior grau de valor notícia possível a partir dos assuntos eleitos para entrar naquela edição.

As capas representam, ao mesmo tempo, o cartão de visitas da publicação e uma espécie de amostragem do que a publicação espera que atinja mais fortemente seu leitor em potencial.



A capa do jornal *Folha de S. Paulo* reproduziu uma imagem que ficou marcada como símbolo dos ataques aos EUA. Esta imagem será foco de discussões mais adiante. Também mais adiante, discutiremos a imagem abaixo da foto principal, onde aparecem, propositalmente em preto e branco, pessoas correndo cobertas de poeira durante os atentados. Nesse dia, nenhum outro assunto mereceu destaque na capa da *Folha*.

A revista *Veja* de 19 de setembro de 2001, portanto, a edição posterior aos atentados trouxe em sua capa, obviamente, os ataques aos EUA. Vejamos como se deu essa cobertura imediata pós atentados e como se construiu a imagem do terror, do terrorismo e dos terroristas nas páginas iniciais da revista:



A utilização das cores com teor informativo por *Veja* é muito perceptível. Na primeira imagem, já após os atentados, o céu azulado é ofuscado tanto pela fumaça e pelo fogo que escapam das torres gêmeas quanto pelo escurecimento proposital da capa, que recebe fundo preto, com texto em vermelho e branco vazado. Na foto seguinte, publicada na página de abertura da matéria, vemos uma Manhattan num dia claro, com céu azul e uma linda iluminação. O contraste do claro com o escuro, do antes e do depois do 11 de setembro já provoca no leitor a primeira reação de pesar. É o reconhecimento simultâneo de um passado brilhante e alegre, claro e iluminado, e do início de um novo tempo, escuro, sombrio, de destruição. Utilizando aqui conceitos de Pross (1989), podemos perceber a presença da relação claro-escuro utilizada na construção primária da informação. Além disso, a ideia de que o “mundo nunca mais será o mesmo” mexe diretamente com uma das raízes da cultura, da qual tratamos no capítulo 1: o medo do fim do mundo ou de forma mais direta, o medo do fim do mundo como o conhecemos. A abertura da revista já traz o presságio do caos que se desenharia na vida de todos que pudessem ser afetados pelos ataques.

Como no apocalipse bíblico, o mundo nunca mais seria o mesmo após o apocalipse do 11 de setembro. Essa abordagem foi comum nos mais diferentes meios de comunicação brasileiros. Embora não seja nosso objeto direto de análise neste capítulo, cabe aqui

abrir espaço para tratar da escalada do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, do dia 11 de setembro. A escalada, que é o conjunto de chamadas na abertura programa, uma espécie de “capa” do telejornal, da foi finalista do prêmio internacional Emmy 2012 e trazia o seguinte texto:

*11 de setembro de 2001.*

*Uma terça-feira que vai marcar a história da humanidade*

*A maior potência do planeta é alvejada pelo terror*

*World Trade Center, Nova York*

*O mais importante centro financeiro do mundo uma torre queima após ser atingida por um avião*

*Enquanto o incêndio avança no arranha-céu um segundo avião é jogado contra a torre vizinha*

*E em menos de duas horas dois dos maiores prédios do mundo se desfazem numa nuvem de poeira e fumaça*

*Na cidade sede do poder militar americano outra aeronave despenca sobre o pentágono, o centro de inteligência militar*

*E mais um Boeing cai na pensilvânia*

*O planeta em alerta geral*

*Chefes de estado condenam o banho de sangue*

*E reforçam a segurança nas fronteiras*

*Bolsas de valores e moedas internacionais são abaladas pelos atentados*

*Nos territórios ocupados por Israel palestinos comemoram a maior ofensiva terrorista de todos os tempos*

*E na madrugada do mundo árabe, explosões. Mísseis riscam o céu de Cabul, a capital do Afeganistão*

*O jornal Nacional mostra a análise de especialistas sobre as consequências dos ataques*

*O depoimento dos brasileiros que testemunharam a tragédia*

*O apoio oficial ao s que estão nos EUA*

*O dia em que os americanos experimentaram o horror de uma grande guerra*

Tudo apresentado em falas intercaladas por Fátima Bernardes e por William Bonner vestido de preto e acompanhado por imagens freneticamente editadas do dia de caos, com destaque para várias imagens das torres caindo e da segunda torre sendo atingida.. A “capa” do Jornal Nacional seguiu exatamente a mesma lógica das capas de jornais impressos do dia seguinte. E as chamadas levaram aos mesmos assuntos abordados pela *Folha* de São Paulo e por *Veja*, como veremos mais adiante. Por ora, chamamos atenção para os trechos: “*Uma terça-feira que vai marcar a história da humanidade*” e “*O planeta em alerta geral*”.

A imagem do apocalipse, no momento em que ele acontecia, ficou registrada pelas lentes dos cinegrafistas e fotógrafos. O apocalipse, o trágico final do mundo como se conhecia, consumido pelo fogo foi eternizado pela imagem da torre do WTC incendiada. Não sem motivo, apesar da grande quantidade de material imagético que se ofereceu do dia do ataque, praticamente todos os veículos ocidentais optaram por eternizar uma única imagem daquele dia: a torre em chamas. Essa imagem ficou registrada no imaginário ocidental como símbolo do 11 de setembro. Mas, assim como a ideia de apocalipse, ela também tem uma origem encoberta por camadas de cultura e que remontam muito antes dos aviões serem lançados contra as torres. Vejamos:



Analisamos 114 capas de publicações do dia que se seguiu aos atentados nos EUA. Apenas oito não traziam a imagem da torre em chamas: seis norte-americanas e uma australiana, que optaram por publicar a imagem de um bombeiro salvando uma pessoa ou imagens da fuga da multidão e uma libanesa, da qual trataremos mais adiante.

Mas por que essa opção? O que fez veículos diferentes, de países diferentes, optarem por imagens tão parecidas de um evento que gerou tantas imagens impactantes e espetaculares?

A resposta está antes, muito antes de 11 de setembro de 2001. Os veículos escolheram, muito provavelmente por intuição, a imagem que acharam que mais chamaria a atenção do público. E essa foi a imagem eleita, pois congrega vários fatores que ampliam a noticiabilidade do fato.

Por trás dela temos outras imagens, bem mais antigas. Busquemos aqui a imagem que utilizamos no capítulo 1 para falar sobre as verticais e a torre como imagem que tem vida duradoura no imaginário:



As semelhanças entre as fotos escolhidas para ilustrar as capas de jornais, revistas e sites e as imagens eternizadas pelas cartas de tarô ou pelo imaginário acerca da Torre de Babel são impressionantes. Já a última imagem, onde aparece um homem se atirando de uma das torres, não foi utilizada em nenhuma das capas analisadas, mas repercutiu em praticamente todos os meios de comunicação e foi considerada por *Veja*, na edição especial de dez anos dos atentados, a imagem mais marcante do início do século. As semelhanças dela com as imagens das cartas de tarô ao lado e acima são perceptíveis.

Ou seja, dentro da lógica do espetáculo que rege os meios de comunicação contemporâneos e considerando a mudança no perfil dos chamados terroristas do Séc. XXI, que buscam expor suas demandas com a visibilidade obtida nos meios de comunicação, os responsáveis pelos atentados aos EUA fizeram a escolha certa: atacaram o ponto mais alto de Nova York – duas torres. Escolheram o local muito mais pelo simbolismo que trazia que pelo número de pessoas que seriam mortas no atentado. Além disso, presentearam o jornalismo com uma imagem incorporada ao imaginário social e repleta, ela também, de simbolismos: a torre como o ponto máximo da capacidade humana, a torre como símbolo de status, poder e de *hybris*. A torre que está presente arquetipicamente em várias culturas e que provoca a ira de deus ou dos deuses, como vimos no capítulo 1. Derrubar a torre é mostrar a fragilidade dos homens perante deus ou os deuses. Ter sua torre atacada é ser colocado em condição de destruição simbólica. Os terroristas que atacaram as torres e escolheram exatamente elas para serem o primeiro local dos atentados, sabiam que estavam destruindo um símbolo carregado de história. E se a torre está no alto, a destruição delas também vem do alto. Como na história bíblica da Torre de Babel, destruída por ventos ou raios divinos, a destruição das torres gêmeas veio do céu, de aviões transformados em armas. O que o jornalismo fez ao escolher essa imagem para eternizar os ataques de 11 de setembro foi a reprodução de uma imagem que já vivia no inconsciente de todos e que foi apenas atualizada. Dessa forma, os impactos das ações dos terroristas foram muito mais profundos e nos remeteram a medos que nem sabemos de onde vem. Essa imagem foi alimentada pela estrutura simbólica que sustentava as torres, pela destruição da vertical e pelo reforço da binariedade nós / eles, presente em qualquer guerra.

Nessa história toda, há um ponto muito curioso a ser observado: no mundo ocidental presenciemos os ataques e as torres em chamas ou ruído. Pouco vimos dos destroços dos prédios derrubados ou mesmo das vítimas mortas ou feridas nos ataques. Na capa da *Folha*, por exemplo, foi utilizado o recurso de deixar a foto secundária, que mostra pessoas fugindo, em preto e branco, provavelmente para diminuir o impacto que manchas de sangue nos corpos das vítimas poderiam dar à cena. A imagem que se imortalizou na memória do mundo ocidental e que foi reproduzida por praticamente todos os seus meios de comunicação de massa foi a da torre ainda em pé, momentos antes de ser atingida pelo segundo avião ou incendiada. Conforme afirmamos, em nossas buscas pelas imagens que retrataram o pós atentado, encontramos apenas seis capas que não utilizaram as torres em chamas para ilustrar aquele dia. Uma delas está reproduzida abaixo. É a capa do jornal libanês *Na-Nahar*, de Beirute. Nela, o destaque principal é a imagem da destruição, das torres já no chão. O momento do ataque é colocado ao lado, em uma imagem secundária.



Refletindo sobre o valor simbólico de cada uma dessas imagens, que alimentaram nosso repertório e imaginário e que são alimentadas por ele, podemos concluir que para o mundo ocidental a imagem congelada foi o momento do ataque, a imagem de quem “está sendo atacado”, mas ainda não está destruído. Por outro lado, o jornal libanês, que olha para os EUA com os olhos de quem está fora, mostra a imagem do destruído.

Além disso, a opção ocidental, congelar na memória o momento do “estar sendo atacado”, ajuda a alimentar um tempo “gerúndio”, que traz a ideia de que o ataque “ainda está acontecendo”. Assim cria-se a situação de “não me vejo destruído, mas me vejo ameaçado, permanentemente”. Essa sensação certamente ajudou a alimentar os argumentos dos que defendiam a guerra no Afeganistão, iniciada pelos EUA pouco tempo depois em represália aos ataques. Também ajudou a alimentar a pânico constante e a vigilância absoluta que se seguiram aos ataques.

Cabe lembrar ainda que nas chamadas das capas aqui analisadas, por diversas vezes aparece a palavra “guerra”. Antes mesmo de ser declarada uma guerra de fato, os jornais já faziam a leitura dos ataques como uma declaração de guerra. Guerra de quem contra quem? Não havia nenhum país declarando guerra ao resto do mundo, como pode fazer supor a cobertura imediata dos atentados. Mais adiante, analisaremos como essa declaração de guerra feita pela imprensa foi fundamental para o desenrolar – considerado catastrófico por muitos – da história nos anos seguintes.

## b.E o fim começou em fogo

As imagens de fogo apareceram com grande destaque na cobertura sobre o 11 de setembro. Como já vimos, tanto *Veja* quanto *Folha* colocaram a torre em chamas na capa. Além disso, as imagens de fogo são reproduzidas várias vezes nas páginas internas das publicações:



O fogo é um dos principais elementos para sinalizar o fim dos tempos, como abordamos no capítulo 1. Apenas para exemplificar, observemos como a revista representou em suas capas outros momentos de crise e de extrema binariedade no mundo:



O que chama a atenção à primeira vista é a semelhança entre as capas. Temos alguns elementos primários que saltam aos olhos e conduzem à leitura subjetiva da matéria. A primeira grande ideia é que o fim do mundo pode estar próximo. Em todas as capas, existe a presença da instabilidade e do risco de Apocalipse. Na primeira capa, datada de 02 de julho de 1969, durante a Guerra Fria, a frase “nas mãos desse homem a vida e a morte da Terra”, mostra a fragilidade do mundo, colocado sob os cuidados de um único homem. A Guerra Fria, aliás, foi um momento crucial para entendermos a importância que o tema “fim do mundo tem”. No capítulo 1, mostramos como o homem desde sempre imaginou a possibilidade de um fim para a humanidade. Nos momentos de

crise, como foi a Guerra Fria e o 11 de setembro, esse medo aflora, alimentado pela possibilidade aparentemente iminente do caos.

A Guerra Fria, conflito indireto entre EUA e União Soviética, iniciado em 1945, com o Final da Segunda Guerra Mundial e que durou até 1991, garantiu uma das mais importantes divisões da história recente do mundo: de um lado, os países capitalistas, liderados pelos EUA, de outro, os comunistas, eleitos como os grandes inimigos da humanidade, para quem os via do lado capitalista, liderados pela extinta União Soviética. O grande medo que permeou todo o período de sua duração foi o de que armas nucleares pudessem ser disparadas por alguma das duas potências e levassem à destruição da humanidade e de toda a sua história em alguns minutos. Corria a informação de que “havia armas suficientes para destruir a Terra vinte vezes”. Pergunta-se: por que vinte vezes, se uma apenas seria suficiente? A resposta é simples, porque muito mais do que fazer de fato, importava o medo que poderia ser alimentado com esses dados. A Guerra Fria foi a primeira grande guerra que se baseou muito mais na informação – e no medo profundo do fim do mundo gerado pelas informações – que na execução de coisas concretas. Foi uma guerra que não existiu de fato, mas que, simbolicamente, teve efeitos mais devastadores que outras grandes guerras. A Guerra Fria foi uma guerra do Séc. XX, mas que só funcionou tão bem e por tanto tempo, pois foi apoiada num medo primordial e encoberto por muitas camadas de história da cultura humana: o medo do fim do mundo. Do fim da humanidade e de todas as marcas deixadas por ela ao longo de sua passagem pela Terra.

Com o fim da Guerra Fria, foi necessário eleger outro inimigo. Desta vez, o fim do mundo – e o inimigo que poderia levar ao fim - passou a ser associado não mais a decisões econômicas dos países, mas a questões religiosas (sabe-se, obviamente, que as questões econômicas estão por trás das decisões e das escolhas dos inimigos). A capa da revista *Veja* de 26 de março de 2003, quando começou a segunda guerra no Iraque, patrocinada pelos EUA e seus aliados e cujos motivos até hoje merecem debates – mostra bem como aconteceu essa transição. A palavra “Apocalipse” chama atenção para o que poderia acontecer a partir dessa guerra e remete novamente ao medo sagrado do fim do mundo. O mesmo temor é alimentado após 11 de setembro de 2001, conforme já vimos neste capítulo.

Além disso, o fogo é elemento principal nas três capas selecionadas, seja por meio de uma manipulação da imagem, como na foto da Guerra Fria, seja por fotografia tirada no local do início do fim do mundo. No caso da cobertura do 11 de setembro, a torre em chamas e outras imagens de fogo foram eleitas pela mídia para ilustrar as capas de jornais de boa parte do mundo, como já vimos. Temos na mídia, portanto, o apocalipse provocado pelo fogo. Não mais o fogo divino lançado pelos deuses sobre homens após estes se tornarem maus, como vimos no capítulo 1, através de histórias míticas e religiosas contadas por nossos antepassados. Agora, o fogo que recai sobre os homens é provocado por esses próprios homens em guerra – e pode ser simulado ou fotografado. A história muda, as crenças são outras, as personagens centrais são substituídas, mas continuamos vendo a presença das histórias míticas na construção das narrativas jornalísticas de nossa época.

### **3.3. Várias vezes o caos**

Como vimos, a ideia do fim é seguida pela ideia do caos e vice versa, um alimentando o outro e gerando o pânico do caos. Dessa forma, o que era de se esperar aconteceu: nas páginas seguintes, tanto da *Folha de S. Paulo*, quanto da revista *Veja* foram mostrados os vários caos e os caminhos confusos que apareceriam dali para frente. Os dois veículos procuraram cobrir a repercussão dos atentados nas diversas esferas, dando destaque para as questões de segurança, economia, transportes e o futuro do país. Todas essas coberturas mostravam o caos.

#### **a. A cidade caótica**

Como vimos no capítulo 1, toda grande cidade sobrevive num sistema de ordem delicado e instável, mas que precisa parecer forte e seguro. Ou seja, a organização de multidões e de seus cotidianos comprimidos em territórios pequenos exige a fixação de uma série de regras e rituais diários que funcionam em sistema complexos, como os de transporte, de segurança, bancário, de comunicação etc. A instabilidade de todos esses sistemas deriva exatamente de sua complexidade e da quantidade de pessoas que

precisam ser atendidas por eles e aceitar viver em acordo com todos eles. A quebra de qualquer um desses sistemas expõe a fragilidade da vida na cidade e traz à tona um enorme sentimento de insegurança entre seus milhões de moradores, gerando o caos.

Os ataques de 11 de setembro atingiram alguns dos sistemas mais importantes e complexos para o andamento da vida cotidiana em uma grande cidade, como veremos nos próximos tópicos. As ações dos terroristas atingiram o coração do sistema de segurança dos EUA, o sistema de transportes e o sistema financeiro. Foram três caos que, somados, atingiram diretamente a vida de milhões de pessoas nos EUA e de bilhões de pessoas no resto do mundo. A cobertura midiática deu grande importância para esses três caos. As páginas que escolhemos aqui são apenas exemplos de tendências observadas em um grande número de veículos de comunicação para a cobertura dos atentados de 2001. Elas são representativas de um olhar semelhante que foi dado pela imprensa brasileira – e de outros países que compartilham a visão de mundo com os EUA.

#### **b. O caos da segurança**

Os terroristas de 11 de setembro atingiram seus alvos com aeronaves que haviam decolado de aeroportos dos EUA. Isso, por si só, já coloca em cheque o nível da segurança que era oferecido aos habitantes dos Estados Unidos. A primeira grande pergunta que surgiu foi: como eles conseguiram burlar todos os sistemas de segurança da aviação e sequestrar, de forma tão fácil, aeronaves que depois seriam desviadas de suas rotas e lançadas contra prédios importantes dos EUA? Como conseguiram ludibriar a segurança dos aeroportos e do espaço aéreo norte-americano simultaneamente, sem que ninguém percebesse? Essa atitude expôs a fragilidade do sistema que deveria ser forte e que passava a imagem de segurança.

Além disso, um dos alvos atingidos por um dos aviões foi o Pentágono, a própria sede da segurança militar estadunidense. Ou seja, se nem eles estavam seguros, quem estaria? Os organizadores dos atos terroristas chamaram a atenção para a fragilidade do sistema e ainda destruíram aqueles que poderiam voltar a colocar ordem na situação. O

primeiro caos, portanto, foi o caos da segurança, ingrediente fundamental para a quebra da imagem do país e para a formação do pânico, que se desenrolou na sequência. Num momento como esses, a sensação é de desamparo e medo do desconhecido.

Na *Folha de S.Paulo* foi dado destaque para a incapacidade dos Estados Unidos prevenir e se organizarem após os atentados e também para a “humilhação” que os ataques representavam.



O pânico gerado pela insegurança também recebeu destaque. Segundo Vergueiro, “o sentimento de incapacidade autodefensiva é um dos principais motores para a ativação dos mecanismos psicológicos de autoproteção excessiva, seja individual ou coletivamente” (2001, p. 21). E foi exatamente o que aconteceu nos EUA, como pudemos ver nos anos que se seguiram: uma população amedrontada, fragilizada

emocionalmente, mais fechada e que abriu espaço para o afloramento dos mais sérios preconceitos.

### **c. O caos financeiro**

Outro assunto comum na cobertura da imprensa foi o caos financeiro que se formou na capital econômica do Ocidente e que se espalhou pelo restante do mundo. O caos financeiro expôs alguns pontos importantes, como a fragilidade e volatilidade no sistema econômico mundial.

Num mundo onde o dinheiro deixou, há muito, de ser físico e é tratado como algo virtual que circula pelo mundo em segundos, indo de um lado a outro, os ataques a um país fazem com que haja uma reação mundial e um possível prejuízo financeiro – direto ou indireto – a bilhões de pessoas. Vale aqui abrir parênteses para explicar essa tendência de ver o dinheiro como um ser com vida própria. Criado provavelmente na Idade Média para ser um facilitador das trocas simbólicas entre os homens e para que se pudesse estabelecer valor entre produtos e serviços diferentes, o dinheiro, inicialmente criado a partir de metal, passou gradualmente por um processo de desmaterialização, até chegar aos nossos dias como algo completamente volátil e imaterial. Das moedas cunhadas pelos reis, passamos para as cédulas de papel sem lastro em ouro, para os cheques, que garantiam que havia a presença do dinheiro com uma simples assinatura, depois para os cartões com números e chips, até chegarmos às grandes somas que viajam pelo mundo.

No caso dos atentados, foi enfatizada uma tendência da mídia contemporânea de tratar o dinheiro como algo vivo. À medida que as finanças do mundo se virtualizam, sem necessidade de uma base física para representá-la, e também à medida que os números se transformam em valores simbólicos, negociados em espaços virtuais incompreendidos pela maioria das pessoas, o dinheiro ganha, para o jornalismo, um caráter de independência e é vivificado, como se tivesse vontade própria.

Expressões como “bolsas explodem”, “mercado reage”, “mercado teme”, “saúde do mercado”, “pregão nervoso” etc, que vemos comumente na imprensa, dão vida às operações financeiras, como se elas, por si só, tivessem a capacidade de reagir aos

ataques. Poucas vezes a palavra “investidores” ou qualquer outra referência direta aos seres humanos que estão por trás do mercado financeiro aparece. E, quando aparece, é mostrando esses “investidores” (que também não tem nome e surgem como uma entidade secreta) como reféns de uma tendência que foge do seu controle.

Temos, portanto, um “dinheiro” que não existe como algo físico e que tem reações próprias, como um ser vivo. Num momento desses, a exposição disso por si só já provoca na população uma certa sensação de insegurança e de ser submetido a regras sobre as quais não se tem controle e que afetam diretamente a sua vida. Quando esse “ser vivo” reage mal a algo tão sério, e apresenta reações futuras tão imprevisíveis, temos a formação de mais um caos: o financeiro. *Veja* com sua manchete “a bomba financeira”, ilustrada pela imagem de pessoas tensas, mostra exatamente essa questão: o sistema financeiro, de fato, explodiu, sem que, para isso, fosse necessário jogar qualquer bomba diretamente em qualquer sede de grande banco do país.



Lembremos também que esse foi um dos assuntos abordados na escalada do Jornal Nacional de 11 de setembro “*Bolsas de valores e moedas internacionais são abaladas pelos atentados*”.

Voltando aos critérios de noticiabilidade, dos quais tratamos no capítulo 2, percebemos que os assuntos dinheiro e finanças aparecem entre os principais agregadores de valor-notícia. Primeiro, por proximidade, por ser um assunto de interesse direto dos consumidores de notícia, depois, por sua importância na organização da ordem do mundo. Não foi sem motivo, portanto, que o caos financeiro foi um dos ingredientes mais cobertos pela mídia. Vale lembrar que a cobertura midiática e todas as interrogações que surgiram em jornais, revistas, sites, TVs sobre o caos financeiro ajudaram a alimentar esse mesmo caos. Notícias negativas sobre economia tendem a gerar mais medo e desconfiança, fazendo com que o próprio caos se amplie, não mais pelo que de fato aconteceu, mas pelas notícias e especulações que passam a ser feitas – e publicadas – a partir daí.

#### **d. O caos dos transportes**

Conforme vimos no capítulo 1, a utilização de meios de transporte na realização de atos terroristas tem se mostrado uma forma muito eficaz de ampliar os resultados das ações. Neste caso, a ampliação se deu em dois sentidos: primeiro, evidenciou falhas na segurança do sistema, como já discutimos neste capítulo. Segundo, provocou a parada do sistema, o que amplia significativamente os transtornos numa cidade com milhões de habitantes. Isso foi particularmente visível em Nova York, mas afetou todo o sistema de transportes dos Estados Unidos, com reflexos em outros países. No dia dos ataques, não apenas os aeroportos de várias partes do mundo fecharam, como o metrô deixou de funcionar em diversas cidades estadunidenses. O terrorismo, como vimos no capítulo 1, poderia estar em qualquer lugar, onipresente como um demônio.



após o fornecimento de uma senha previamente combinada. A ordem das empresas é, em caso de suspeita, não abrir a porta da cabine por nada, nem mesmo se “sua mãe estiver no voo e você vir sangue escorrendo por baixo da porta”. A frase parece exagerada, mas foi utilizada em treinamentos de pilotos que voavam do Brasil para os EUA e se tornou uma espécie de “mantra” entre esses profissionais nos meses que se seguiram aos atentados<sup>2</sup>. Tudo para evitar que os aviões pudessem ser novamente utilizados como armas.

A ferida aberta pela falha dos EUA em assegurar tranquilidade durante os voos em seu país movimentou milhões de dólares que foram gastos com segurança de aeronaves, treinamento de pessoal e seguros.

#### **e. A proximidade**

Os ataques não foram no Brasil, não sentimos o impacto direto do caos gerados nas cidades dos EUA, portanto, não fomos afetados pelo que aconteceu lá, certo? Errado! O Brasil – o que pode ser percebido pela análise da cobertura midiática – se posicionou claramente ao lado dos EUA, colocando-se por vezes, não apenas como solidário ao país, mas na situação de vítima também. Dentro da binariedade que se construiu com esse atentado e da qual trataremos no tópico a seguir, Brasil, brasileiros e imprensa brasileira definiram claramente quem era o “lado do bem” e se colocaram publicamente nessa posição de duas formas: primeiro, deixando claro quem estava certo e quem estava errado e mostrando uma solidariedade bastante próxima com as vítimas diretas. Depois, de maneira mais forçada, houve também uma tentativa de aproximação real entre atentados e Brasil. Isso foi feito a partir da divulgação de histórias de brasileiros que, morando nos Estados Unidos, foram atingidos pelos ataques direta ou indiretamente. Pessoas que saíram do Brasil para fazer uma carreira de sucesso no “topo do mundo” e que morreram nos ataques foram tratadas como heróis e heroínas, nossos representantes reais nos atentados, o que nos aproximava e ajudava a provocar nos brasileiros o sentimento de solidariedade aos atingidos.

---

<sup>2</sup> A autora do presente trabalho atuou como assessora de comunicação na área de aviação durante 15 anos. As situações aqui relatadas se referem a fatos presenciados, ouvidos e checados durante essa atuação profissional.

• Especial •

# NO TOPO DO MUNDO

Com bons empregos e vida confortável, desaparecidos brasileiros destoam do perfil típico dos 300.000 conterrâneos que vivem em Nova York



**SONHO REALIZADO**  
Feliz com o emprego como corretora, Anne contou a amigos que não pretendia mais sair dos Estados Unidos

ocupações, bem menos qualificadas. Ivan dava expediente no 107º andar do nono andar do World Trade Center, quase no topo do edifício. Anne Marie era uma de suas parceiras de trabalho na corretora Carter Fitzgerald. Desde terça-feira, os dois, juntos com a colega Sandra Rajack Smith, em outros escritórios mais silenciosamente procurados por parentes e amigos numa lista que chegou a dar um último telefonema ainda a tempo. "Cara, houve alguma coisa aqui? Vou ser de descer?", disse a um amigo que estava a dez quilômetros dali. Quando o compreendido do homem bateu, sua mulher, Valéria, começou a preparação de tantos outros milhares de parentes, entre os hospitais e os centros de apoio. Ivan e Valéria receberam de São Paulo para Nova York há dois anos, quando ele conseguiu emprego em outra corretora, a Lombardier.

"No dia em que recebeu a notícia da contratação, ele veio ao meu apartamento

com uma miríade de saudades, e eu só fiz: 'Agora trabalhar aqui?'"

Administradora de empresas, a irmã Ivan Barboza continuava arrastando com a mãe para a Carter. Ivan trabalhou de 21 horas. Nos fins de semana, tinha, uma de suas poucas. O apartamento no condomínio The Anson Cove, podia ver os do World Trade Center.

Calcula-se que houve inicialmente 100 brasileiros no arde de a catástrofe desabou. Cerca de los trabalhadores como estrangeiros mo e conseguiram sair dali sem problemas. Sem ser preparado da corrente dos feridos, andar, e viveram o da fuga. "Demorei

**A BATALHADORA**  
Para conseguir se formar, Anne trabalhou como garçota na cidade. Não perdeu uma

**NO TOPO DO MUNDO**  
Com bons empregos e vida confortável, desaparecidos brasileiros destoam do perfil típico dos 300.000 conterrâneos que vivem em Nova York

**OPINIÃO**  
Opositores Ivan Kybilos Barboza, administradora de empresas, 30 anos, casada, mora em Manhattan, morava num apartamento dentro de um belo condomínio do centro litorâneo de Rio de Janeiro. Adorava o trabalho, que lhe rendia 10.000 dólares por mês, entre salário e bonus. Sua colega Anne Marie Salles Ferreira, engenheira química de formação, 29 anos, também estava realizando um sonho ao trabalhar com a elite globalizada do mundo financeiro. Com trajetórias tão bem-sucedidas, tinham pouco a ver com a maioria dos 300.000 brasileiros que buscam uma vida melhor em Nova York, geralmente em

A 28ª página, 14 de setembro de 2001

GUERRA NA AMÉRICA

# No Brasil, dificuldade de contato angustia parentes

**FAMILIARES** • Diretor da Companhia Energética de Minas Gerais não aparece em hotel para localizar deputado que sumiu

**HERÓI**  
Herói de sequestro brasileiro acha que terroristas pilotavam aviões

**DADOS**  
Dados sobre vítimas devem levar três dias

**PAIS**  
País busca alunos mais cedo em SP



**PAIS BUSCA ALUNOS MAIS CÉDO EM SP**  
A Polícia Federal (PF) pediu para a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SED) identificar os alunos brasileiros que estavam em um hotel em Nova York no dia 11 de setembro. O objetivo é localizar os possíveis envolvidos no ataque às Torres Gêmeas.

**DADOS SOBRE VÍTIMAS DEVEM LEVAR TRÊS DIAS**  
A Polícia Federal (PF) informou que a identificação das vítimas do ataque às Torres Gêmeas pode levar até três dias. O trabalho é complexo devido ao grande número de pessoas que estavam no local.

**HERÓI DE SEQUESTRO BRASILEIRO ACHA QUE TERRORISTAS PILOTAVAM AVIÕES**  
Um brasileiro que foi sequestrado durante o ataque às Torres Gêmeas afirmou que acreditava que os aviões eram pilotados por terroristas. Ele relatou que viu uma explosão e ouviu gritos de desespero.

O Brasil também teve suas vítimas, afinal! Além disso, a angústia dos parentes de brasileiros que viveram um dia de caos, sem conseguir falar com seus entes queridos nos EUA também foi assunto da mídia. Essas estratégias colaboraram para aproximar o drama dos estadunidenses dos dramas dos próprios brasileiros e mostrar que, de alguma forma, fomos também atingidos pelo mal. Morin (2005) dá a essa tendência da mídia o nome de “identificação”. Segundo ele, através de um mecanismo que permite a criação de simpatia entre público e personagem do material midiático, a mídia faz com que o leitor / espectador se identifique com quem é retratado, seja numa ficção, seja numa notícia. Os mesmos recursos utilizados para causar envolvimento no cinema aparecem livremente na construção de notícias com caráter mais humano. Percebemos aqui que, no caso dos mortos, enfatiza-se as dificuldades vivenciadas pelas personagens, seus pontos positivos e o sofrimento de quem ficou longe para que o consumidor de notícias se envolva com a história e coloque-se ele mesmo no lugar das vítimas.

Quando o assunto são os familiares em busca de notícias, os mesmos efeitos são obtidos e sentimos a angústia dos parentes e amigos dos brasileiros nos EUA. Esses recursos aproximaram público e personagem, criaram envolvimento entre essas duas partes e ajudaram, no caso aqui estudado, a fazer com que o brasileiro se sentisse, de alguma forma, representado pelas vítimas dos atentados e, portanto, ele também uma vítima.

Mais diretamente, houve também a preocupação em mostrar como os atentados atingiram diretamente a vida de muitos brasileiros, no caso, com o caos nos transportes aéreos.



Considerando os critérios de noticiabilidade estudados no capítulo 2, podemos compreender que com esses recursos foi buscada a “proximidade”, elemento fundamental para o sucesso comercial da notícia. Remetendo-nos ao capítulo 1 vemos que houve também uma tentativa de se intensificar a polaridade nós / eles, mostrando com que lado do “nós” deveríamos nos identificar.

### 3.4. O inimigo





A matéria anterior, publicada na revista *Veja* em 20 de setembro de 2001, mostra claramente como essa polaridade foi construída pelo Governo dos EUA, comprada pela mídia ocidental e consumida / aceita pela sociedade.

Estavam demarcados claramente cada um dos lados da binariedade bem-mal, uma das mais fortes na cultura humana. E era fácil escolher que partido tomar, tanto para jornalistas e veículos quanto para a população em geral.

Se, por um lado, as vítimas éramos todos nós que nos identificamos com a cultura dos EUA, que temos lá nossos parentes e representantes mortos nos atentados, por outro o inimigo foi construído como alguém estranho, “esquisitão” de fato, seguidor de uma cultura que foi transformada em absurda, ao ter seus aspectos mais diferentes aos nossos olhos largamente divulgados por um jornalismo sedento por vilões dignos de ficção.

Logo nos primeiros instantes após a percepção de que se tratava de um atentado terrorista, todos passaram a procurar um responsável. Em pouco tempo chegou-se ao nome de Osama bin Laden. O líder do grupo Al-Qaeda foi apontado e logo depois confirmado – por ele mesmo – como o mentor dos ataques. Osama bin Laden foi apresentado como personagem nova ao público. Na verdade, Osama era velho conhecido da política estadunidense: Filho de um milionário saudita, bin Laden lutou e organizou grupos de luta contra a invasão soviética e, portanto, socialista, no Afeganistão em 1979. Para isso, recebeu apoio direto de armas e dinheiro dos EUA e da Arábia Saudita. À época, ele chegou a manter contato com líderes desses países, a quem agradeceu publicamente pelo apoio na luta contra os soviéticos e de quem recebeu elogios. Essa parte da história foi praticamente escondida e só vinha à tona quando era para acusar bin Laden de traição em relação aos antigos aliados, como se ele tivesse mudado suas atitudes e os aliados se mantivessem coerentes em seus propósitos.

Ao assumir a autoria dos atentados de 11 de setembro, Osama e o grupo fundado e dirigido por ele, a Al-Qaeda, rapidamente se tornaram os maiores inimigos públicos do ocidente. Por outro lado, ele se tornou um ídolo entre alguns de seus pares. Poucas foram as tentativas imediatas de se compreender o que se passava na cabeça e o que havia se passado na história de bin Laden, que logo foi taxado de “louco” e “fanático”. A capa da revista *Veja* de 19 de setembro mostra essa visão:



Bin Laden foi assim, transformado no grande inimigo do mundo ocidental. Ao mesmo tempo, tivemos um efeito de concentração das atenções sobre uma mesma personagem. Porém, o tempo todo éramos lembrados de como essa personagem era poderosa e tinha sob seu comando outros fanáticos que poderiam estar em qualquer parte do mundo. Uma espécie de demônio para o “lado bom do mundo”, criado e alimentado tanto pela mídia ocidental, quanto pelos próprios terroristas.

Outras características marcantes da personagem bin Laden amplamente repercutidas pela mídia foram:

- Carisma (vale observar como em todas as fotos o líder da Al-Qaeda aparece com olhar tranquilo e até carinhoso. Não foi observada nos veículos analisados nenhuma fotografia agressiva de Bin Laden).
- Crença no poder absoluto;
- Grande capacidade de convencimento, manipulação de grupos e mobilização de seguidores;
- Capacidade para desestabilizar a ordem e iniciar o caos;
- Traição em relação aos antigos mentores.

A título de comparação, o grande demônio é apresentado na bíblia cristã como Lúcifer, um anjo caído. Criado e fortalecido por Deus ele teria traído a confiança de seu pai e intencionado tomar o seu lugar, provocando significativas mudanças no mundo. E fez isso a partir de seu carisma e do poder inocentemente dado a ele por Deus. Lúcifer é descrito como um anjo muito poderoso, extremamente sedutor e hábil com as palavras, que foi capaz de convencer “um terço dos anjos do céu” (Bíblia, Ap. 12,7-9) a segui-lo, com promessas de um “governo melhor”. Seria ele um dos grandes responsáveis pelo mal no mundo e pela desestabilização da ordem divina. Traição, carisma, capacidade de manipulação, capacidade de desestabilizar a ordem. Em quem mais encontramos essas características? Bin Laden foi transformado no Satanás de nossa época. Vencê-lo passou a ser obrigação daqueles que deveriam garantir a ordem do mundo e a felicidade das pessoas.

**Os Estados Unidos são o Grande Satã.**  
Aiatolá Khomeini, em 1979

**O voo da águia vingadora**  
Sérgio Abravanel

**O mundo está insustentável pela expectativa de dois desastres mundiais: um crescimento global e a primeira guerra do século XXI**

**“Os americanos vão nadar em seu próprio sangue.”**  
Sálem Rousseif, em 1979

**Humilhamos a América.**  
Amor Gadafi, em 1986

**“Os Estados Unidos são o Grande Satã.”**  
Aiatolá Khomeini, em 1979

**O voo da águia vingadora**  
Sérgio Abravanel

**O mundo está insustentável pela expectativa de dois desastres mundiais: um crescimento global e a primeira guerra do século XXI**

**“Os americanos vão nadar em seu próprio sangue.”**  
Sálem Rousseif, em 1979

**Humilhamos a América.**  
Amor Gadafi, em 1986

**Os americanos vão nadar em seu próprio sangue.**  
Sálem Rousseif, em 1979

**Humilhamos a América.**  
Amor Gadafi, em 1986

**Os americanos vão nadar em seu próprio sangue.**  
Sálem Rousseif, em 1979

**Humilhamos a América.**  
Amor Gadafi, em 1986

Na mesma edição de *Veja*, cujo assunto principal era o grande vilão Osama bin Laden, aparecem outras matérias com “profetas fanáticos”, como Aiatolá Khomeini, que governou o Irã entre 1979 e 1989 e Sadam Rousseif, Presidente do Iraque de 1979 a 2003, executado em 2006, após ser perseguido em duas guerras. Naquele momento, setembro de 2001, Sadam ainda não havia sido encontrado e preso e era um dos grandes inimigos dos EUA. Também aparece na matéria o chefe do Estado Líbio de 1969 a 2011, Muamar Kadafi, morto em 2011. Para falar de bin Laden, a mídia tirou da cartola todos os ditadores considerados inimigos da cultura ocidental. Vale lembrar que essa aproximação foi um tanto forçada, tendo em vista que, diferente dos demais, bin Laden nunca foi presidente de nenhum país, nem mesmo liderou um grupo demasiadamente grande de seguidores. Essa aproximação, comum na imprensa à época, dava a Osama a imagem de alguém mais poderoso que de fato ele era. Além disso, associá-lo a governantes de outros países ajudou a construir a ideia de que a vingança deveria ser

feita sobre toda uma população, como se o Afeganistão – e não um grupo particular – tivesse declarado guerra ao resto do mundo. Todos esses líderes, juntamente com bin Laden, são associados na história ocidental a fanatismo religioso, abuso de poder e loucura. Na cobertura da imprensa aqui analisada, todos se tornaram a mesma coisa. E mais grave que isso, a imagem de fanáticos, loucos e descontrolados foi deliberadamente estendida a todos os muçulmanos, como podemos ver na matéria publicada na revista *Veja* de 19 de setembro de 2001, reproduzida a seguir.



Tanto a foto quanto a matéria de *Veja* simplificam a realidade dos milhões de muçulmanos no mundo, creditando a eles reações exageradas e a tendência ao fanatismo. A foto escolhida para ilustrar a matéria (mais uma vez destacada em preto e vermelho) mostra o momento considerado mais estranho e digno de piada entre os ocidentais, que é quando os muçulmanos de ajoelham e rezam voltados para Meca. Embora a linha fina da matéria traga a informação de que os radicais são minoria na religião, todo o restante do texto e a organização visual da página levam a uma percepção generalizada de que os muçulmanos são estranhos, manipuláveis e que a religião leva a reações terroristas e inaceitáveis aos olhos ocidentais. Ainda, a ideia de que não conseguimos compreender a cultura do outro, nos faz pensar que também não podemos compreender ou prever suas reações. O temor pelo desconhecido leva ainda mais ao pânico e à tentativa de afastar ou até destruir o outro.



### 3.4.1. O certo e o errado



Como já afirmamos, saber quem é o bom e quem é o mau sempre foi a forma mais simples de tomar decisões. O maniqueísmo é largamente utilizado na literatura para a construção de personagens fortes. Por trás dele está nossa raiz binária que nos acompanha desde que nossos antepassados perceberam que a existência se dividia entre vida e morte e que o ambiente que nos afeta tinha dia e noite, homem e mulher etc. A binariedade e, como sua derivação, a polaridade, é a forma mais simples de se perceber o mundo e saber de que lado ficar, exclui dele toda a complexidade, as possibilidades e os esforços para compreender além do óbvio. Ajuda a manter os rituais cotidianos e a certeza de estar no caminho correto. Assim, dessa forma simplista e aparentemente inocente, encontramos nossos inimigos e passamos a odiá-los. Mais que isso, estendemos, de forma maniqueísta e nada complexa, esse ódio a todo um grupo social. Retomando aqui ideias de Morin (2005), já discutidas no capítulo 2, a maniqueização é um dos principais processos de simplificação da cultura de massas e, neste caso, ela encontrou terreno fértil.

Para Pierce (2008), a crença está associada à ideia de conforto, ao hábito, ao saber como agir e pensar. A dúvida, por sua vez, traz o desconforto. É trabalhosa. Faz com que se busque a resposta até que ela própria seja resolvida. Crer que o povo árabe era responsável por todo o sofrimento impingido aos EUA e ao mundo ocidental, por extensão, é, de fato, uma simplificação absurda das estruturas que marcam o mundo contemporâneo. De qualquer forma, é essa simplificação que permite saber que lado seguir e como se pensar em relação a algo importante, o que garante um certo conforto para o homem em meio a um mundo onde escolhas devem ser feitas o tempo todo. Crer em algo, por mais absurda que essa crença possa parecer à distância, facilita a vida, conforta.

A esse tipo de crença que não depende de imposições, mas da busca simplificada por respostas, Peirce dá o nome de “crença por tenacidade”. Sobre ela, ele esclarece:

Se o estabelecimento da opinião é o único objetivo da investigação e se a crença tem a natureza de um hábito, por que não atingiríamos o fim desejado tomando qualquer resposta a uma questão que possamos imaginar, reiterando-a constantemente, acomodando-nos a tudo o que possa conduzir a essa crença e aprendendo a olhar com desprezo e ódio tudo o que possa perturbá-la? (2008, p.47)

Conforme explica Pierce, “o homem sente que, se ele apenas mantiver sua crença sem vacilar, isso já será inteiramente satisfatório. Tampouco se pode negar que uma fé firme e inabalável produz grande paz de espírito”(2008, p.48). Curiosamente, essa mesma crença é uma das grandes críticas feitas aos “fanáticos religiosos muçulmanos”. Sem que percebesse, o jornalismo havia embarcado no mesmo tipo de fanatismo, às avessas

O jornalismo tem papel fundamental no estabelecimento de crenças do mundo contemporâneo. Segundo Peirce, diferente do que acontece com a crença por autoridade, na qual há a imposição de uma forma de pensar e agir, no caso da tenacidade essa imposição superior não acontece diretamente. A fixação por tenacidade se dará principalmente por acomodação e por compartilhamento. Quando a crença é compartilhada pelo grupo, ainda que ela não se fundamente em evidências, o seu valor de verdade aumenta. E é exatamente aí, no compartilhamento e na disseminação das crenças por tenacidade, que entram os meios de comunicação de massa. Como já vimos, os MCMs são os grandes mediadores entre o mundo e a construção de crenças no mundo atual.

A imagem de “inimigo número 1” construída ao redor da figura de bin Laden e sua extensão para todo o mundo árabe só se disseminou, ganhou forma e provocou tantas manifestações de ódio, pois essa crença foi amplamente difundida através dos meios de comunicação. Acreditar que bin Laden e todos os árabes eram os grandes culpados por

boa parte do sofrimento do mundo ocidental ajuda a compreender de forma simplificada um mundo bem mais complexo, que certamente não se restringe à divisão eixo do bem – eixo do mal, de mocinhos e bandidos.

Analisando-se a construção da imagem do mundo árabe e de suas personagens por boa parte dos meios de comunicação de massa ocidentais é fácil perceber que toda a visão acerca desse universo é extremamente simplificada, estereotipada e, nem de longe, procura dar conta da compreensão da realidade do outro. Olhar para o outro e tentar compreender suas verdades faz com que o homem questione suas próprias crenças, levando-as ao estado de dúvida novamente. Segundo Peirce, a “concepção de que o sentimento ou o pensamento de outro homem possa ser equivalente a seus próprios é um passo distintivamente novo e altamente importante” (2008, p. 49). Mas desconfortável e difícil de ser tomado

A construção da imagem do outro – e, neste caso, particularmente do mundo árabe – nos meios de comunicação irá acontecer de diversas formas: o cinema hollywoodiano será exemplar nessa capacidade de atribuir valores a grupos, a publicidade também reforçará essas crenças, assim como a propaganda política. Porém, podemos afirmar que é no jornalismo que a crença por tenacidade recebe seu principal impulso: por trás da ideia atualmente – e altamente - disseminada de cobertura jornalística, está a busca pela “objetividade” e, de certa forma por uma “imparcialidade”. Essa roupagem de espelhamento da realidade faz com que se olhe para o jornalismo como algo isento de crenças. A autoridade concedida aos meios jornalísticos nos regimes democráticos dá a eles o poder de construir e disseminarem crenças não por autoridade, mas por tenacidade. Não há imposição. Há a construção de verdades a partir de pedaços de realidade, filtrados por uma ideologia que vem disfarçada de objetividade.

Diante disso, outra questão que salta aos olhos é como a mídia comprou o discurso do bem contra o mal tão utilizado pelo governo estadunidense. Junto – e até como causa – do preconceito contra muçulmanos e da incapacidade de complexificar as relações estava uma espécie de incompreensão infantil sobre todo o cenário desenhado não em 11 de setembro, mas bem antes disso. A pergunta que foi comprada pela mídia foi “por que todos odeiam os EUA e sua cultura, se eles sabem o que o mundo precisa?” ou, nas palavras de Noam Chomsky (2005, p. 109), ao citar uma pesquisa feita pelo *The Wall*

*Street Journal* entre os endinheirados do Iraque “Por que eles nos odeiam se somos tão bons?”. Segundo Chomsky, a resposta para essa pergunta é realmente complexa, e data de décadas. Ele chama a atenção para os passos importantes que foram dados nesse sentido no ano de 1958:

No tocante ao Oriente Médio, em particular, foi um ano crucial por ter sido o primeiro em que um país – a saber, o Iraque – conseguiu livrar-se da dominação conjunta anglo americana dos recursos energéticos mundiais. (CHOMNSKY, 2005, p.112)

O autor segue explicando que por esse “pecado”, o Iraque foi duramente perseguido e prossegue contando como isso foi percebido tanto pelos árabes, quanto pelos estadunidenses:

O presidente Eisenhower, numa discussão interna, observou a seu gabinete, em suas próprias palavras, que há “uma campanha de ódio contra nós” no mundo árabe, não por parte dos governos, mas do povo”. (...) O conselho de segurança Nacional, que é o mais alto órgão de planejamento, fez sua análise. Disse que a razão estava em que, nessa região, havia uma percepção de que os Estados Unidos apoiavam regimes violentos, brutais e corruptos, impediam a democratização e o desenvolvimento, e que o faziam em função do seu interesse em controlar as reservas de petróleo da região. E o CSN disse que era difícil desmentir essa percepção porque ela era correta. Não só era correta, como devia ser correta (pp. 112-113)

Para Chomsky foi exatamente essa visão – simplista e detentora de toda a verdade – que levou simultaneamente ao aumento real do ódio pelos EUA entre boa parte da população árabe e também à incapacidade de perceber a culpa dos próprios estadunidenses na alimentação desse ódio.

Com ajuda da cobertura jornalística, o islamismo e todos os seus seguidores foram alçados à condição de vilões fundamentalistas. Todos se transformaram, no imaginário ocidental, em seguidores das ideias de bin Laden. Como explica Dornelles,

a luta do bem contra o mal, tão repetida pelo presidente George W. Bush em seus discursos, foi levada a sério pela imprensa e por grande parte dos pensadores acadêmicos, fartamente utilizados para satanizar o islamismo. (2002, p. 219)

E se temos a delimitação de quem é o mal, temos também suas consequências. Segundo Bauman (2008),

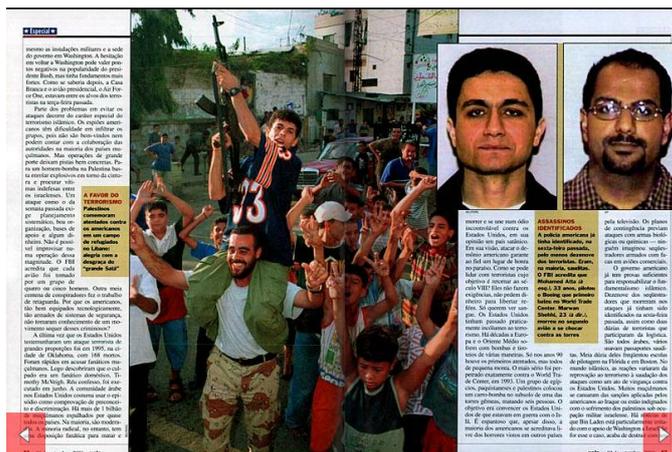
O medo e o mal são irmãos siameses. Não se pode encontrar um deles separado do outro. Ou, talvez, sejam apenas dois nomes de uma só experiência- um deles se referindo ao que se vê e ouve, o outro, ao que se sente. Um apontando para o ‘lá fora’, para o mundo, ou outro para o ‘aqui dentro’, para você mesmo. O que tememos é o mal. O que é o mal, nós tememos. (2008, p.74)

Retomando aqui alguns pontos apresentados no capítulo 2, quando tratamos de algumas das características do jornalismo, veremos que a “atualidade” é fator crucial para que determinado fato seja considerado notícia – o atual é a matéria prima do jornalismo. Ou seja, essa necessidade, por si só, já força, de certa forma a descontextualização dos fatos. A sede pela atualidade faz com que a história, o contexto e o cenário envolvidos em determinado fato tendam a desaparecer em favor das ocorrências mais recentes. Essa tendência certamente colaborou para que toda a história anterior sobre a construção de ódios e as diferentes formas de se ver a cultura dos EUA simplesmente sumisse dos noticiários, favorecendo o fortalecimento das polaridades.

A cobertura midiática, também no Brasil, separou o mundo em dois grandes blocos. A exemplo do que já havia acontecido em tantos outros momentos da história, como a Guerra Fria. Desta vez, de um lado estavam os Estados Unidos e todas as nações que

com ele se identificavam. De outro, estavam, de forma simplista e generalizada, todos os muçulmanos.

Um episódio que foi bastante explorado em todo o mundo ocidental foi o que gerou as imagens a seguir. Sua exploração certamente colaborou para o desenvolvimento do preconceito contra os muçulmanos de maneira generalizada:



Veja, Folha, Jornal Nacional e outros veículos brasileiros repercutiram as imagens captadas pela agência Reuters e divulgadas pela rede de TV estadunidense CNN que mostravam palestinos comemorando os atentados. Essa imagens breves, mas repetidas exaustivamente – e sem grandes explicações –, chocaram quem estava do “lado do bem” e certamente serviram para uma compreensão equivocada sobre árabes de maneira geral. Embora líderes palestinos tenham explicado que essa reação de alegria registrada foi de grupos isolados e que não representam a opinião do povo palestino em geral, o poder da imagem dos sorridentes palestinos foi muito maior. Percebemos, analisando as imagens que foi, inclusive, utilizado um recurso fotográfico para que os leitores

tivessem a ideia de que o episódio se deu com um número maior de pessoas que as que de fato estavam ali. Um olhar cuidadoso permite perceber que houve a intenção clara em aproximar a imagem e fazer desaparecer suas bordas, que dariam a dimensão exata do reduzido número de pessoas que comemoravam. Da forma como foi publicada, a foto dá a impressão de que havia mais gente que foi cortada da imagem, o que não é verdade.

A imprensa tomou a parte pelo todo e não fez nenhuma questão de explicá-la, num momento em que boa parte do mundo se sentia profundamente ferida. Ingredientes perfeitos para alimentar a tendência à polaridade. Já tínhamos nosso grande vilão, bin Laden, e acreditávamos que ele liderava um enorme grupo de fanáticos árabes, atrasados culturalmente e manipulados pela religião. Foi exatamente assim que a cobertura jornalística passou a mostrar os árabes. Vejamos como isso se apresentou nas capas da revista *Veja*

Num momento como o dia 11 de setembro, quando todas as visões extremadas vieram à tona, a mídia brasileira também comprou a ideia de que os mocinhos incompreendidos estavam sendo massacrados por pessoas com um ódio absurdo e sem motivo. Vimos neste item como se desenvolveu a visão maniqueísta de mocinhos de um lado sendo atacados por vilões fanáticos e enlouquecidos de outro e como o jornalismo – inclusive o brasileiro, se alimentou e alimentou essa visão. Foi com esses argumentos e munidos de todas as armas de marketing que estar “do lado do bem” proporciona que o Presidente Bush e seu governo decidiram punir todo um país, o Afeganistão, em busca de vingança.

#### **3.4.2. A vingança pelo sangue do irmão**

Essa simplificação do cenário e a aceitação de todo o povo árabe como culpado pelo ocorrido nos EUA ajudou a justificar a invasão dos EUA ao Afeganistão. Que culpa tinha aquele povo inteiro, afinal? Nenhuma. Mas, assim como a imagem dos palestinos felizes correu o mundo, generalizando o conceito de “terroristas”, a ideia de vingança sobre eles também foi aceita. Os EUA precisavam se vingar. E nada melhor que uma

guerra contra um povo miserável e já destruído por sucessivos conflitos internos e externos para fazer isso.

Como vimos no capítulo 2, junto com a necessidade do consumo da violência, existe a presença do desejo de vingança. Conforme já observado aqui, segundo Girard (1990), o derramamento do sangue do irmão pressupõe a necessidade da vingança pelo derramamento do sangue do inimigo, transformado, simbolicamente, em não humano.



A guerra no Afeganistão foi tratada por boa parte da mídia como “guerra ao terror”. Observemos aqui que a palavra escolhida por *Veja* para se referir à motivação da guerra foi “terror” e não “terrorismo” ou “terroristas”. Ou seja, a guerra era contra o sentimento que assolava os EUA, como se, por si só, os ataques militares a um país pudessem expiar a sensação de insegurança e pesar.

A ideia de que a vingança era necessária – independente de ser direcionada aos culpados reais ou simbólicos – foi aceita pela maioria dos estadunidenses (como provou a reeleição de George W. Bush em 2004), mas não foi uma unanimidade. Em boa parte do mundo, aconteceram protestos contra a guerra e as reações de Bush. A cobertura da revista *Veja*, mais uma vez simplificou a questão e, por ocasião dos protestos contra a guerra publicou a seguinte capa:



Lá estava, novamente, o mundo dividido entre bons e maus. A linha fina remete às críticas à vingança dos EUA, deixando claramente marcado que, para a revista, o país era nada mais que uma “vítima” se defendendo. Retomando Girard (1990), cabe lembrar que “Ela [a vingança] é concebida como uma represália, e cada represália invoca uma outra. Muito raramente o crime punido pela vingança é visto como o primeiro: ele é considerado como vingança de um crime mais original” (p. 27). E foi exatamente o que aconteceu no caso da “guerra contra o terror”. Para *Veja*, toda e qualquer crítica ao direito de vingança passou a ser vista como uma espécie de incompreensível “vírus anti-EUA”. Na capa. Voltamos a ter a imagem do fogo, agora queimando a bandeira dos EUA, recurso muito comum quando se quer protestar contra as políticas estadunidenses, particularmente fora daquele país. Neste caso, trata-se do fogo que destrói.

### 3.5. Tempo e imagens

Para finalizar nossas análises sobre a cobertura de 11 de setembro de 2001, um primeiro ponto a ser considerado foi a preocupação com a rapidez na transmissão das informações sobre os atentados. Como vimos no capítulo anterior, o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação caminhou estimulado (e estimulando) pelo aumento da velocidade na transmissão de notícias. Do jornal impresso à Internet a percepção do que é atual foi se modificando. Assim como foi modificado o papel de cada veículo que cobre determinado assunto. Se no início do Séc. XX uma notícia publicada no jornal impresso um ou dois, até mais dias depois de acontecer era

considerada atual, hoje, essa mesma notícia precisa ser publicada rapidamente, assim que acontece. A ideia de “cobertura em tempo real” dá a sensação equivocada de que fato e notícia caminham juntos. E as tentativas de fazer com que essa simultaneidade aconteça são responsáveis por grandes erros de apuração e divulgação, sobretudo em dias de caos, como o 11 de setembro.

Quando aconteceram os ataques a Nova York, a Internet já era utilizada em grande escala e foi responsável por boa parte da cobertura dos eventos. Foi a Internet quem, juntamente com a televisão, manteve a atualização “em tempo real” das notícias. Para se ter uma idéia, o site brasileiro de maior audiência à época e ainda hoje, o Universo Online ou Uol, do grupo *Folha*, teve de mudar sua página de abertura para um modelo mais simples e rápido de carregar, a fim de evitar a saída do site do ar, tão grande foi o número de acessos naquele 11 de setembro. Havia uma intenção de se fazer a cobertura rápida das notícias, pois já vivíamos a época do jornalismo em tempo real e havia uma demanda enorme por informação por parte da sociedade, que queria saber qual seria o próximo atacado e tudo o que estava acontecendo naquele dia de caos. Como consequência disso, a Internet foi sim a principal responsável pela atualização do público por um lado e, por outro, também foi a grande responsável pela propagação de informações desencontradas. Boatos foram divulgados ao longo de todo o dia, sem que houvesse tempo para a apuração. Um dos erros mais comuns foi divulgar notícias de aviões que estavam desaparecidos – mais de vinte segundo o Uol ao meio dia – e que poderiam estar sendo alvos dos ataques. Soube-se, depois, que esses aviões estavam, na verdade em solo, em aeroportos alternativos, alarmados pelos atentados. De fato, foram quatro aviões sequestrados. Mas, naquele dia de caos, as notícias ampliaram esse número para mais de vinte, ampliando também a força das ações do terrorismo e aumentando o caos.

A cobertura do 11 de setembro expôs o extremo as tendências da mídia no Séc. XXI. No dia em que a próprio jornalismo entrou em pânico pudemos perceber as consequências dos caminhos que o jornalismo veio tomando ao longo da história. Num mesmo dia tivemos: a presença exagerada da aceleração do tempo, com a consequente incapacidade para fazer a cobertura jornalística com qualidade. E a cobertura errada acabou favorecendo as intenções daqueles que eram considerados os inimigos dos EUA.

Do telégrafo que servia ao jornal impresso até a internet, o tempo para apuração se tornou cada vez mais escasso, ao ponto de o jornalismo arrogantemente se considerar quase onipresente, dominando o assunto em tempo real. Pretende-se que o intervalo entre acontecimento e divulgação seja praticamente zero. É óbvio que essa obsessão pelo tempo tem resultados catastróficos na qualidade do que se cobre. E o problema maior é que essa necessidade, acelerada pela Internet, acaba por contaminar e se refletir em todos os demais veículos. No caso do 11 de setembro, vimos o extremo dessa tendência. A televisão passou a utilizar a Internet como fonte e vice-versa. Um erro divulgado na Internet foi , rapidamente, propagado por outros sites e pela televisão. Uma mentira repetida tantas vezes que recebia caráter de verdade.

E ambos pautaram os jornais do dia seguinte e as revistas daquela semana, que, além da cobertura dos fatos, deveriam – e tentaram – trazer análises e a ampliação da cobertura.

Outro ponto importante a ser observado é que tanto jornais quanto revistas se esforçaram para compreender as consequências futuras daquelas ações. Uma visível tentativa de, em meio ao caos, organizar de alguma forma o universo, buscando encontrar alguma ordem para aquela situação tão apavorante de imprevisibilidade e de quebra dos rituais cotidianos. Mesmo ao falar de insegurança, o que os veículos de comunicação, com seus críticos e intelectuais fizeram foi uma série de tentativas de previsão de reorganização do universo após o evento transformador. Ou seja, se de um lado a própria mídia foi utilizada e serviu como instrumento para a propagação do caos – e se beneficiou da audiência gerada por ele com as notícias sobre o evento – por outro, tentou-se oferecer ao público uma espécie de “calmante”, na busca da compreensão de como aquele mundo poderia se reestruturar a partir dali. Essas pílulas calmantes em geral foram dadas a partir não das matérias – que se prendiam exatamente nos acontecimentos e na confusão gerada – mas nas palavras dos chamados “especialistas”. Colunistas e intelectuais que, do alto de um saber acima da média da população, tentavam enxergar além do que os noticiários mostravam. A ideia de “o que podemos esperar” é, no fundo uma tentativa de prever o imprevisível. Mesmo sabendo disso, os esforços nesse sentido foram grandes, como podemos ver a seguir, em textos publicados na *Folha de S. Paulo* de 12 de setembro de 2001.



Curiosamente, vemos que no artigo da *Folha de S. Paulo* o historiador consultado pelo jornal comete um grande erro. Em sua tentativa de prever o futuro, ele afirma: “incompetência de Bush será cobrada”. A história nos mostrou que correu exatamente o contrário. Bush se utilizou do 11 de setembro e de suas ações justificadas pelo terror para se reeleger à Presidência dos EUA três anos depois.



Na outra página de análise, supõe-se que os atentados podem “recriar unidade perdida dos EUA”. Isso de fato aconteceu, vimos os estadunidenses unidos contra o terror, num mesmo sofrimento e medo, compartilhando a dor com os que foram diretamente

atingidos pelos atentados. Mas vimos também o lado mais cruel da chamada “unidade dos EUA”: a xenofobia e o preconceito alimentado a partir do medo de novos ataques e do ódio gerado em relação ao diferente. Como tratamos anteriormente, a unidade dos EUA foi reconstruída, sobretudo, a partir da destruição da imagem do outro, ou da construção da imagem do outro – de qualquer outro, mas, sobretudo dos muçulmanos, como os inimigos, os diferentes, aqueles que precisam ser vigiados, quando não, expulsos ou presos. Uma unidade a partir da exclusão do que não é igual.

### **3.5.1. Uma enorme proliferação de imagens**

Aqui, diferente do que acontecia em outras épocas, o jornal se utiliza com muita força das imagens. Se no passado os ataques terroristas eram descritos a fim de se criar imagens mentais sobre o ocorrido, agora, eles são mostrados. E as imagens se tornam a parte mais importante da notícia, juntamente com as chamadas de capa em letras grandes e outros artifícios que misturam imagem e texto, como os chapéus e os infográficos. Observando-se as páginas de cobertura dos atentados de Nova York em jornais e revistas e também na Internet, podemos ver que as fotografias e os gráficos ocupam a maior parte das páginas. Todas as páginas são ilustradas por eles. Na TV, a cobertura também explorou as imagens de forma excessiva. As edições rápidas de programas como o *Jornal Nacional* e o *Jornal das Dez*, da *Globo News*, privilegiou os cortes dinâmicos e a troca rápida das imagens que cobriam as falas dos apresentadores e repórteres. Sabe-se que existem níveis diferentes de leitura em qualquer veículo. No caso dos impressos, o primeiro nível é feito a partir das informações que chegam inicialmente ao leitor, fotografias e outras imagens, chamadas, linhas finas e janelas formam esse primeiro nível de leitura, no qual muitos dos leitores param. Ou seja caso opte por não ir adiante na leitura da matéria, por falta de tempo ou desinteresse, o leitor já se consideraria minimamente informado pela leitura rápida dos elementos primários de compreensão. E é exatamente nesses elementos primários que a opinião do veículo / jornalista se impõe. Para o leitor comum, é muito mais difícil perceber a manipulação ou o direcionamento da matéria a partir da leitura de imagens, que se mostra muito menos transparente que nos textos. Se no texto é possível perceber com maior ênfase a presença de declarações de determinadas fontes ou de uma edição que direcione o leitor

/ espectador, nas imagens, fotografias e gráficos e na utilização de cores tudo parece muito mais natural ao leitor, afinal, ele tem a sensação de estar vendo “com seus próprios olhos”.

Voltando ao início de nossas colocações, vamos retomar a história que começamos a contar. Até aqui, fomos desenhando as peças do quebra-cabeças que nos permite entender, em grande parte, o efeito obtido com o ataque à torres gêmeas em setembro de 2001. Vamos agora, juntá-las, a fim de compreender como as estratégias dos terroristas, apesar vestirem uma “roupagem nova”, foram montadas a partir de estruturas profundas de nossas camadas culturais:

- A expansão das imagens foi feita de maneira espetacular, através dos nossos grandes distribuidores de símbolos – os meios de comunicação de massa. Os mesmos meios de comunicação que propagam e difundem o ideal estadunidense difundiram a imagem que os inimigos tanto queriam ver.

O intervalo entre os ataques no 11 de setembro muito provavelmente foi minuciosamente calculado para que houvesse tempo de “convocar” a imprensa para presenciar ao vivo a destruição da segunda torre. Como na “guerra” da qual trata Pross (1989), o inimigo se impôs sem precisar ocupar cada canto do mundo ocidental fisicamente: ele o fez simbolicamente, através da estrutura de comunicação do país atacado e de nossos próprios aparelhos de TV.

Essa guerra foi feita, sobretudo, pela criação de imagens. Quando as imagens foram geradas, ninguém precisou de explicação, de longos textos para entender que o que se passava ali era um ato proposital, muito bem sucedido, que só poderia vir de um grande inimigo dos EUA.

Esse episódio foi exemplar para entendermos o funcionamento do terror no Séc. XXI e, mais que isso, para as guerras do Séc XXI. E aqui estamos nos referindo a todo o tipo de guerra: entre nações, entre grupos de nações, entre ideologias e religiões. Falamos ainda da guerra urbana. Guerras que não é mais física simplesmente. A ameaça não repousa sobre a destruição dos alvos e a morte de pessoas. Mais que em qualquer outro momento da história, nossas guerras são simbólicas. São guerras feitas, sobretudo, a

partir dos meios de comunicação. A principal arma não está nas mãos de soldados que destroem alvos e vidas, mas no discurso simbólico que é construído, muitas vezes, a partir da simples ameaça da destruição, disseminada pela imprensa do atacado.

Acreditamos que, dessa forma, conseguimos compreender em grande parte como se deu a construção do fato 11 de setembro e como essa imagem serviu tanto aos propósitos dos terroristas, quanto aos interesses do governo dos EUA e do jornalismo espetáculo do Séc. XXI.

Fechamos aqui parte da história que nos dá pistas para entender o que aconteceu nos anos que se seguiram, na imagem do terrorismo, na construção do terror e na forma como isso foi utilizado por diversos setores, desde a imprensa até o governo dos EUA, passando pela indústria bélica e de seguros.

O dia de pânico alimentou a chamada cultura do medo, com todas as consequências que isso pode trazer: o mundo, ao se apresentar pelos olhares midiáticos como um lugar mais perigoso para se viver, criou seres humanos mais fechados e medrosos, e nações mais xenofóbicas e agressivas com o estranho.

Para concluir este capítulo, queremos resgatar algumas imagens de *Veja* utilizadas aqui e onde são retratados terroristas genéricos, homens que representariam todo o seu grupo. A primeira imagem é de 13 de agosto de 1969, a segunda, é de 26 de setembro de 2001 e a terceira é de 03 de novembro de 2001.



A semelhança no recurso utilizado para mostrar a imagem do terrorista, em épocas diversas, é muito grande. Em todas, homens aparecem com os rostos cobertos e olhos escuros e ameaçadores. Mais de trinta anos depois da capa que mostrava os terroristas comunistas e da qual tratamos no início deste capítulo, e já na época dos atentados assinados, vemos o retorno da imagem ameaçadora, encoberta, desconhecida e generalizante, que mostra que o terror pode estar em qualquer lugar.

## [ QUATRO ]

### **“The day after” e o mundo que não era mais o mesmo**

Neste capítulo procuramos levantar alguns dos episódios que envolveram terrorismo após 11 de setembro de 2001, até os dez anos do evento, em setembro de 2011. Não pretendemos, obviamente, abarcar todos os momentos em que o terrorismo esteve em pauta. Fizemos uma seleção que inclui os episódios que receberam mais destaque na mídia e que tiveram maior importância na construção da imagem do terrorismo e na propagação do terror nessa década.

#### **4.1. Os anos que se seguiram e os alertas coloridos**

Após 11 de setembro de 2001 foram criados vários mecanismos para evitar que um novo ataque acontecesse nos EUA ou em algum dos países aliados a eles. Como já vimos anteriormente, todo o sistema de transporte aéreo sofreu mudanças. Dentre as medidas tomadas, todos os cidadãos passaram a ser revistados eletronicamente e manualmente. Abrindo mão da privacidade em nome da segurança, qualquer passageiro que entra nos EUA passa por um escâner, que investiga seu corpo por baixo da roupa.

Tirar os sapatos para a revista se tornou situação corriqueira na grande maioria dos aeroportos internacionais.

Os serviços de inteligência dos EUA e também de países europeus desenvolveram sistemas de alerta sobre o nível de risco de um novo atentado terrorista. Com a moral ferida pela incapacidade de perceber e evitar os atentados de 11 de setembro, tudo o que se queria, em seguida, era mostrar serviço. Em março de 2002 foi implantado o *Sistema de Alerta de Segurança Interno*, que, Segundo o Governo dos EUA, tinha como objetivo “informar a população sobre as ameaças terroristas”.

Esse sistema de alerta foi definido a partir de uma escala de cores, sendo que o vermelho representava alto risco de atentado e exigia atenção ampliada. Antes dele, a escala passava pelo laranja (alto risco de ataques terroristas), amarelo (risco significativo de ataques), azul (risco médio, generalizado de ataques terroristas) e verde (baixo risco).



O alerta vermelho foi dado apenas em 10 de agosto de 2006, quando foi descoberto um suposto complô da Al-Qaeda para promover o terrorismo utilizando linhas aéreas transatlânticas. No restante do tempo, as cores variavam entre amarelo e laranja, sendo que, durante os quase dez anos de existência do sistema de cores, ele nunca esteve no azul ou no verde. Ou seja, desde o ataque às torres gêmeas, os Estados Unidos passaram a se colocar como potencialmente atacáveis durante todo o tempo, sem uma pausa para que a tranquilidade pudesse se instaurar. Um estado de alerta constante, alimentador de

medo e disseminador de incertezas sobre o futuro e de algumas certezas absurdas sobre o outro. A utilidade prática do código de cores nunca se provou e foi criticada mesmo por quem esteve dentro do governo naquele período. Em sua auto-biografia, intitulada *The Test of Our Times: America Under Siege... And How We Can Be Safe Again* (2009), Tom Ridge, secretário de Segurança Interna do presidente George Bush, conta que em outubro de 2004 o então procurador-geral dos EUA, John Ashcroft, e o secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, queriam aumentar o nível de alerta contra o terrorismo, depois da revelação de uma gravação de Osama bin Laden. Ridge afirma que, sem perceber qual a ligação entre essa gravação já antiga e o aumento do nível de insegurança do país, passou a questionar se o sistema de cores tratava-se de um instrumento de segurança ou uma ferramenta política. Pouco tempo depois, ele deixou o cargo.

O fato de terem escolhido uma escala de cores para determinar o grau de perigo de novos ataques fez com que a população se sentisse mais alarmada que se os avisos fossem dados com textos verbais. Segundo Guimarães (2001), a cor é, na maioria das vezes, o primeiro elemento que chega à percepção dos receptores da informação, até por isso, ela adquire um caráter altamente informativo e dialoga com os códigos primários da cultura. A escala escolhida pelo governo dos EUA parte do verde, considerado a cor da tranquilidade e vai até o vermelho, que, segundo Guimarães (pp 114-117), está associada na cultura ao perigo e à violência. Já o amarelo é a cor associada, inclusive na sinalização das ruas, ao alerta, à possibilidade de mudança de estado para uma situação de perigo. A permanência constante entre o amarelo e o vermelho veio carregada da informação de que algo ruim estava, o tempo todo, prestes a acontecer.

Independente de ser útil na prática ou apenas ideologicamente, o sistema de cores serviu como material para a imprensa durante toda a década de sua existência. Cada subida do nível amarelo para o laranja fazia soar uma espécie de alarme na imprensa mundial, que tratava rapidamente de tentar entender o motivo do aumento do nível de segurança – na verdade, insegurança – do país. Junto com o alerta em alta, aumentavam as especulações e as informações sobre as medidas que estavam sendo tomadas pelo governo dos EUA para proteger os cidadãos. Também se especulava sobre como aquela ação detectada poderia ter influência em outros países. Ou seja, o código de cores e a

fragilidade da segurança confirmada e alimentada por ele contribuíram durante dez anos para que a população se sentisse insegura e se colocasse nas mãos do poder dos EUA em busca de salvação.

Abaixo, um exemplo de como a *Folha de S. Paulo* cobriu uma das mudanças de cores no sistema de segurança dos EUA.



FSP 17 de fevereiro de 2003

A matéria anterior mostra um exemplo de como a mídia repercutiu as mudanças de cores, principalmente quando a escala passava de amarelo para laranja, trazendo à tona novamente o assunto dos atentados, anos depois. Neste caso, o nível de alerta teria sido elevado, pois EUA e Inglaterra alegavam ter “informações concretas sobre planos de ataques da rede Al-Qaeda”. O exemplo também foi escolhido para ilustrar como os chamados terroristas se apropriaram da mídia ocidental e de todas as suas tendências já discutidas aqui (favorecimento do caos, especulações, interesse pela violência e tendência à espetacularização) para fortalecer sua própria imagem e a de seu grupo. Na mesma notícia temos como chamada principal uma frase que teria sido dita pelo líder da Al-Qaeda, Osama bin Laden, em gravações, e que haveriam “vazado” por meio da rede de TV árabe *Al Jazeera*, nas quais ele conclamava o povo árabe a provocar atentados contra os EUA. Sabemos, obviamente, que a maior parte dos árabes não se sentiria atingida ou estimulada por essas mensagens, o que de fato não aconteceu. Também é possível prever que os efeitos diretos delas só poderiam recair sobre pequenos grupos organizados. Mas o maior efeito dessa e de outras gravações de bin Laden que vieram a público enquanto ele viveu, residiram de fato no aumento do pânico e na manutenção do estado de alerta dos EUA. Com isso, o próprio grupo terrorista se beneficiava. Na outra ponta, o jornalismo tinha material com grande valor-notícia para trabalhar e atingir o

interesse do público, camuflado de interesse público. E, não há dúvidas de que cada comunicado e aumento de nível na escala de cores do alerta do terror serviam para manter a sensação de perigo, fortalecendo assim as imagens das pessoas que cuidavam da segurança do país e justificando suas ações, por vezes desastrosas, no Afeganistão e no Iraque.

O que pudemos perceber na década que se seguiu aos atentados de 11 de setembro de 2001 foi que, num primeiro momento, os atentados expuseram toda a fragilidade e marcaram negativamente a imagem do governo dos EUA. Nessa binariedade, ficou muito claro quem era o mocinho e quem era o vilão da história, como vimos no capítulo 3. Mas o líder dos mocinhos pareceu fragilizado e foi criticado por sua incapacidade de garantir a segurança dos seus liderados. Porém, com ajuda da imprensa e de todo um trabalho de marketing, houve uma inversão nessa postura. Os mocinhos se sentiram fortalecidos e precisaram se colocar em alerta o tempo todo para que nunca mais fossem atingidos.

Em abril de 2011 foi lançado um sistema de alerta mais simples, para ser rapidamente compreendido pela população. “Elevado” e “iminente” são as duas situações reportadas. Além da mudança no sistema de alerta, que procurou simplificar a compreensão acerca de cada nível, o sistema foi colocado nas redes sociais *Facebook* e *Twitter*. Ou seja, hoje, a divulgação do nível de risco não precisa mais passar pelas emissoras de TV, rádio ou pelos jornais antes de chegar à população. Ela vai diretamente dos serviços de inteligência do governo para o “consumidor final”, via redes sociais. Dessa forma, cada cidadão passou a ser um potencial divulgador do sistema de alerta do Governo.

Como não há orientação para como a população deve proceder, nem parece existir muito a ser feito pelo público em geral em caso de ameaça terrorista, essa informação – assim como já acontecia com a escala de cores - parece servir muito mais para manter o alerta e lembrar a todos que os serviços de informação estão funcionando que visar a uma finalidade prática cotidiana.

Os alertas coloridos e as buscas por bin Laden estiveram entre as principais pautas do jornalismo quando o assunto era terrorismo nos anos que se seguiram aos ataques a Nova York.

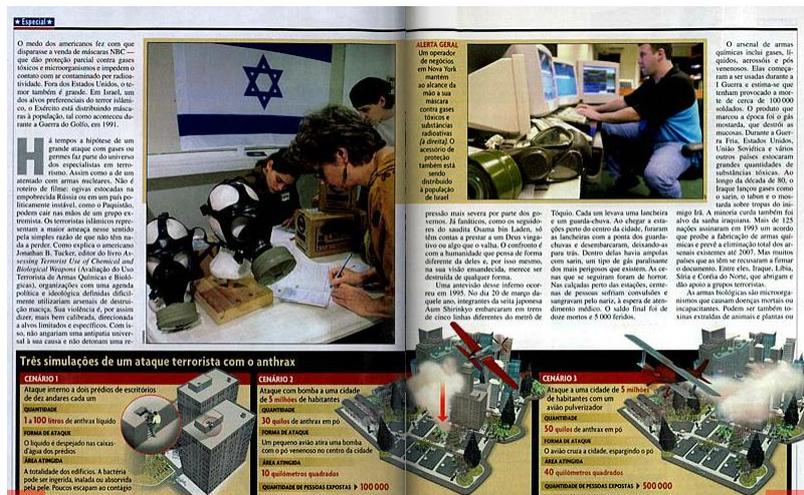
## 4.2. Armas químicas, biológicas e os ataques por Anthrax

Tão logo se passaram os efeitos imediatos do 11 de setembro iniciou-se uma especulação acerca de quais seriam os próximos passos dos terroristas. Antes de qualquer movimentação nesse sentido, curiosamente, a mídia passou a, de certa forma, mostrar que esperava que grupos terroristas voltassem a agir com força. Ou seja, a suposição e a divulgação do que poderia acontecer e a expectativa criada, ao invés de ajudar a restabelecer a ordem e reduzir o medo, serviram para aumentar o pânico, por conta de algo que nem se sabia o que poderia ser e, ao mesmo tempo, instigou grupos terroristas e outros interessados na quebra da ordem a realizar ações nesse sentido.

Um dos maiores riscos para o mundo, segundo a mídia à época, era que os terroristas passassem a se utilizar de armas químicas ou biológicas. Antes de qualquer manifestação de ameaça, o Governo dos países que se consideravam visados (sobretudo EUA e Inglaterra), ajudados pelos meios de comunicação de massa, avisavam da possibilidade desses novos e cruéis ataques. Como vemos na matéria da revista *Veja*, o alerta teria sido dado pelo FBI, que estaria preocupado com alguns passos dos terroristas, como a busca por informações sobre aviões de pulverização agrícola. Daí, concluiu-se que os terroristas estariam querendo máquinas para pulverizar armas químicas ou biológicas em uma população imensa e completamente indefesa. Obviamente, os serviços de segurança deveriam estar atentos a essas ameaças, mas isso não significa que toda a população de boa parte do mundo precisasse ser posta em alerta, até porque esse alerta de nada adiantaria caso os atentados fossem de fato realizados.



Em sua edição de 3 de outubro de 2001, a revista *Veja* apontou esse risco sob a manchete “mais uma face do terror”. O mais curioso é que a foto abaixo da chamada parecia mostrar algo que já estava acontecendo. A imagem ocupava a maior parte da dupla de páginas que, num primeiro olhar, parecia se referir à atuação da polícia em uma situação concreta, como se o episódio com armas químicas ou biológicas já tivesse acontecido. Só percebe-se que a imagem se refere a um treinamento de prevenção quando se lê a legenda minúscula, escrita sobre a referida foto, no canto de menor destaque visual da página.



*Veja*, 3 de outubro de 2001

Na abertura da matéria, a frase: “um espectro ronda a América: o de um ataque químico ou biológico”. A ideia de um espectro rondando o mundo foi aproveitada várias vezes por *Veja* no período pós-ataques. Veremos mais adiante como ela aparece e que efeito causa no leitor. O terror poderia estar, novamente, em qualquer lugar. A ideia de microrganismos ou produtos químicos fatais serem lançados por aviões ou outros meios de transporte ampliou a sensação de terror constante. Se o uso de meios de transporte, por si só, já é uma ameaça onipresente, a utilização de microrganismos que se espalham em minutos aumenta ainda mais o poder aterrorizante – e a ideia de descontrole – passada pela informação.

De fato, e esses foram os únicos acontecimentos concretos nesse sentido, em setembro de 2001 aconteceram alguns ataques com anthrax, um temido bacilo que destrói o sistema respiratório, entre outros, e que pode levar à morte tão logo os sintomas mais

fortes apareçam. Os ataques ocorreram em dois momentos. Os bacilos foram enviados por cartas. As primeiras chegaram a seus destinatários em 18 de setembro de 2001, uma semana após os atentados a Nova York. Foram enviadas a veículos de comunicação. Outras duas cartas foram encaminhadas três semanas depois das primeiras a dois senadores democratas. Cinco pessoas morreram contaminadas por anthrax. Embora tenha acontecido em casos isolados, o medo de um ataque provocou pânico entre a população. Máscaras de proteção para o rosto esgotaram em poucos dias e qualquer entrega feita pelo Correio passou a ser encarada como uma ameaça à vida. Após as investigações, não havia nenhum indício de que os envios de anthrax tinham sido feitos por terroristas estrangeiros. Todos os caminhos levaram à acusação de um cientista estadunidense que, aproveitando as expectativas criadas em torno de um suposto ataque biológico, resolveu colocar em prática a ação. Edwards Bruce Ivins, o cientista a quem todas as evidências se dirigiam morreu em 2008. Teria cometido suicídio.

O fato é que o medo de doenças, particularmente as que chegam pelo céu, sempre esteve entre os maiores temores da humanidade. Na bíblia, por exemplo, há várias citações de “pestes” que atacaram a humanidade. Elas teriam sido mandadas por Deus. E assim também será, segundo o livro Apocalipse, no final dos tempos: “Farei perecer pela peste os seus filhos, e todas as igrejas hão de saber que eu sou aquele que sonda os rins e os corações, porque darei a cada um de vós segundo as suas obras” (Apocalipse, 2:23), afirma a bíblia católica.

### **4.3. Os corpos da Guerra no Afeganistão**

Em 07 de outubro de 2001, menos de um mês após os ataques terroristas, EUA e Inglaterra declararam guerra e invadiram o Afeganistão. O grande argumento era que o governo Talibã, então responsável pela administração do país, era um grande apoiador de Osama bin Laden, que teria ali desenvolvido seu plano de ataque aos EUA. Toda a cobertura midiática do 11 de setembro favoreceu os argumentos dos que eram pró-invasão do Afeganistão. Ali, tinha-se criado uma imagem distorcida e maniqueísta de todo o povo árabe e, de maneira particular, dos afegãos. Era preciso atacá-los para vingar e extirpar o mal que tanto havia ferido os EUA. O que aconteceu naquele período

foi que não havia de fato um país para quem declarar guerra, já que os ataques haviam sido praticados por um grupo específico e não por um país. Passou-se a caçar esse grupo e seu líder, mas isso não era suficiente para melhorar a imagem ferida e cambaleante do governo dos EUA. A nosso ver, era necessário fortalecer a ideia de vingança. Para tal, elegeu-se como inimigo o país que supostamente apoiava o idealizador dos ataques. Outro argumento para a invasão era que o Afeganistão escondia Osama bin Laden, o grande alvo dos EUA. Entrar no país significaria ter acesso a ele. Acreditava-se, ainda, que a Guerra duraria pouco tempo, já que o país atingido era miserável e já estava destruído por uma série de invasões estrangeiras e guerras civis anteriores.

Boa parte do mundo – e inclusive a ONU – foi contrária a essa invasão. O argumento dos contrários era que não havia nenhuma declaração de guerra feita por aquele país, que não poderia ser atacado sem motivo.

O fato é que a guerra no Afeganistão foi bem mais dura que se esperava. Os exércitos dos EUA e aliados encontraram muita resistência. Em 2012, as tropas estrangeiras continuam no Afeganistão.

A guerra no Afeganistão, especialmente entre os anos de 2001 e 2005, aconteceu simultaneamente no local e pela imprensa. Por um lado, EUA e aliados mantinham jornalistas com informações favoráveis às suas intenções: cidades já ocupadas pelas tropas aliadas, número de “radicais” presos ou mortos. Poucos correspondentes internacionais se aventuraram por terras afegãs, já que, como veremos mais adiante, os jornalistas acabaram se tornando importantes alvos dos talibãs. Dessa forma, as informações chegavam à maior parte do mundo filtradas e direcionadas pelas mesmas fontes. E as notícias que vinham dessa forma, em geral, eram positivas: cidades estavam sendo tomadas pelas tropas aliadas, civis estavam sendo poupados, líderes talibãs estavam sendo presos. Tudo era mostrado como se as operações tivessem precisão cirúrgica. E as vozes a contar essas histórias eram poucas: as redes de televisão estadunidenses, especialmente a CNN, que já havia sido muito bem utilizada pelos EUA em outras guerras e as agências de notícias internacionais. Do outro lado, obviamente sem poder contar sua versão da história à maior parte do mundo, e sem uma estrutura de comunicação semelhante à dos inimigos à sua disposição, os atacados encontraram na estrutura da mídia contemporânea as brechas de que precisavam para mostrar um pouco

do seu lado. Violência, espetáculo de sangue e corpos mortos foram alguns dos ingredientes utilizados para ganhar espaço na mídia. Já que não adiantava mostrar corpos de afegãos para conseguir os olhares do mundo, pois a morte de afegãos nada mais era do que um “efeito colateral” da vingança necessária, eles passaram a expor corpos dos próprios estrangeiros, considerados invasores na mídia.

O exemplo mais claro disso aconteceu em 31 de março de 2004. Na ocasião, a mídia toda divulgava, a partir da versão dos EUA, que as tropas aliadas haviam tomado Fallujah, considerada uma das áreas mais difíceis e “rebeldes” do país. Tomar Fallujah era praticamente vencer a guerra. Diante dessa informação, houve o fato: dezenas de afegãos atacaram quatro estrangeiros, trabalhadores de empresas de Engenharia dos EUA. Eram, portanto, civis e não soldados, o que ampliou o poder da ação. Os corpos foram mutilados e afixados no alto de uma ponte.

O ataque aos civis virou notícia imediatamente, como mostra a matéria abaixo, produzida a partir de material da agência de notícias *France Press* e publicada no site Uol, pertencente ao grupo Folha, ainda no dia 31.



Mas a grande repercussão ainda estava por vir: as imagens dos corpos sendo mutilados e, mais que isso, pendurados como bandeiras em uma ponte de Fallujah, com pessoas comemorando ao redor, foram gravadas pelos próprios afegãos que, sem ter uma rede de notícias que pudesse atingir o grande público, as divulgaram através da Internet, via e-mail e sites de compartilhamentos de vídeos. Corpos-bandeira são visíveis e ajudam a marcar território. A intenção era, segundo eles, vingar a morte de um líder religioso,

mostrar o que haviam feito e contrapor as informações de que Fallujah estava tomada. Assim, utilizando a estrutura e a tendência da mídia do inimigo, eles conseguiram o que queriam, burlaram os filtros e deram seu recado. As imagens dos corpos foram reproduzidas por vários veículos de comunicação pelo mundo, como a Folha de S. Paulo de 1 de abril de 2004 e a revista Veja de 7 de abril do mesmo ano:



Os corpos-bandeiras pendurados nas pontes ganharam muito mais destaque que qualquer outra notícia provocada pelos afegãos à época. Obviamente, o olhar da mídia ocidental foi negativo para o episódio, mas ele serviu exatamente ao que os afegãos queriam: entraram na mídia dos inimigos com uma notícia criada por eles mesmos e mostraram que a situação não era tão tranquila e positiva como tentavam fazer crer os estrangeiros. Os corpos expostos causaram repulsa, mas, ao mesmo tempo curiosidade e apontaram para as mentiras que vinham sendo ditas por quem controla a imprensa ocidental. Na falta de outros elementos que pudessem lhes dar voz, os inimigos se utilizaram dos corpos dos para atingir o público que almejavam. Como vimos no capítulo 1, segundo Pross, o corpo é nossa primeira mídia, é a nossa “mídia primária” na construção da comunicação humana. Ao utilizar corpos dos inimigos para ampliar suas mensagens, os homens de Fallujah usaram a mídia primária do outro para que eles próprios mostrassem, de forma indireta, o que estava acontecendo. Neste caso, também foi utilizada a mídia terciária do inimigo, com toda a estrutura e a velocidade patrocinadas pela Internet.

O episódio de Fallujah evidenciou todo o ciclo da comunicação contemporânea: homens estadunidenses foram atacados. Seus corpos pendurados como bandeiras apontaram que essas mortes não acontecerem simplesmente para que os responsáveis por elas se livrassem dos inimigos, mas para servirem como exemplos darem visibilidade a uma realidade pouco conhecida pelos inimigos, uma prática antiga e comum entre os homens. Ao utilizar corpos dos outros para passar informação, os homens de Fallujah mexeram com pontos cruciais da nossa cultura: o corpo de um dos nossos, assim apresentado e exposto, nos atinge diretamente. Ao mesmo tempo, esse material forneceu aos produtores de consumidores de notícia, material rico em valores-notícia: violência, inusitado, medo. A violência que, como já vimos, ajuda a aplacar nosso desejo por sangue, e, ao mesmo tempo, quando praticada contra um dos nossos, faz com que tenhamos ser os próximos. E tudo isso foi feito com a utilização da mais atual tecnologia, alimentada e alimentadora do desejo de velocidade e visibilidade, estudados aqui no capítulo 2. Assim, utilizando as mais recentes ferramentas de informação dos inimigos e as estruturas mais profundas da cultura humana, simultaneamente, os homens de Fallujah entraram rapidamente e sem chance de censura, nas casas de milhões de pessoas em diversas partes do mundo.

Outra forma de atingir os holofotes ocidentais foi com o sequestro de jornalistas. Dezenas morreram nos conflitos e vários foram sequestrados e tiveram seus pescoços decaptados em imagens gravadas que depois foram divulgadas via Internet para o público no resto do mundo.

#### **4.4. Madri e Londres – a manutenção do estado de terror**

Entre 2001 e 2012 ocorreram vários atentados terroristas em diversas partes do mundo. Dois deles particularmente receberam grande destaque tanto por sua dimensão, quanto pelos valores simbólicos agregados e já expostos aqui. Esses ataques aconteceram em Madri, na Espanha, em 2004 e em Londres, na Inglaterra, em 2005.

Apenas para retomar a história que já contamos no capítulo 1, em 11 de março de 2005 dez explosões simultâneas de bombas no sistema de metrô de Madri no horário de pico, por volta das 08h da manhã, deram início ao maior atentado terrorista da Espanha. Três estações foram atingidas 191 pessoas morreram e mais de 1700 ficaram feridas. O episódio ficou conhecido como 11-M. A data é lembrada anualmente com eventos em homenagem aos mortos.

Para entendermos como se deu a construção e a repercussão dos atentados de Madri, lembremos que, neles, foram utilizados meios de transporte e os ataques ocorreram simultaneamente. Novamente uma grande cidade, a mais movimentada e conhecida do país, foi atacada. Enfim, na construção do 11-M foram utilizados recursos muito semelhantes a alguns dos que foram utilizados no 11 de setembro, prova de que a repercussão de um atentado leva outros que buscam a mesma visibilidade a se apropriarem das estratégias que deram certo em relação à sua divulgação midiática.

Observando a cobertura imediatamente posterior aos atentados de Madri, podemos ver, de forma muito clara, a repetição dos mesmos recursos jornalísticos que foram utilizados na tentativa de entender, reportar e explicar o 11 de setembro.

Logo nos momentos seguintes ao ocorrido, as mesmas perguntas do 11 de setembro foram feitas, sobretudo nos portais de notícias e pelas emissoras de TV. Para a construção do lide jornalístico a imprensa já tinha as respostas de “O quê”, “Quando”, “Onde” e “Como”. Faltava o “Quem” e o “Por quê”. Essa brecha foi rapidamente preenchida não com informações, mas com especulações, montadas a partir do cenário que já vinha sendo traçado desde 11 de setembro de 2001. A cobertura imediata dos atentados logo apontou que QUEM havia organizado a tragédia deveria estar associado a algum grupo islâmico radical. O atentado foi creditado a “célula islâmica local” que tentava reproduzir as ações da Al-Qaeda.

A seguir, vemos como as publicações aqui estudadas cobriram os atentados a Madri:

**FOLHA DE S. PAULO**

**Terror mata mais de 190 em Madri**

Um ato de terror chocou a Espanha em profunda dor, repulsa e raiva. O atentado matou mais de 190 pessoas na terça-feira (11) de março de 2004, em Madri, capital do país.



Os bombeiros estão trabalhando para retirar os corpos.

Política econômica não muda, diz Lula

Presidente da Comissão Europeia

**FOLHA MUNDO**

**MASSACRE EM MADRI**

Ataques contra trens matam mais de 190

Um ato de terror chocou a Espanha em profunda dor, repulsa e raiva. O atentado matou mais de 190 pessoas na terça-feira (11) de março de 2004, em Madri, capital do país.



ETA reivindica o ataque

Al Qaeda também reivindicou o ataque

**FOLHA MUNDO**

Um ato de terror bárbaro envolveu a Espanha em profunda dor, repulsa e raiva. Vosso rei sofre convulsões, compartilhis vossa indignação e confia na força e na eficiência do Estado de Direito



**Líderes exortam união contra terror**

Os líderes europeus pediram a união dos países europeus para enfrentar o terrorismo.



Futebolistas brasileiros ficam chocados

**Aznar evita uso eleitoral do terror**

O líder do Partido Popular, José María Aznar, evitou usar o atentado para fins eleitorais.



**Espanha se sente no 11 de Setembro**

A Espanha se sente como em 11 de setembro de 2001, após o atentado em Madri.



**Aznar era inimigo de ETA e Al Qaeda**

O líder do Partido Popular, José María Aznar, era considerado inimigo de ETA e Al Qaeda.



Europa pode intensificar guerra ao terror

**Madri, 11 de março de 2004**

**veja**

**AS VITIMAS SOMOS TODOS NÓS**



**MORTE NO TREN**

Um ato de terror chocou a Espanha em profunda dor, repulsa e raiva. O atentado matou mais de 190 pessoas na terça-feira (11) de março de 2004, em Madri, capital do país.



Um ato de terror chocou a Espanha em profunda dor, repulsa e raiva. O atentado matou mais de 190 pessoas na terça-feira (11) de março de 2004, em Madri, capital do país.

Nestes casos, há uma diferença significativa aqui em relação à cobertura do 11 de setembro de 2001. Ao invés do cuidado para tornar a cobertura quase estéril, sem a presença de sangue (o que fazia sentido dentro da análise apresentada por nós anteriormente), a cobertura do 11 de Março, tanto por *Folha* quanto por *Veja* mostra uma grande quantidade de fotografias onde aparecem mortos e feridos, desde suas

capas. Algumas imagens são mesmo fortes. E é a partir da exposição desses corpos ensanguentados que se cria a leitura primária daquilo que vem escrito na capa de *Veja*: “As vítimas somos todos nós”. O sangue mostrado, portanto, é o sangue do irmão. Como vimos no capítulo 1, o sangue do sacrificado. Ocorre aqui uma relação direta de identificação. Primeiro, nos coloca, leitores brasileiros, próximos à realidade dos espanhóis (desta vez, a relação de aproximação não pode ser feita indiretamente, a partir de brasileiros mortos, pois isso não aconteceu, portanto, é feita a partir de uma afirmação direta no texto), depois, assume, novamente e de maneira muito clara a separação nós (os bons) – eles (os maus). O mesmo acontece na cobertura da *Folha de S. Paulo*, que mostra fotos muito parecidas ou iguais às de *Veja* e, em busca de aproximação, entrevistas com “futebolistas brasileiros”, à época, nosso grupo mais conhecido de residentes em terras espanholas.



As coberturas da revista *Veja* e da *Folha* retomam o tom apocalíptico que cercou toda a cobertura do 11 de setembro. Agora, o mundo já não era mais o mesmo e volta a ser

assombrado por um “espectro”. *Veja* retoma no abre de sua matéria de capa a frase de abertura do Manifesto Comunista, de Marx e Engels (“um espectro ronda a Europa: o espectro do comunismo”), escrita em 1848 para se referir ao crescimento dos ideais comunistas na região. Embora tenha, originalmente, um caráter positivo, pois se referia a uma tendência dos trabalhadores cansados de serem explorados pelo capital, a frase ganhou, ao longo da história, principalmente durante o período da Guerra Fria, caráter de ameaça pelos opositores ao comunismo. A ideia de “espectro” gerava medo e, em boa parte do mundo, alimentou o imaginário acerca do caos que poderia se formar a partir da mudança radical de regime. *Veja* retoma a frase, já conhecida e carregada de valor simbólico para se referir ao terrorismo e aos riscos que ele trazia à Europa e ao mundo civilizado, de maneira geral. Na linha fina, fica clara essa intenção apocalíptica da revista: “é o do terrorismo, que mata e mutila homens e mulheres, para matar e mutilar valores e princípios”. “O terrorismo”, visto dessa forma, ganha vida própria. Não são “os terroristas”, mas é algo imaterial, que, conforme mostrado tanto em *Veja* quanto na *Folha*, foge ao controle e ronda já boa parte do mundo.

Outro ponto interessante na cobertura da revista *Veja* é a frase “11 de março de 2004 - o século marcado pelo signo do terror”, sobre uma foto que estampa mortos e feridos. Novamente, entra o recurso do fundo preto, que remete ao luto, à tristeza, às experiências pré-predicativas associadas ao negativo e ao desconhecido, conforme afirma Pross (1989). Além disso, ainda no quarto ano do século, a revista já estabelece que nossa época será marcada pelo terror. Mais que uma constatação do peso que esses eventos teriam na história, uma previsão de que o terror (não necessariamente o terrorismo) perduraria no futuro.

#### **4.4.1. As capas pelo mundo**

A título de comparação, vejamos como o assunto apareceu nas capas de alguns dos principais jornais do mundo em 12 de março de 2004:



Mais uma vez, assim como no 11 de setembro de 2001, percebemos que houve uma tendência a se fazer uma cobertura muito homogênea em boa parte dos veículos que destacaram os atentados. Várias capas – desde as de jornais espanhóis, passando por outros Europeus, como o alemão *Die Welt* e pelo estadunidense *The New York Times*, até o brasileiro popular *O Dia*, todos mostraram imagens da destruição e vários apresentaram fotos das vítimas mortas ou ensanguentadas. Vários ainda se referem a Al-Qaeda ou Bin Laden. “Terror de Bin Laden mata 192 em Madri”, grita a página de *O Dia*. Naquele momento, acreditava-se que o grupo responsável pelos atentados era “simpatizante da Al-Qaeda”, mas o atentado nunca foi assumido por bin Laden ou grupos ligados diretamente a ele. Vemos aqui, novamente, uma espécie de grife do

terrorismo, como apontado no capítulo 3: “terrorismo à moda de bin Laden ou da Al-Qaeda”.

Voltando à revista *Veja*, percebemos que ela também fez essa associação direta:



Mais adiante, um grupo se responsabilizou pelos atentados, afirmando ser inspirado pela Al-Qaeda. Isso serviu para a cobertura jornalística mostrar que bin Laden tinha seguidores espalhados pelo mundo, responsáveis por disseminar as “sementes do mal”, conforme escrito na janela da página de cobertura em *Veja*.

Pensando pelo outro lado, o dos chamados terroristas, podemos perceber que a cobertura jornalística feita e a associação direta entre os atentados de 11 de setembro de 2001 e 11 de março de 2004, ampliaram a força da imagem de bin Laden e de seu grupo sem que, para isso, eles precisassem fazer qualquer esforço direto.

#### 4.4.2. O fogo, mais uma vez

Os atentados de 11 de março provocaram explosões, mas não produziram imagens de fogo, como aconteceu no 11 de setembro. De qualquer forma o fogo aparece na

cobertura jornalística. Para compreendermos a importância desse elemento na cultura e, portanto, na mídia, basta observar que *Folha* e *Veja* utilizaram a mesma imagem de velas em chamas para ilustrar algumas de suas páginas. Neste caso, o fogo adquire uma característica e um peso simbólico diferente. Ele não é o fogo que destrói. Mas, aceso em homenagem às vítimas e controlado pela chama de velas, é o fogo que ilumina, o fogo do espírito, o fogo que busca diminuir um pouco a escuridão simbólica que tomou conta daquele dia na Espanha e no “mundo de bem”. Como vimos no capítulo 1, essa ambivalência do fogo – o fogo que destrói e o que ilumina é bastante forte na história da humanidade. De qualquer forma, ambos os fogos estão ligados à transformação: em geral, negativa e ameaçadora no caso do fogo que destrói, e positiva, no caso do fogo que ilumina.

#### **4.4.3. Londres, 2005 – a história se repete**

Em 7 de julho de 2005, 52 pessoas morreram e 700 ficaram feridas após explosões de bombas em três trens e um ônibus de dois andares, no Centro de Londres, no horário do rush. Os organizadores dos atentados nunca se identificaram. Porém, as características semelhantes às dos atentados de Nova York e Madri levaram as autoridades inglesas e internacionais a creditar os atentados a “grupos islâmicos radicais”. Na imprensa, novamente o atentado logo foi associado a Osama bin Laden e seu grupo. Se não havia comprovação de que ele era o responsável, a junção era feita por expressões como “terrorismo ao estilo de Osama bin Laden”, que aparece na matéria da revista *Veja*. Já a *Folha*, no dia seguinte ao atentado culpa “grupos radicais de islã”, mesmo com pouquíssima apuração sobre o fato, pois o evento acabara de acontecer. Ou seja, vemos novamente a demonização do islã, a volta da figura de bin Laden, como foco central do problema.

Novamente, o texto de *Veja* levanta o risco do caos, ao afirmar que esta foi “a vez foi Londres”. Na capa, a pergunta “qual o próximo alvo?” amplia o risco e o alerta sobre “o próximo” como se inevitavelmente ele fosse existir.

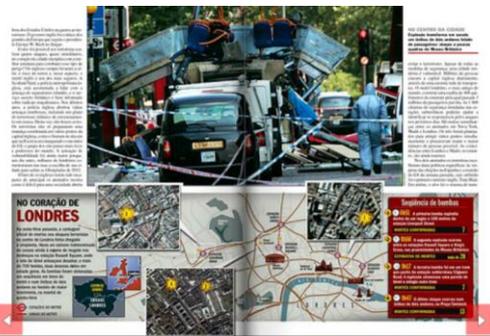
Graficamente, a chamada para a matéria que trata do atentado volta a ser feita por *Veja* em vermelho sobre fundo preto, cores já utilizadas na cobertura de outros atentados. Assim como aconteceu em Madri, o sangue dos nossos inocentes volta a aparecer em destaque. Porém, desta vez, *Veja* não trata os atentados como matéria principal. Ela será apenas uma chamada no alto da página. Agora, a chamada vem enfraquecida pela principal notícia da semana, as denúncias de corrupção no governo Lula, levantadas na semana anterior pela própria revista *Veja*. Também na *Folha*, apesar de ser o destaque principal do dia, a chamada sobre os atentados em Londres divide a capa do jornal com outras chamadas, também sobre a corrupção no governo Lula. Embora tenha apresentado os mesmos elementos dos atentados tratados aqui anteriormente, este teve sua importância reduzida em detrimento de assuntos internos, por alguns motivos, na nossa opinião:

- A repetição dos elementos, embora tenha reforçado o poder dos organizadores dos atentados, acabou fazendo com que eles deixassem de ser novidade, banalizando, de certa forma, o poder noticioso das ações.

- O número de mortos foi inferior aos dos atentados anteriores, enfraquecendo o valor-notícia do evento. Conforme já vimos, ao estudar os critérios de noticiabilidade, no capítulo 2, o número de pessoas afetadas diretamente é fundamental para definir o poder de notícia de determinado fato;

- Havia no Brasil, naquele momento, um episódio com elevadíssimo valor-notícia – especialmente nos quesitos novidade e proximidade. Um episódio que, além de tudo, havia sido levantado pela própria imprensa. Ou seja, *Veja* optou por destacar a matéria que valorizaria mais o papel da própria publicação.

De qualquer forma, o atentado de Londres foi fundamental para alimentar o imaginário acerca do terrorismo, dos terroristas e para manter o estado de terror. A imprensa colaborou para isso ao insistir na ideia de que haveria uma continuidade e perguntar onde seria o próximo. Ou seja, o próximo poderia ser em qualquer lugar. A próxima vítima poderia ser qualquer um. De fato, desde então, não acontecerem outros atentados com essas características. Obviamente, a vigilância permanente fez diferença. Mas é possível também que tenha se detectado uma perda na visibilidade deste tipo de evento.



Novamente, como no caso da cobertura dos atentados em Madri, vemos vítimas expostas nas imagens. Além disso, tanto *Veja*, quanto *Folha* optaram por destacar, além das vítimas, a imagem do ônibus vermelho, tradicional símbolo de Londres, destruído. Considerando as estratégias recorrentes – e realimentadas – dos organizadores dos atos terroristas, é possível pensar que, muito provavelmente, essa imagem, do símbolo da cidade destruído foi imaginada e buscada por aqueles que pensaram nos atentados.

Algo como: se a mídia quer um símbolo destruído, daremos isso a ela. Novamente, a cobertura se fixa prioritariamente no número de mortos, no caos nos transportes e no caos financeiro.

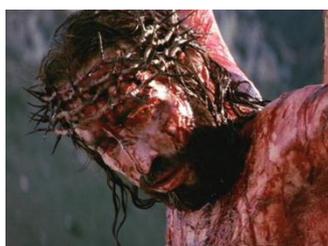
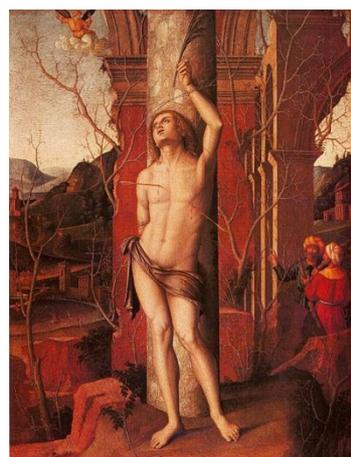
Vemos ainda nessa cobertura, assim como havia acontecido anteriormente, uma clara confusão entre os termos terror e terrorismo. A ideia de que “o terror mata”, como publicado pela *Folha de S. Paulo* em sua capa faz uma certa confusão entre ambos. Vemos essa mistura equivocada em vários outros veículos. Na verdade, o terrorismo causa o sentimento de terror, que é alimentado com a utilização da própria mídia nas vítimas.



Observando a cobertura de outros veículos impressos de vários países do mundo, vemos que novamente alguns padrões se repetem. O que deu a tônica da cobertura desse evento foi a ideia diretamente expressa pelo jornal do Brasil de que “nenhum lugar é seguro”.

#### 4.4.4. Imagens que sobrevivem

Destacamos agora o poder imagético de algumas das fotos escolhidas pela mídia para ilustrar os atentados de Madri e Londres. Encontramos referência a cenas muito parecidas com essas particularmente em imagens religiosas. Sabemos como o imaginário católico é importante na formação da nossa leitura acerca das imagens. Na nossa opinião, ainda que involuntariamente, a mídia, ao retratar o horror dos atentados de Londres e Madri, elegeu alguns recortes que são, como já vimos anteriormente, carregados de simbolismos encobertos por camadas de cultura ou, como afirma Baitello Junior (2005), participantes de um processo de “iconofagia”, com imagens devorando outras imagens.



(Na primeira linha, imagens de São Sebastião produzidas, respectivamente, por Botticelli e Marco Palmezzano)

Os homens ensanguentados fotografados e eleitos para ilustrar capas de jornais e revistas, sites e telejornais servem, neste caso, para criar identificação entre o consumidor de notícia e o fato. Eles ainda ocupam o papel de “sacrificados” de nossa época, assim como os mártires da igreja e de outras histórias míticas do passado. Segundo Girard (1990), o sacrificado se torna sagrado e exemplar. E ele só é sagrado porque foi sacrificado no lugar de todos nós. O sangue derramado por aqueles com os quais nos identificamos nos aproxima do fato e faz com que queiramos vingança contra quem os praticou. O jovem recostado com expressão de dor substitui o São Sebastião, soldado que foi martirizado por proteger os cristãos por volta de 283 d.C. Os homens com os rostos cobertos por sangue nos remetem àquele que, segundo a tradição cristã, sofreu e deu a vida por nós. Ainda que não haja uma leitura científica sobre as imagens, a percepção que ela nos traz nos remete àquelas imagens cheias de simbolismos, que nem sabemos de onde vem, mas que nos afetam em nossa relação com o material midiático e que, certamente, influenciaram o jornalista na escolha das fotos e dos recortes dessas fotos para ilustrar suas capas e ganhar os olhares dos leitores.

#### **4.5. A morte do vilão**

“Justiça foi feita”. Com essa frase, o Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, marcou seu pronunciamento sobre a morte do “homem mais procurado do mundo”, Osama bin Laden, em 1 de maio de 2011. A frase com ares de slogan publicitário estampou sites, páginas de jornais e foi repetida exaustivamente pelos noticiários de TV. Imediatamente, milhares de pessoas foram às ruas nos EUA comemorar a morte de um homem. Por mais que pareça estranho, as pessoas dançaram e cantaram em diversas partes do país. A mesma imprensa que se mostrou indignada com as imagens da comemoração feita por um pequeno grupo de Palestinos quando ocorreram os ataques de 2001 (evento do qual tratamos no capítulo 3) parecia convencida de que aquela nova comemoração era válida e justa. Dentre os veículos analisados, particularmente *Folha de S. Paulo* e *Veja*, não houve nenhum questionamento para a festa pela morte de um homem, que foi absorvida como consequência da vitória.

A morte de bin Laden expôs claramente a ideia de vingança da qual trata Girard (1990). Como explica Girard, para a cultura humana, matar outro homem não é algo permitido. Porém, vingar o sangue do irmão, matando outra pessoa é, além de permitido, algo esperado. A justificativa era clara: Osama não era um homem com direito à vida. Ele era o outro, transformado em vilão de ficção, desprovido de humanidade.

Além disso, a comemoração não era exatamente e tão somente pela morte de um homem. O fim de bin Laden trouxe à tona a reafirmação de uma série de crenças de boa parte do mundo. A crença na vitória, a crença no fim de uma era de sofrimento e na vingança, a crença de que o bem poderia vencer o mal, assim como acontece nos contos de fadas ou nos filmes de Hollywood. A morte do bin Laden forneceu material para uma catarse coletiva. Para a expiação do mal que há tanto vinha consumindo o povo estadunidense e seus aliados.

Todo o discurso do presidente dos Estados Unidos para informar a morte do vilão foi montado a partir do reforço da separação nós / ele, que justificava a necessidade da vingança. “Ele” transformado em inumano e “algo” muito diferente do “nós”. Um monstro que tinha causado tanto sofrimento a tantas pessoas. O discurso é aberto com a notícia:

*“Hoje à noite, eu posso relatar ao povo americano e ao mundo que os Estados Unidos realizaram uma operação que matou Osama bin Laden, o líder da Al-Qaeda, e um terrorista que é responsável pelo assassinato de milhares de homens inocentes, mulheres e crianças”.*

Nenhuma referência à Guerra no Afeganistão, que também vitimou “*milhares de homens inocentes, mulheres e crianças*”, como se as consequências para capturar bin Laden fossem meros efeitos colaterais de algo que precisava ser feito.

Ele continua: “*Foi há quase 10 anos que um brilhante dia de setembro foi escurecido pelo pior ataque ao povo americano em nossa história. As imagens de 11 de setembro estão gravadas na nossa memória nacional (...)*”. A mesma imagem reproduzida por *Veja* para falar do atentado, que vimos no capítulo anterior, é aqui tomada por Obama. O escuro invadindo o brilhante e marcando a memória do mundo.

O discurso prossegue: *“E, no entanto, sabemos que as piores imagens são aquelas que foram invisíveis para o mundo. A cadeira vazia na mesa de jantar. As crianças que foram obrigadas a crescer sem a mãe ou o pai. Pais que nunca conheceriam o sentimento do abraço de seus filhos. Cerca de 3 mil cidadãos tirados de nós, deixando um buraco em nossos corações”*.

Com este trecho, Obama aproxima as histórias das vítimas das histórias familiares dos demais estadunidenses. Com a descrição das cenas cotidianas, ocorre a humanização dos mortos e de seus familiares, a fim de que se cause identificação.

Obama ainda chama o povo para a união e mostra como isso foi importante para que se alcançasse aquela vitória: *“Em 11 de setembro de 2001, no nosso tempo de sofrimento, o povo americano se uniu. Oferecemos aos nossos vizinhos uma mão, e oferecemos aos feridos nosso sangue. Reafirmamos nossos vínculos com o outro, e nosso amor pela comunidade e o país. Naquele dia, não importava de onde viemos, a que Deus orávamos, ou que raça ou etnia éramos; estávamos unidos como uma família americana”*.

E ainda: *“Nós também estávamos unidos em nossa determinação para proteger nossa nação e trazer aqueles que cometeram este brutal ataque à justiça. Nós rapidamente descobrimos que os ataques de 11 de setembro foram realizados pela Al-Qaeda - uma organização liderada por Osama bin Laden, que tinha declarado abertamente guerra nos Estados Unidos e se comprometeu a matar inocentes em nosso país e ao redor do globo. E assim fomos para a guerra contra a Al-Qaeda para proteger os nossos cidadãos, nossos amigos e nossos aliados”*.

Aqui há um claro apelo à união, como se todos fossem responsáveis pela morte do vilão. Fortalecimento do nós em detrimento de todo o resto.

Na sequência, ele reforça a necessidade de manutenção do estado de atenção: *“No entanto, sua morte não marca o fim do nosso esforço. Não há dúvida de que a Al-Qaeda continuará com os ataques contra nós. Precisamos manter-nos vigilantes em casa e no exterior”*.

Esses foram os trechos mais utilizados pela mídia na cobertura da morte de Osama bin Laden. Mais adiante, faremos uma comparação entre o discurso de Obama e algumas frases do próprio bin Laden, a fim de compreendermos as semelhanças entre o conteúdo de ambos e em que pontos comuns da cultura ambos discursos se estabelecem.

#### 4.5.1. A cobertura midiática

Os exemplos abaixo mostram como a morte de Osama foi apresentada nas capas de alguns dos principais jornais estadunidenses. O discurso unísono mostra que por trás da roupagem de liberdade há, obviamente, uma crença construída. Nos EUA:



E em outros países...



A cobertura da morte de bin Laden também foi bastante homogênea. Os destaques de capa se dividiram basicamente em duas opções: a maioria dos jornais utilizou a frase de Barack Obama ou a ideia por trás dela e destacaram a “justiça” que havia sido feita, assumindo, assim, uma postura favorável aos EUA e seu governo e contribuindo na justificativa das ações estadunidenses. A segunda opção, mais catártica, colocou bin Laden na posição de encarnação do mal, isso aconteceu particularmente nos jornais mais sensacionalistas como o *Daily News*. A escolha das imagens se assemelhou muito, inclusive na fórmula de utilizar fundo e chamadas escuros, pretos e vermelhos, em geral, contrastando com as roupas sempre brancas de Osama.

Destacamos ainda duas capas que se diferenciaram pela opção de cobertura: a do jornal venezuelano *Ultimas Noticias* e a do tailandês *The Nation*. Ambas chamam a atenção para o fato de a morte de bin Laden não resolver o problema. Para o tailandês, o mundo “entrou em alerta” por conta da morte do terrorista. Já o jornal de Caracas (ideologicamente ligado ao governo de Hugo Chavez, anti-estadunidense) lembra que o “ciclo não está fechado”, diminuindo assim a importância do feito dos EUA e, ao mesmo tempo, deixando no ar uma ameaça de continuidade para os atos terroristas.



Já no Brasil, a revista *Veja* apresentou um caderno especial com 26 páginas sobre a morte de bin Laden e suas consequências para o mundo. Utilizando-se das análises da revista e da autoridade de quem escreve após uma longa pesquisa (o que não acontece

nos jornais diários), *Veja* sentencia: “o terrorista está no fundo do mar, mas suas ideias ainda vivem”. O medo deve, portanto, segundo *Veja*, continuar a ser alimentado.

Já a *Folha*, faz uma opção interessante: pela primeira vez no material aqui estudado e também se destacando das demais coberturas analisadas neste capítulo, o jornal opta por não comprar diretamente o discurso do presidente dos EUA. A manchete “Bin Laden está morto, diz Obama”, cria certo distanciamento entre a notícia e o jornal, que trata logo de creditar a frase sobre a morte de bin Laden, ao invés de compra-la como sua, como fizeram várias outras publicações. Há alguns motivos prováveis para essa opção, o principal deles é que as edições brasileiras foram fechadas logo após o pronunciamento do presidente Barack Obama, feito na madrugada do Brasil. É certo que a edição teve de ser mexida após o horário de fechamento, o que impediu qualquer apuração mais completa por parte do jornal. Para evitar errar, a *Folha* teria, então, creditado a frase a quem a proferiu, isentando-se, de certa forma, de um possível erro. A outra motivação pode se dever ao fato de os EUA não terem apresentado o corpo de bin Laden, que teria sido jogado ao mar, segundo Obama. Essa opção de se desfazer do corpo, ou seja, da prova da morte, é a inda alvo de muitas polêmicas e gerou uma série de teorias, que acabaram posteriormente sendo divulgadas pela própria mídia, sobre a possibilidade de Osama ainda estar vivo, entre outras.

#### **4.5.2. O outro lado**

A título de comparação, selecionamos algumas frases de bin Laden, ditas na década entre os atentados aos EUA e sua morte e divulgadas na imprensa mundial e colocamos próximas a frases ditas por Barack Obama, em seu discurso sobre a morte de bin Laden. Nosso objetivo aqui foi meramente ilustrativo, para mostrar como os discursos sobre o outro se assemelham neste caso. Se analisarmos as frases de bin Laden, apenas uma pequena amostragem das ideias propagadas por ele, encontraremos os mesmos ingredientes principais do discurso de Barack Obama sobre a morte do inimigo e também outros discursos que nortearam a chamada “Guerra contra o terror” e perceberemos que elas partem de pontos comuns (em todos os tópicos, as primeiras frases são de bin Laden, as segundas, de Obama:

## **Tema 1 - Aparente preocupação com o futuro do mundo**

*“Todas as nações industrializadas, principalmente as grandes, são responsáveis pela crise do aquecimento global. (...) O que os governos gastam em trabalho de socorro é secundário perto do que gastam em armas. Se os governos gatassem apenas 1% do que gastam em armamentos, poderiam mudar a cara do mundo para as pessoas pobres”.* (Osama bin Laden em mensagem em outubro de 2010 sobre as enchentes no Paquistão)

X

“Rapidamente ficamos sabendo que os ataques do 11/9 foram realizados pela Al-Qaeda, uma organização chefiada por Osama bin Laden, em guerra declarada contra os Estados Unidos e que estava comprometida em matar inocentes em nosso país e em todo o globo”. (Barack Obama no discurso que anunciou a morte de bin Laden)

## **Tema 2 - Lembrança da morte de vítimas inocentes:**

*O que faz Bush, o faraó do século, assassinando nossas crianças no Iraque? O que faz Israel, aliado dos Estados Unidos, bombardeando as casas que abrigam idosos, mulheres e crianças na Palestina, utilizando aviões americanos?”* (Osama bin Laden em declaração ao povo americano em novembro de 2002)

X

“Osama bin Laden, o líder da Al-Qaeda e um terrorista responsável pelo assassinato de milhares de homens, mulheres e crianças inocentes”. E “(...) sabemos que as piores imagens são aquelas que não são vistas pelo mundo. O lugar vazio na mesa de jantar. Crianças que foram forçadas a crescer sem sua mãe ou seu pai. Pais que nunca mais conheceram o sentimento do abraço de seus filhos. Cerca de 3.000 cidadãos tirados de nós, deixando um buraco em nossos corações”. (Barack Obama no discurso que anunciou a morte de bin Laden).

### **Tema 3 - Violência justificada pelo sentimento de vingança**

*“Os Estados Unidos e seus aliados nos massacram na Palestina, na Tchetchênia, na Caxemira, no Iraque (...) Os muçulmanos têm direito a exercer represálias contra os EUA.”* (Osama bin Laden em entrevista publicada pelo jornal paquistanês Dawn em 10 de novembro de 2002)

X

“O povo americano não escolheu essa luta. Ela chegou até nós e começou com o assassinato sem sentido de nossos cidadãos. (...) Os americanos compreendem os custos da guerra. Mas, como país, jamais toleraremos que nossa segurança seja ameaçada, nem ficaremos impassíveis quando nosso povo é assassinado”. (Barack Obama no discurso que anunciou a morte de bin Laden)

### **Tema 4 - Estratégias e sucesso das operações**

*Calculamos de antemão o número de vítimas mortais do inimigo, em função de sua posição na torre. Calculamos que três ou quatro andares seriam atingidos. Eu era o mais otimista de todos, devido à minha experiência. Estavam loucos de alegria quando o primeiro avião se chocou contra o prédio. Eu lhes disse: ‘Sejam pacientes’.* (Osama bin Laden em vídeo encontrado no leste do Paquistão final de novembro de 2002 e divulgado pelo Pentágono)

X

“Hoje, sob minha direção, os Estados Unidos lançaram uma operação contra aquele complexo em Abbottabad, Paquistão. Uma pequena equipe de americanos conduziu a operação com extraordinária coragem e capacidade. Nenhum americano ficou ferido”. (Barack Obama no discurso que anunciou a morte de bin Laden)

## **Tema 5 - Uso de um poder dado por Deus para justificar suas ações**

*“Feliz aquele que foi escolhido por Alá para ser um Mártir”* (Osama bin Laden em trecho extraído de vídeo com data não identificada, divulgado pela TV al Jazeera em julho de 2007)

X

“Deixem-nos lembrar de que podemos fazer essas coisas não apenas por riqueza e poder, mas por causa do que somos: uma nação, sob um Deus, com liberdade e justiça para todos. Obrigado. Que Deus os abençoe. E que Deus abençoe os Estados Unidos da América”.

Com estes exemplos buscamos mostrar algumas semelhanças entre discursos de pessoas tão diferentes. Por elas, podemos perceber o que é comum nos discursos de cada grupo que se propõe dominante sobre o outro. Ambos partem dos mesmos pressupostos: mostrar superioridade (mundana e divina), justificar o que seria injustificável e colocar-se na posição de guardião do bem para o mundo. Ambos se apresentam como salvadores. Ambos mostram o outro como um grande vilão, carregado de todas as características negativas que os vilões podem compartilhar. A diferença na cobertura midiática ora analisada é que um é eleito para ser o porta-voz dos anseios da humanidade (ou da parte com a qual nos identificamos), enquanto o outro é tratado como “louco e fanático”.

### **4.6. Pós morte de bin Laden**

No ano seguinte à morte de bin Laden, não houve grandes atentados. A mídia se pautou sobre o que já existia e, sobretudo pela ameaça de novos atentados, com o medo sempre alimentado pela retrospectiva dos que já haviam acontecido. Essa foi uma prática comum a cada aniversário dos ataques. Em 11 de setembro de 2011, dez anos após os ataques aos EUA praticamente todos os jornais, sites e telejornais do mundo simpaticamente dos EUA retomaram em suas pautas os ataques de dez anos antes. A cobertura foi predominantemente cercada pela intenção de compreender o que havia

mudado no mundo desde então e verificar os riscos ainda presentes. Um exemplo de como esse terror foi mantido pelo jornalismo e, no nosso caso, na *Folha de S. Paulo*, é a matéria de capa publicada pelo jornal em 11 de setembro de 2011:



FSP, 11 de setembro de 2011

Na chamada principal da *Folha*, na edição dos 10 anos dos ataques, a frase “Al-Qaeda ainda inspira terroristas” é escrita sobre um quebra-cabeças com uma imagem das torres gêmeas e algumas peças faltando. Já no caderno *Mundo*, que trazia uma edição especial sobre os dez anos, as peças que faltam no quebra-cabeças são as próprias torres.

Em todo o jornal, enquanto colunistas tentam compreender o efeito do 11 de setembro na história do mundo e afirmam que o mundo mudou, a política mudou e a educação nos EUA está mais preconceituosa, a cobertura jornalística da *Folha* alimenta o medo e a ideia de que ainda não há segurança, reforçada, sobretudo, pelo fato de que há muitos seguidores de bin Laden dispostos a novos ataques.

A revista *Veja*, por sua vez, publicou, em 07 de setembro de 2011, um especial de 40 páginas, lembrando os principais acontecimentos do 11 de setembro de 2001 e fazendo análises sobre as mudanças no período. Os assuntos seguem a mesma linha da *Folha* e da própria revista dez anos antes. A crença na mudança dos rumos da história é

repetida, há ainda discussões sobre as guerras do Afeganistão e no Iraque, sendo que a primeira é tratada como “necessária”. Passa ainda pela morte de bin Laden, e, assim como a *Folha*, lembra que a ameaça de suas ideias ainda permanece viva.

11 DE SETEMBRO DE 2001 10 ANOS DEPOIS

## O DIA QUE MUDOU A HISTÓRIA

**“Continuar a filmar foi um modo de exercer a tragédia.”**

**ALAN NEUMANN**  
documentarista francês, à direita, a capturar imagens de primeira mão no World Trade Center

Osama bin Laden morto, os terroristas vêm sendo derrotados, mas, uma década mais tarde, não dá para dizer que o trauma dos ataques tenha dado lugar a um mundo mais seguro e democrático. Vive-se, em ameaça do radicalismo público-religioso. O Oriente Médio e suas adjacências permanecem explosivos. E a sombra de Bin Laden se projeta sobre milhões de máquinas como a de um mártir sacrificado pelo Al Qaeda, e não a de um assassino psicópata que inspirou o islamismo numa hijack mística de mudança.

11 DE SETEMBRO DE 2001 10 ANOS DEPOIS

**“Meu Deus! Parece ser um segundo avião.”**

**LEONIDA** de um 9/11 americano ABC de televisão ao vivo e em vídeo no World Trade Center

Quando o Boeing 767 se chocou contra a Torre 1, milhares de pessoas se agarraram às janelas e às varandas, esperando o segundo avião. Mas não veio. Em vez disso, uma explosão silenciosa e mortal se espalhou pelo prédio.

11 DE SETEMBRO DE 2001 10 ANOS DEPOIS

## GUERRA NECESSÁRIA,

No Afeganistão, era impressionável demorar o Talibã, que havia transformado o país num campo de treinamento da Al Qaeda. No Iraque, a pretexto de prevenir o uso de armas de destruição em massa contra o Ocidente (armas encontradas), os Estados Unidos apertam o cinto de Saddam Hussein. Resultado: o Irã inimigo fortalece-se

**TERRA SEM PAZ**  
A Guerra do Afeganistão, iniciada em 2001, continua a ser o conflito mais longo do mundo. Em 2013, o conflito no Iraque também não acabou. No Afeganistão, o conflito continua a ser o mais longo do mundo. Em 2013, o conflito no Iraque também não acabou. No Afeganistão, o conflito continua a ser o mais longo do mundo.

11 DE SETEMBRO DE 2001 10 ANOS DEPOIS

## MORREU O ASSASSINO, FICOU A IDEOLOGIA

Osama bin Laden assassinado, mas a ameaça do terrorismo ainda persiste. Embora sua morte, há quase 10 anos, tenha trazido um alívio, a ameaça de sua ideologia permanece viva.

11 DE SETEMBRO DE 2001 10 ANOS DEPOIS

## A FORTALEZA DO MARCO ZERO

O One World Trade Center, o substituto das torres gêmeas, foi projetado para resistir ao impacto de ataques como os de 2001.

**A engenharia da tragédia...**  
1 O impacto dos aviões...  
2 A estrutura das torres...  
3 Partes das torres...

**...e as soluções para evitá-la**  
1 O One World Trade Center...  
2 O One World Trade Center...  
3 O One World Trade Center...

**Insucesso de construção de novo World Trade Center**  
S esta ideia parecia não ter chance de ser aceita, o projeto do novo World Trade Center foi lançado em 2001. O projeto foi lançado em 2001, mas a construção só começou em 2006. O projeto foi lançado em 2001, mas a construção só começou em 2006.

O especial de *Veja* termina com um “final feliz”, falando sobre o projeto para a construção das novas torres, que já ocupam parte do espaço deixado pelas antigas torres gêmeas.

Com exceção desse período particular de marcação simbólica de uma década dos atentados, o terrorismo continuou aparecendo na cobertura midiática sob o enfoque do risco.

Os atentados de 2001 modificaram a forma como o mundo vê e olha o terrorismo. A presença constante do assunto na mídia favorece a manutenção do estado de terror, do estado de alerta contra uma ameaça que, na prática, nem se mostra tão ameaçadora assim.

Um ponto que deve ser aqui destacado é que o lugar onde aconteceram os atentados que começaram a contar a história do terror contemporâneo, as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, se tornaram um dos principais pontos turísticos da cidade. A área foi reativada, com a construção, ainda em andamento de novas torres e também com a presença de um memorial em homenagem às vítimas do 11 de setembro. Desde 2001 o número de turistas do mundo inteiro que visitam o local vem crescendo, o que tem dado um estímulo ao crescimento do comércio da região. Ali mesmo são vendidas camisetas, canecas, fotos, adesivos e toda sorte de *souvenirs* que provam a visita dos turistas na volta para casa. Um exemplo claro daquilo que Berman (2005) aponta como um dos grandes paradoxos de nossa época: na modernidade, catástrofes são transformadas em lucro – e em consumo.

Segundo o jornalismo, o mundo nunca mais seria o mesmo depois de 11 de setembro de 2001. De fato não foi. E certamente, se tornou um lugar mais hostil para se viver, muito mais pela sensação de terror que faz com que todos se recolham aos seus medos mais profundos, que pelo terrorismo em si.

## [ CINCO ]

### **O nosso terror**

#### **Caos em São Paulo e o revide da ordem no Rio de Janeiro**

Para este capítulo, que fecha o presente trabalho, analisamos a construção de dois episódios recentes e que ainda permanecem na memória dos brasileiros. O primeiro ficou conhecido como o “Dia do PCC” e aconteceu na cidade de São Paulo em 15 de maio de 2006. Veremos como, com a ajuda involuntária da imprensa, os criminosos do Primeiro Comando da Capital conseguiram desestabilizar toda a cidade e criar o caos na vida de milhões de pessoas.

O segundo episódio que analisamos vai no sentido contrário, mas segue a mesma lógica do primeiro: estudamos as estratégias da polícia carioca e do Governo do Estado do Rio de Janeiro no episódio que ficou internacionalmente conhecido como “A tomada do Complexo (ou Morro) do Alemão”, ocorrido em novembro de 2010. Com o estudo deste episódio mostraremos como a imagem da polícia se construiu, nesse momento, a partir de estratégias de comunicação que também se baseiam em camadas profundas da

cultura, porém, em sentido contrário: para a polícia, a grande questão foi retomar a ordem e marcar essa mudança simbolicamente.

Desta forma, pretendemos analisar como se dá a presença do terrorismo no Brasil – aqui, o terror não vem de estrangeiros, com religiões e visões de mundo consideradas “esquisitas” e incompreensíveis. Nosso terror se dá pelas ameaças de criminosos de dentro do país, e que já provaram ser capazes de desestabilizar consideravelmente a ordem por aqui.

Veremos ainda como em ambos os episódios, o jornalismo teve papel fundamental, seja atendendo aos interesses dos criminosos que pretendiam desestabilizar a ordem, no caso do PCC, seja ajudando a retomar essa mesma ordem, com a divulgação das mensagens adequadas para tal, na tomada do Alemão.

## **5.1. Caso 1**

### **O PCC e o caos na maior cidade do Brasil**

16h30. Quilômetros de congestionamento, multidões se acotovelando em terminais de ônibus, estações de trem e metrô. Alguns andam pelas ruas como se perdidos, sem saber a quem recorrer para voltar para casa. Andam rápido. Rápido até para uma cidade como São Paulo, acostumada ao ritmo alucinado das passadas das multidões. As pessoas se entreolham sem erguer muito o olhar... às vezes solidárias, mas na maioria do tempo, desconfiadas. Não há como mensurar o trânsito porque o sistema que faz a medição nas ruas e avenidas da cidade está em pane. Não só ele. A cidade está em pane. E o pior: as pessoas estão em pane. O que aconteceu à maior cidade da América do Sul naquela segunda-feira, 15 de maio de 2006? O que fez a cidade que nunca pára, parar? O caos, o pânico. Todos estavam num estado alterado de consciência provocado pelo pânico que paralisa.

O teórico da comunicação alemão, Dietmar Kamper (1996) apontou a cidade de São Paulo como o maior exemplo do processo de (re)signação pelo qual passam os habitantes das mega-cidades do mundo contemporâneo. As pessoas se resignam com as mudanças na forma de convívio forçada pelo excesso de gente, se habitam ao barulho ensurdecedor, respiram o ar poluído que sufoca, resignadas, (re)signando o mundo ao seu redor e sua própria presença nesse mundo.

Tudo começou como um protesto da maior e mais poderosa facção criminosa do Brasil, o PCC (Primeiro Comando da Capital). Descontentes com a transferência de presos para locais mais isolados e com a falta de benefícios nos presídios, eles resolveram se rebelar e dar seu recado: “vivam a vida ordenada de vocês enquanto nós quisermos. Apenas...”

Para tratar desse dia de pânico, de estado alterado de consciência coletivo, abordaremos como os criminosos conseguiram provocar essa reação na população com ações práticas (afinal, pessoas morreram de fato nos ataques), mas, principalmente, com ações simbólicas, que minaram gradualmente, ao longo dos três dias que antecederam o dia de pânico, a sensação de segurança da população.

Analisamos como a ruptura da ordem, tão importante para a vida cultural humana, favoreceu o surgimento e a disseminação do pânico. O pânico do caos e o caos provocado pelo pânico. Um alimentando o outro, conforme já abordamos no capítulo 1 desta tese.

Veremos também como a grande mídia, involuntariamente, serviu como voz aos criminosos, ajudando a alimentar o caos.

Para esta análise utilizamos prioritariamente o jornal impresso *Folha de S. Paulo* e seu respectivo site na Internet e o telejornal *Jornal Nacional*, da Rede Globo. Neste caso, a opção pelos veículos se deu por sua importância: a *Folha* é o maior jornal em circulação na cidade de *S. Paulo*, local dos ataques e que, entendemos, por isso mesmo teve papel fundamental na construção e repercussão do evento “Dia do PCC”, particularmente para o público da própria cidade. Já o *Jornal Nacional* é o telejornal de maior audiência no Brasil e responsável por propagar, tanto dentro quanto fora de São Paulo, as notícias acerca do evento analisado.

### 5.1.1. A “personagem” PCC

O Primeiro Comando da Capital (PCC) é hoje considerado a facção criminosa mais perigosa do Brasil. O surgimento do grupo aconteceu em agosto de 1993, inicialmente, como um protesto pela transferência de oito presos para o Presídio de Taubaté, muito temido pelos encarcerados. O nome “Comando da Capital” veio exatamente da origem dos presidiários, que haviam sido transferidos de São Paulo (SOUZA F., 2006, p. 93). A ideia inicial do grupo era buscar garantias e condições melhores para os presos, além disso, haveria também a intenção de vingar a morte dos 111 presos vitimados pelo que ficou conhecido como o “Massacre do Carandiru”, ocorrido em 2 de outubro de 1992. O assunto ainda era relativamente recente e dava ao grupo um “arauto”, uma motivação para seguir com seu propósito.

A partir daí, o grupo se organizou e cresceu. Seus líderes estudaram estratégias de guerra e direito e o PCC passou a funcionar como um verdadeiro sindicato do crime. Em 2001, a facção criou um estatuto, com dezesseis itens que estabeleciam os princípios da organização. O documento é bem estruturado e tem regras claras a serem seguidas.

Em 2006, o PCC agrupava cerca de 130 mil membros, dentro e fora das prisões e já comandava rebeliões, fugas, resgates, assaltos, sequestros, assassinatos e tráfico de drogas (SOUZA P., 2006).

Mas mais forte que a presença de fato da facção no controle do crime em várias regiões de São Paulo, do Brasil e até do exterior (sabe-se que há representantes do PCC atuando em Portugal) foi a imagem que ele criou a partir de fatos que tinham a intenção de buscar visibilidade.

Ao longo da sua história, o PCC já foi responsável por eventos espetaculares, que não poderiam passar despercebidos pelo jornalismo, como megarrebeliões em presídios, ataques simultâneos a órgãos públicos, incêndios a ônibus, sequestro de jornalista e até a suspensão da rotina na cidade de São Paulo, que aconteceu em maio de 2006. Todos, eventos que mais que o terror em si, visavam à sua expansão pelos meios de comunicação.

### 5.1.2. A marca PCC

Em 11 de julho de 2000, a Penitenciária de Presidente Bernardes, em São Paulo, foi palco de uma rebelião orquestrada pelo PCC. Ao final da rebelião, cinco presos haviam sido mortos, um foi gravemente ferido e 50 presos acabaram sendo transferidos para outros presídios. Mas o saldo final foi muito positivo para o PCC. Foi a primeira vez que a facção conseguiu destaque grande na mídia. O evento recebeu cobertura ao vivo de vários veículos de comunicação e repercutiu durante vários dias. Pode-se dizer que esse evento fez com que o PCC se tornasse pauta obrigatória para o jornalismo e ficasse conhecido do grande público. Na ocasião, o nome da facção foi escrito com letras grandes, no chão do presídio exatamente para ser filmado pelos helicópteros das emissoras de TV que faziam a cobertura da rebelião. A marca PCC começava a se consolidar.

Um semestre depois, em 18 de fevereiro de 2001, o PCC organizou a maior rebelião em presídios já ocorrida no mundo. Foram envolvidos, simultaneamente, 24 presídios, 30 mil presos e 19 cidades. O episódio aconteceu no horário das visitas dos presos, o que atraiu ainda mais os olhares da imprensa e do público em geral. Afinal, lá dentro estavam pessoas inocentes, que poderiam ser vítimas a qualquer momento. Milhares de visitantes e funcionários dos presídios foram mantidos reféns por mais de 11 horas. Assim, o PCC expandia sua atuação para pessoas que viviam fora dos presídios. Os visitantes ainda eram seus familiares, não eram “vítimas aleatórias”. Mas esse certamente foi um primeiro passo para que a atuação da facção se ampliasse e para que sua imagem fosse modificada: agora, as vítimas não eram apenas o sistema prisional e os próprios presos. Na imagem a seguir, publicada na *Folha de S.Paulo* um dia depois da rebelião, o destaque para o fato de haver crianças entre os reféns do PCC.



vez o Primeiro Comando da Capital, no Caderno *Cotidiano*. Na mesma data, ainda com as sub-retrancas: “Organização prega rebelião em presídios”, “Em 85, grupo foi investigado”, o jornal faz as primeiras referências ao PCC, que até então era tratado como “suposta organização criminosa.”

Na cobertura da rebelião de Presidente Bernardes, em 2000, o primeiro grande evento do PCC para a mídia, a *Folha* apresentou uma matéria no Caderno Cotidiano de 14 de julho, mas sem muito destaque.

Com a megarebelião de 2001, que envolveu 24 presídios do Estado, a *Folha de S. Paulo* passou a dar maior visibilidade às ações geradas pela facção. As manchetes apareceram, em geral, com o nome do grupo criminoso e as imagens também passaram a receber maior destaque pelo veículo: Exemplos de manchetes dadas pela *Folha* após a megarebelião: “PM ocupa Detenção e retira líderes do PCC” (17/02/2001) e “PCC lidera 27 mil presos em 19 cidades de SP na maior rebelião da história do país”

No *Jornal Nacional*, a sigla da facção ganhou destaque com a rebelião de fevereiro de 2001 e voltou a ser destacada em 12 de novembro do mesmo ano. Na ocasião, o telejornal mencionou a sigla do Primeiro Comando da Capital, como “a quadrilha PCC, que domina presídios paulistas”. Um mês depois, o telejornal já apontava o PCC como “a maior facção criminosa de São Paulo”. Em 09 de março de 2002, o *Jornal Nacional* apresentou o seguinte texto: “PCC assume mais um atentado. O PCC, facção que age nos presídios, promoveu três rebeliões no estado. [...] Mais um ato de ousadia da facção criminosa, o PCC, mostra que o crime organizado não se intimida, diante da reação da polícia de São Paulo”. Pode-se perceber que notícias como essa acabam sendo positivas par ao fortalecimento da imagem do PCC.

Gradualmente, a facção adquiriu espaço no telejornal. Alguns elementos puderam ser percebidos com frequência nas imagens que retratavam as ações do PCC: ônibus incendiados e o nome da facção sempre escrito para ser visto pelas lentes dos fotógrafos e cinegrafistas, foram repercutidos com ênfase. Chamamos aqui atenção para uma mudança considerável na postura da facção e na cobertura jornalística dela: agora, o PCC não era mais apenas a facção que age dentro dos presídios. Suas ações extrapolavam os muros das penitenciárias e já atingiam pessoas comuns. O incêndio a

ônibus é uma prova disso e mostrou a utilização de dois elementos importantes para o terror, já descritos no Capítulo 1: o fogo e os transportes públicos.

### **5.1.3. O dia em que São Paulo parou**

São Paulo. A sexta maior cidade do mundo agrupa quase doze milhões de habitantes em uma área relativamente pequena, o que demanda certa ordem em seu trânsito, sistema de transporte e até no comportamento de seus habitantes para que se consiga sobreviver com alguma segurança e estabilidade. Como vimos no capítulo 1, esse é o primeiro ingrediente para que o caos possa se estabelecer: a mudança forçada no cotidiano de milhões de pessoas agrupadas em um pequeno espaço territorial. No dia 15 de maio de 2006 foi exatamente isso que ocorreu: a quebra da rotina da cidade instaurou o caos, alimentado pelo pânico provocado pela ameaça da violência. A partir de agora, procuramos entender o que aconteceu para que a ordem na cidade de São Paulo fosse quebrada e para que a vida cotidiana fosse suspensa.

### **5.1.4. A destruição dos pilares sociais – três vezes o caos**

Como veremos mais adiante, a mídia teve um papel fundamental para a criação do caos em 15 de maio e, involuntariamente, favoreceu os resultados buscados pelos criminosos. Ao tentar prestar um serviço ao público, sem informações suficientes para preencher sua necessidade de notícias, o jornalismo acabou funcionando como um verdadeiro assessor de imprensa, quando não um porta-voz do PCC, ajudando a propagar boatos, exagerando nas consequências dos atos criminosos, sendo sensacionalista e repetindo algumas poucas imagens de atentados e incêndios o que, sem querer, multiplicava, ao menos na percepção da população, os resultados das ações criminosas.

Tratemos, então, de entender como agiram os criminosos para que a sensação de caos pudesse ser instaurada.

Obviamente, houve a destruição de alvos físicos, houve ataques a pessoas, no entanto, o maior efeito não foi conseguido com essa “destruição física”, mas com a destruição simbólica provocada pelo PCC, criando o caos nas instituições-pilares, que sustentam a desordem minuciosamente ordenada da cidade de São Paulo e das grandes cidades do mundo:

**a. A preparação:**

No dia 13 de maio de 2006 o PCC começou a apresentar o plano que havia orquestrado para a instalação do caos na cidade. Com uma marca já conhecida, construída a partir de grandes eventos e com apoio da imprensa, a sigla PCC já era praticamente sinônimo de crime organizado no Brasil. Seu nome estava associado a força, poder e, obviamente, a crimes e desrespeito às leis. Em 13 de maio, a facção promoveu uma série de rebeliões em presídios do Estado. Em seguida, passou a atacar postos da polícia e delegacias. Já no dia 14, postos e agências bancárias foram metralhados por integrantes do PCC. Os ataques às forças policiais continuavam. Ainda no dia 14, ônibus foram incendiados em diversos pontos da cidade. Todas essas ações receberam cobertura da imprensa. Já no dia 15, os ataques prosseguiram e, ainda pela manhã, um grande número de ônibus passou a ser incendiado simultaneamente, novamente, em pontos diversos da cidade de São Paulo. Na sequência, uma série de boatos davam conta de que haveria bombas em escolas, estações de metrô e aeroportos, provocando o fechamento desses locais. O que se seguiu foi a paralisação da cidade. O sistema de transportes foi interrompido. Com medo dos ataques, empresas de ônibus recolheram seus veículos e com medo das bombas (que nunca existiram), o metrô interrompeu as atividades em várias estações. Às 16h30 a cidade registrava congestionamento recorde e um número enorme de pessoas, sem acesso ao transporte público e dependendo dele, se acotovelava em pontos de ônibus e estações de metrô fechadas. Todos queriam voltar para casa, buscar os filhos na escola, se trancar em seus espaços de segurança. O problema é que todos tiveram a mesma ideia. A cidade parou. Havia boatos de que aconteceria um toque de recolher, dado pelos criminosos. Isso, de fato, nunca aconteceu. Mas, na prática, o toque de recolher foi dado, pela própria população em pânico..

Como isso aconteceu? O medo do caos levou ao caos de fato. 15 de maio de 2006 foi um dia de pânico coletivo na cidade de São Paulo. Vejamos como as estratégias de terrorismo organizadas pelo PCC funcionaram:

**b. O primeiro caos – Institucional, o caos da segurança**

O primeiro alvo dos ataques dos criminosos foi a segurança da cidade. Os ataques se dirigiram inicialmente às bases da polícia e aos próprios policiais. Ao mesmo tempo, começaram rebeliões em vários presídios do Estado.

Dessa forma, os criminosos atingiram a estrutura que deveria garantir a segurança da população e provocaram a destruição simbólica da autoridade. Os cidadãos foram tomados por um enorme sentimento de desamparo.

Estava formado o primeiro caos: o institucional. Ninguém se sentia seguro, afinal, quem deveria garantir a segurança estava sendo atacado. A primeira estrutura simbólica que nos mantém psicologicamente seguros numa grande cidade, balançava.

**c. O segundo caos – Financeiro**

Parar financeiramente uma cidade como São Paulo não é tarefa fácil. E foi exatamente o sistema financeiro o segundo alvo dos atentados. Agências e postos bancários passaram a ser metralhados, o que provocou o fechamento de vários bancos e, o que é pior, o medo da população ir aos bancos. Contas deixaram de ser pagas e quem precisava sacar dinheiro, desistiu. O poder econômico também havia sido atingido simbolicamente.

**d. O terceiro caos – O movimento da cidade**

Quem conhece São Paulo sabe a importância do sistema de transporte para que a cidade que parece viver no caos funcione, de fato, dentro de uma ordem bem estabelecida. As distâncias são longas. As pessoas vivem e trabalham, muitas vezes, em extremos

opostos da cidade. Sem transporte, não há locomoção. Sem transporte coletivo, os que não têm automóvel ficam impossibilitados de chegar ao destino e os que têm, ficam presos em intermináveis congestionamentos.

O terceiro alvo dos criminosos foi o sistema de transporte público. Ao incendiar ônibus em vários pontos da cidade, foi criado o caos urbano.

Como já explicamos no capítulo 1, ônibus são alvos móveis, o que provoca a sensação de onipresença do terror, o perigo pode estar em qualquer lugar. Provoca também a ameaça de que qualquer um pode ser a próxima vítima. Foi instaurado o medo de ir e vir. Isso tudo, numa população que já se sentia desprotegida, após a destruição da autoridade.

Abrimos aqui um parêntese para fazer uma comparação com um assunto já abordado neste trabalho. Lembremos que essa estratégia de destruição simbólica através dos pilares que sustentam a sociedade ordenada que conhecemos não foi uma exclusividade do PCC. Retomando os atentados de 11 de setembro de 2001 em Nova York, veremos que as estratégias dos terroristas, guardadas as devidas proporções, foram muito parecidas. O discurso do terror se pauta pela destruição da ordem e pela instauração do caos, que no caso das grandes cidades, pode ser dar através dos mesmos pilares simbólicos.

Vejamos:

- No caso do 11 de setembro, o primeiro ataque foi às torres do World Trade Center - Símbolos do poder econômico do país, mais que isso, símbolos de um sistema econômico, que domina e pauta os demais.

- Em seguida, atacou-se o Pentágono - Símbolo do poder estatal e da segurança do país  
- Se nem eles estavam a salvo, quem estaria?

- Por fim, tudo isso foi feito com a utilização de um meio de transporte, o avião, o que gerou, durante muito tempo, como já vimos, uma cultura do medo de ir e vir, além do caos imediato no sistema, com o fechamento dos céus e aeroportos por dias. Como

também já analisado em capítulos anteriores, meios de transporte são alvos fáceis e importantes para a criação do caos em grandes cidades.

### 5.1.5. O papel da mídia para a criação do caos

É exatamente na criação desse clima de desordem, desconhecido e terror que o jornalismo contemporâneo, com todas as suas características, tem um papel fundamental: as notícias sobre o caos da cidade de São Paulo foram alimentadas e realimentadas pelos meios de comunicação de massas, como normalmente acontece nos momentos de quebra da rotina da cidade.

Nos noticiários, o “aquecimento” para o que estava por vir começou no dia 12 de maio, sexta-feira, quando a cidade passou por um grande congestionamento, maior que o de costume, em razão da transferência dos presos para as cadeias de maior segurança. No dia seguinte, as primeiras ações de represália da facção criminosa estavam estampadas nas capas dos sites de notícias e, pouco tempo depois, nas imagens das TVs.

Vejamos como a *Folha de S. Paulo* e o *Jornal Nacional* cobriram os episódios antes do caos:

No dia 13 de maio de 2006, a *Folha de S. Paulo* estampou na capa e em matéria interna, no caderno *Cotidiano*, as manchetes: “PCC ataca e mata policiais após transferências” e “Polícia pretendia isolar a cúpula do PCC”. Na capa do *Cotidiano* uma imagem do líder da organização, Marcola, seguida de explicações sobre quem é ele, aparece com destaque.

**SEGURANÇA** Após líderes serem transferidos, pelo menos dois guardas, um PM e três policiais civis foram mortos; bases foram atacadas

## PCC ataca e mata policiais após transferências

DA REPORTAGEM LOCAL

Pelo menos dois guardas-civis, um PM e três policiais civis mortos, vários baleados (dentre os quais dois bombeiros), ataques a bases da PM e delegacias em São Paulo, na Grande São Paulo e no litoral paulista e duas rebeliões com reféns em presídios do Estado. Essa foi a resposta quase que imediata do PCC, a maior facção criminosa do Estado, à decisão da polícia de isolar sua liderança.

A transferência de 765 presos ligados ao PCC (Primeiro Comando da Capital), entre eles o líder Marcos Willians Herbas Camacho, o Marcola, provocou a maior onda de ataques a policiais e pos-

transferidos de vários presídios para a Penitenciária 2 de Presidente Venceslau (620 km de SP). Marcola e os outros sete foram levados para a sede do Deic, no Carandiru, onde ficaram por 20 dias.

Por ordem do secretário da Segurança Pública, Saulo de Castro Abreu Filho, após os ataques, todos os locais onde estão lotadas as forças de segurança do Estado ficaram em alerta. Também foram atacados dois trailers da PM.

Na sede do Deic, após o início dos ataques, Marcola foi levado à sala do diretor Bittencourt. O teor da conversa não foi divulgado.

(ANDRÉ CARAMANTE, GILMAR PENTEADO, JOSÉ ERNESTO CREDENDIO E FÁBIO TAKAMENJI)



#### QUEM É MARCOLA

Marcos Willians Herbas Camacho, o Marcola, é o líder máximo da facção criminosa paulista PCC (Primeiro Comando da Capital). Está preso por roubo a bancos. Assumiu a liderança do PCC no final de 2002 pregando ações mais moderadas. Destituíu os líderes da ala radical da facção Cesinha e Geleirão, que usavam atentados para intimidar as

6CS

© Folha.com. Direitos reservados. Proibida a reprodução do conteúdo em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso sem autorização da Folhapress

No mesmo dia, o *Jornal Nacional* apresentou a seguinte chamada: “Alerta máximo em São Paulo” – Resumo da notícia: no começo do sábado, os principais criminosos são transferidos para um presídio de segurança máxima. Um deles é Marcos Camacho, o Marcola. Acusado de orquestrar a onda de rebeliões e ataques.

Desta forma, começa a ficar claro o clima de falta de estabilidade da autoridade policial. O tempo verbal da manchete da *Folha* “Polícia pretendia”, deixa claro que a polícia não conseguiu atingir seu objetivo. Na chamada do *Jornal Nacional* surgem os primeiros sinais do pânico que estava por ser gerado. O termo “alerta” põe combustível no medo da população. Assim como a capa do caderno Cotidiano da *Folha*, a matéria do *JN* cita o nome de Marcola, que depois acabou ficando conhecido como a cabeça por trás dos ataques do dia 15.

No dia 14 de maio de 2006, a facção ganhou mais visibilidade e recebeu grande destaque como manchete de capa da *Folha de S. Paulo*: “Ataques do PCC deixam 30 mortos”. Na foto principal, um carro de polícia aparece com os vidros quebrados e marcas de sangue.



O Caderno *Cotidiano* apresentou uma edição especial. Por meio da sub-retranca “guerra urbana”, os números ligados aos ataques e à presença do PCC ganharam destaque. A manchete “Maior ataque do PCC faz 30 mortos” foi a mais impactante no caderno. Logo abaixo dela, a imagem do boné ensanguentado de um policial. Nas fotos, o sangue, já estudado aqui e já visto na cobertura de outros ataques, foi o elemento principal para a exposição da gravidade do que vinha ocorrendo, junto com os números

dos ataques e dos mortos. O sangue, neste caso, foi o sangue dos “nossos”. Não houve a exibição de corpos mortos, mas a sinalização clara do que havia ocorrido e do que aquilo representava para a cidade.

O trecho a seguir foi extraído da matéria principal do caderno *Cotidiano da Folha em 14 de maio*:

No maior ataque já realizado contra as forças de segurança de São Paulo, a facção criminosa PCC (Primeiro Comando da Capital) provocou a morte de 30 pessoas, feriu outras 24, bombardeou delegacias, metralhou carros e bases da Polícia Militar, de guardas municipais e até do Corpo de Bombeiros, e ainda promoveu 24 rebeliões simultâneas em presídios da região metropolitana e do interior do Estado, segundo o governo. (FACÇÃO promove 63 atentados em 24 horas, *Folha de S. Paulo*, 14 de maio de 2006, São Paulo. Cotidiano, p. C2)



O caderno especial da *Folha* trouxe nove páginas sobre os eventos protagonizados pelo PCC, apontando a análise de especialistas, a posição do Governo Estadual, a repercussão das redes sociais e o desdobramento dos ataques. Os ataques à polícia e a instabilidade do Estado perante a facção foram os principais assuntos, favorecendo, como já citamos, a sensação de “caos institucional” na população.

A palavra “guerra” aparece diversas vezes, ajudando a instaurar o clima de instabilidade e o medo geral e delimitando claramente a relação “nós”(cidadãos de bem) e “eles” (os

criminosos). Como já apresentamos, esse foi o período da formação do caos da segurança, quando a autoridade foi atacada pelo PCC e sua força, assim como a incapacidade de o poder público solucionar o problema, foi mostrada pelos meios de comunicação.

No caso do *Jornal Nacional*, é muito importante ressaltar que desde o início dos ataques do Primeiro Comando, em 13 de maio, a emissora passou a evitar falar a sigla PCC, e passou a se referir ao grupo como “uma facção criminosa”, numa clara percepção de que sua audiência poderia ser usada em favor do fortalecimento da organização. Curiosamente, essa iniciativa demorou a ser tomada, considerando-se que o *Jornal Nacional* tem como regra não divulgar marcas de empresas ou outros nomes que possam favorecer os citados em sua matéria. Ou seja, demorou para que o JN percebesse que, assim como uma marca de cosméticos ou um banco pode se beneficiar da sua audiência, o mesmo pode acontecer com uma facção criminosa.

De qualquer forma, o que o PCC vinha fazendo era notícia e era impossível não fazer sua cobertura, até porque assuntos como esse são, como vimos no capítulo 2, carregados de fatores de noticiabilidade. Nos dias 13 e 14 de maio o telejornal falou sobre os ataques e, assim como a *Folha*, chamou atenção para os números de mortos e atentados da facção.

Já no dia 15 de maio de 2006, dia dos caos na cidade de São Paulo, a capa da *Folha* foi ilustrada pela imagem de um ônibus incendiado, e novamente o PCC foi o centro das atenções com a manchete “PCC faz mais de 150 atentados e provoca 80 motins; 74 morrem”.



O Caderno *Cotidiano* trouxe novamente os ataques na capa e chamou a atenção para os incêndios a ônibus, as rebeliões e o medo provocado pelas ações do PCC, cujo nome continuava recebendo destaque na edição. Vale ressaltar que, agora, os ataques passavam a amedrontar a população em geral, o que fica claro nas páginas do jornal.

Se no dia anterior o destaque foi para o sangue dos “nossos policiais” e houve a sensação de perda de controle por parte das autoridades, no dia 15 o destaque foi para o medo generalizado e para as imagens de fogo – em ônibus e agências bancárias.





Foram 17 páginas destinadas à cobertura dos ataques. Mapas e gráficos marcavam onde o PCC já havia atuado, ampliando sensação de presença do terror na cidade. Nesse momento, o cenário para o pânico já estava desenhado. Na primeira imagem acima, que mostra as páginas de 2 a 5 do jornal, vale destacar um ponto interessante: no alto das páginas 2 e 3 estão lado a lado as imagens do Diretor do Deic, Godofredo Bittencurt e de presos amotinados em Mato Grosso do Sul, em apoio às ações do PCC. Enquanto Bittencurt é mostrado cabisbaixo, numa clara alusão ao fracasso, os detentos aparecem ameaçadores, com as mãos para cima e objetos acima da cabeça. A relação alto e baixo à qual se referiu Pross (1989) e da qual tratamos no capítulo 1 deste trabalho é percebida na leitura das imagens desta página. O mesmo acontece em várias imagens das páginas seguintes, onde policiais e vítimas aparecem sempre cabisbaixos ou com a coluna

arqueada, enquanto os amotinados são mostrados eretos e com os rostos para cima. As fotos dos policiais também merecem destaque. Vale observar que na maior parte da edição, eles aparecem de costas ou de lado, em movimento de saída da página. Em nenhuma das imagens da edição analisada os policiais estão encarando as lentes do fotógrafo. Ainda que sem perceber, com a recepção dessas fotos o leitor é levado a formar uma imagem de fraqueza e incompetência da polícia para lidar com o enorme problema que vinha pela frente.

No dia 15 de maio, já com o medo instaurado entre a população, as ações dos criminosos continuaram e se fortaleceram. À medida que o PCC praticava seus atos, a mídia os repercutia, mais que isso, os ampliava pela repetição. Nesse dia, especialmente, a própria mídia entrou em pânico, em meio ao caos que ela alimentava.

Estava criado o cenário do terror: com três pilares que sustentam a ordem da cidade desmoronando simbolicamente, as pessoas entraram em pânico. As autoridades, que deveriam controlar a situação, já estavam em pânico. A mídia também entrou nessa reação coletiva de terror. Os boatos e as informações desconstruídas se encarregaram de fazer o resto. Jornalistas que trabalhavam em redações à época dos ataques (a autora conversou informalmente com vários jornalistas a respeito do assunto) foram unânimes em afirmar que eles, de fato, não sabiam como reagir aos boatos. Principalmente os profissionais de Internet, sem ter com quem checar as informações, já que as assessorias da polícia e do Governo do Estado não conseguiam – e não sabiam – atender as demandas da imprensa, eles acabavam ficando numa verdadeira encruzilhada: divulgar sem checar e correr o risco de dar informações erradas ou não divulgar de deixar de prestar uma informação de interesse público, que poderia poupar a vida de muitas pessoas? Na dúvida, eles divulgavam. E, ao divulgar, faziam do boato uma verdade, já que as pessoas reagiam coletivamente para escapar dos possíveis ataques.

Ao longo do dia foram ouvidas informações sobre toque de recolher, bombas em espaços públicos, ataque ao comércio. O helicóptero da TV Record sobrevoava a cidade, enquanto a programação ao vivo, modificada para fazer apenas a cobertura dos eventos criminosos, mostrava imagens repetidas de ônibus incendiados, já que não havia muito para mostrar, além do próprio caos provocado pelas notícias propagadas

pela mídia. Inflamados, os apresentadores de programas populares repetiam informações desencontradas.

Os sites de notícias na Internet, as TVs e as rádios repetiam o que já estava confirmado e, a cada minuto surgiam com um novo boato. “Há boatos de que uma bomba foi deixada no aeroporto de Congonhas”, disse uma rádio. Em poucos minutos a informação da “bomba no aeroporto” era difundida por outros veículos de comunicação. O aeroporto foi evacuado, os voos cancelados. Não se tinha a imagem da bomba que, afinal, nunca existiu. Mas se tinha algo concreto: as imagens da multidão saindo apavorada do aeroporto ajudava a alimentar o imaginário do dia de terror. A questão, portanto, nem era mais a bomba, mas o pânico provocado pela notícia dela.

O mesmo aconteceu com boatos sobre escolas, universidades, comércio... A cidade, apavorada com a violência, parou física e, principalmente, emocionalmente. O comércio fechou, o transporte coletivo não circulou, as escolas e universidades dispensaram seus alunos, as pessoas se calaram. Fugiram, apavoradas. Tudo isso no meio da tarde de uma segunda-feira. Todos correram para a rua, numa reação que fez os moradores de São Paulo ficarem parados em meio ao caos do trânsito. Milhões de pessoas, antecipando a hora do rush, em plena segunda-feira.

A edição do *Jornal Nacional* daquela noite destacou o caos em São Paulo. Foram utilizados mais de dois blocos do programa para falar do terror e das reações da população:

A chamada principal foi “Medo em São Paulo”. A edição abordou números dos ataques (184 ataques em todo o Estado; 56 ônibus queimados; Pelo menos 8 agências bancárias destruídas; 43 policiais e cidadãos assassinados e 38 suspeitos de envolvimento com esses crimes também morreram em confronto com a polícia. Ao todo, 81 mortos), citou várias vezes a palavra “guerra” e falou sobre os transtornos provocados na cidade. Em destaque, imagens de ônibus incendiados, e das pessoas perdidas em meio ao caos. A edição trouxe ainda um “mapa da violência” com os pontos de atuação da facção na cidade.

Na manhã seguinte, 16 de maio, o resultado do dia de caos na *Folha de S. Paulo* foi apresentado com a manchete:

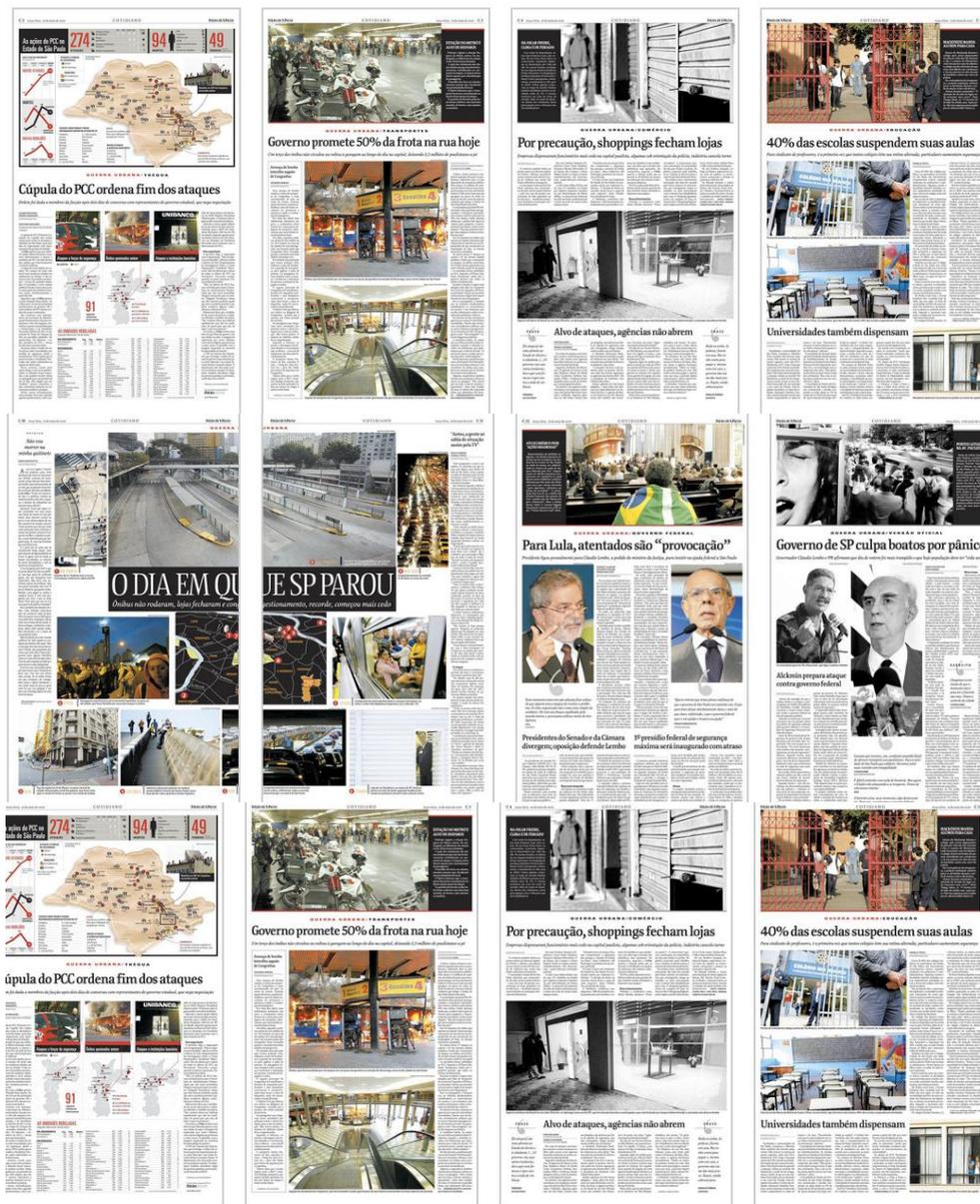


O caderno *Cotidiano*, sob chapéu “guerra urbana”, também enfatizou o medo da população:



Novamente, aparecem os números na cor vermelha, imagens de ônibus incendiados e de bandeiras com o nome do PCC, mas o destaque principal do jornal foi dado à reação da população e ao caos que a cidade viveu no dia anterior. Os boatos disseminados em grande parte pelo próprio jornalismo também foram citados como causa do caos, conforme pode ser percebido no trecho a seguir:

Uma onda de pânico fez parar ontem a maior e mais rica cidade do país e espalhou choque e medo pelo Estado de São Paulo. No quarto dia de terror provocado pela facção criminosa PCC contra bases policiais, assassinatos e rebeliões. Ataques a ônibus foram amplificados ao longo do dia por rumores e trotes e fizeram escolas, lojas e repartições públicas fechar em cascata. O clima de medo perdurou até a noite, quando bares, restaurantes e até supermercados 24 horas deixaram de funcionar” (MEDO de ataques para São Paulo, *Folha de S. Paulo*, 16 de maio de 2006, São Paulo. Cotidiano, p C1)



Dentre os assuntos destacados pela cobertura da *Folha* estava o caos e a cidade que nunca para, parada. Foram abordados temas como o fechamento das escolas, panes nos celulares, a falta de preparo do governo, trocas de acusações e reações da polícia a qualquer pessoa suspeita.

Imagens mostraram uma cidade acuada, com ruas tumultuadas e estabelecimentos desertos. Além disso, várias matérias falavam sobre o possível fechamento dos estabelecimentos também no dia seguinte, o que ampliou ainda mais os efeitos da atuação dos criminosos – várias empresas fecharam porque a imprensa anunciou que as empresas fechariam.

O personagem Marcola, líder da facção apareceu em destaque como “a cabeça por trás dos ataques”. Descrito como inteligente e estudioso, leitor de “A arte da guerra” e com uma enorme capacidade de organização e mobilização de grandes grupos, se transformou em “personalidade” do mundo do crime. Outra matéria afirmava: “Cúpula do PCC ordena fim dos ataques”, mostrando que a responsabilidade pela volta da rotina partiu dos próprios criminosos. Essa informação, certamente ajudou a manter o clima de instabilidade na população já assustada e acuada ao dar a ideia de que a decisão por parar ou continuar estava nas mãos dos criminosos. A seguir, reproduzimos algumas capas publicadas em 16 de maio de 2006 por outros jornais:



Observemos que os principais jornais do país destacaram aspectos semelhantes em sua cobertura: a cidade de São Paulo parada pelo medo e pelo terror. O caos foi a notícia principal. Dois jornais *Diário de S. Paulo* e o carioca *O Dia* utilizaram a mesma expressão: “Terror para São Paulo” para se referirem ao que aconteceu.

Outro ponto comum foi a utilização de fotos de incêndio em todas as capas analisadas, o que retifica a força que esse elemento tem quando a intenção é provocar medo e ampliar a força do terror.

Sobre o “Dia do PCC”, podemos afirmar que a reação da população de São Paulo foi inconsciente, como todas as reações coletivas de pânico das multidões, afinal, estivesse mesmo a cidade sob ataque, com exceção daqueles que seriam os alvos dos criminosos, o ideal seria ficar onde se estava e esperar a situação melhorar. Correr para a rua, todos com a mesma idéia, de voltar o mais rápido possível para o ninho seguro do lar e ficar preso no trânsito por horas não foi uma atitude segura.

Não há dúvidas de que a grande imprensa favoreceu, em busca da audiência e por também estar perdida em meio a informações desencontradas, as intenções do terrorismo, de mostrar força e poder. Isso aconteceu já com o “aquecimento” feito pelo PCC nos dias anteriores, que criou uma predisposição para a situação de caos e pânico. Durante todo o dia 15, o jornalismo, também em pânico, ajudou a disseminá-lo.

Mas por que isso aconteceu? Se avaliarmos a mudança no perfil do jornalismo ao longo das últimas décadas, veremos que a aceleração do tempo para a produção das notícias fez com que informações incorretas fossem divulgadas, pela pressa do “furo”. Conforme vimos no capítulo 2, o cenário do jornalismo contemporâneo favorece quem é mais veloz. Além disso, a forma como a violência é abordada na mídia foi um fator primordial para que o medo de ser uma vítima dessa violência se alastrasse entre a população.

A falta de informações confiáveis leva à falta de comunicação. A ação articulada, acontecendo em vários pontos de uma mesma cidade, ao mesmo tempo, e a destruição simbólica das instituições fez com que as próprias instituições que deveriam prestar informações como fontes oficiais do que acontecia – Polícia, Governo – se afastassem e

se calassem. E ainda que falassem, estavam com a imagem tão abalada pela destruição simbólica que sofreram que, naquele momento, não tinham credibilidade para acalmar ninguém. Não havia, portanto, uma fonte oficial para o que ocorria. Quem trabalha com assessoria de imprensa sabe que, nos momentos de crise, o maior pecado que uma empresa ou instituição pode cometer é perder o papel de “fonte oficial”. Esse espaço fica aberto aos boatos, à imaginação, à mentira. Foi o que aconteceu.

Por outro lado, o excesso de informação também leva à falta de comunicação. E, no mundo de hoje já vivemos em meio ao excesso. Excessos e vazios, muitas vezes preenchidos com excessos, ajudaram a construir o caos.

No dia de caos em São Paulo, a imprensa funcionou como um porta-voz do PCC. Foi o jornalismo brasileiro, sobretudo o jornalismo de São Paulo que, involuntariamente, fez o trabalho de “assessoria de imprensa” para os criminosos.

#### **5.1.6. Resultado do pânico**

O que se seguiu ao “Dia do PCC” mostra como o medo e um único dia de caos podem mudar a cultura de uma cidade, ainda que isso não seja facilmente percebido. Mas alguns dados nos permitem perceber isso: segundo a própria *Folha de S. Paulo*, nas semanas seguintes aos ataques, as empresas de segurança registraram um aumento de 200% na procura por equipamentos de monitoramento, sistemas de segurança e vigilância. Assim como aconteceu nos EUA após o 11 de setembro, nessas condições extremas de medo as pessoas tendem a se isolar ainda mais e a buscar, sozinhas, a segurança que acreditam que não pode ser dada pelo poder público. O medo em relação ao outro aumenta.

Outro dado fundamental para compreendermos as reações após o estresse do trauma do dia dos ataques foi o número de mortes causadas pela polícia na periferia de São Paulo. Com o intuito de controlar as ações do crime e reestabelecer a ordem na cidade, a polícia instaurou um regime violento em diversos bairros paulistanos. Na extrema periferia, foi decretado toque de recolher. Durante esse período, centenas de suspeitos (o número nunca foi confirmado) teriam sido mortos pela polícia, muitos com tiros pelas

costas. Investigações posteriores mostraram que muitos foram executados sem chance de defesa e sem ter nenhuma ligação com o crime. Eram, em geral, jovens pobres, a grande maioria negros e moradores dos extremos da cidade. Alguns morreram simplesmente por estarem na rua quando não deveriam estar. O filme “Salve Geral: O dia em que São Paulo parou” de 2009, trata, em parte, da história de desses jovens sob o olhar das mães que perderam seus filhos. Cabe aqui um parêntese: o grupo de mães que tiveram filhos mortos pela polícia nos dias que se seguiram aos ataques do PCC se organizou em busca de justiça e de visibilidade para o seu drama e passou a se denominar “Mães de Maio”, numa referência explícita às “mães da Praça de Maio” da Argentina.

Apesar de chocante e visivelmente exagerada, a reação violenta da polícia não recebeu grandes críticas à época em nenhum dos veículos de imprensa analisados, nem por parte da população em geral. Era como se a necessidade do momento justificasse a vida de algumas vítimas inocentes, exatamente como acontece nas guerras.

#### **5.1.7. O sequestro do jornalista e a reação da imprensa**

Em agosto de 2006 o PCC, ainda gozando da força construída para sua imagem no mês de maio, voltou a desafiar a sociedade. E, desta vez, a ação foi direcionada assumidamente para a imprensa, o que mostra a consciência dos líderes da facção sobre o poder midiático que o grupo detinha à época.

Na manhã do dia 12 daquele mês, uma sexta-feira, o grupo sequestrou o jornalista da TV Globo Guilherme Portanova e o auxiliar técnico Alexandre Coelho Calado. Enquanto tomavam café da manhã numa padaria na zona Sul de São Paulo, foram capturados por dois homens armados. Calado foi liberado com um DVD que continha uma gravação do PCC e recebeu a orientação para que o material fosse veiculado na íntegra pela TV Globo, a fim de garantir a vida do repórter Portanova, que permaneceu no cativeiro. Durante algumas horas, a emissora discutiu com seus diretores e também pediu apoio do Sindicato e à Federação dos Jornalistas e até a governos de outros países que já haviam passado por situação parecida, para decidir que decisão tomar. O

episódio, comum em países em guerra, era inédito no Brasil. A decisão era difícil: atender ao pedido do PCC daria à facção ainda mais força e poderia abrir um precedente perigoso para outros jornalistas. Não atendê-la, seria colocar em risco a vida do repórter e ter de lidar com todo o peso da responsabilidade por isso. A Globo optou por atender à exigência. À 0h28 do sábado o jornalista César Trali entrou no ar em caráter de plantão, interrompendo a programação da emissora e informando que o comunicado seria veiculado. O vídeo do PCC foi apresentado na íntegra e durou 3 minutos e 36 segundos. Nele, enquanto um homem encapuzado faz a leitura do texto, é possível observar na parede branca ao fundo, letras pretas e grandes onde se lê: “PCC: Luta pela Justiça” O homem aparece em primeiro plano durante quase todo o vídeo. Na última cena, o foco muda para a parede escrita, como uma assinatura, o que mostra certo domínio de linguagem do vídeo pelos elaboradores do material. O comunicado afirmava:

Como integrante do Primeiro Comando da Capital, o PCC, venho pelo único meio encontrado por nós, para transmitir um comunicado para a sociedade e os governantes. [...] Não estamos pedindo nada mais do que está dentro da lei. Se nossos governantes, juízes, desembargadores, senadores, deputados e ministros trabalham em cima da lei, que se faça justiça em cima da injustiça que é o sistema carcerário, sem assistência médica, sem assistência jurídica, sem trabalho, sem escola, enfim, sem nada. Pedimos aos representantes da lei que se faça um mutirão judicial, pois existem muitos sentenciados com situação processual favorável, dentro do princípio da dignidade humana. O sistema penal brasileiro é, na verdade, um verdadeiro depósito humano, onde lá se jogam seres humanos como se fossem animais. [...] Queremos que a lei seja cumprida na sua totalidade. Não queremos obter nenhuma vantagem. Apenas não queremos e não podemos sermos massacrados e oprimidos. Queremos que as providências sejam tomadas, pois não vamos aceitar e não ficaremos de braços cruzados pelo que está acontecendo no sistema carcerário. Deixamos bem claro que nossa luta é contra os governantes e os policiais. E que não mexam com nossas famílias que não mexeremos com as de vocês. A luta é nós e vocês.

É curioso observar que logo no início do texto, o grupo parece procurar e aproximar do público, ao explicar que está usando aquele espaço como um protesto contra a falta de condições básicas nos presídios e a falta de cumprimento da lei para os presidiários. Eles parecem, inicialmente, querer expor sua situação que ninguém vê e pedir ajuda. Se o vídeo continuasse nessa linha até seu final, pareceria uma manifestação como tantas outras de protesto que busca, ao mesmo tempo, visibilidade e a conquista da opinião pública. Conforme já estudamos em pesquisa anterior, o protesto como resposta pública a determinada situação a que se faz oposição é destinado sempre a dois grupos: o primeiro a quem o protestador se opõe e a um segundo, de quem ele quer apoio (PAIERO, 2005). O texto parecia ir nesse sentido. Após as queixas de descaso, eles afirmam “*Queremos que a lei seja cumprida na sua totalidade. Não queremos obter nenhuma vantagem. Apenas não queremos e não podemos sermos massacrados e oprimidos*”. Até aqui, o discurso vem num concatenamento lógico de quem busca algo a que tem direito e nada além disso. Porém, na sequência, eles quebram essa lógica e assumem, de fato o papel que se espera de um grupo criminoso com o poder e a ousadia que eles tinham então. O trecho “*Queremos que as providências sejam tomadas, pois não vamos aceitar e não ficaremos de braços cruzados pelo que está acontecendo no sistema carcerário*”, já mostra uma disposição a agir. E se considerarmos que esse vídeo veio ao ar apenas três meses após o dia de caos, podemos imaginar de que “ação” eles estavam falando. Além disso, ocorre, no final do vídeo a total ruptura com o que parecia ser uma tentativa de aproximação. Ao afirmar “*E que não mexam com nossas famílias que não mexeremos com as de vocês. A luta é nós e vocês*”, a ameaça a toda a sociedade volta e é fechada com a marcação clara da binariedade “nós” e “vocês”, sendo que “vocês”, neste caso, ocupa o lugar do “eles” aqueles para quem se olha com estranhamento e exclusão, como já vimos no capítulo 1.

#### **5.1.8. A consciência do poder da imagem**

A reação da mídia ao vídeo do PCC foi claramente pensada para evitar uma maior exposição das demandas e ameaças dos criminosos, o que mostrou uma consciência do uso que o PCC poderia fazer do jornalismo. O vídeo apareceu na íntegra apenas uma vez. Outros veículos repercutiram apenas que a exigência do PCC havia sido atendida e

que o jornalista havia sido libertado. Não houve, mesmo nos programas mais sensacionalistas, a reapresentação das imagens, nem da íntegra do discurso do PCC, evitando que ele se tornasse ainda mais visto e que a facção fortalecesse mais sua imagem. Mesmo com grande potencial para render muitas pautas e audiência, o assunto saiu da mídia rapidamente, ao nosso ver, por opção dos próprios jornalistas.

Entendemos que a exposição do PCC chegou a um extremo tão grande e a mídia foi tão usada para tal que, a partir de 2006, boa parte da imprensa parece ter tido consciência do papel que cumpria ao repercutir notícias ligadas à facção. Como já fazia o *Jornal Nacional*, vários veículos começaram a evitar usar o nome do PCC em suas matérias, substituindo a sigla pela expressão “facção criminosa” ou algo parecido. Também as imagens mostrando o nome do grupo praticamente desapareceram do jornalismo.

Uma rápida análise da *Folha de S. Paulo* nos permite perceber como essa relação foi notada pelo jornalismo e refletiu na cobertura da mídia sobre o grupo criminoso: em 2006, ano do caos na cidade de *S. Paulo*, a sigla PCC apareceu 1078 vezes no jornal. Já em 2007, apesar de algumas tentativas de atentados e ameaças de “novo dia de terror” feitas pelo grupo, a sigla da organização apareceu apenas 178 vezes na *Folha*. Em 2011, foram 64 citações da sigla, em geral, se referindo mais à prisão e morte de líderes da organização que a seus atos previamente organizados.

Em 2012, o nome do PCC voltou a receber destaque na *Folha* por causa de uma série de assassinatos que o grupo cometeu contra policiais da cidade de São Paulo. Em menos de um ano, 75 policiais foram assassinados na cidade, vários deles enquanto estavam fora do trabalho. Dentre os documentos encontrados pela polícia na investigação dos crimes, que apontavam para o PCC, estavam várias correspondências e comunicados onde os assassinatos eram combinados por integrantes da facção. Entre eles, receberam destaque na *Folha de S. Paulo* os comunicados que reproduzimos abaixo e que foram publicados no caderno *Cotidiano* do jornal em 5 de outubro de 2012:

**“VIDA SE PAGA COM VIDA”**  
Espécie de “código de conduta”  
do PCC manda matar policiais

Documento anexado a processo judicial em Santos, em janeiro deste ano, mostra que a facção deu uma ordem determinando a morte de policiais sempre que um criminoso for morto pela polícia

18º **TODO INTEGRANTE TEM O DEVER DE AGIR COM SEVERIDADE**

**SE ALGUMA VIDA FOR TIRADA PELOS NOSSOS**

**INIMIGOS, OS INTEGRANTES DO COMANDO QUE ESTIVEREM CADASTRADOS NA QUEBRADA DO OCORRIDO, DEVERÃO SE UNIR E DAR O MESMO TRATAMENTO QUE ELES MERECEM, VIDA SE PAGA COM VIDA, E SANGUE SE**

**PAGA COM SANGUE.**

MEU AMIGO, ESTAMOS PASSANDO A PIOR FASE, TÁ A MAIOR COVARDIA DOS VERMES DA “R”, TÃO TIRANDO A VIDA DE VARIOS MALANDRO DA HORA, TÃO CHEGANDO PERTO MUITO RAPIDO, E NÃO ESTAMOS CONSEGUINDO DESCOLA DE ONDE TÁ VINDO, JÁ ESTOU MUDANDO TODOS OS TRAMITIS, AI VOU DEIXANDO VOCS PARA DESTES DETALHES, NA PRÓXIMA SEMANA VOU TE MANDAR O RELATORIO DOS ONIBUS QUE VÃO, VOU DEIXAR LIA

**TÁ A MAIOR COVARDIA DOS VERMES DA “R”, TÃO TIRANDO A VIDA DE VARIOS MALANDRO DA HORA,**

**TÃO CHEGANDO PERTO MUITO RAPIDO,**

ÉRICK

Documento assinado por integrante do PCC identificado como Érick fala que a facção está na “pior fase” por causa da “covardia dos vermes da ‘R’” (Rota)

Mais uma vez, vemos também aqui – utilizada pelos criminosos e destacada pelo jornal – a ideia da vingança, do sangue que deve ser vingado com sangue. “Vida se paga com vida. Sangue se paga com sangue”, afirma o texto do PCC. A justificativa está no documento de baixo, publicado na mesma edição do jornal: “Tá a maior covardia. Tão tirando a vida de vários malandros da hora”. No discurso dos criminosos, o mesmo argumento, discutido por Girard (1990) e Chevalier (2003) – conforme vimos nos capítulos iniciais deste trabalho – e utilizado por Obama e por Osama e seus seguidores para justificar a morte do inimigo.

De qualquer forma, ainda que em alguns momentos o nome do PCC tenha voltado à publicação, nada se compara ao que aconteceu em 2006.

Retornando à questão do “Dia do PCC”, vemos que a tendência à criação de fatos noticiosos espetaculares pelos criminosos fez com que, ao cumprir seu papel de

informar, o jornalismo acabasse por reforçar a imagem do crime, dando visibilidade às suas ações. Toda essa análise nos faz pensar sobre a função social do jornalismo e deixa aberta uma questão fundamental: se o assunto é de interesse público, podemos não divulgá-lo a fim de não beneficiar quem se opõe à ordem da sociedade? Como informar bem e, ao mesmo tempo, não ser usado por aqueles que dominam as estratégias de criação de notícias? Até que ponto a audiência, que no final é quem garante a sobrevivência do veículo, deve ser priorizada? Não conseguimos encontrar respostas para essas questões.

## **5.2. Caso 2**

### **Guerra no Rio**

#### **A gestão da imagem da polícia durante a Pacificação do Complexo do Alemão**

Até aqui, vínhamos abordando as estratégias encontradas pelo terrorismo para ganhar visibilidade no jornalismo. Mas, para concluir este trabalho optamos por mostrar como estratégias parecidas podem ser utilizadas pelo poder público para vencer a guerra pela visibilidade na imprensa.

No dia 25 de novembro de 2010 os olhos dos brasileiros se voltaram para as imagens que vinham das favelas do Rio de Janeiro. As mais marcantes, apresentadas pela Rede Globo de televisão e reproduzidas por vários veículos de comunicação, mostravam criminosos fugindo apressados da favela carioca “da Vila Cruzeiro”, localizada na região Norte da cidade.

Imagens dos helicópteros das TVs e de outros veículos de comunicação, e também da polícia “monitoraram” ao vivo e em rede nacional o trajeto dos bandidos até a favela vizinha e dominada por traficantes da mesma facção. A fuga espetacularizada dos criminosos aconteceu após uma série de episódios, que tiveram início com a ocupação das favelas da Vila Cruzeiro pela Polícia Pacificadora do Rio de Janeiro.

A instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) nas favelas cariocas faz parte de uma série de ações policiais que têm o objetivo de desarticular os grupos criminosos que dominam o tráfico de drogas nas comunidades carentes do Rio. Em novembro de 2010 foi a vez da Vila Cruzeiro entrar na lista das favelas pacificadas. Em represália às ações da polícia, traficantes que dominavam a favela passaram a cometer ataques contra

a população e policiais, exigir o fechamento de lojas e outros pontos comerciais – sob pena de atacá-los - e queimar ônibus e automóveis em diversas ruas do Rio. As imagens dos incêndios foram mostradas por todos os veículos de comunicação cariocas e também pelos telejornais de alcance nacional. Algumas, lembravam muito as imagens protagonizadas pelo PCC em São Paulo em 2006.

Iniciou-se uma verdadeira guerra: de um lado, traficantes que não queriam perder poder, de outro, a polícia – comandada pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro – que não podia, após a instalação da UPP, abrir mão de sua tentativa de domínio sobre o território ainda ocupado pelos traficantes. E, nessa guerra, os meios de comunicação tiveram papel fundamental. Diferente do que costuma acontecer em operações policiais nas favelas cariocas, desta vez, a polícia manteve um intenso trabalho de comunicação e fornecimento de informações a jornalistas. Ao cobrir em suas matérias os assuntos que a polícia gostaria de ter divulgados, a imprensa, por sua vez, teve um papel crucial para o desenrolar do episódio. Vale lembrar que a instalação de UPPs é uma das bandeiras de campanha da atual gestão do Governo do Rio.

Após os ataques dos traficantes à população, a PM – com apoio das Forças Armadas Brasileiras – intensificou suas estratégias para expulsar os criminosos da Vila Cruzeiro – e comunicou cada passo realizado à imprensa. À época, o Chefe do Estado Maior da Polícia do Rio de Janeiro, Álvaro Garcia, declarou “Estamos em guerra”. A declaração repercutiu por todo o Brasil e justificou o aparato instalado na Vila Cruzeiro, que incluiu a presença de 170 agentes do BOPE (Batalhão de Operações Especiais Policiais), veículos blindados da Marinha e 80 fuzileiros navais. Esse trabalho culminou com a fuga dos traficantes da Vila Cruzeiro – dando espaço para que a polícia se instalasse definitivamente na favela. A imagem descrita no primeiro parágrafo deste artigo, da fuga dos bandidos para a favela vizinha, certamente fortaleceu o poder da polícia e abriu as portas para a ampliação de sua atuação em outras comunidades cariocas.



Como todos puderam ver, os traficantes fugiram para o conjunto de favelas próximo à Vila Cruzeiro, conhecido como “Complexo do Alemão” ou “Morro do Alemão”. A partir dessa fuga, coberta por todos os veículos de comunicação do país e transmitida ao vivo pelas principais emissoras de TV brasileiras, a luta da polícia contra o crime no Rio de Janeiro se transformou no assunto mais comentado do período, mesmo fora do Rio.

Os passos das ações policiais passaram a ser acompanhados por uma cobertura jornalística que pareceu completamente seduzida pelo material que lhe era oferecido pela polícia e, conforme pudemos observar, torcedora pelo sucesso da operação. Se os bandidos haviam fugido para o Morro do Alemão era para lá que a polícia precisava ir. O Alemão passou a ser monitorado dia e noite por policias e pelas lentes dos cinegrafistas, como em um *reality show*. A tomada dessa grande favela se tornou questão de honra para a polícia. No dia 28 de novembro, após um amplo trabalho de divulgação, a Polícia do Rio e o Exército brasileiro subiram o Alemão e, com sucesso, desarticularam os traficantes e tomaram conta do espaço.

Nesta etapa de nosso trabalho, analisamos as estratégias de comunicação desenvolvidas pela polícia do Rio de Janeiro durante esse episódio, que ficou conhecido como a “Pacificação do Alemão”. A ação teve ampla cobertura midiática e foi acompanhada por milhões de brasileiros. A expectativa pela ocupação, seu desenrolar e suas consequências se tornaram o principal assunto da mídia brasileira durante uma semana e receberam destaque em diversos países.

Por causa dos riscos envolvidos, da imagem desgastada que a polícia carregava antes, da repercussão gerada e da credibilidade conquistada a partir desse episódio, ele pode ser considerado um marco. Seu grande diferencial foi a gestão da informação pela polícia. Aqui, observaremos ainda como algumas das estratégias de visibilidade adotadas por terroristas foram, desta vez, utilizadas com sucesso pela polícia carioca.

### **5.2.1 Antecedentes históricos da guerra no Rio**

O final do Séc. XIX e o início do Séc. XX marcaram a busca pelo saneamento das regiões mais pobres da cidade do Rio de Janeiro. Dentre as preocupações do poder público estavam a “limpeza” do centro urbano e o “extermínio” dos cortiços “pouco higiênicos” que ocupavam algumas das áreas centrais e serviam de moradia para as populações mais pobres.

Tratados como sombras da cidade que se pretendia que fosse o Rio de Janeiro, os moradores dos cortiços foram empurrados para as áreas remotas da cidade. Com uma geografia peculiar, cercada por morros, a cidade do Rio de Janeiro oferecia poucas opções para essa população carente e expulsa do centro. Aos poucos, os morros vizinhos passam a ser ocupados por casebres, instalados nos espaços sem planejamento e sem estrutura básica. Ao lado das motivações econômicas, algumas dessas ocupações surgiram como uma forma de protesto e de pressão contra o governo:

Em especial, uma favela catalisa as atenções, mais precisamente o morro da Favella, que entrou para a história por sua associação com a guerra de Canudos, por abrigar excombatentes que ali se instalaram para pressionar o Ministério da Guerra a lhes pagar os soldos devidos. O morro da Favella, até então denominado morro da Providência, passa a emprestar seu nome aos aglomerados de casebres sem traçado, arruamento ou acesso aos serviços públicos, construídos em terrenos públicos ou de terceiros, que começam a se multiplicar no centro e nas zonas sul e norte da cidade do Rio de Janeiro. (VALLADARES, 2000, online)

Já no início do Séc. XX o nome do morro “favela” passa ser utilizado pelos jornais para designar todo conjunto de habitações precárias instaladas em local sem estrutura básica. Na imprensa, a preocupação com esses espaços que começavam a se firmar aparece já no início do Séc. XX.

Já em 1900 o Jornal do Brasil denunciava estar o morro “infestado de vagabundos e criminosos que são o sobressalto das famílias”. Esta é também a visão expressa por um delegado da polícia, segundo nos informa Bretas (1997, p. 75): “é ali impossível ser feito o policiamento porquanto nesse local, foco de desertores, ladrões e praças do exército, não há ruas, os casebres são construídos de madeira e cobertos de zinco”. (VALLADARES, 2000, online).

Já no seu surgimento, a favela, como ocupação marginal e que foge ao controle do Estado e das ações da polícia, começa a ser um problema de imagem para as autoridades cariocas. A preocupação com o destino dos morros do Rio de Janeiro é presença constante na imprensa durante todo o Séc. XX, conforme atesta Valladares (2000). Ao levantar a cobertura jornalística feita entre 1901 e 1937 acerca das favelas que despontam e atraem a curiosidade da imprensa carioca, ela destaca que algumas preocupações eram mais frequentes: “o morro detém uma posição estratégica. Localizado sobre a cidade, que fica embaixo, goza de uma situação privilegiada em termos de logística. Isolado, oculta de quem olha de baixo o que se passa em cima”. Observemos aqui que, ao abrir mão dos pontos mais altos da cidade, a ordem pública acabou involuntariamente, por abrir mão também de seu controle. Quem está no alto tem o poder, como afirma Pross (1989) e conforme já discutido em capítulos anteriores deste trabalho. O caso do Rio de Janeiro mostra uma inversão na ocupação do espaço público e, conseqüentemente, no domínio desse espaço. Na cidade cercada por morros altos quem detinha o poder e o dinheiro preferiu se organizar na orla marítima, deixando o espaço alto para ser tomado por outros poderes.

Mais adiante, no Sec. XXI, essa questão geográfica, há muito percebida, se tornaria uma das grandes dificuldades da polícia carioca para atuar nas favelas. Utilizando os conceitos de análise aplicados a este trabalho, podemos dizer que a ocupação geográfica

do Rio de Janeiro criou uma binariedade muito forte na percepção que seus moradores tem da cidade e também na sua imagem externa: a cidade está partida em duas. De um lado, a cidade dos que vivem nas suas partes mais baixas, principalmente na orla de suas praias. Esse é o Rio de Janeiro turístico, iluminado, vendido em pacotes no exterior e nas novelas globais de Manoel Carlos. De outro, os morros, escuros, pouco visíveis e dos quais pouco se conhece, onde vivem os mais pobres e também onde moram as sombras da sociedade, os criminosos.

Ainda segundo a Valladares, a favela desde sempre teve seu próprio chefe, que não era o poder institucional. O final Sec. XX foi marcado pelo fortalecimento dos grupos criminosos em praticamente todos os morros e comunidades carentes do Rio de Janeiro. Primeiro, os chamados “bicheiros”, responsáveis por um jogo considerado criminoso no Brasil, o “jogo do bicho”, junto com alguns grupos de criminosos organizados dominaram os espaços e as leis dentro das favelas. Mais adiante e já entrando no Séc. XXI, a favela passou a ser dominada prioritariamente por grupos organizados de traficantes de drogas.

Ou seja, a guerra que se desenhou no Séc. XXI tem seus antecedentes principalmente no final do Sec. XX. No final dos anos 1990, segundo números oficiais, as favelas cariocas já abrigavam 20% da população da cidade. Para se ter uma ideia, só no complexo de favelas do Alemão hoje vivem mais de 160 mil pessoas.

A imagem da cidade do Rio de Janeiro cercada por favelas e dominada pelos fora-da-lei que ocupam seus topos correu o mundo, alimentando uma aura negativa do município e, de maneira indireta, do Brasil, já que o Rio é seu principal destino turístico.

Os morros criaram uma sensação de instabilidade e insegurança em toda a cidade. Conforme afirmamos anteriormente, numa inversão na ordem comum da ocupação do espaço urbano, no Rio de Janeiro o desconhecido é o que está no alto. Nunca se sabe quando ele resolverá interferir na ordem da vida da cidade. Nem quando o “morro irá descer”. Essa expressão ficou conhecida no Rio de Janeiro por conta das ameaças que os traficantes faziam, durante muito tempo, à população “do asfalto”. Se continuarem nos contrariando, “o morro vai descer”, ou seja, os moradores do morro dominarão a cidade, provocando o caos, numa nítida mostra de poder e domínio territorial. Essa

estratégia, de mostrar risco e instabilidade permanentes, se assemelha muito às estratégias de outros terroristas, como já vimos neste trabalho.

### **5.2.2 A imagem do Rio de Janeiro no mundo**

Segundo dados da Embratur (Empresa Brasileira de Turismo), o Rio de Janeiro é a cidade brasileira que mais atrai turistas, recebendo 30,2% dos estrangeiros que chegaram ao país a lazer em 2010. Por esse e por outros motivos, o Rio de Janeiro é cartão postal do Brasil. Sua imagem está diretamente associada à imagem do país.

No entanto, quando observada a procura de destinos internacionais no mundo, segundo a própria Embratur, o Rio fica apenas com o 40º lugar. A preocupação com a segurança figura no topo da lista dos motivos para a cidade ser preterida em relação a outras. Dois eventos esportivos que terão Rio de Janeiro como sede pretendem mudar esse cenário - a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e as Olimpíadas de 2016 têm a missão de melhorar a imagem da cidade e ampliar sua exposição na mídia internacional. Os objetivos são ambiciosos: Por conta das Olimpíadas, a Embratur estima que o aumento no número de turistas estrangeiros no Brasil seja de 10% a 15% superior ao número que será registrado no ano anterior (2015). Espera-se que o evento esportivo dê visibilidade ao Brasil e, sobretudo, à capital do Rio de Janeiro, contribuindo para fixar a imagem do Rio como ponto turístico internacional.

Se, por um lado, esses grandes eventos devem atrair olhares para a cidade, permitindo que se destaque sua beleza, seu acolhimento e outros pontos positivos, por outro, essa visibilidade pode se mostrar prejudicial, caso as notícias associadas ao país e ao Rio de Janeiro sejam negativas durante o período do evento. A preocupação em mostrar controle sobre as historicamente problemáticas favelas cariocas se amplia por causa dessa visibilidade buscada e conquistada. É preciso que:

- primeiro, o governo neutralize a imagem de poder dos traficantes nos morros e que o poder público apareça como dominante nas regiões que podem gerar problemas. Assim, os turistas e jornalistas que chegarem à cidade por conta dos eventos esportivos se sentirão mais seguros, e trarão uma expectativa positiva;

- segundo, as próprias forças de oposição, os criminosos, se sintam de fato enfraquecidas e não provoquem problemas durante os jogos.

E para que isso tudo aconteça, é importante que as ações não apenas “sejam”, mas “pareçam ser” o que polícia e governo querem que sejam. Podemos concluir que as opções da polícia carioca na estratégia de pacificação caminham nesse sentido: ser e parecer ser. Também sabemos que há toda uma torcida generalizada no país para que essas estratégias sejam bem-sucedidas, afinal, em última instância, é a imagem do Brasil que está em jogo.

Mas para que isso dê certo é preciso um ponto de partida. Esse ponto de mudança de imagem, ao nosso ver, foi o início da instalação das UPPs nas favelas cariocas e, mais que isso, a visibilidade dada a esse trabalho dentro e fora do Brasil.

Vejamos a seguir algumas das estratégias da polícia para fazer visíveis suas ações, numa guerra que se tornou também uma guerra pela atenção dos meios de comunicação.

### **5.2.3. As estratégias de comunicação da polícia na guerra do Rio**

Ao compreender a problemática que se dá a partir da criação e do fortalecimento do crime nas favelas cariocas, buscamos entender de que forma o governo estrategicamente expôs o problema e prometeu resolvê-lo. Analisamos também como a imprensa reagiu a esse trabalho e colaborou para o seu sucesso.

Apresentamos aqui os resultados de análises que fizemos acerca do trabalho de comunicação e da visibilidade dada à operação policial durante sua execução no Complexo do Alemão. Para isso, utilizamos material publicado em alguns dos principais veículos de comunicação do Brasil, ao longo dos sete dias que durou operação – incluindo aí toda a divulgação prévia de que o Morro do Alemão seria ocupado após a fuga da Vila Cruzeiro. Como se trata de um evento com repercussão nacional, desta vez, optamos por analisar um veículo com maior impacto local e também alguns de abrangência nacional. Dentre esses veículos selecionamos o jornal *O Globo*, maior jornal do Rio de Janeiro, a *Folha de S. Paulo*, maior jornal impresso

diário do Brasil e também seu site, o *Jornal Nacional* da *TV Globo*, maior emissora de televisão do Brasil e o portal *Uol*, maior site de notícias da América Latina. Observamos quais recursos utilizados pelas forças de ocupação receberam maior destaque pelos jornalistas. Dessa forma, buscamos compreender as estratégias que foram pensadas para e que deram visibilidade positiva às ações da polícia.

Vale lembrar que nosso objetivo aqui foi, sobretudo, verificar como a mídia repercutiu o assunto para compreender que estratégias da polícia receberam mais visibilidade. Por isso, procuramos destacar, em nossas análises, os pontos convergentes na cobertura dos diferentes veículos.

#### **5.2.4 Uma guerra pela comunicação**

Há tempos os grupos criminosos no Brasil perceberam que o jornalismo poderia ser – involuntariamente – um aliado na construção da imagem de força e poder que gostariam de transmitir.

Na primeira parte deste capítulo, investigamos como grupos criminosos na cidade de São Paulo, ao darem aos jornalistas informações e imagens espetaculares, conseguiram obter cobertura midiática e o conseqüente fortalecimento de sua imagem perante a sociedade. Dentre as estratégias dos criminosos para o fortalecimento de suas marcas na imprensa estão a realização de eventos que obrigam sua cobertura (como incêndios a ônibus) bem como estratégias para fortalecimento do nome do grupo criminoso.

No caso agora estudado, verificamos a inversão dessa ordem pela polícia. Sem dúvida, a guerra pelas lentes dos fotógrafos, pelo espaço nas TVs e pelas linhas dos jornais e dos sites foi a primeira batalha vencida pela polícia carioca na Pacificação do Morro do Alemão. Para virar notícia, é imprescindível criar notícia e dar à imprensa material rico em material de cobertura, repleto de valores-notícia. Foi o que as forças de ocupação das favelas do Rio conseguiram fazer com sucesso, por meio de estratégias como:

### **a. Nome da ação**

A primeira questão que precisamos observar ao analisar as estratégias de comunicação do Poder Público do Rio de Janeiro no presente caso é o nome escolhido para a ação. O governo do Rio criou em 2008 as UPPs, Unidades de Polícia Pacificadora. A ideia surgiu de um projeto simples. Resumidamente: há três anos um coronel da PM instalou uma base da Polícia Militar no bairro de Botafogo, que garantiu a segurança da favela Dona Marta e ganhou a confiança dos moradores. A ideia deu certo e foi bem aceita pela população e pela imprensa, que deu ampla cobertura à iniciativa. Em pouco tempo, o Governador do Estado viu aí uma oportunidade e, dentro da mesma lógica – a implantação de bases policiais “simpáticas” em favelas tomadas pelo tráfico – nasceu a ideia das Unidades de Polícia Pacificadora.

A opção por um nome positivo é visível. Ao contrário de outros momentos e ações da polícia que adotaram nomes mais agressivos, como, por exemplo, “choque de ordem”, desta vez, a proposta se desenha como algo positivo, leve. A expressão “Polícia Pacificadora” ganhou simpatia, tanto da população atendida diretamente pelo projeto, os moradores das favelas, quanto da população em geral. Não é uma polícia truculenta, impositiva, mas é uma polícia que traz a paz – que fica subentendido, foi tomada dos moradores e da cidade pelos criminosos. Retomando pontos levantados no capítulo 1, vemos aqui uma intenção clara de valorizar a binariedade “nós cidadãos de bem” e “eles” destruidores da ordem. Contra o caos ou a ameaça dele, a polícia reagiu com “paz”.

### **b. Uma novela ao vivo**

Assim como aconteceu no caso do PCC, a história da ocupação do Morro do Alemão começou a se montar uma semana antes de a polícia de fato entrar no local, mais precisamente no dia 21 de novembro, quando os traficantes da Vila Cruzeiro iniciaram uma série de ataques.

Levantamos a seguir os principais pontos da cobertura jornalística do evento:

- **21 de novembro – A provocação:** Neste dia, os traficantes iniciaram uma série de ataques, segundo a polícia, em represália contra a instalação de uma UPP na Vila Cruzeiro.

Imagens já conhecidas dos brasileiros de carros e ônibus sendo incendiados entraram em todos os noticiários analisados. Em todos os veículos as fotos e imagens vieram acompanhadas de explicações sobre os ataques, sempre com a exposição da motivação dos criminosos: a busca pela retomada de território pela polícia com a instalação da UPP. Havia, portanto, uma causa muito nobre para a reação da polícia.

Neste momento, a cobertura privilegiou, além dos números dos ataques (quantos ônibus, quantos atingidos) informações sobre o pânico causado pelas ações dos traficantes entre os moradores das áreas atacadas. Na TV, foram mostradas imagens de pessoas assustadas correndo entre carros pegando fogo.

- **22, 23 e 24 de novembro - Guerra de dois lados:** Neste período, polícia e criminosos entraram em confronto direto. Se, por um lado, os traficantes ampliavam suas ações, em busca de visibilidade e poder, de outro, a polícia reagia. Mais ônibus incendiados, mais traficantes presos. Se bases da polícia e veículos das forças de ocupação eram atacados, a polícia reagia com o fortalecimento de suas operações nas favelas e fazia essa informação chegar à imprensa.

A cobertura em todos os veículos analisados descrevia números de ataques, números de presos e de policiais envolvidos nos confrontos. Os números eram crescentes e mostravam a ampliação do poder da polícia. Também neste momento, a polícia do Rio de Janeiro e o Governo do Estado começaram a se pronunciar por meio de notas oficiais e alguns representantes da polícia e do Governo passaram a atender a imprensa, dando entrevistas e transmitindo dados sobre o trabalho da PM, suas estratégias e ações. Houve uma visível abertura do poder público ao trabalho dos jornalistas.

Podemos afirmar que essa tomada de controle da situação na imprensa e o atendimento às demandas dos jornalistas, no momento em que a crise eclodia, serviu, sem dúvidas, para o desenrolar positivo das operações e para a construção bem-sucedida da imagem da polícia nesse momento. Obviamente, os traficantes acompanhavam toda a

movimentação da polícia também pelas notícias veiculadas na mídia e isso afetou a forma como agiram dali para frente.

Expressões como “Tensão no Rio” (Jornal O Globo e UOL), “Violência no Rio” (*Folha de S. Paulo* e *Jornal Nacional*) foram transformadas em “chapéus” e “vinhetas” das matérias que cobriam o assunto. O desenrolar dos fatos no Rio de Janeiro se tornou notícia diária obrigatória.

As ações dos criminosos foram apontadas por todos os veículos como reações ao trabalho da polícia. Durante os três dias foi criado o cenário de expectativa pela entrada da polícia na comunidade da Vila Cruzeiro. Todos os veículos analisados divulgaram essa possibilidade. O desfecho dessa história parecia iminente. Simultaneamente, a polícia decidiu e divulgou a transferência de presídio de vários líderes do tráfico que foram acusados de comandar os ataques de dentro da cadeia. Também neste momento, o Governo do Rio pediu apoio às Forças Armadas Brasileiras, reforçando seu poder para o que seria o ataque final contra os traficantes.

Dentro de suas estratégias, nos dias que antecederam a fuga da favela da Vila Cruzeiro a Polícia:

- Reagiu às ações dos traficantes de forma intensa e divulgou essas iniciativas;
- Repassou à imprensa números das suas operações (quantidade de policiais envolvidos, número de traficantes mortos e presos, quantidade de armamento utilizada, quantidade de drogas apreendidas), dando subsídios concretos para a realização das matérias jornalísticas. Prova da eficiência da divulgação dessas informações é que todos os veículos analisados publicaram números oficiais passados pela polícia em todos os dias de cobertura da operação;
  - Escalou policiais treinados para falar com a imprensa;
  - Divulgou notas oficiais diárias aos jornalistas;
  - Passou a se referir às ações utilizando a palavra “guerra”, tanto em entrevistas como em notas oficiais. A expressão que já vinha sendo utilizada por alguns veículos

jornalísticos passou a aparecer em todos eles. Seja na palavra da polícia, seja em frases e expressões assumidas pelos próprios veículos.

Aqui, cabe chamar atenção para a palavra “guerra” utilizada com muita força durante as ações: ela serve para reforçar a relação binária formada entre polícia (e sociedade brasileira) contra criminosos, e ajuda a justificar possíveis medidas drásticas e consequências das ações da polícia nos dias que se seguiriam. Conforme vimos no capítulo 1, o estado de “guerra” permite que sejam tomadas decisões que normalmente não seriam aceitas pela população. Lembremos que o mesmo aconteceu em relação às reações dos EUA com os terroristas do 11 de setembro. No caso das ações em questão, ocorreram, por exemplo, invasões a casas, tiroteios no meio da rua, colocando em risco a vida de pessoas inocentes, sem contar a agressividade da polícia com relação aos traficantes – muitos deles menores de idade. À época, vários moradores das favelas se disseram apavorados. Essas declarações eram mostradas pelos veículos de comunicação, mas sempre de maneira secundária, como efeitos colaterais com pouca importância, dentro de uma guerra que precisava ser vencida.

A “guerra” justificou, inclusive, a presença das Forças Armadas Brasileiras – Marinha e Exército - na operação. Era o Brasil contra o crime.

**25 de novembro** – Como já se esperava, as equipes do Batalhão de Operações Especiais (Bope) da Polícia Militar iniciaram uma megaoperação na Vila Cruzeiro, com o apoio de seis veículos blindados da Marinha.

Antes da entrada da polícia na favela a população foi orientada a não sair de casa. Escolas e creches permaneceram fechadas. Percebia-se toda uma preocupação em reduzir os riscos de notícias negativas tirarem o brilho da operação. Fontes da polícia insistiam em afirmar (e eram respaldadas pela imprensa) que a operação já vinha sendo montada havia meses, com ajuda dos serviços de inteligência da polícia, o que aumentava sua segurança.

O trecho de matéria a seguir foi publicado no site do jornal *Folha de S. Paulo* em 25/11/2010 e parcialmente reproduzido no jornal impresso do dia 26 e dá o tom da cobertura que foi feita pelos veículos analisados naquele dia: “A operação na Vila

Cruzeiro tem o objetivo de coibir os ataques e incêndios de veículos registrados em diferentes pontos do Estado desde o último domingo (21). Os tanques blindados da Marinha chegaram nesta manhã à Vila Cruzeiro. Em cada um deles cabem 12 homens.”

Mais uma vez, os veículos justificaram as ações da polícia e deram a ideia da grandiosidade dos números e do poder bélico envolvidos na operação.

A imprensa foi acionada e autorizada a cobrir a ação policial. E foi a partir daí que pudemos acompanhar as imagens que marcaram todo o período: os criminosos fugindo da Vila Cruzeiro em direção ao Morro do Alemão, acompanhados ao vivo pelas emissoras de TV. A polícia queria dar visibilidade à sua ação. Conseguiu. Os veículos de comunicação queriam notícias impactantes e um final feliz para a operação. Conseguiram.

Nos veículos impressos, a fuga dos traficantes do Alemão recebeu ampla cobertura também no dia seguinte. No dia 26 de novembro, para o jornal carioca *O Globo* a operação na Vila Cruzeiro havia sido o “Dia D da guerra ao tráfico”. E o dia decisivo havia sido (decisivamente) positivo para o Governo do Rio. O também carioca jornal “O Dia” afirmava que a operação teria sido um “contra-ataque do Rio”. Ou seja, o Rio (e não a polícia!) havia sido atacado e agora revidava.



**26 e 27 de novembro** - nos dias que se seguiram à fuga dos traficantes, o assunto continuou na mídia. A promessa (e a cobrança) agora era ocupar, de maneira emergencial, o Complexo do Alemão, que serviu como esconderijo para os traficantes da Vila Cruzeiro. Começou a ser criado o clima para a “ocupação do Alemão”. O complexo de favelas foi cercado, para evitar nova fuga dos criminosos, o que ajudou a formar o cenário de uma nova guerra que estava por vir.

Dentro da Vila Cruzeiro a polícia continuou se comunicando com a imprensa. Apreensão de drogas, troca de tiros com traficantes remanescentes, prisão e morte de criminosos estiveram entre os assuntos que ajudaram a alimentar a curiosidade e as notícias sobre as ações da polícia.

A imprensa teve livre acesso à Vila Cruzeiro, agora “pacificada”. E se colocou como auxiliar da polícia. Por exemplo, repórteres do *Jornal Nacional* descobriram que vários traficantes haviam utilizado a rede de esgotos para fugir. Essa informação foi descoberta por jornalistas – que tiveram liberdade para tal - e ajudou nos trabalhos da polícia e na divulgação das suas ações.

Neste momento, a cobertura da mídia privilegiou três eixos:

1. O trabalho da polícia dentro da Vila pós-ocupação;
2. O sentimento de alívio e liberdade dos moradores da favela. Muitos moradores foram ouvidos e, em geral, eram levados ao ar e às páginas jornais palavras positivas, sorrisos e discursos de esperança.
3. A expectativa para a ocupação do Alemão.

Como estratégia pós-ocupação da Vila Cruzeiro a polícia:

1. Manteve-se em comunicação com os jornalistas, permitindo e estimulando o trabalho da imprensa;
2. Continuou fornecendo material noticiável, como a quantidade de droga apreendida, tipos e números de armas encontradas e planos para a favela pacificada;
3. Alimentou a expectativa pela ocupação do Alemão, mantendo o cenário de guerra e mostrando-se preparada para tal, mas já preparando a população para os

riscos da operação que estava por vir. Estrategicamente, o Coronel Lima Castro, Relações Pública da Polícia Militar repetiu, exaustivas vezes – e foi repercutido por todos os veículos – que aquela era a hora de os criminosos se entregarem para preservar suas vidas. Uma rendição, neste momento do jogo seria o ápice do trabalho até ali bem executado pela polícia. O mesmo coronel chegou a pedir: “Mães, peçam a seus filhos que se rendam, pois nós vamos entrar. Não queremos banho de sangue.”

A polícia assumiu o lado “do bem”, pedindo, inclusive, apoio às mães dos traficantes para a solução pacífica do problema.

Também neste momento, a imprensa não parava de passar informações sobre o arsenal que estava prestes a entrar no Complexo do Alemão junto com a polícia e as forças armadas. A *Folha* e o *Jornal Nacional* informaram que a polícia tinha, entre seus aparatos, óculos de visão noturna, o que possibilitaria que as ações se desenvolvessem durante a madrugada do dia 27 para o 28. Isso ampliou as expectativas sobre o evento. Neste momento, a imprevisibilidade que desestabiliza estava do lado da polícia. Eles poderiam entrar na favela inclusive à noite, o que fazia com que o alerta dos criminosos precisasse ficar ligado todo o tempo.

**- 28 de novembro – A “tomada do Alemão”** – A ação tão esperada começou a se concretizar. Na manhã do dia 28, um domingo, a polícia entrou na favela. Acreditamos que a escolha do dia da semana e do horário, quando tradicionalmente há menos gente circulando pelas ruas tenha sido uma estratégia da polícia para evitar mais vítimas e notícias negativas.

O clima era de tensão e a própria polícia já havia admitido que “tudo poderia acontecer” a partir dali, numa evidente preparação da população e da mídia para um possível resultado negativo da operação. O discurso seguia na linha do “estamos preparados, mas sabemos que corremos riscos. Se algo der errado, foi consequência da necessidade”. De fato, havia uma pressão social e da imprensa para que o Complexo do Alemão fosse ocupado. Não havia como desistir. Por sua vez, começaram a correr boatos de que duas facções criminosas do Rio de Janeiro estavam se unindo para uma megaoperação contra a polícia no momento da ocupação. Além disso, havia também boatos de que os

traficantes estariam se articulando para atacar diretamente parentes próximos do Governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral.

Esses boatos também alimentaram a imprensa. Não é possível saber a origem deles, nem se realmente havia a intenção de levar essas ideias adiante ou se não passou de guerra de informação. De qualquer forma, eles serviram para alimentar o clima de tensão e expectativa que havia sido criado ao redor da ocupação do grupo de favelas.

Nesse momento, a Polícia já contava com mais reforços: o cerco ao Alemão incluiu 800 soldados paraquedistas do Exército, 200 fuzileiros navais, 300 agentes da Polícia Federal e 1,3 mil policiais. Cerca de uma hora e meia depois do início da operação, o morro foi tomado pela polícia. A grande maioria dos traficantes já havia fugido. A polícia tomou o Alemão e a sensação de alívio de todos que acompanhavam a guerra foi tão grande que, num primeiro momento, poucos se perguntaram para onde teriam ido os traficantes.

Estrategicamente, a polícia apresentou aos jornalistas:

1. Alguns traficantes de menor importância na hierarquia do tráfico, que acabaram sendo presos e foram apresentados à imprensa como “o braço direito do tráfico de drogas na favela” ou “o segurança do maior traficante do Rio de Janeiro”. A importância era dada não pelo preso, mas pela proximidade com alguém que deveria ter sido preso ali e havia fugido.
2. Um pai que entregou o próprio filho traficante à polícia foi destaque em todos os veículos analisados (foto a seguir). As imagens do homem, com ar de desespero, deixando um jovem cabisbaixo nas mãos de policiais serviram como um troféu para a polícia e renderam uma boa história para a imprensa. A cabeça baixa mostra a derrota do jovem traficante diante do poder da polícia e do próprio pai. O rapaz, assim como quase todos os presos na operação, tinha pouca importância para a hierarquia do tráfico – os traficantes poderosos provavelmente estavam bem longe dali, mas simbolicamente, sua história ganhou destaque. A imagem do momento em que o pai entregou o filho à polícia, reproduzida exaustivamente, mostrou o quanto imprensa e polícia estavam próximas naquele episódio. Aconteceu? Algum jornalista filmou ou

fotografou. Em seguida, a história do pai foi apresentada por todos os veículos: o homem trabalhador e honesto, com medo de ter o filho morto, preferiu vê-lo preso com o objetivo de ajudá-lo. Uma mãe que convenceu o filho a se entregar também virou notícia. Soubemos pela imprensa, por exemplo, que ela era evangélica, tinha mais nove filhos e conseguiu, com conversa, convencê-lo a se entregar.

Na ausência da prisão de grandes traficantes a imprensa destacou o lado mais humano das histórias da ocupação e reproduziu prisões de menor importância procurando valorizar o preso e o trabalho da polícia.



3. Desde o início da operação, a imprensa foi acionada para fazer seu acompanhamento. Diferente do que costuma acontecer em outros momentos, quando a polícia afasta os jornalistas durante suas ações – especialmente as que envolvem mais riscos -, desta vez, houve uma abertura inédita para a presença dos jornalistas no Complexo.

Antes do início da operação, ela foi comunicada à imprensa. Além disso, uma equipe da polícia foi deslocada para dar um breve treinamento aos jornalistas e acompanhar a imprensa na operação, reduzindo, assim, os riscos de os jornalistas serem atingidos durante possíveis confrontos. Por isso, a cobertura proporcionou imagens tão quentes da ação da polícia e histórias tão vívidas acerca da guerra que acontecia. Observamos também que, diferente do que aconteceu no caso do PCC, analisado anteriormente, as imagens que representavam os policiais, desta vez, mostravam profissionais em posições de

alerta, muitas vezes, apontando armas para cima. Os exemplos a seguir foram retirados da *Folha de S.Paulo* de 29 de novembro de 2010.



**29 e 30 de novembro - Os dias seguintes** – Passada a euforia da tomada do Alemão, foi hora de alimentar a imprensa por mais alguns dias com informações sobre a presença da polícia no local. Começou a instalação da UPP e, junto com ela, mais notícias positivas:



**“A maior apreensão de drogas e armas”** – Imagens de pacotes de drogas empilhados e fotos de armas lotando um cômodo foram divulgadas por toda a imprensa, junto a com informação fornecida pelo setor de Relações Públicas da Polícia de que “A apreensão de armas e drogas feita no Complexo do Alemão já é a maior da história do Estado do Rio de Janeiro”. Ainda segundo declaração de fonte da Polícia, repercutida em todos os

veículos analisados, as apreensões de drogas “quebraram o tráfico”, pois o Alemão seria pontos de distribuição de drogas para outras favelas.

Cabe observar que a imagem (no caso anterior, repercutida no site *Uol* em 28 de novembro de 2010), foi montada pela polícia, que escolheu um espaço para concentrar as drogas que seriam mostradas para e pelos jornalistas. Obviamente, não houve aqui a intenção de esconder essa informação. Mas a estratégia de juntar todo o material apreendido e mostrá-lo com volume ajuda a valorizar o trabalho da polícia.

Na cobertura da imprensa, a sensação foi de alívio e esperança. O *Jornal Nacional*, por exemplo, se referiu ao do Morro do Alemão, na edição de 29 de novembro, como “ex-fortaleza do crime”. Durante a matéria é reforçada a ideia de fim do domínio dos criminosos, “fim de uma ditadura” e da liberdade que agora era dada aos moradores do local. O espírito de vitória também foi mostrado por meio de entrevistas com moradores de outros bairros do Rio de Janeiro.

### c. Outras estratégias importantes:

#### - Discurso único das fontes oficiais

Certamente uma das estratégias mais bem sucedidas da polícia neste episódio foi a escolha das pessoas certas para falar com a imprensa e a abertura dessas fontes aos jornalistas. Além do Governador do Estado, do Prefeito da cidade, dos Secretários de Segurança, do Relações Públicas da PM, e de comandantes do Exército e da Marinha, outras fontes oficiais se mostraram prontas a atender jornalistas. É fundamental lembrar que, neste caso, todos os envolvidos no episódio mantiveram, durante todo o tempo, discursos semelhantes, mostrando que houve uma grande preocupação em unificar e concentrar as informações que seriam dadas à imprensa e em manter essas fontes constantemente municiadas de informações.

### **- Bandeira do Brasil e o reforço do “nós”**

Dentro da mesma linha, com o objetivo claro de mostrar a retomada do morro das mãos criminosas, tão logo a polícia e o exército ocuparam a favela a primeira atitude tomada foi o hasteamento da bandeira nacional brasileira no alto do morro, na área antes ocupada pelos traficantes.

A imagem foi transmitida ao vivo pelas principais emissoras de TV e os principais veículos de comunicação impressos analisados também publicaram a cena em suas páginas.



*Imagem publicada no Jornal O Globo – 29 de novembro de 2010*



*Imagem do site do jornal Folha de S. Paulo, 28 de novembro de 2010.*



Capa do Jornal Folha de S. Paulo em 29 de novembro de 2010



A imagem acima foi publicada no site do Jornal The New York Times, em 28 de novembro de 2010, sob o título “Brazilian Forces Claim Victory in Gang Haven”.

Vale observar que, em todos os casos, a foto foi tirada de perto dos policiais, e que, provavelmente, os fotógrafos estavam posicionados bem atrás da cena, o que indica a presença autorizada dos jornalistas no alto do Morro no momento da ocupação.

A imagem da bandeira cria a sensação de que o país retomou o espaço antes ocupado pelos criminosos, ou seja, a polícia, ali, representava os brasileiros e fez questão de destacar isso. Não há dúvidas de que a cena da tomada do morro pela polícia, ou melhor, pelos brasileiros, foi pensada previamente. O simples transporte da bandeira até o topo, em meio à operação policial, é uma prova disso. A presença próxima dos jornalistas também. Naquele momento, o alto havia sido tomado pelo poder público e houve a clara intenção de dividir a conquista com o povo brasileiro e, principalmente, de marcar a retomada da ordem no alto do morro.

### **- Imagens que “vazaram” para a imprensa**

No meio das operações da polícia e logo depois da ocupação do Complexo do Alemão um vídeo curto, com aparência amadora “vazou” para os jornalistas. Ele mostrava o treinamento de uma equipe do BOPE, grupo de ações especiais da Polícia Militar, momentos antes da entrada no Alemão. O discurso do comandante do treinamento inflava a coragem e ressaltava o orgulho dos policiais, que apareciam uniformizados e se colocavam prontos para a guerra.

O vídeo teria vazado primeiramente nas redes sociais e depois acabou sendo repercutido pelos veículos jornalísticos.

Não é possível provar que o vazamento desse vídeo tenha sido proposital, mas é fácil perceber que os resultados desse vazamento foram satisfatórios para a polícia – que foi mostrada de forma positiva em seu treinamento para a guerra – e para a imprensa, que conseguiu um material “sigiloso” e informativo para mostrar ao público.

### **- Redes sociais**

Durante toda a operação, a polícia do Rio de Janeiro se manteve em comunicação com o público. Dentre as estratégias utilizadas, as redes sociais estiveram entre as mais visíveis. Entre os dias 25 e 29, o *twitter* da polícia do Rio de Janeiro registrou centenas de mensagens, que cumpriam o papel de alimentar a mídia e o público com informações constantemente. Em alguns casos, a mesma informação era repetida, com algumas mudanças de palavras, evidenciando a intenção de deixar o canal permanentemente aberto.

Além disso, o evento ganhou outras fontes: pessoas que se identificavam como moradores do Alemão postavam em dezenas de páginas diferentes do *twitter* e também em blogs informações sobre o que se passava na favela, no papel de testemunhas dos fatos. Havia, neste caso, uma dificuldade de checar a veracidade das informações. Talvez, por isso, o material não tenha sido muito explorado pelo jornalismo, que se manteve repercutindo o que era trazido prioritariamente pelas fontes oficiais.

### 5.1.9. Um desfecho ainda aberto

A cobertura da fuga dos traficantes da Vila Cruzeiro feita pelo *Jornal Nacional* rendeu à Rede Globo de televisão o *International Emmy Awards 2011* na categoria “notícia”. O *Emmy* é considerado uma das principais premiações internacionais que avaliam a excelência da programação televisiva no mundo e foi entregue à Rede Globo no dia 26 de setembro de 2011.

Para essa cobertura, a Rede Globo escalou 20 jornalistas e montou todo um aparato que permitiu o acompanhamento desde a fuga dos bandidos na Vila Cruzeiro até a tomada do Complexo do Alemão, simbolizada pelo hasteamento da bandeira nacional brasileira no alto do Morro.

No episódio estudado, houve uma relação de interesse mútuo entre imprensa e forças do governo. Criou-se um cenário de “todos juntos na vitória contra o crime e o terror”. A qualidade reconhecida internacionalmente na cobertura feita pelo Globo se deve, em grande parte, e na nossa opinião, à relação simbiótica que se desenvolveu entre poder público e imprensa no episódio aqui destacado.

O evento, que por si só atende a critérios de noticiabilidade, pode ter cobertura intensa e eficiente, pois havia interesses comuns e simultâneos em jogo. Mídia e polícia estavam do mesmo lado. Um queria dar ao seu público material consumível sobre um fato noticiável. E conseguiu, já que mais de 50% dos televisores no Brasil ficaram ligados durante a transmissão da ocupação do Alemão, ou seja, milhões de pessoas acompanharam a cobertura. Por outro lado, a forma como essas notícias foram levadas a público – o que só foi possível com o trabalho de comunicação estrategicamente bem realizado pela polícia e pelas demais forças do governo – foi bastante favorável à imagem da polícia, do Governo do Rio de Janeiro e à imagem da própria cidade. Pesquisa realizada pelo Ibope principal Instituto de pesquisa de opinião no Brasil, apontou que, logo após as ações, 88% dos moradores do Rio de Janeiro aprovavam o trabalho da polícia e 72% estavam mais otimistas em relação ao futuro da cidade por causa das operações.

Sabemos agora, dois anos depois, que embora a vida de fato tenha melhorado tanto no Complexo do Alemão quanto no Vila Cruzeiro, o problema com o tráfico de drogas não foi totalmente resolvido. E o clima de instabilidade sobrevive nas comunidades que, por várias vezes, aparecem na mídia como pontos de confronto entre policiais e traficantes.

De qualquer forma, o domínio do espaço continua nas mãos do poder público e a força que a estratégia das UPPs ganhou com a cobertura do episódio fez com que o projeto fosse acelerado e estendido a outras comunidades carentes do Rio de Janeiro.

Diversas empresas começam a se instalar nas comunidades agora pacificadas. No final de 2011, um dos maiores bancos do Brasil instalou uma base na favela do Alemão e utilizou essa informação em sua campanha publicitária. Um teleférico também inaugurado em 2011 com verbas do Governo Federal para servir como transporte dos moradores ao alto do Morro foi amplamente divulgado nos meios de comunicação brasileiro. A festa de inauguração do teleférico contou com a presença da Presidenta do Brasil, Dilma Roussef. O teleférico já se transformou em atração turística. Pode parecer estranho, mas o Morro do Alemão se tornou ponto turístico para brasileiros e estrangeiros que querem “conhecer a vida nas favelas” do Rio. Alguns moradores começam a ganhar dinheiro com essa atividade, fornecendo hospedagem para turistas em suas casas ou trabalhando como guias em suas próprias comunidades. Curiosamente, o Morro do Alemão (e suas vizinhanças), noticiado e exposto, entrou “na moda”. Houve uma valorização imobiliária assustadora na Vila Cruzeiro e no Alemão após a pacificação: em menos de seis meses após a pacificação calculava-se que os imóveis tenham dobrado seu valor.

Aliás, a palavra pacificação continua sendo utilizada pelos meios de comunicação. A expressão “favela pacificada” se tornou sinônimo de território seguro.

Não há dúvidas de que a forma eficiente como a polícia se comportou com os jornalistas durante a tomada do Alemão e a utilização da imprensa como parceira nessa “guerra” foram cruciais para que a operação fosse o que foi e, sobretudo, para que parecesse ser o que se queria que ela fosse. Construção de vínculo de confiança, manutenção das informações, liberdade e proteção para jornalistas que cumpriam seu trabalho,

fornecimento de material rico em valores-notícia estiveram entre as principais estratégias de gestão de imagem da polícia durante o *case* estudado.

É inquestionável também que a imagem positiva das ações da polícia no Rio de Janeiro acabou refletindo positivamente na imagem dos políticos envolvidos no processo. No dia 7 de outubro de 2012, Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro na época da tomada do Alemão, foi reeleito em primeiro turno com mais de 64% dos votos válidos. Paes pertence ao PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), mesmo partido do Governador Sérgio Cabral, conhecido como o grande responsável pela implantação das UPPs. Cabral e Paes fizeram parcerias – e as divulgaram – entre Governo e Prefeitura para que o projeto das Unidades de Polícia Pacificadora fosse bem sucedido.

O desafio do Governo agora é a manutenção dessa boa imagem e a retomada da confiança internacional na segurança da cidade. Disso também depende parte do sucesso da cidade na realização das Olimpíadas de 2016 e da Copa do Mundo de 2014. Os próximos passos serão cruciais para a história que irá se construir para a cidade brasileira mais conhecida no mundo.

### **5.3. Várias histórias, vários lados, coberturas semelhantes**

Optamos por trabalhar com fatos ocorridos no Brasil no capítulo final desta tese para mostrar como a cobertura midiática sobre o terrorismo / terror se torna parecida, apesar das gritantes diferenças de motivações dos organizadores desses eventos. Motivos completamente diferentes, mas estratégias semelhantes de organização de eventos em busca de visibilidade, como pudemos ver no caso do PCC em comparação com outros ataques terroristas.

Além disso, no caso do Brasil, optamos por dividir as análises entre a cobertura de um evento que a mídia considerou “terrorismo”, de um lado, e as estratégias da ordem para retomar o poder onde imperava o caos.

Em todos esses casos, estamos falando de terrorismo, sim. Mas estamos falando, principalmente, da imagem construída e repercutida pelo terrorismo na e pela mídia

jornalística. E o que podemos perceber é que quando o assunto é imagem, os diferentes se aproximam, na organização dos atos e na cobertura feita pela mídia. Por trás de questões absurdamente diferentes, como os atentados organizados pela Al-Qaeda e os ataques do grupo criminoso paulista, e da forma como a mídia faz a cobertura de eventos tão diversos, estão estruturas muito parecidas, buscadas em camadas da cultura que, como apontamos no capítulo 1 deste trabalho, são invisíveis a olho nu. O que podemos ver no Brasil em Madri, nos EUA ou em Londres foram misturas de nossos medos mais complexos, com modernas estratégias de comunicação organizacional, com os mais atuais critérios de noticiabilidade e com a velocidade que faz parte dos anseios dos cidadãos do Séc. XXI.

## [ CONSIDERAÇÕES FINAIS ]

### **Entre o sangue derramado e a prática jornalística**

Quando ministro aulas de Semiótica da Cultura para meus alunos de graduação em jornalismo sempre ouço deles algumas perguntas insistentes: “Será que os produtores da informação sabiam dos efeitos que provocariam? Será que esses eventos foram montados intencionalmente e com esses objetivos tão claros?” A questão da consciência por parte dos produtores sempre vem à tona. Junto dela, outra pergunta muito freqüente: “Será que quem recebe a informação sabe disso tudo”? Minha resposta é a mesma para todas as questões: nunca saberemos qual o nível de conhecimento teórico dos produtores do evento. Nem se a grande massa de receptores consegue fazer essa leitura completa acerca dos fatos apresentados. Provavelmente, não. Mas ambos fizeram escolhas, de produção e de consumo da notícia, embasados em algo – que talvez nem saibam de fato o que é. Talvez, as escolhas e as reações não tenham sido conscientes, mas acontecerem baseadas em elementos que compartilhamos e que talvez estejam tão profundamente arraigados ao nosso comportamento que nem nos damos conta deles.

Eu completo afirmando; “Mas tem um grupo que precisa ter consciência disso: vocês, jornalistas!”. A mídia é a grande alimentadora contemporânea da cultura. É fundamental que o profissional de comunicação, sobretudo aquele que se prepara para trabalhar com a apuração dos fatos e a busca pela verdade – ou pelas verdades –, tenha consciência das

escolhas que faz e dos reflexos que elas terão. Se não é possível evitar essa relação, às vezes promíscua e confusa entre o profissional responsável pela transmissão da notícia e o produtor do que se quer combater ou reforçar, que isso seja feito de forma consciente!

Este trabalho caminha exatamente nesse sentido: ser mais uma porta de conhecimento para a transparência das escolhas e de seus efeitos. Como pudemos ver aqui, a relação entre mídia e terrorismo – e, conseqüentemente, terror – é muito estreita. Se, por um lado, um oferece os materiais com os quais os jornalistas trabalham a partir da criação de eventos com alto teor noticioso, por outro, ao noticiar tais fatos de forma espetacular, dentro da lógica do jornalismo contemporâneo, o jornalismo dá ao terrorismo a visibilidade de que ele precisa. No meio disso tudo há uma população apavorada e ávida consumidora de mídia, governos e heróis que “garantem” a segurança dessa mesma população e, assim se mantem no poder, empresas de vários setores, desde as próprias empresas jornalísticas, até indústrias de armamentos, que lucram somas astronômicas com as situações geradas pelo terrorismo e expandidas pela mídia, entre outros agentes que fazem a história do “século marcado pelo terror”, nas palavras da revista *Veja*. E tudo isso acontece dentro da dinâmica da mídia contemporânea, sobre o tripé criado pelo homem moderno e desamarrado do sagrado: velocidade, visibilidade e volatilidade. Das primeiras linhas de telégrafo que tornavam o mundo menor e mudavam a percepção de tempo e espaço, ao jornalismo do último segundo da Internet, vimos a mídia e, conseqüentemente, o jornalismo numa escalada ascendente vertiginosa em quantidade e rapidez – alimentada e alimentadora – dos anseios e interesses do homem contemporâneo.

Enquanto fechava esta tese, coincidentemente vi na televisão uma chamada que me fez pensar em tudo o que falamos aqui. No *Jornal da Globo News* de 3 de setembro, apresentado entre às 22h e 23h na emissora de mesmo nome, foi mostrada uma matéria no mínimo curiosa. O tema central eram as FARC, Forças Armadas da Colômbia, grupo incluído na lista dos terroristas perigosos pelos EUA, Canadá, Colômbia e Inglaterra. Lembremos que esse grupo ficou mundialmente conhecido por manter Ingrid Bitancourt, ex-candidata à presidência da Colômbia, sequestrada por seis anos no meio da selva. Mas, desta vez, a notícia não era sobre sequestros ou outros crimes praticados pelo grupo: na imagem, jovens com uniformes militares cantavam e dançavam

discretamente ao som de um RAP que fazia ameaças e destilava uma série de críticas pesadas ao governo colombiano e seus aliados. O vídeo ficou no ar na *Globo News* por dois minutos (a íntegra tem quase cinco minutos e permanece disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=i53tDFa0eDY>). Havia sido postado pelas próprias FARC no site oficial da organização sendo, posteriormente, colocado no site de compartilhamento de vídeos *Youtube* e, como pude ver depois, virou notícia no mundo inteiro. A imagem dos jovens das FARC na *Globo News* me fez pensar sobre como tudo o que foi discutido nesta tese tende a ser ampliado com a utilização das redes sociais e da Internet, que torna qualquer um produtor de notícia. Essa ação aconteceu em meio a um período de trégua entre FARC e governo colombiano, para estudar opções de paz para ambos os lados. A mídia falou muito com o governo e nada com os membros da FARC sobre essa trégua. Mas eles se fizeram ouvir. De forma simples e muito barata, sem pegar em armas e sem precisar colocar em risco a segurança de nenhum integrante, as FARC entraram nas casas de milhões de pessoas e, durante minutos deram seu recado sem passar por grandes filtros. Tudo por causa de uma música que ofereceu um espetáculo inusitado para a mídia.

Também enquanto escrevia o final desta tese explodiram os conflitos no Oriente Médio por conta de um filme amador que havia sido divulgado por um estadunidense na Internet. No vídeo, o profeta Maomé aparece de maneira pejorativa, sendo acusado, entre outras coisas, de desvios sexuais. Milhares de pessoas foram às ruas em diversas partes do mundo protestar contra a falta de respeito às suas crenças. Em alguns países, os protestos foram violentos. O episódio mais conhecido foi a invasão à embaixada dos EUA na Líbia, que culminou com a morte de quatro pessoas, entre elas, o embaixador estadunidense no país. Esse evento foi classificado pelos EUA como “ato terrorista”. Temendo represálias, na mesma semana, a França fechou suas embaixadas em diversos países muçulmanos após a divulgação, por uma revista de humor francesa, de charges sobre o profeta Maomé, onde ele era retratado nu em uma situação, e comparado a bin Laden, em outra. Entrevistado, o editor da revista se disse indignado com as críticas, pois estava num país livre. E afirmou que mesmo que fosse proibido, publicaria as charges novamente. Mais protestos em todo o mundo árabe. Durante esses episódios, fiquei pensando sobre as reações opostas a uma mesma situação e sobre a falta de compreensão de ambos os lados a respeito das opções do outro. Temos um mundo

dividido: de um lado, um mundo que vive sob pressupostos sagrados e que tem na religião a fonte principal para a administração política e social de vários países. Esse mundo nos causa estranhamento e medo. De outro, um mundo que se afastou do sagrado, e que centraliza o poder nos homens e nas vontades e possibilidades individuais. Em ambos os casos, há uma enorme incapacidade de compreender o outro. Em meio a isso tudo, temos uma mídia que serve para informar e ajudar a construir a história, baseada em princípios como a velocidade, a visibilidade e a volatilidade. Mas que, ao mesmo tempo, está alicerçada sobre camadas que já estão invisíveis e encobertas pelos anos de história da cultura humana e que, mesmo sem perceber ou sem alardear, segue e alimenta opções como a binariedade e a polaridade do mundo. Alimenta o desejo de vingança e oferece a violência, apoiada em critérios de noticiabilidade modernos, para consumo de seus leitores e espectadores. A mesma mídia que noticia o terrorismo “em tempo real”, servindo ao sistema racional de nossa época, alimenta o terror das multidões, ao trabalhar, consciente ou inconscientemente, com nossos medos mais profundos. Os meios de comunicação ocuparam na vida e nas casas do homem contemporâneo o lugar de destaque que antes era dedicado à adoração do sagrado. Tomaram seu lugar e também seu papel de disseminador simbólico.

Pross e Bistryna, entre outros autores abordados aqui, nos dão caminhos importantes para percebermos o que nos move em nossas construções de mundo e em nossas reações a esse mundo, embora não percebamos. E até por não percebermos somos tão presos a isso tudo que nos parece natural.

Provavelmente os terroristas da Al-Qaeda não conheciam as teorias aqui trabalhadas. E nem precisavam disso para fazer o que fizeram. Bastava estarem atentos ao universo simbólico humano para conseguirem manipulá-lo.

Mudam os ambientes, muda a forma de difusão, mas as raízes daquilo que Morin (2000) chama de “natureza humana” são as mesmas. Nossa relação com o terrorismo contemporâneo se dá a partir dessas mesmas estruturas e se consolida no ambiente midiático que alimenta nosso repertório simbólico e se alimenta dele.

Dessa forma, a tese que apresento aqui pretendeu mostrar como se dá a relação entre mídia, terrorismo e terror no Séc. XXI. Para isso, parti da análise de alguns pontos

importantes na formação da cultura humana, como nossa obsessão pela ordem e o eterno medo do caos. Tentei entender alguns dos simbolismos associados aos atentados terroristas e à sua cobertura na mídia.

Em seguida, dei um salto na história e procurei, brevemente, entender quais as raízes da cultura contemporânea e como se deu, paralelamente, o desenvolvimento das tecnologias e linguagens da comunicação. Vi ainda o que faz um fato se tornar notícia em nossa época e quais os principais critérios para que essa relação se estabeleça, destacando, para nossos estudos, a capacidade noticiosa de fatos que envolvem medo, violência e disputa.

Mais adiante, verifiquei como o assunto terrorismo e o terror gerado por ele foram tratados por alguns dos principais veículos de comunicação brasileiros. Pudemos observar uma transformação na cobertura de atos terroristas e na própria montagem desses atos – do terrorismo mostrado como algo clandestino no Séc. XX, até o “terrorismo de grife”, que ganha força no Séc. XXI com os ataques aos EUA em 2001. E foi exatamente o dia 11 de setembro de 2001 o ponto de partida para analisar como se constrói na mídia – e para a mídia – a imagem do terrorismo de nossa época. O trabalho passa pela construção da imagem do inimigo, pelo desejo de vingança, pela disseminação da possibilidade do caos. Busquei, assim, entender a lógica – e o ilógico – na cobertura desses eventos e encontrei aqui várias pistas para compreender as escolhas da mídia e a reação dos consumidores de notícias dentro do que já havia sido levantado.

Em seguida, foi abordado o “gerúndio” do terror, procurando explorar alguns dos principais acontecimentos que envolveram terror e terrorismo nos dez anos que se seguiram ao 11 de setembro, no intuito de compreender como foi feita a manutenção do estado de alerta durante todo esse período.

Por fim, ciente das diferenças entre as motivações das ações, mas compreendendo uma semelhança na cobertura jornalística desses eventos, analisei como se deu a construção do episódio terrorista mais famoso no Brasil das últimas décadas: o dia do PCC em São Paulo. Também vimos como, por outro lado, a polícia do Rio de Janeiro tem se utilizado das mesmas ferramentas de comunicação para tentar modificar sua imagem e

enfraquecer o poder dos terroristas daquela cidade, a partir de estratégias muito parecidas com as que já havíamos discutido aqui.

Voltando à questão inicial deste trabalho, podemos agora afirmar que a cobertura midiática sobre terrorismo em nossa época caminha em dois sentidos: por um lado, a mídia busca atender as demandas do homem moderno (ou pós-moderno), baseada nos mesmos pressupostos da modernidade e servindo como ferramenta à sociedade. Por outro lado, essa relação se apoia em bases tão antigas que não podemos mais percebê-las “a olho nu”, mas que nos movem na construção de nosso cotidiano, em nossas escolhas, em nossos medos. Por sua vez, há grupos que, mesmo sem terem feito essa migração para o tempo da velocidade e da visibilidade, se aproveitam da estrutura montada pelo inimigo para aterrorizá-lo. E fazem isso oferecendo exatamente o que o inimigo quer consumir.

Continuamos dividindo o mundo em dois blocos: nós e eles. Continuamos tendo a certeza de que apenas nós estamos certos. Continuamos querendo a vingança pelo sangue derramado e, assim como as tribos da citação de Konrad Lorenz que usamos no capítulo 1 deste trabalho, continuamos, por fórmulas mágicas da cultura, transformando o outro em alguém de outra espécie, que pode ser morto em nome da vingança ou da ordem. E continuamos consumindo sangue – de nossos mártires ou dos inimigos. Permanecemos temendo o outro transformado em vilão, com poderes sobre-humanos. Continuamos colocando nossa segurança nas mãos de poucos que se apresentam como heróis. E seguimos temendo pelo fim do mundo – do mundo todo ou do nosso próprio mundo – e pela transformação de tudo em um caos sem fim, ou no caos do fim.

Após passar por todas essas questões, uma conclusão nos parece óbvia: quanto maior nosso desenvolvimento tecnológico e quanto mais queremos nos afastar do sagrado, a partir da ciência e da própria tecnologia, mais ficamos à mercê das mesmas estruturas simbólicas que dominavam o mundo de nossos antepassados. Quanto mais encontramos explicações científicas para o mundo, mais os fantasmas de um mundo submerso em medos e incompreensões, de um homem que não domina os próprios instintos e pavores, nos atormentam.

Entre a prática jornalística e o sangue derramado que estampa capas de jornais e sites em notícias sobre terrorismo, há quase dois séculos de desenvolvimento tecnológico e de adaptação do que é notícia às necessidades do homem contemporâneo. Mas há também um mundo assombrado por demônios, salvo por deuses e repleto de respostas que parecem muito simples, baseadas no “é porque tem de ser” para perguntas absurdamente complexas.

## [BIBLIOGRAFIA]

- ALI, F. *A arte de editar revistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.
- ARBEX JR, José. *Showrnlismo: A notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2003.
- ARGENTI, P. *Comunicação Empresarial: a construção da identidade, imagem e reputação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- BAITELLO Jr, N. *A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura*. São Paulo: Hacker, 2005.
- BAITELLO, N.; GUIMARÃES L.; MENEZES J.; PAIERO, D (orgs.). *Os símbolos vivem mais que os homens: ensaios de comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, 2006.
- BAUMAN, Z. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- BENJAMIN, W. in ADORNO et all. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BETH, H. & PROSS, H. *Introducción a la ciência de la comunicación*. Barcelona: Anthropos, 1987.
- BIERLIEIN, J. F. *Mitos paralelos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- BRIGGS, A.; BURKE, P. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BYSTRINA, I. *Semiotik der Kultur: Zeichen – texte – codes*. Tübingen: Stauffenburg, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Tópicos de Semiótica da Cultura*. São Paulo: CISC – PUC/SP (pré-print).
- CAHEN, R. *Comunicação empresarial*. São Paulo: Best Seller, 1990.

- CONTRERA, M. *Mídia e Pânico: Saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. São Paulo: Annablume, 2002
- CAMPBELL, J. *Mitologias Primitivas*. São Paulo: Editora Palas Athena, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O herói de mil faces*. São Paulo : Cultrix / Pensamento, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAPELOA GIL, I. (org). *Terror e terrorismos*. Revista Comunicação & Cultura. Lisboa: Quimera, 2007.
- CHAPARRO, C. *Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus Editorial, 1994.
- CHEVALIER, J. *Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- CHOMSKY, N. *Poder e terrorismo: entrevistas e conferências pós-11 de setembro*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.
- CYRULNIK, B. *Os alimentos do afeto*. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- DINES, A. *O papel do jornal*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- DOWNING, J. *Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Senac, 2002.
- DUARTE, J. (org). *Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia*. São Paulo: Atlas, 2002.
- ELIADE, M. *Mitos, Sonhos e Mistérios*. Lisboa: Edições 70, 1957.
- \_\_\_\_\_. *O mito do eterno retorno*. Trad. São Paulo : Mercuryo, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O sagrado e o Profano: A essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.
- ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- FABRE, M. *História da Comunicação*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.
- FERNANDES, N. *Hard News: O jornalismo em tempo real*. Dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. São Paulo, 2005
- FLUSSER, V. *Ensaio sobre a fotografia: para uma filosofia da técnica*. Lisboa: Relógio d'água, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRASER, B. *Introdução ao jornalismo*. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- GIRARD, R. *El chivo expiatorio*. Barcelona, Anagrama, 1986.
- \_\_\_\_\_. *A violência e o sagrado sacrifício*. São Paulo: Paz e Terra; UNESP, 1990.
- GLASSNER, B. *Cultura do medo*. São Paulo: W11 Editores, 2003.
- GUIMARÃES, L. & PAIERO, D. *O jornalismo seduzido: as cores do protesto e a visibilidade da reivindicação*. Pauta geral, v.6, p. 139-156, 2004.
- GUIMARÃES, L. *O jornalismo visual e o eixo “direita-esquerda” como estratégia da imagem*. Em: Baitello Junior, N.; Guimarães, L.; Menezes, J. E de O. Paiero, D.(orgs.). *Os símbolos vivem mais que os homens: ensaios de comunicação, cultura e mídia*. São Paulo: Annablume, 2007.
- \_\_\_\_\_. *A cor como informação*. São Paulo: Annablume, 2001.
- HERSCHMANN, M.; PEREIRA, C.; RONDELLI, E. SCHEOLLMER, K. *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- HIDALGO, A. L. *Géneros periodísticos complementarios: una aproximación crítica a los formatos del periodismo visual*. Sevilla: Comunicación Social, 2002.
- HILLMAN, J. *Cidade e Alma*. São Paulo: Nobel, 1993
- HOBBSAWN, E. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- IBRI, I. *Kósmos Noētós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: *Perspectiva*, 1992.
- KAMPER, D. Imagem. In: *Enciclopédia Antropológica*. Milão, Itália: Editora Masterdan, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O trabalho como vida*. São Paulo: Annablume, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Im Souterrain de Bilder. Die Schwarze Madonna*. Bodenheim: Philo, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Re-signação em São Paulo*. Trad.: Norval Baitello Junior. Berlin-Kreuzberg, 1996.
- KUNCZIK, M. *Conceitos de jornalismo*. São Paulo: Edusp, 2001.
- LORENZ, K. *Civilização e pecado: os oito erros capitais do homem moderno*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

- LORENZON, G.; MAWAKDIYE, A. *Manual de Assessoria de Imprensa*. São Paulo: Editora Mantiqueira, 2006.
- LIMA, S. *História & Comunicação*. São Paulo: Ebart, 1989.
- LIMA, G. *Releasmania: uma contribuição para o estudo do press-release no Brasil*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.
- LUCA, T; MARTINS, A. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008
- LUHMANN, N. *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus, 2005
- MARTINS, O. *Mitos da religião*. São Paulo: Madras, 2004
- MELO NETO, F. *Marketing do Terror*. São Paulo: Contexto, 2002.
- MORIN, E. *Cultura de massas no século XX: Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O Paradigma Perdido: A natureza humana*. 6a ed. Lisboa: Publicações Europa- América, 2000.
- NASSAR, P.; FIGUEIREDO, R. *O que é comunicação empresarial*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- PAIERO, D. *São Paulo Re-signada: Um dia de caos na maior cidade do país in Os Meios da Incomunicação*. São Paulo: Annablume, 2012 (no prelo).
- \_\_\_\_\_. *A estrutura simbólica do terror*. Monografia apresentada no curso de Doutorado do Programa de Estudos Pós-graduados de comunicação e Semiótica da PUC-SP, para a disciplina Estudos Culturalistas da Comunicação. São Paulo, 2009
- \_\_\_\_\_. *O protesto como mídia, na mídia e para a mídia: A visibilidade da reivindicação*. Dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. São Paulo, 2005
- PAIVA, A.; RAMOS, S. *Mídia e Violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*. Rio de Janeiro, CESeC, 2007
- PEIRCE, C. *A fixação da crença*. São Paulo: Summus Editorial, 2008.
- PROSS, H. *A sociedade do protesto*. V. 1. São Paulo: Annablume, 1997.
- \_\_\_\_\_. *La violencia de los símbolos sociales*. Barcelona: Anthropos, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Estructura simbólica del poder*. Barcelona: G. Pili, 1980.
- RIDGE, T. *Test of Our Times: America Under Siege... And How We Can Be Safe Again*. New York: Thomas Dune Books, 2009.
- ROMANO, V. *La formación de la mentalidad sumisa*. Madrid: Endimión, 1998.

- ROSA, M. *A era do escândalo*. 1.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A reputação na velocidade do pensamento*. São Paulo, Geração Editorial, 2006.
- SCHVARTSMAN, C.; TROSTER, E.; WAKSMAN, R. *A saúde de nossos filhos*. São Paulo: Publifolha, 2005
- SEABRA, R. *Produção da notícia: A redação e o Jornalista*. In: DUARTE, J. (org.). *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica*. São Paulo: Atlas, 2002.
- SERRES, M. *Le don de Dom Juan*. In: *Revue Critique*, Ed. Minuit, mars, 1968; \_\_\_ *Hermes et la communication*. Paris: Minuit, 1968
- SLOTERDIJK, P. *O desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- SODRÉ, M. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SOUZA, F. *PCC – A Facção*. São Paulo: Record, 2006.
- SOUZA, P. *O Sindicato do Crime*. São Paulo: Ediouro, 2006.
- TORQUATO REGO, G. *Tratado de Comunicação. Organizacional e Política*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Jornalismo Empresarial: Teoria e prática*. São Paulo: Summus Editorial, 1987.
- TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. Volume I. Florianópolis: Insular, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O Estudo do Jornalismo no século XX*. Leopoldo (RS): Editora Unisinos, 2002.
- VERGUEIRO, L. *Terrorismo e crime organizado*. São Paulo: Quartier Latin, 2009
- WAINBERG, J. *Mídia e Terror*. Comunicação e violência política. São Paulo: Paulus, 2005.
- WILLIAMS, D.; ZOJA, L. *Manhã de setembro: O pesadelo global do terrorismo*. São Paulo: Axis Mundi, 2003.
- ZIELINSKI, S. *Arqueologia da mídia*. São Paulo: Annablume, 2006.
- ZIELINSKI, S., WAGNERMAIER, S.(Orgs.) *Variantology*. Köln: Walther König, 2005.

**Fontes online:**

BELTING, H. *Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à Iconologia*. Ghrebh-Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia (on line), São Paulo, n.8, jul. 2006. Disponível em: [http://revista.cisc.org.br/ghrebh8/artigo.php?dir=artigos&id=belting\\_1](http://revista.cisc.org.br/ghrebh8/artigo.php?dir=artigos&id=belting_1). Acessado em 05/07/2009

EVORA, S. *O discurso mediático sobre o Terrorismo*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Portugal. (Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/evora-silvino-discurso-mediatico-terrorismo.pdf>. Acessado em 20/12/2011)

FOLHA de S. Paulo. *Novo manual de redação*. São Paulo: Publifolha, 1992. (Disponível em [www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_projeto\\_o.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_projeto_o.htm). Acessado em 29/09/2012)

GLOBO, Jornal Nacional, 11 de setembro de 2001. (Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=uz5DQGoOy1o>. Acessado em 15/06/2012).

MINDLIN, B. *O fogo e as chamas dos mitos*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo: São Paulo, vol.16, no.44. Jan./Apr. 2002. (Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142002000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000100009). Acessado em 02/01/2012)

PAIERO, D. ; SILVA, V. *A construção da imagem do PCC no Jornalismo*. Anais do XVI Congresso de Comunicação na região Sudeste. São Paulo, 2011. (Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-1073-1.pdf>. Acessado em 07/03/2012)

VALLADARES, L. *A Gênese da favela carioca in REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 15 No 44, outubro/2000* (Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4145.pdf>, Acessado em 15/08/2011)